

BIBLIOTECA E SUAS INTERFACES: ESPAÇO E LEITURA

ORGANIZADORAS E
COORDENADORAS EDITORIAIS

ANDRÉA PEREIRA DOS SANTOS
SUELY HENRIQUE DE AQUINO GOMES

**Biblioteca e suas interfaces:
espaço e leitura**

Organizadoras e Coordenadoras Editoriais

Andréa Pereira dos Santos
Suely Henrique de Aquino Gomes

**Biblioteca e suas interfaces:
espaço e leitura**

Goiânia
Gráfica UFG
2018

ORGANIZADORAS E COORDENADORAS EDITORIAIS

Profa. Andrea Pereira dos Santos
Profa. Suely Henrique de Aquino Gomes

COMISSÃO EDITORIAL

Profa. Dra. Andréa Pereira dos Santos –
Coord Geral - UFG
Bcária. Maria Aparecida Andrade de Oliveria Tsu –
Coord Geral – IFG
Profa. Dra. Suely Gomes - UFG
Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro - UFG
Prof. Ms. Filipe Reis - UFG
Prof. Ms. Frederico Ramos Oliveira - UFG
Bcário. Alisson de Sousa Belthodo Santos - IFG
Bcária. Thalita Franco dos Santos Dutra - IFG
Bcária. Lana Cristina Dias Oliveira - IFG
Bcária. Maria Aparecida de Castro - IFG
Bcária. Suzane Gonçalves Duarte Peixoto - IFG
Mestranda Keyla Rosa – UFG
Acadêmico Pedro Costa Faria – UFG
Acadêmica Cristhiane Borba Cunha – UFG
Tec. Admin. Aline Nogueira da Silva - UFG

CAPA

André Roberto Custodio Neves

NORMALIZAÇÃO

Leonardo Talone Neto

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Alexsander de Melo Santos

Universidade Federal de Goiás

REITOR
Prof. Edward Madureira Brasil
VICE-REITORA
Profa. Sandramara Matias Chaves

Faculdade de Informação e Comunicação

DIRETORA
Profa. Angelita Pereira Lima
VICE-DIRETORA
Profa. Andréa Pereira dos Santos

2018

Aplica-se a este material a licença Creative Commons BY-NC-SA, que permite mixagem e adaptação para fins não comerciais, desde que os novos produtos sejam submetidos ao mesmo licenciamento.

Endereço:

Faculdade de Informação e Comunicação.
Avenida Esperança, s/n, Campus Samambaia
Goiânia - GO - CEP 74690-900

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(RESPONSÁVEL: FILIPE REIS)**

B582

Biblioteca e suas interfaces [recurso eletrônico] : espaço e leitura /
Andréa Pereira dos Santos, Suely Henrique de Aquino Gomes,
organizadoras. – Goiânia : Gráfica UFG, 2018.
204 p. : il. color.

ISBN: 978-85-495-0216-2

1. Biblioteca. 2. Leitura. 3. Espaço. I. Santos, Andréa Pereira dos. II.
Gomes, Suely Henrique de Aquino.

CDU: 027:028

A revisão gramatical e as ideias espessas e/ou defendidas são de inteira responsabilidade dos autores.

SUMÁRIO

Apresentação	9
A biblioteca como fonte de informação: estudo comparativo das turmas de Gestão da Informação 2013 e 2016	
Carlos Henrique Barbosa da Silva	16
A biblioteca escolar na formação do leitor infantil: um estudo no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE)	
Josué Pereira da Silva Santos e Erinaldo Dias Valério	29
Biblioteca escolar inclusiva: olhar especial às pessoas com Síndrome de Down	
Keyla Rosa de Faria e Andréa Pereira dos Santos	51
Interdisciplinaridade e letramentos vernaculares como propulsores das práticas de letramentos acadêmicos: uma experiência no Curso de Letras – Português	
Limerce Lopes, Soraya Duarte e Maria Cristina Carvalho	67
Jogos literários na biblioteca: um relato de experiência da biblioteca do IF Goiano – Campus Trindade	
Andreia Cristiane de M. Acáz, Hevellin Estrela e Johnathan Pereira Alves Diniz	93
Poesia, filosofia e visão de mundo: Augusto dos Anjos e a poesia como vontade e representação	
Paola Nunes de Souza	107
Políticas públicas de letramento na Universidade de Brasília: programa de acessibilidade para alunos indígenas	
Michelle Pereira Soares e Renísia Garcia Filice	129

Recursos educacionais abertos na biblioteca: potencialidades no compartilhamento e difusão da informação

Maria Aparecida Rodrigues de Souza e Lais Pereira de Oliveira 142

Uma reflexão sobre os procedimentos metodológicos que estão sendo utilizados nos estudos de biblioterapia no Brasil

Letícia Batista do Nascimento e Erinaldo Dias Valério 158

Violência escolar e *bullying*: possibilidades de atuação da bibliotecária escolar com um olhar anti-homofóbico

Sarah Gomides e Elisângela Gomes 174

***Web scraping* aplicado à construção de bases de dados textuais a partir de bibliotecas digitais: um estudo de caso na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações**

Renata Moreira Limiro, Kátia Kelvis Cassiano e Douglas Farias Cordeiro 190

APRESENTAÇÃO

O primeiro artigo que compõe este livro, “A biblioteca como fonte de informação: estudo comparativo das turmas de Gestão da Informação 2013 e 2016”, de Carlos Henrique Barbosa da Silva, apresenta o resultado de uma pesquisa exploratória realizada em 2016 com alunos do curso de Gestão da Informação da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG) das turmas de 2013 e 2016, com o objetivo de identificar o perfil de busca de informação destes alunos. É dividido em duas fases: a primeira, quantitativa, realizada através da aplicação de questionário para identificar as características gerais de uso da informação. A segunda, composta por uma entrevista semiestruturada, com foco em responder questões pontuais levantadas pela primeira fase. O artigo é dividido em: Introdução, onde são apresentadas as razões que motivaram a pesquisa; Delimitação da amostra, que demonstra como foi definida a amostra da pesquisa; Metodologia, que descreve as metodologias utilizadas para análise dos dados; Resultado do questionário, onde são apresentados os resultados quantitativos; Entrevista, que detalha o processo de definição dos entrevistados; Resultado das entrevistas, onde as entrevistas são analisadas; e Possíveis considerações, onde se resume os resultados obtidos. A pesquisa revelou que existe uma correlação entre o tempo de estudo dos alunos participantes da amostra e a forma como estes buscam informação, apontando a tendência de que quanto maior o tempo de permanência na universidade, menor é a utilização da biblioteca como fonte de informação.

Em seguida, a pesquisa “A biblioteca escolar na formação do leitor infantil: um estudo no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE)”, de Josué Pereira da Silva Santos e Erinaldo Dias Valério, que apresenta a importância da leitura como um processo essencial para o desenvolvimento social. O artigo analisa as contribuições da biblioteca escolar do CEPAE para a formação de leitores infantis. Nos apontamentos teóricos são evidenciados os conceitos de leitura, leitor, biblioteca escolar e perfil do (a) bibliotecário (a). Como metodologia, estabelece uma revisão bibliográfica, pesquisa exploratória e de campo. Utiliza da abordagem qualitativa e usa como instrumento de coleta de dados a observação participante. A pesquisa informa que o universo da pesquisa

correspondeu aos alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental que participam de ações obrigatórias na biblioteca. Elenca que na coleta e interpretação de dados criaram-se categorias de análises para recolher as informações dos participantes a fim de compreender como se dava o processo de formação de leitores na biblioteca escolar estudada. Conclui, através dos resultados obtidos, que os (as) alunos (as) do colégio CEPAE/UFG utilizam, conhecem e demonstram importância pela biblioteca, e que a bibliotecária colabora nas ações e promoções de incentivo à leitura para a formação de leitores (as).

A pesquisa “Biblioteca escolar inclusiva: olhar especial às pessoas com Síndrome de Down”, de Keyla Rosa de Faria e Andréa Pereira dos Santos discute a aprendizagem das pessoas com Síndrome de Down e a importância da Biblioteca Escolar Inclusiva no processo de inclusão. Por séculos as pessoas com deficiência foram impedidas de frequentar o espaço educativo da educação formal. Com a LDB (1996) e a democratização do ensino, essas pessoas passaram a frequentar a sala de aula do ensino regular, permitindo assim socialização e desenvolvimento no ensino aprendizagem. O artigo utiliza-se de pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, no qual analisa as possibilidades de aprendizagem das pessoas com Síndrome de Down, bem como a relevância da Biblioteca Escolar Inclusiva no progresso educacional e social dos estudantes com Síndrome de Down. Observa-se que as crianças e jovens participantes destes espaços aprimoram suas habilidades com relação à leitura, mesmo porque a Biblioteca estimula o hábito da leitura. Outro aspecto importante apontado pela pesquisa é de que o estudante com Síndrome de Down tem capacidade de aprendizagem, desde que sejam fornecidos recursos e instrumentos que potencializem a sua capacidade de aprender. Conclui que a Biblioteca Escolar Inclusiva tem muito a oferecer para as crianças e jovens com deficiência. Os profissionais devem, portanto, buscar a formação continuada para enfrentar esses desafios de forma eficaz, estando atento à humanização e o olhar sensível às dificuldades e limitações do outro.

O artigo “Interdisciplinaridade e letramentos vernaculares como propulsores das práticas de letramentos acadêmicos: uma experiência no Curso de Letras – Português”, de Limerce Lopes, Soraya Duarte e Maria Cristina Carvalho, apresenta alguns resultados da proposta de intervenção elaborada a partir da parceria interdisciplinar entre duas disciplinas do 1º período de curso de Letras – Português, do Instituto Federal de Goiás

(IFG), Câmpus Goiânia: Prática como Componente Curricular 1 (PCC1) e Leitura e Produção Textual (LPT). Assim, durante o semestre letivo de 2017-2, as autoras propuseram-se a planejar alguns eventos de letramento, articulados às disciplinas acima mencionadas no intuito de que os alunos se inserissem nas práticas de letramento específicas do meio acadêmico e demonstrassem, por meio das produções do gênero “relatório”, essas apropriações de práticas de letramento situados/autogerados propostos pelas disciplinas. Para tal, utilizaram como referencial teórico os pressupostos da interdisciplinaridade e do letramento ideológico e acadêmico, dentre outros. Para o referencial metodológico, adotaram os princípios da pesquisa qualitativa (referências) e analisaram os relatórios de visita técnica dos estudantes do primeiro período do curso de Letras do IFG do segundo semestre de 2016, produzidos em decorrência de visita realizada em Pirenópolis - GO. Por meio da análise, concluem que nos relatórios existem marcas linguísticas de vários temas discutidos durante o semestre vinculados ao Letramento acadêmico, bem como marcas linguísticas de letramento vernacular e ideológico, o que apenas comprova o fato de que essas experiências interdisciplinares e as práticas vividas pelos alunos nos vários espaços de Letramentos foram apropriadas por esses sujeitos (discentes), contribuindo na sua formação enquanto futuros docentes.

O artigo “Jogos literários na biblioteca: um relato de experiência da biblioteca do IF Goiano – Campus Trindade”, de Andreia Cristiane de M. Acaz, Hevellin Estrela e Johnathan Pereira Alves Diniz, descreve a experiência da realização dos jogos literários desenvolvidos no Instituto Federal Goiano (IF Goiano) - Câmpus Trindade. Os jogos literários têm como objetivo contribuir para o desenvolvimento dos alunos e visam estimular o aprendizado a partir do interesse despertado pela experiência dos jogos. Para os autores, estimular a leitura nos dias atuais não é algo fácil, tendo como concorrente as redes sociais. A pesquisa apresenta uma parte introdutória, depois se aprofunda sobre a leitura e o leitor, proporcionando fundamentação teórica para pesquisa. Em seguida é descrita a metodologia utilizada na construção do texto e na realização dos jogos, o cronograma usado e as discussões pertinentes aos jogos e ao tema. Os autores observam que os discentes demonstraram interesse, empolgação e disposição para completar os jogos. O retorno esperado com a realização desses jogos foi uma maior utilização do espaço da Biblioteca junto aos estudantes, além de um entretenimento voltado à leitura, incentivando-os ao convívio dos livros e ao mundo da literatura. Uma das formas de

incentivar a participação nos jogos foi premiar por sorteio e por pontuação os estudantes, proporcionando assim participação de forma significativa. É uma competição saudável entre os participantes que possibilita aumentar o vocabulário deles, auxiliando-os na produção de textos e até no incentivo de novos escritores. Os autores relatam que tiveram uma excelente receptividade e muita empolgação por parte dos discentes ao projeto.

A pesquisa de Paola Nunes de Souza, “Poesia, filosofia e visão de mundo: Augusto dos Anjos e a poesia como vontade e representação” procura observar alguns aspectos da manifestação compreensiva de mundo que se dá por meio do diálogo da poesia de Augusto dos Anjos com a filosofia de Arthur Schopenhauer. A partir de uma interlocução interdisciplinar, o vate paraibano criou uma lírica que extravasa a estrutura formal do poema e alcança o âmbito de uma representação de mundo que tem no cientificismo e na filosofia do século XIX, sobretudo no pensamento do filósofo de Dantzig, um ponto fundamental de apoio. Para analisar esse percurso, o artigo parte das observações acerca do fazer poético de Augusto, passa para a observação de algumas características da filosofia de Schopenhauer e, por fim, chega à análise de algumas poesias de Augusto dos Anjos e sua representação lírico-filosófica, para mostrar como, pelo viés literário, o poeta se vale da filosofia para construir uma leitura de mundo bastante singular.

O ensaio “Políticas públicas de letramento na Universidade de Brasília: programa de acessibilidade para alunos indígenas”, de Michelle Pereira Soares e Renísia Garcia Filice, tem por objetivo analisar as políticas públicas de letramento voltadas aos alunos indígenas da Universidade de Brasília. O artigo foi uma proposta de avaliação do curso de mestrado em Educação do Departamento de Educação na disciplina políticas públicas. Refletir sobre essas políticas nos faz pensar e repensar aspectos da acessibilidade e manutenção de um grupo de estudantes que não têm a língua portuguesa formal como principal linguagem. O sujeito indígena, identificado como participante do contexto educativo sente-se realmente pertencente ao contexto educacional? As autoras não têm como objetivo dar conta de uma questão tão ampla, assim como não buscam descrever aspectos particularmente simbólicos das questões ligadas à cultura indígena como forma de justificar o trabalho.

O artigo “Recursos educacionais abertos na biblioteca: potencialidades no compartilhamento e difusão da informação”, de Maria Aparecida Rodrigues de Souza e Lais Pereira de Oliveira, aborda os recursos educacionais abertos no contexto da

biblioteca escolar. Para tal, inicia-se a partir de uma breve introdução e contextualização do tema, amplificada por referencial cuidadosamente construído, com discussões acerca da caracterização, do surgimento e do papel dos recursos educacionais abertos, sobretudo no universo educacional. Objetiva, portanto, discutir as potencialidades dos recursos educacionais abertos no compartilhamento e difusão da informação. A pesquisa constitui um estudo exploratório-descritivo com enfoque qualitativo, de releitura dos dados publicados em trabalho de conclusão de especialização em Letramento Informacional, realizado mediante pesquisa de campo com bibliotecários (as) da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica da Região Centro-Oeste. Para a releitura, foram selecionados quatro Institutos da Região Centro-Oeste, tendo por critério a disponibilização de recursos educacionais abertos pelas bibliotecas dessas instituições. Os resultados indicam que o compartilhamento e a difusão de recursos educacionais abertos por bibliotecas, para estudantes de ensino médio, ainda são incipientes devido à falta de formação de bibliotecários (as) sobre essa temática. As informações contidas nos recursos educacionais abertos que são compartilhadas e difundidas pelas bibliotecas com mais frequência são artigos de revistas e repositórios. Conclui que os profissionais entrevistados percebem o potencial dos REA para compartilhar e difundir informações, mas falta formação para sua efetivação.

A pesquisa “Uma reflexão sobre os procedimentos metodológicos que estão sendo utilizados nos estudos de biblioterapia no Brasil”, de Letícia Batista do Nascimento e Erinaldo Dias Valério, argumenta que a biblioterapia é uma forma terapêutica praticada através da leitura, que auxilia no tratamento de distúrbios nervosos, psicológicos ou físicos de diversos pacientes. Tem como objetivo geral identificar os procedimentos metodológicos que estão sendo usados no estudo da biblioterapia no Brasil a partir dos artigos indexados na Base de Dados de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI). E como objetivos específicos, apresentar a importância do estudo da biblioterapia na biblioteconomia; elencar as principais metodologias utilizadas para pesquisas em biblioterapia e identificar os principais autores que produzem sobre o tema no país. Estabelece como metodologia características de pesquisa exploratória, descritiva e bibliográfica, com delineamento qualitativo e quantitativo. Aplica a cientometria como método utilizado para realização da pesquisa. A partir dos dados coletados na base de dados, apresenta os procedimentos metodológicos utilizados em 39 artigos indexados na

BRAPCI no período de 1975 a 2017. Os autores constataram, na maioria dos artigos analisados, que os estudos foram realizados em hospitais e asilos, utilizando o método qualitativo com característica de pesquisa exploratória. Concluem que, para a atuação como biblioterapeuta, é necessário que o bibliotecário passe por um preparo mais específico na sua formação ou se dedique por meio de uma educação continuada e trabalhe juntamente com os profissionais da saúde para, assim, receber apoio na aplicação das práticas de leituras com os pacientes.

O artigo “Violência escolar e *bullying*: possibilidades de atuação da bibliotecária escolar com um olhar anti-homofóbico”, de Sarah Gomides e Elisângela Gomes, argumenta que a bibliotecária em exercício no ambiente escolar, ao se propor a discutir mecanismos de inclusão dos grupos historicamente oprimidos, promove a cidadania e a diversidade subvertendo uma hierarquia de poder alicerçada no preconceito. Desta forma, o trabalho analisa as possibilidades de atuação da bibliotecária como agente socializadora da temática *bullying* e violência escolar através do estudo do projeto Escola Sem Homofobia, proposto em 2004 pelo governo federal. Trata-se de uma pesquisa qualitativa descritiva, tipo documental. A partir da análise do projeto e da investigação das ações nele propostas constatou-se a ausência da bibliotecária e até mesmo do espaço da biblioteca. Entretanto, a análise também possibilitou a percepção de inúmeras possibilidades para a atuação da profissional bibliotecária. Portanto, sugere-se a aplicação dessa proposta anti-homofóbica em alguns serviços como: desenvolvimento de acervo, alfabetização digital, preservação da memória e da oralidade, e ação cultural. Acredita-se que a formação acadêmica e ética na biblioteconomia deve corresponder às demandas sociais de inclusão de todos os sujeitos respeitando suas identidades, postura indispensável para o combate e prevenção à violência escolar, consequência das manifestações de preconceitos.

Por fim, o artigo “*Web scraping* aplicado à construção de bases de dados textuais a partir de bibliotecas digitais: um estudo de caso na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações”, de Renata Moreira Limiro, Kátia Kelvis Cassiano e Douglas Farias Cordeiro, que afirma que a abertura de dados, de forma geral, se refere à ideia de socialização e democratização dos dados, de modo que estes possam estar disponíveis para acesso, uso e manipulação. Entretanto, ao se trazer os conceitos que permeiam os dados abertos para a ciência, ainda há muitos obstáculos a serem explorados e superados. Um dos pontos que demanda considerável atenção é a necessidade de análise acerca da

publicação científica, através, por exemplo, de técnicas de mineração de dados. Existe uma série de portais e páginas na Web que disponibilizam trabalhos, porém, em sua maioria em formatos que não permitem processamento computacional, o que acaba por tornar complexa a realização de análises estatísticas e computacionais. A partir disso, o artigo apresenta uma proposta de utilização da técnica *web scraping* como uma solução para extração de dados em portais científicos, destacando ainda a aplicação na extração de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

A BIBLIOTECA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO: ESTUDO COMPARATIVO DAS TURMAS DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO 2013 E 2016

Carlos Henrique Barbosa da Silva¹

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se faz necessário para identificar qual é o impacto da tecnologia no uso da biblioteca. Segundo Lessa e Mota (2013) o papel da biblioteca e a disseminação da informação, e para isso essa utiliza várias ferramentas. Porém só com uma avaliação é possível determinar se as ferramentas estão sendo utilizadas pelos alunos e medir se a biblioteca continua sendo importante fonte formal da informação, esses são algumas das questões que esse artigo investiga.

A pesquisa tem como amostra alunos do curso de Gestão da Informação (GI) da Universidade Federal de Goiás (UFG) das turmas de 2013 e 2016. Essa escolha deu-se por uma série de fatores como, por exemplo, o fato de ser o último curso a ser incluído pela grande área da ciência da informação, ter como principal matéria de trabalho à informação. Além de ter uma forte relação com a TI. Corrobora com a teoria de Castells (1999) ao dizer que a informação é a matéria prima para uma nova era da econômica altamente influenciada pela TICs. Por esses motivos a análise de busca e uso da informação pelos alunos de GI torna-se relevante.

O objetivo da pesquisa é identificar qual o comportamento de uso da informação dos alunos do curso de GI/UFG. Abordando aspectos como o uso biblioteca como fonte de informação, a importância que os alunos atribuem à biblioteca como fonte de informação e entender como eles utilizam a biblioteca como fonte de informação formal frente a outros meios de informação. Além de investigar se o tempo de curso influencia nesse uso.

¹ Graduando em Gestão da Informação, Universidade Federal de Goiás (UFG), e-mail: carlos.nitidum@gmail.com, Goiânia, GO.

Dividida em duas partes, uma quantitativa exploratória para investigar como os alunos de GI enxergam a biblioteca entre as formas de busca da informação. E uma qualitativa em formato de entrevista semiestruturada abordando aspectos não atendidos pela pesquisa quantitativa comparando os resultados das pesquisas entre as turmas.

2 DELIMITAÇÃO DA AMOSTRA

A escolha de pesquisar alunos do curso de Gestão da Informação/UFG deu por dois motivos principais. Primeiro o curso lida com a informação como matéria-prima de seus estudos, entendendo a informação como a matéria-prima da nova era da nova era das tecnologias da informação e comunicação - TICs, conceito defendido por Castell (2013). Abordando diversas disciplinas que abordam o assunto no decorrer da graduação.

Segundo o curso também tem um grande enfoque em tecnologias da informação. No uso de novas tecnologias e lógica e programação. O que proporciona uma visão holística para em relação à tecnologia e informação. Para Rodrigues e Viera (2016) os estudos da biblioteca sob a ótica da Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs) são relevantes, pois mostram evolutivos desta sobre o olhar de novas gerações que nascem em meio a uma cultura digital. O que faz desses alunos serem um riquíssimo ponto de análise de como a graduação influencia na busca de informação. Em qual vertente pesa mais na construção intelectual dos alunos.

2.1 METODOLOGIA

A pesquisa tem caráter quantitativo/qualitativo exploratório, adotado o conceito formulado por Gil (2008) em que a pesquisa tem caráter de testar uma hipótese de estudo para futuros estudos a respeito de sua implicação social.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram adotadas as nove etapas propostas por Gil (2008, p.31):

- a) formulação do problema;
- b) construção de hipóteses ou determinação dos objetivos;
- c) delineamento da pesquisa;
- d) operacionalização dos conceitos e variáveis;

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

- e) seleção da amostra;
- f) elaboração dos instrumentos de coleta de dados;
- g) coleta de dados;
- h) análise e interpretação dos resultados;
- i) redação do relatório.

A etapa de coleta de dados foi dividida em duas partes. A primeira quantitativa com a aplicação de um questionário e a segunda com entrevistas semiestruturada realizada como os alunos ingressantes em 2013 e 2016 no curso de GI/UFG. Existiam no momento da pesquisa 17 e 31 alunos matriculados respectivamente em cada turma totalizando 48 alunos, segundo a coordenação do curso.

A escolha da amostragem foi realizada de forma não probabilística, método adotado devido à dificuldade de utilização dos modelos probabilísticos em virtude do tamanho reduzido da população e da falta de recursos para a pesquisa.

Foram coletados 19 questionários que correspondem a aproximadamente 39,6% da população da pesquisa. Sendo 7 da turma de 2013 e 12 da turma 2016.

Desse total devido a preenchimentos incorreto 3 questionários foram descartados da análise por depuração simples com o objetivo de manter a integridade da pesquisa restando para análise 16 questionários cerca de 33% da população total. Destes 6 são da turma de 2013 e 10 são da turma de 2016. Correspondendo respectivamente 35% e 32% das turmas analisadas.

A segunda parte da pesquisa foi realizada uma entrevista aberta semiestruturada, com parte da população inicial, realizado em novembro de 2016. Utilizando o modelo de pesquisa qualitativa de caráter exploratório, que “[...] têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural.” Godoy (1995, p.62). Com vista a elucidar o fenômeno observado.

As entrevistas foram com três alunos, pertencentes ao público-alvo delimitado, sendo dois alunos da turma de 2013 e um aluno da turma de 2016. As entrevistas foram realizadas presencialmente e gravadas para realização das análises.

Após as coletas, o conteúdo das entrevistas gravadas foram transcritas e transformados em texto para aplicação de um dos modelos de análise qualitativo.

Para a interpretação das entrevistas foi utilizado o método de análise de discurso (AD) baseado na teoria de Orlandi (1999). A escolha (AD) para análise deu-se pela possibilidade de interpretação horizontal do texto que essa permite e pelo entendimento de que todo o discurso é incompleto, por esse motivo, possibilita interpretações que vai além do conteúdo disposto na fala dos entrevistados.

Para fins de análise considerado a (AD) como “uma disciplina de interpretação fundada pela interseção de epistemologia distintas, pertencentes à área da linguística, do materialismo histórico e da psicanálise” Caregnato e Mutti (2006, p. 680).

Além dos conceitos chaves apresentado por Orlandi. Os dois esquecimentos, o que não é falado no discurso (paráfrase) e o que você disse, mas poderia ser dito de outra forma (polissemia) e o interdiscurso/memória, que é a interconexão que existe entre discurso e áreas do conhecimento.

Assim temos o esquecimento ideológico – que é relacionado, segundo Orlandi (1999), ao caráter polissêmico da linguagem e esquecimento da ordem da enunciação que segundo ela, relaciona-se ao aspecto parafrástico da linguagem e o interdiscurso, que entendido pela autora, como a língua em curso ou movimento do discurso. No sentido de usarmos palavras antigas, já utilizadas, em contextos novos.

Assim sob a luz da teoria de análise do (AD), as entrevistas com os alunos de GI das turmas de 2013 e 2016, serão desvelados, apresentados os aspectos que estão além do que foi explicitado por suas falas. Para identificarmos os elementos do discurso que responde os objetivos da pesquisa.

2.2 RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO

A pesquisa quantitativa revelou que cerca de 60% dos alunos analisado frequentam a biblioteca, com frequência média de 1 a 3 vezes por mês. Houve também uma mudança de hábito em relação à utilização da biblioteca, antes de entrar na faculdade cerca de 20% apenas frequentava bibliotecas, esse número passou para cerca de 80% após o ingresso na UFG, conforme apontado no Gráfico 1.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

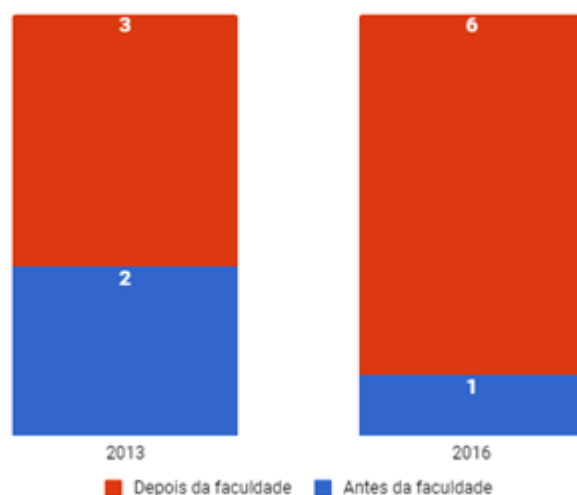


Gráfico 1 – Quantidade de alunos que frequentavam a biblioteca antes e após entrar na universidade

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em relação ao grau de importância que os alunos atribuem a biblioteca obtemos que a biblioteca ficou na 3ª posição de 4 formas busca de informação apresentadas, ganhando apenas do repositório. Dentre os alunos de graduação em GI analisados 70% (11) consideram a biblioteca importante ou muito importante na busca de informação.

Tabela 1 – Classificação de importâncias das formas de busca de informação turma 2013 - 2016

Alternativas	Biblioteca	Sites de busca	Repositórios	Amigos/Professores
Sem importância	0	0	1	0
Pouco importante	3	0	0	1
Indiferente	2	1	9	3
Importante	7	3	3	8
Muito importante	4	12	3	4
Classificação	3º	1º	4º	2º

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quando comparamos as duas turmas analisadas, temos para a turma de 2013 que a biblioteca ficou em 3º lugar empatado com o repositório digital, conforme a Tabela 2.

Tabela 2 – Classificação de importâncias das formas de busca de informação turma 2013

	Biblioteca	Sites de busca	Repositórios	Amigos/Professores
Sem importância	0	0	0	0
Pouco importante	1	0	0	0
Indiferente	1	0	2	1
Importante	2	1	2	2
Muito importante	2	5	2	3
Classificação	3º	1º	3º	2º

Fonte: Elaborado pelo autor.

Já para os alunos da turma de 2016 a biblioteca como fonte de informação ficou em 2º lugar empatado com amigos e professores, conforme a Tabela 3.

Tabela 3 – Classificação de importâncias das formas de busca de informação turma 2013

	Biblioteca	Sites de busca	Repositórios	Amigos/Professores
Sem importância	0	0	1	0
Pouco importante	2	0	0	1
Indiferente	1	1	7	2
Importante	5	2	1	6
Muito importante	2	7	1	1
Classificação	2º	1º	3º	2º

Fonte: Elaborado pelo autor.

O que demonstrou haver uma pequena diferença entre as duas turmas. Demonstrando que os alunos novatos atribuem mais valor a biblioteca como fonte de informação que os veteranos do curso.

A principal fonte de informação para os alunos foram os sites de buscas com 100% da amostra apontando este como a sua principal forma de buscar informações, o Gráfico 2 demonstra a força desse meio de busca da informação na sociedade moderna.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

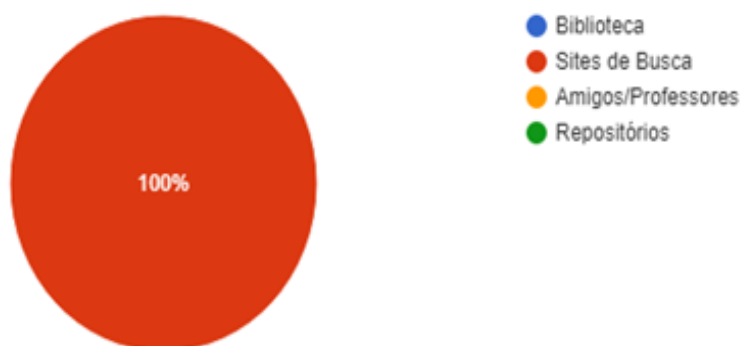


Gráfico 2 – Principal fonte de informação

Fonte: Elaborado pelo autor.

A preferência pelos buscadores de conteúdo foi reforçada nas questões de Likert que mediram a importância atribuíam aos meios de busca de informação, ficando em 1º lugar com 93% da amostra considerando importante ou muito importante, Tabela 01, consideram os sites de busca importantes ou muito importantes.

Quando visto separadamente da turma de 2016, 90% (9) tiveram reação positiva em relação à utilização dos sites de busca para obtenção da informação já a turma de 2013, 100% de respostas positivas. O que consolida os buscadores como principal fonte de informação entre os alunos de graduação de GI das turmas estudadas.

O elemento que teve maior discrepância entre as duas turmas analisadas foi o repositório, da turma de 2013 66% (4) consideram o repositório importante ou muito importante para busca de informação. O que dá indícios que os repositórios digitais são uma importante fonte de pesquisas para os alunos graduandos de GI que estão a mais tempo na faculdade. Enquanto que a turma de 2016 apenas 20% (2) da amostra considerou o repositório como importante meio de busca de informação.

A grande maioria dos respondentes da turma de 2016 optou pela resposta neutra. O que pode ter ocorrido por desconhecimento da existência dessas plataformas por esses alunos. Sendo necessários novos estudos para definir se esse fato se comprova.

A pesquisa em geral deu indícios que entre os alunos de Gestão da Informação das turmas de 2016 tem uma percepção importância da biblioteca com uma forte formal de informação maior que os alunos veteranos, o que leva a profundos questionamentos que a pesquisa quantitativa não consegue abranger, para delimitar melhor os pontos levantados pela pesquisa quantitativa e identificar quais os fatores que influenciaram os alunos de

2013 a buscar menos a biblioteca, uma vez que a percepção da importância dessa é similar entre as duas turmas.

2.3 ENTREVISTAS

A partir dos resultados obtidos, com a pesquisa quantitativa, identificamos que havia indícios que os alunos de GI da turma de 2016 tinham maior percepção da importância da biblioteca e faziam mais utilização desta com uma fonte formal, em comparação alunos veteranos da turma de 2013.

Como a pesquisa quantitativa se mostrou insuficiente para abranger todas as questões levantadas pela problemática proposta pelo trabalho, faz-se necessária a segunda coleta qualitativa com o público-alvo delimitado para assim determinar os fatores que influenciaram os alunos de 2013 a buscar menos a biblioteca, apesar da consciência da importância desta como fonte formal de informação.

A pesquisa quantitativa fornece indícios que os alunos de GI, turma de 2016, percebem a importância da biblioteca e a utilizam com frequência maior que os alunos veteranos, turma de 2013. O que contrariou a hipótese levantada, o que levou a profundos questionamentos que a pesquisa quantitativa não consegue abranger, para identificar quais os fatores que influenciaram os alunos de 2013 a buscar menos a biblioteca. Faz-se necessária uma nova abordagem para aprofundar os aspectos do fenômeno ocorrido.

2.4 RESULTADOS DAS ENTREVISTAS

Para facilitar o entendimento, os entrevistados foram numerados com números #1, #2 e #3, sendo os entrevistados # 1 e #3 pertencente a turma de 2013 e o entrevistado #2 pertencente a turma de 2016.

Através das respostas dos entrevistados a pesquisa, obtivemos as seguintes inferências, primeiramente, como já tínhamos evidenciado na pesquisa quantitativa, a grande todos os entrevistados têm como fonte principal de busca a internet, por meios dos seus buscadores (Google principalmente).

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

Conforme citado pelo entrevistado #1, ele utilizar apenas a internet quando tem a necessidade de realizar um trabalho acadêmico, complementando, que internet usa “No Google acadêmico né, o Google normal”. Ele na resposta faz questão de frisar, não buscar outros meios, para obtenção de informação “[...] é basicamente só Internet mesmo”.

Os entrevistados #2 e #3 também enfatizaram que a internet é o iniciador em seu processo de busca, como exposto nas falas: “Geralmente o professor passa um trabalho né passa os tópicos para gente aí a gente vai na Internet né” Entrevistado #2 e “Basicamente eu utilizo, pesquiso Internet e o principal”. Entrevistado #3, porém, conforme citado eles também informaram utilizar outras fontes de pesquisa como vídeos no YouTube e a biblioteca.

Já o entrevistado #3 cita: “eu também tenho a pesquisa na biblioteca da faculdade, mas esse já é bem raro”, o aluno, #2, da turma de 2016, foi o que demonstrou a maior utilização da internet como fonte de informação, reforçando o resultado obtido na pesquisa quantitativa. Este em relação a utilização da biblioteca, cita “depois que eu tenho aqueles tópicos relacionados e que a gente vai para os livros”.

Na pesquisa qualitativa, assim como o ocorrido na pesquisa quantitativa, ficou comprovado que os alunos da turma de 2016 têm uma tendência maior de utilizar a biblioteca como fonte de pesquisa.

Para responder a essa questão, propostas no objetivo do trabalho, isolamos daqui para frente às análises de acordo com a turma para tentar entender o fenômeno.

Em relação ao entrevistado #2, da turma GI 2016, através das sequências de perguntas, inferimos que, para esse aluno a biblioteca tem um papel chave na busca de informação, o que fica bem evidenciado, em trechos como “aí depois que eu tenho aqueles tópicos relacionados e que a gente vai para os livros”, em que ele evidencia que a busca na internet é para auxiliar a busca de livros, que é corroborado pela fala “[...] depois que se segmenta direitinho a gente vai para o livro”.

Outra questão que conseguimos inferir, pela entrevista, foi que ele considera o conteúdo dos livros mais completo do que o encontrado na internet, que ele relaciona com a densidade do conteúdo, como na fala “Porque ele está mais denso”.

Porém entender a relação da utilização do livro, na pesquisa acadêmica, direcionado às perguntas a questões mais voltadas aos livros encontrados na biblioteca da

UFG, que possui finalidade acadêmica, e questionamos o entrevistado acerca de qualidade, atualidade, relevância dos livros encontrados na biblioteca.

Através desses questionamentos foi possível inferir questões relevantes para elucidação do fenômeno identificado na pesquisa quantitativa.

Foi possível identificar que o entrevistado #2 tem apresenta dificuldade em encontrar todos os livros que busca “Falta alguma coisinha tem muita coisa na biblioteca não pode reclamar” e complementa falando que “numa média a cada 5 livros que a gente procura acho que uns 2 faltam”. Essa questão da falta de livros pode ser uma das questões que podem explicar por que os alunos acabam abandonando aos poucos a utilização da biblioteca.

Outra questão que corrobora com essa inferência, e quando o mesmo é questionado a respeito da atualidade dos livros encontrados na biblioteca, nesse quesito identificamos que a percepção dele era que os livros não estavam atualizados, o que também acaba afastando os alunos da biblioteca, o que foi evidenciado nas outras entrevistas.

Partindo para análise da turma de GI 2013, entrevistados #1 e #3, mostrou que os alunos que estão há mais tempo no Curso de GI utiliza menos a biblioteca, como já estava evidenciado na pesquisa quantitativa, agora através da análise encontramos os seguintes indícios que podem ajudar a compreender por que esse fenômeno está ocorrendo.

Dentre os alunos da turma de 2013, fica evidenciado pela fala dos mesmo que a utilização da biblioteca é pouca ou nula. Dentre os discursos, que colaboram com essa inferência, podemos destacar a fala do #1 que destaca que tem cerca de uma década que não utiliza livros em suas buscas informacionais “tenho uns 10 anos para cá eu utilizei um livro uma vez na minha vida e foi semestre passado num trabalho de um professor” a não utilização e, segundo ele, devido a sua inserção no mundo digital, que ocorreu, para ele, com a aquisição do primeiro PC. Essa aquisição funcionou como um rito de passagem, do analógico (onde a busca é em enciclopédias, livros e bibliotecas), para o digital (onde os sites de busca e as enciclopédias digitais) que substitui os meios tradicionais de busca da informação.

O entrevistado #3 demonstrou comportamento semelhante, apesar de discorrer que em certa medida utiliza os livros em suas buscas, essa utilização é fraca e ocorre em

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

momentos, segundo ele, em que não “achar uma fonte confiável de informação” ou “quando cabe a pesquisa aqui na biblioteca da faculdade”. Fica subentendido que, para ele, quando o tema pesquisado tem necessidade de fontes mais lastreadas a busca é expandida para biblioteca.

O entrevistado #1 também relaciona estado de confiança nas informações obtidas nos livros, isso fica claro, quando analisamos falas como “a Internet muito conteúdo que está lá e de livro, mas eu não tenho que ir lá achar aquela cópia do livro aquela peça física” e “eu não uso mais o livro na cópia física, mas a versão digital dele”.

Além de entrar uma nova questão, se o que está se perdendo é a forma atual como vemos a biblioteca, e não o conteúdo dos livros, expandido o entendimento dessa fala para uma questão de evolução tecnológica, que possibilita novas formas de interações, como livros digitais, PDF, digitalização etc., o que possibilita a quebra de barreiras físicas, como disponibilidade dos livros na biblioteca e deslocamento para pegar o livro por exemplo.

Assim podemos interpretar que a resistência não é da utilização da biblioteca, mas pode ser da forma como essa se apresenta, essa questão não pode ser completamente contemplada na pesquisa e abre novas possibilidades para futuros questionamentos.

Em relação aos motivos que elevam a evasão dos alunos das bibliotecas, de acordo com o tempo que passam mais tempo na faculdade, foram realizadas perguntas relacionadas a atualidade, disponibilidade dos livros na biblioteca da UFG, para tentar identificar se esses alunos sentem alguma dificuldade relacionada a essas questões que possam então justificar essa desistência ou não utilização da biblioteca.

Dentre as respostas dos alunos de GI 2013, foi possível inferir que a atualidade dos títulos, e a dificuldade de encontrar livros específicos, ou de temas relevantes à busca que estão fazendo, funcionam como uma barreira, que aos poucos vai distanciando esses alunos da biblioteca.

Em relação à questão de atualidade dos livros o entrevistado #1 cita que o último livro que utilizou da biblioteca tinha cerca de quinze anos, e questiona por esse motivo a representatividade dele na atualidade “o livro esse livro era de 2001. Você acha que a gente em 2016. 15 anos atrás você acha que esse livro vai estar falando tudo que tem hoje”.

Já o entrevistado #3 citou que “já tive problema eu não encontrei, o livro que buscava na biblioteca” e em relação a atualidade dos livros o mesmo relatou que “eles me

serviram prontamente não tive nenhum problema os que eu achei estava atualizado” sendo assim para esse usuário, o principal problema está relacionado a disponibilidade dos livros que busca.

Através das entrevistas, foi possível inferir que existem três fatores que distanciam os alunos de GI da biblioteca da UFG, o primeiro está relacionado ao fator cultural. Identificado através do interdiscurso presente nas três entrevistas, e é representado principalmente pela evolução tecnológica, essa modificou a forma como a sociedade contemporânea se relaciona com a informação. Essa nuance também influencia no microambiente da universidade e na forma como os alunos buscam as informações, já que a maioria está sempre conectada à internet, e possui computadores pessoais disponíveis para pesquisas.

É natural que estes optem por esse meio que está inserido no dia a dia. E facilita a busca em vários aspectos como facilidade de acesso, quantidade de conteúdo, rapidez no retorno em uma sociedade em que o tempo é um fator determinante para realização das tarefas a internet tem uma vantagem estratégica em relação à biblioteca.

Outra questão que é explicitada na entrevista e a falta de atualização e disponibilidade dos livros, esses fatos corroboram por afastar os alunos de GI da biblioteca, e esse fato é agravado quando após várias tentativas de buscas que não geram resultados satisfatórios. O que acaba colaborando para a menor utilização desse meio pelos alunos. Por fim a percepção da falta acelerado pela grande disponibilidade de versões digitais ou digitalização dos livros físicos disponíveis na internet, que possibilitam uma maior versatilidade na utilização. Muitos alunos acabam optando por essas versões.

3 POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES

Para reverter essa situação atual da biblioteca, acreditamos que seria necessária uma reestruturação da forma de disponibilização dos conteúdos da biblioteca, há hoje exemplos bem sucedidos de empréstimos de livros eletrônicos, *e-books*, como o caso do *Kindle Unlimited*, serviço disponibilizado pela *Amazon* que disponibiliza milhares de livros para empréstimos através de uma assinatura mensal, utilizando tecnologia de criptografia permite a transmissão de informações e garante a propriedade intelectual dos autores impedindo a cópia integral e o compartilhamento ilegal do e-book.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

Um modelo, baseado nas experiências de sucesso da *Amazon* no empréstimo de livros, poderia ser que uma alternativa para atrair novos públicos a bibliotecas da UFG. Além de aumentar a possibilidade de atuação, atendendo mais usuários, reduzir custos de armazenamento e distribuição e possibilita o empréstimo remoto dos conteúdos. Uma evolução que permitiria romper as barreiras físicas, que conforme o resultado da pesquisa acaba afastando os usuários da biblioteca.

REFERÊNCIAS

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino e MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto contexto – enferm**, Florianópolis, vol.15, n.4, pp.679-684, out./dez.2006. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017>>. Acesso em: 19 dez. 2016.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 6. ed. 2008.

Godoy, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, São Paulo, v.35 n.2 p.57-63,1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2016.

LESSA, Iris Fabiano do Rosário; MOTA, Francisca Rosaline Leite. Disseminação da informação na biblioteca central da Universidade Federal de Alagoas. In: Congresso brasileiro de biblioteconomia, documentação e ciências da informação, 25., 2013, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: 2013.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**. Princípios e procedimentos. SP, Pontes, 1999.

RODRIGUES, Charles; GODOY VIERA, Angel Freddy. Estudos bibliométricos sobre a produção científica da temática Tecnologias de Informação e Comunicação em bibliotecas. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, p. 167-180, apr. 2016 Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/98761>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

A BIBLIOTECA ESCOLAR NA FORMAÇÃO DO LEITOR INFANTIL: UM ESTUDO NO CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO (CEPAE)

Josué Pereira da Silva Santos¹

Erinaldo Dias Valério²

1 INTRODUÇÃO

No decorrer dos últimos tempos, discute-se sobre a importância da leitura e do incentivo às práticas leitoras às crianças, adolescentes, jovens e públicos em geral. A leitura é vista como um meio essencial de acesso a informação e produção de conhecimento. Existe uma crise de leitura que é gerada a partir da dificuldade de acesso aos materiais bibliográficos, e isso provocou no decorrer da última década uma série de discussões, encontros e debates para tomar novos rumos que facilitasse o acesso ao livro e a leitura (ZILBERMAN, 1984).

Considerando a afirmação de Zilberman (1984), pode-se notar que desde o último século já havia preocupação sobre a formação de novos (as) leitores (as). Dessa forma, é preciso analisar como surgem os (as) novos (as) leitores (as) na atualidade, como a biblioteca ampara e disponibiliza informações para a diversidade de perfis de usuários (as).

É importante observar que mesmo com a existência da lei federal que prevê um (a) bibliotecário (a) e biblioteca por escola, com previsão até 2020, como regulamenta a Lei 12.244 de 24 de maio de 2010 (BRASIL, 2010), existe uma minoria de bibliotecários (as) que atuam em bibliotecas escolares e infantis.

¹ Bacharel em Biblioteconomia, Universidade Federal de Goiás (UFG), e-mail: jjjosue.js@gmail.com. Goiânia, GO.

² Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás (UFG), e-mail: erinaldodiasufc@yahoo.com.br. Goiânia, GO.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

Outro fator a destacar é que 72,5% das escolas do Brasil, tanto na rede pública quanto na rede privada não possuem bibliotecas, e que seria preciso construir 130 mil bibliotecas para atender a referida Lei, o que seria quase impossível dentro da realidade pública e crise governamental do ano corrente, que se instalem a quantidade suficiente em menos de 2 anos, tanto por falta de recurso público, quanto pela quantidade insuficiente de bibliotecários (as) formados (as) até o ano de aplicação (BALMANT, 2013).

Assim, é possível inferir que quando se trata do ensino público, seja ele a nível estadual ou municipal, algumas crianças não têm contato com a biblioteca, porque geralmente esse espaço inexistente. Desse modo, o presente estudo tem como **objetivo geral**, compreender como a Biblioteca Escolar do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) contribui no processo da formação de leitores no ensino fundamental. E como **objetivos específicos**, verificar o papel do (a) bibliotecário (a) na biblioteca escolar; contextualizar biblioteca, leitura e leitor no ambiente escolar e compreender a importância do espaço da biblioteca na formação de leitor da 1ª fase do no ensino fundamental.

Portanto, a presente pesquisa propõe reflexões para a seguinte pergunta: Como a biblioteca escolar contribui na formação do (a) leitor (a) infantil? Para tanto, foi necessário estudar a biblioteca escolar do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), localizado na cidade de Goiânia – GO, procurando identificar quais práticas contribuem para efetivar a importância da biblioteca e consequentemente da leitura, aos (as) alunos (as) do ensino fundamental da 1ª fase, dentre o 1º e o 5º ano da referida escola.

A partir dos objetivos que nortearam esta pesquisa e pressupondo que a biblioteca CEPAE/UFG pode desenvolver ações de promoção da leitura e contribuir na formação de leitores infantis, busca-se no próximo tópico especificar a metodologia utilizada para embasar este estudo que tornou essencial para a execução dos objetivos propostos.

2 LEITURA: PONTUAÇÕES HISTÓRICAS E TEÓRICAS

A leitura se faz presente na história, não por abstrações, “ela se mostra, ao longo do tempo, como uma atividade que se concretiza pela prática de gestos diversos, ocorrendo em variados lugares, por meio de diferentes suportes” (ROCCO, 1999, p. 111),

sendo assim, a leitura sinaliza não apenas letras, palavras e escritos, mas uma nova visão geral de conceitos e significados.

É extensa a história de evolução da escrita e as discussões a respeito da leitura e de sua importância para a sociedade, pois a leitura é algo intrínseco na vida social, seja nos estudos, na leitura de *outdoors*, na sinalização de ruas e avenidas, nas bulas de medicamentos, na moeda, em filmes, praças, lojas, hospitais, e diversas outras situações e lugares rodeados de símbolos que refletem significados e necessitam da interpretação.

Lajolo (1982) compreende leitura mais que um simples fenômeno de decifração, ela afirma que a leitura compreende o significado e as vontades que o (a) autor (a) quer passar. É a partir do texto que se produz os significados para cada leitor (a), e cabe a ele (ela), entregar-se a vontade do (a) autor (a) no ato de ler ou rebelar-se contra ela, propondo uma nova releitura. Neste contexto percebe-se que o processo de leitura é uma comunicação bem compreendida a partir do que transmite a mensagem, ou propondo outros olhares e novas percepções a respeito de um mesmo texto.

Paulino et. al (2001), discutem o conceito de leitura a partir da etimologia da palavra ler, que deriva do latim *legere*, que para os (as) autores (as) têm-se três significados: o primeiro significa soletrar e agrupar letras em sílabas; o segundo, colher os sentidos no texto, pois para os autores, neste significado os sentidos estão agrupados ao texto e o (a) leitor (a) busca colher e procurar os sentidos ao decorrer da leitura, e em terceiro, o sentido de ler é vinculado a ideia de roubar, o (a) leitor (a) tira do texto sentidos que estavam ocultos e cria novos olhares em que a princípio não teria autorização para construir. Paulino et. al (2001) completam que o sentido nasce a partir dos interesses do (a) leitor (a) e apesar do (a) autor (a) escrever o texto, quem dá a vida para ele é o (a) leitor (a).

O hábito de leitura de uma população não deve ser igualado a sua alfabetização, pois somente saber ler não significa que existe uma convivência e familiaridade com a leitura, ou com a produção de sentidos. Muitas vezes esse hábito precisa ser incentivado desde a infância pela sociedade e pela escola para que haja permanência e gosto pela leitura, tornando uma sociedade leitora ativa (FIORE, 1999).

Para Carvalho (2005), o gosto pela leitura pode dar-se de diversas formas, como influência de professores (as) na escola, incentivo e exemplo de familiares ou situação adversa de vida, nas quais as crianças, jovens ou adultos, começam a se interessar pela

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

leitura. Porém, para que ocorra a formação de leitores (as) em grande escala são necessárias políticas de leitura que viabilizem o acesso de diversos materiais, como bibliotecas que atendam com qualidade o (a) aluno (a), salas de leitura bem estruturadas e a dinamização do (a) bibliotecário (a) escolar.

Em grande parte, as escolas públicas do país ainda são deficientes no quesito de formação de leitores (as). Como afirma Silva (2005), os equipamentos de promoção da leitura nas escolas são geralmente precários, quando existem, e em função à realidade dos ambientes escolares os investimentos em bibliotecas deveriam ser altos para acabar com tal problema. Porém, existe uma precariedade nas bibliotecas escolares e isto dificulta o papel do (a) bibliotecário (a) e de mediadores (as) da leitura, pois nas poucas bibliotecas existentes nas instituições escolares da rede pública, o material ou estrutura do ambiente não satisfazem os (as) alunos (as).

Ainda que existam dificuldades na oferta de espaço da biblioteca e no incentivo a leitura, percebe-se que a leitura quando é efetivada oferta uma série de oportunidades, conhecimentos e reflexões, e este incentivo deveria ser difundido e valorizado para o entendimento e transformação da sociedade.

Por fim, compreende-se que para se formar leitores (as) assíduos (as) e que sintam prazer pela leitura é necessário não apenas o material, mas garantir condições favoráveis para o acesso e a prática de leitura nas bibliotecas escolares, sendo assim, os adultos devem buscar mecanismos que promovam e que garantam a permanência de políticas de leitura, a fim de contribuir com o imaginário e com a educação infantil. Portanto, o próximo tópico aborda a importância da biblioteca, sobretudo da biblioteca escolar, e como a literatura idealiza este espaço a fim de refletir sua importância e contribuição para a formação de leitores (as).

3 BIBLIOTECA ESCOLAR: ABORDAGEM TEÓRICA E CONCEPÇÕES DE USO

A biblioteca escolar é aquela na qual dá suporte à escola, entende-se, portanto, como escola a instituição de ensino que visa suprir a educação em nível fundamental e médio e oferta serviços a alunos (as), funcionários (as) e professores (as). Porém, a biblioteca tem uma função ainda mais pedagógica, e deve-se tornar um espaço de

promoção da leitura, e complemento do ensino e extensão da sala de aula (CUNHA; CAVALCANTE, 2008). O conceito de biblioteca sempre gerou mutações, pois perpassa a condição de tempo, espaço e escrita gerando uma variação de tipos e formas, com intuito de codificar e preservar o conhecimento e a informação (BORBA, 1995).

A missão da biblioteca escolar é desenvolver e proporcionar ideais para que o (a) usuário (a) se torne um ser crítico na sociedade atual, para isso a biblioteca deve contribuir na aprendizagem, desenvolver competências e a imaginação, tornando este (a) usuário (a) um (a) cidadão (ã) responsável (INFLA/UNESCO, 2000).

Para suprir e incentivar o gosto pela leitura é necessário um espaço que dê ao (a) usuário (a) a garantia de aprimoramento na leitura e imaginário infantil, um espaço que corresponda ao lúdico e ultrapasse as barreiras de conteúdo proposto em sala de aula. A biblioteca escolar deve oferecer a criança uma liberdade intelectual, sem intervenção direta do (a) professor (a), garantir um espaço agradável e aprimoramento de conhecimento, proporcionando uma diversidade de materiais e suporte no encontro entre crianças e livros.

A biblioteca escolar tem um papel fundamental dentro de uma instituição de ensino, devendo suprir as necessidades informacionais para facilitar o processo pedagógico de discentes e docentes. Portanto a biblioteca escolar adentra no processo educacional que deve disseminar a informação, e consequentemente desenvolver atividades para que incentive o (a) usuário (a) ao hábito pela leitura.

Para Stavits, Koch e Drabik (2001, p. 36) o papel da biblioteca escolar é:

incentivar e disseminar o gosto pela leitura junto à criança, por meio do acervo organizado e integrado aos interesses da instituição, bem como da estrutura e funcionamento. A biblioteca escolar em cumprimento a sua função educativa motiva a busca pelo conhecimento, desenvolve no aluno o gosto e o hábito pela leitura e atitude de busca da informação (STAVIS; KOCH; DRABIK, 2001, p. 36).

No entanto percebe-se que o espaço da biblioteca escolar vai além de estrutura física, ou armazenamentos de material bibliográfico, mas é um conjunto de fatores que são integrantes no processo pedagógico do corpo escolar. Sendo assim há um conjunto de valores agregados ao departamento, desde a estrutura física adequada, acervo que supra as necessidades exigidas pelas disciplinas escolares, como previsto no Projeto Pedagógico de

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

Curso (PPC) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), assim como algumas exigências básicas propostas pelo Ministério da Educação (MEC), e atividades complementares de incentivo e promoção da leitura e culturais propostas pelo bibliotecário atuante neste espaço.

O espaço da biblioteca é um lugar de discussão e de interação, não de acúmulo de informações registradas, mas “é também, um instrumento de leitura do cotidiano com os seus conflitos e problemas. [...] Ela deve ser um lugar de encontro e discussão” (MILANESE, 1988, p. 93). Para isso a biblioteca deve dar suporte e proporcionar materiais diversos e atualizados, além de boa estrutura e organização.

Assim, além de um ambiente adequado que contenha material literário, informacional, multimeios e outros, a biblioteca escolar deve ser um espaço de motivação, incentivo à leitura, discussão e desenvolvimento do senso crítico. Fazendo isso, ela garante um fluxo de informação e efetividade na produção intelectual, permitindo ao usuário o desenvolvimento da sua sensibilidade crítica. A biblioteca será vista não apenas como extensão da sala de aula, mas como extensão do livre ato de pensar e viajar, não apenas nos livros de conteúdo doutrinal, porém em conteúdos literários, várias formas, maneiras, escritas, lugares, dizeres e saberes diferentes.

A realidade de bibliotecas públicas escolares é bem distante do ideal previsto na literatura para designar espaço, condições e profissionais qualificados para atuar na área, sendo assim, existem escolas públicas que não possuem bibliotecas, investimentos, horário de funcionamento regular e o espaço é usado para outros fins. A instituição escolhida para aplicar esta pesquisa, foge desta realidade de bibliotecas públicas escolares, e propõem-se um modelo de atuação e funcionamento para inspirar a função e objetivos de bibliotecas públicas escolares da região.

A biblioteca escolar na unidade educacional é essencial para caracterizar a qualidade de ensino ofertado pela instituição, portanto a ausência da biblioteca neste espaço “representa a mutilação” de uma importante ferramenta de ensino pedagógico que auxilia a educação (PINHO, 2009, p. 15). É perceptível a importância deste espaço para o crescimento intelectual e a formação pedagógica do (a) estudante, sendo assim, a biblioteca vai além de um espaço lúdico e de conservação ao imaginário infantil e torna-se um espaço que propicia uma formação complementar a criança, além de credibilidade ao ensino ofertado pela instituição. Perroti (1990), afirma que ao objetivo primordial da

biblioteca deve ser de incentivar a leitura recreativa, leituras fáceis, atrativas e sempre propiciar ao aluno oportunidades para desenvolver gosto pela leitura, complementa ainda que a biblioteca deve ser o lugar mais atrativo da escola.

Os PCNs (1997), preveem o espaço da biblioteca como um lugar que tem por incumbência, dar base para a formação do aluno do ensino formal. Sendo assim, vê-se uma série de aspectos que necessitam para que esse espaço não se torne apenas um depósito de livros, sem esperança de utilização, ou ainda mais comum, um depósito de livros didáticos, ou um ambiente que não corresponda a utilização do nome e suas características de biblioteca.

Cortê e Bandeira (2011, p. 6) dizem que a “biblioteca escolar exerce um papel político, educativo, cultural e social” e contribui, portanto, para:

- Ampliar as oportunidades de educação e conhecimento dos alunos;
 - Colocar à disposição dos alunos acervos e informações que complementam o currículo escolar
 - Promover e facilitar o intercâmbio de informações
 - Promover a formação integral do aluno
 - Tornar-se um ambiente social, cooperativo e democrático
 - Facilitar a ampla transmissão da arte, da ciência e da literatura
 - Promover a integração entre aluno, professor, ex-alunos e pais.
- (CORTÊ; BANDEIRA, 2011, p. 6).

Esta nova visão apresentada por Cortê e Bandeira (2011), facilita a compreensão de que a biblioteca escolar deve ser não apenas um espaço para armazenamento de materiais, ou uma sugestão a ser aderida entre as instituições educacionais, mas que ela exerça de fato um papel importante dentro da instituição e que suas funções influenciem a qualidade de ensino, formação cultural, social, de compromisso ético e educacional.

O próximo tópico visa abordar conceitos, características, a importância e as contribuições do (a) bibliotecário (a), para facilitar o acesso à leitura e a formação de (a) leitor (a) infantil.

3.1 PERFIL DO (A) BIBLIOTECÁRIO (A) ESCOLAR

É importante que o (a) bibliotecário (a) seja aliado (a) do (a) professor (a), fazendo participar dos processos de desenvolvimento e formação de acervos, como a seleção de

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

livros, revistas, filmes, jornais e outros, que contribuam na formação intelectual. Cortê e Bandeira (2011, p. 12) especificam algumas contribuições que o vínculo entre professor (a) e bibliotecário (a) neste processo fornece aos (as) alunos (as):

- criação e desenvolvimento do hábito de utilizar informações tanto na escola quanto fora dela
- criação e desenvolvimento do hábito de buscar informações para fundamentar trabalhos escolares e tomar decisões na vida adulta
- gosto pela leitura como forma de lazer e enriquecimento cultural;
- criação do hábito de usar a biblioteca, o que o ajudará em diferentes situações de sua vida
- desenvolvimento da consciência crítica
- motivação para a busca permanente do aperfeiçoamento intelectual
- alunos que conseguem localizar informação em diferentes fontes
- alunos que conseguem compreender e usar a informação
- alunos que sabem ler melhor
- alunos que conseguem aprender fora da escola, no seu dia a dia
- alunos capazes de construir novas compreensões e novos conhecimentos. (CORTÊ; BANDEIRA, 2011, p. 12).

Infelizmente, nem todos os (as) professores (as) utilizam a biblioteca escolar ou se quer orientam os (as) alunos (as) sobre ela, muitas vezes por diversos problemas estruturais da instituição ou porque existe acúmulo de tarefas exercidas por ele (ela), sendo assim, acomoda-se em planos de aulas já feitos que facilitem o seu serviço de não conversar com o (a) bibliotecário (a) sobre conteúdos disciplinares ou extracurriculares que possam ser ofertados aos (as) alunos (as), contudo quando ocorre esta situação, é papel do (a) bibliotecário (a) procurar aliança com o (a) professor (a).

Para que a biblioteca cumpra a função de incentivar o gosto pela leitura, disseminar a informação, contribuir com o ensino e garantir a formação de leitores (as), é necessária a presença de um (a) bibliotecário (a) que seja proativo (a), inovador (a) e que tenha como objetivo atender a comunidade escolar de forma atraente e eficaz (QUERINO, 2013).

São necessárias algumas competências para tornar um (a) bibliotecário (a) apto a ser mediador da leitura e facilitador do processo de aprendizagem, para Corte e Bandeira (2011, p. 14-15), essas competências são listadas como: possuir um curso de biblioteconomia, reconhecer a importância de sua profissão para a sociedade, ser um

permanente investigador, possuir proatividade, espírito crítico, ser flexível, inovador, criativo, ter capacidade administrativa, dominar as tecnologias da informação etc.

Portanto, a partir destas habilidades herdadas ou adquiridas em exercício do (a) bibliotecário (a), podem mostrar resultados positivos no incentivo, frequência e aprendizado, conquistando a credibilidade, a confiança e o interesse dos alunos pela leitura, pela cordialidade do bibliotecário ou pela biblioteca.

Neste sentido, o próximo tópico apresenta a coleta e análise de dados, sendo estes recolhidos no campo da pesquisa e assim busca compreender como a biblioteca do CEPAE/UFG contribui na formação do leitor infantil.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos deste estudo foram realizados a partir da pesquisa bibliográfica para a discussão teórica, seguida da pesquisa de caráter exploratório e de campo, realizado na biblioteca escolar do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), localizado na cidade de Goiânia – GO. No que se refere à abordagem, utilizou-se do método qualitativo, buscando analisar de forma subjetiva as contribuições da biblioteca para a formação dos (as) leitores (as) infantis. As principais características dessa abordagem são as amostras intencionais, as ferramentas de coleta flexíveis de perguntas abertas, a interpretação de dados e as averiguações subjetivas nítidas tanto no pesquisador, quanto ao público-alvo (CRESWELL, 2007).

No que se refere ao público, utilizou-se da técnica de amostragem. Assim, para verificar as razões de interferência e incentivo dos (as) leitores (as) infantis, delimitaram-se as crianças da 1ª fase do ensino fundamental, especificamente compreendida entre o 1º e o 5º ano no ambiente da pesquisa. Apesar da aplicação desta pesquisa realizar-se gradativamente por turma, totalizou-se uma amostragem de 128 alunos (as).

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram necessárias as seleções dos instrumentos de coleta de dados. Lakatos e Marconi (1992) descrevem esse processo de coleta de dados dividindo em dois grupos, os de documentação indireta e direta, sendo o primeiro utilizado no processo de busca e pesquisa bibliográfica e o segundo subdividindo em documentação direta intensiva e extensiva.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

No modo de coleta de dados previsto por Lakatos e Marconi (1992), a documentação direta intensiva compõe-se em observação – análise do pesquisador sob a visão do fenômeno estudado. Para a presente pesquisa viu-se necessária à utilização desse método de observação do ambiente e dos indivíduos, pois permite uma maior flexibilidade, podendo ser utilizado entre alfabetizados ou não e permite maior precisão nas informações, sendo a aplicação do instrumento com os (as) alunos (as) que frequentam a biblioteca.

De acordo com a intenção do pesquisador e a especificidade ao público infantil, viu-se a necessidade de aplicação de uma observação livre, tendo a intenção de perceber as contribuições da biblioteca escolar para o (a) leitor (a) infantil. Além da observação livre foi utilizada a contação de histórias e imagens, com a intenção de perceber e coletar de forma subjetiva a importância da leitura e do espaço da biblioteca para os (as) usuários (as) pesquisados (as).

5 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

O CEPAE é sob dependência da UFG e foi escolhido para aplicação desta pesquisa, tomando como critério a existência de uma biblioteca e profissional adequado e das ações de promoção a leitura, o que é incomum a outras instituições de ensino público no estado, sendo a principal destas as ações de promoção a leitura realizada pela biblioteca e a obrigatoriedade de participação semanal dos alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, sendo estes de idade aproximada entre 6 e 10 anos. A coleta foi realizada de modo presencial e estruturada de forma que as perguntas direcionassem a compreensão sobre biblioteca, bibliotecário (a) e a leitura pelos alunos.

A aplicação da pesquisa foi realizada em dois momentos distintos, entre os dias 03 à 14 de outubro e 22 de novembro de 2016. No primeiro momento foi aplicado com as turmas do 1º, 2º, 3º e 5º ano, já o segundo momento com o 4º ano. As aplicações da pesquisa foram efetivadas durante o turno matutino de acordo com as aulas obrigatórias que são realizadas semanalmente por cada turma na biblioteca. Para que isso ocorresse contou-se com a permissão e observação dos (as) professores (as) responsáveis por cada turma, assim como a presença da bibliotecária e da pedagoga atuantes na biblioteca. Vale ressaltar que à aplicação na turma do 4º ano só foi possível na sala de aula com a presença

da professora responsável, pois devido à greve de Técnicos Administrativos em Educação (TAE) da UFG a biblioteca encontrava-se fechada.

A pesquisa foi aplicada com um total de 128 alunos, como pode ser visto na Tabela 1.

Tabela 1 – Total de alunos participantes da pesquisa

Turmas do Ensino Fundamental	Quantidade de alunos
1º	20
2º	20
3º	28
4º	30
5º	30
Total	128

Fonte: Elaborado pelos autores.

A Tabela 1 mostra o quantitativo de alunos (as) por turma de aplicação, sendo estas da primeira fase do ensino fundamental. É possível observar que as turmas não ultrapassam o total de 30 alunos (as) o que se torna viável a aplicação de diferentes atividades, isso também diferencia das escolas públicas do estado e município que geralmente a quantidade excede este número. Infere-se que com turmas menores, como visto na Tabela 1, a dinâmica de atividades possui maiores rendimentos.

Os materiais utilizados para a coleta de dados foram: o livro *“Para que serve um livro?”* de autoria de Chloé Legeay; imagens sobre biblioteca e a bibliotecária e um vídeo do episódio “A biblioteca” do desenho Peppa Pig. O livro foi escolhido devido ao conteúdo abordado pelo autor, em que indaga ao (a) leitor (a) sobre as diversas utilidades do livro e como expandir a imaginação e o conhecimento, além de diversas ilustrações que prendem a sua atenção; as imagens e o episódio foram utilizados para a compreensão da criança sobre o espaço da biblioteca e o papel do (a) bibliotecário (a), por fim, a escolha desses materiais guarda proximidade com o pensamento de Ferreira (2009), que afirma que o processo de formação de leitor (a) pode ser desenvolvido em sala de aula ou biblioteca; em um acervo diversificado; em ambiente prazeroso e repleto de leitura

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

animada, especificamente com imagens, dessa forma, a utilização destes materiais foi necessária para a melhoria didática e compreensiva do público infantil.

O episódio do desenho animado de origem britânica Peppa Pig, Figura 3, narra histórias cotidianas da vida de uma porca cor-de-rosa, chamada Peppa Pig e sua família o Papai Pig, a Mamãe Pig e seu irmão George. O episódio escolhido é chamado: “A Biblioteca”, descreve a visita de Peppa Pig e sua família na biblioteca, sendo assim aparece uma personagem chamada de Dona Coelha que exerce a função de bibliotecária. O processo de empréstimo e devolução, assim como atendimento e orientação na biblioteca é nítido e apresentado de forma bem simples no episódio, e elenca diversos valores do (a) bibliotecário (a), da importância da biblioteca e do gosto pela leitura, além de representar de forma positiva a ideia de biblioteca para diversos perfis de usuários. É preciso deixar claro que a utilização do vídeo teve a intenção de completar a discussão sobre os termos já apresentados, ele não teve um olhar crítico aprofundado, mas foi crucial para a dinâmica e interpretação da imaginação do leitor infantil.

Para melhor compreender o processo de aplicação da pesquisa, é importante apresentar ao leitor (a) qual foi o roteiro utilizado para esse momento, observando que a efetivação desta atividade de pesquisa foi realizada com turmas separadamente e para cada turma foi utilizado o mesmo material, porém a linguagem usada e o controle com a atenção dos (as) alunos (as) variaram por faixa etária. Portanto, para interagir com os (as) alunos (as) e instigar a compreensão dos mesmos, foram apresentadas duas imagens em desenhos que pressupõem o perfil de uma bibliotecária e o ambiente da biblioteca, como podem ser vistas nas Figuras 1 e 2.



Figura 1 – A bibliotecária e os livros

Fonte: ceps.canstockphoto.com.br/can-stock-photo_csp15039036.jpg



Figura 2 – Atendimento na biblioteca

Fonte: <https://goo.gl/L88Ft6>

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

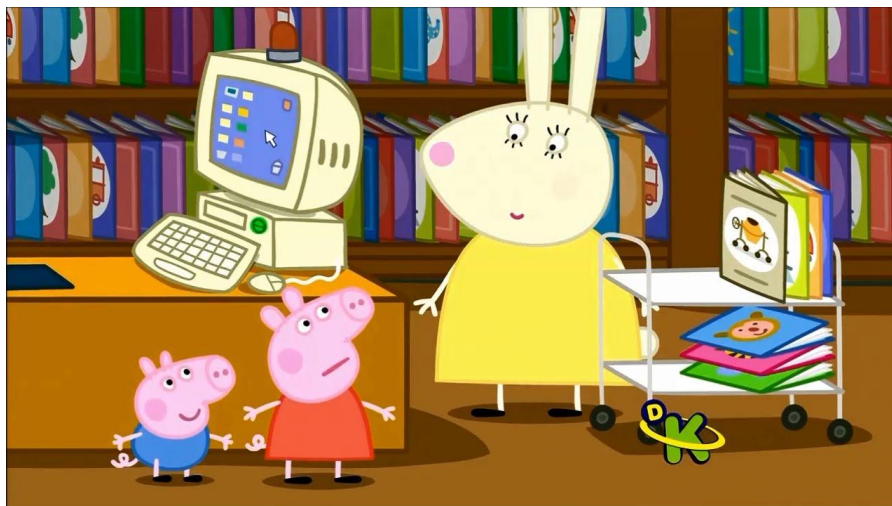


Figura 3 – Cena do episódio de Peppa Pig: A Biblioteca

Fonte: <https://goo.gl/JQPKUj>

Após as apresentações das figuras 1 e 2 e da discussão sobre a importância da leitura, da biblioteca e do (a) bibliotecário (a), foi realizada a atividade de contação de história referente ao livro do Chloé Legeay e logo em seguida a exibição do episódio.

Apresentado o roteiro, o passo seguinte é elencar as categorias de análise de acordo com as perguntas abordadas durante as aplicações, para isto, dividiu-se em 5 categorias, que equivalem as 5 perguntas realizadas de forma coletiva. Neste sentido seguem as análises a partir destas categorias.

5.1 CATEGORIA 1 – A BIBLIOTECA E A BIBLIOTECÁRIA

Análise das respostas à questão: O que conseguem identificar na figura 1?

Ao apresentar a figura 1 as turmas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, levantaram algumas interpretações ao serem indagadas sobre o que conseguiam identificar na figura e em coro hesitaram em responder que é uma bibliotecária, apenas dois alunos do 1º ano do ensino fundamental e 1 aluna do 3º ano responderam que seria uma professora. É possível observar a partir das respostas destes últimos alunos que isso reflete o atual cenário de diversas bibliotecas escolares no país, em que são ocupadas por outros profissionais, principalmente por professores (as) remanejados (as) de suas atividades em sala de aula. Vale ressaltar que este não é o caso da biblioteca pesquisada, uma vez que é bem delimitada a posição da bibliotecária e da pedagoga.

Complementando a imagem, o pesquisador indagou sobre a importância dessa profissional na biblioteca, e em êxito disseram que é importante. Por emprestar livros, organizar a biblioteca, realizar pesquisas, tratar os livros, sugerir leituras e contar histórias.

Dialogando com Hillesheim e Fachin (2004, p. 38), “[...] cabe ao bibliotecário e somente a ele a função de priorizar entre as tarefas do processamento técnico e as de atendimento a comunidade escolar para buscar a satisfação dos usuários”. Assim o bibliotecário tem como atribuições as tarefas apresentadas pelos alunos, bem como o atendimento, demonstrando responsabilidade no papel de educador e incentivador da leitura. Os alunos compreendem a figura da bibliotecária, justamente pelo fato da convivência semanal com a profissional.

Além disso, a biblioteca é estruturada e existe uma obrigatoriedade de participação deste ambiente, de utilizar serviços como empréstimo, renovação e devolução. A maioria dos (as) alunos (as) estudados (as) conhecem os principais papéis desenvolvidos pela bibliotecária e os que confundiram a imagem com uma professora, eram de uma das turmas do 1º ano, talvez isto se justifique por estarem em processo inicial de alfabetização e associarem a bibliotecária à professora que realiza empréstimo de livros dentro da sala de aula, pois dentro das salas da 1ª fase do ensino fundamental existem livros que também são emprestados pela professora para a realização de atividades.

Portanto, é possível identificar a compreensão dos (as) alunos (as) a respeito da existência da bibliotecária e de algumas de suas atribuições. Este conhecimento pode agregar o interesse pela biblioteca, e o despertar pela atividade de pesquisa em busca de informação.

5.2 CATEGORIA 2 – ATENDIMENTO NA BIBLIOTECA

Análise das respostas à questão: O que veem na figura 2? Em que ambiente estão?

Apresentando a figura 2, em que trata de um desenho com três pessoas, sendo uma retirando livros da estante, as outras com mochilas e com aparência juvenil, podendo ser interpretada por alunos em uma biblioteca com uma bibliotecária, a pergunta foi direcionada pelo que viam na figura e pelo local onde os personagens estavam. Todos (as)

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

os (as) alunos (as) responderam com clareza que seria um empréstimo de livros e que todos os personagens estavam na biblioteca.

Pode-se notar que existe consciência e associação dos (as) alunos (as) da 1ª fase do ensino fundamental do CEPAGE/UFG entre a imagem da bibliotecária e a relação com os livros e a biblioteca, nota-se que por utilizarem a biblioteca na escola conseguem com facilidade associar o perfil da bibliotecária e a importância da biblioteca. Concordando com a perspectiva de Silva (2009, p. 116), a biblioteca deve estar adaptada de acordo com a comunidade escolar para que haja busca pela leitura e construção do conhecimento agregando à criança a formação de leitor (a) e escritor (a).

Portanto, a partir dos dados observados nesta categoria, compreende-se que a bibliotecária é de notável importância e de assimilação pelas crianças como atuante no espaço da biblioteca, assim como educadora e que colabora com a aprendizagem infantil, instigando a leitura e a pesquisa, colaborando com o processo de formação dos usuários.

5.3 CATEGORIA 3 – INTERESSE PELA LEITURA

Análise das respostas à questão: Gostam de ler?

Essa pergunta foi elaborada tendo em vista que por usufruírem de um espaço estruturado e de atividades de incentivo à leitura, a resposta poderia ser positiva. Assim, a maior parte dos (as) participantes, responderam positivamente, apenas 2 alunos que se pronunciaram negativamente pelo gosto à leitura, alegando que se sentiam cansados ao lerem ou o livro sem muitas imagens não os interessavam, e um dos participantes que se opôs ao gosto pela leitura informou que gostava quando alguém lia um livro para ele.

Desenvolver o gosto pela leitura requer esforço e compromisso da escola na formação de leitores (as), para que o (a) aluno (a) perceba que a leitura é algo interessante, desafiador e que a partir da leitura desenvolva-se a autonomia e independência (PRADO, 1999).

Para incentivar os alunos na prática da leitura, a escola CEPAGE/UFG vê a importância da biblioteca e da contação de histórias, e institui a obrigatoriedade das crianças do 1º ao 5º ano frequentarem a biblioteca semanalmente, fazendo isso a escola se compromete em cumprir o papel de mobilizadora nas ações de leitura. A biblioteca tem o

papel de tornar este compromisso não apenas uma obrigatoriedade, mas algo interessante e incentivador, fazendo com que o (a) aluno (a) retorne ao espaço quando não mais a participação for obrigatória.

É importante ressaltar que mesmo os (os) alunos (as) que estão no processo inicial de alfabetização, possuem contato com os livros da mesma forma que os alfabetizados, sendo assim, a pergunta direcionada a todas as turmas sobre o gosto pela leitura, tiveram respostas que se assemelham positivamente, lembrando que são realizados empréstimos obrigatórios sobre solicitação do (a) professor (a), e os livros variam de acordo com a faixa etária, por isso livros que possuem apenas figuras são direcionados as crianças não alfabetizadas e considerados como uma forma de leitura. Portanto a maioria dos (as) alunos (as), mesmo no processo inicial de alfabetização, compreendem o valor e a importância da leitura, pois a leitura expande o universo da criança, e não apenas a decodificação de sinais gráficos, mas a produção de sentidos; é ir além de decifrar, é compreender (PIMENTEL, 2007).

5.4 CATEGORIA 4 – GOSTO PELA BIBLIOTECA

Análise das respostas à questão: Gostam da biblioteca?

Nessa categoria todas as respostas foram positivas, o que demonstra resultado nas ações de promoção à leitura que a biblioteca oferece. Por mais simples que seja, a biblioteca deve ser um espaço organizado, que circule ar, que seja atrativa e agradável aos seus usuários. O espaço da biblioteca CEPAE/UFG possui uma boa organização, material adequado e atualizado, espaço para leitura, para contação de histórias, ambiente climatizado, cadeiras almofadadas, gibiteca, computadores para pesquisa, além de imagens ilustrativas e iconográficas nas paredes e corredores, contribuindo com fortes influências para os (as) usuários (as) se sentirem confortáveis.

Considerando a capacidade de colaborar com o conhecimento, a biblioteca deve ser a parte mais ativa do meio escolar sendo que a pesquisa é a maior contribuição para assimilar o conteúdo trabalhado em sala de aula (VASCONCELOS, 2009), portanto, a biblioteca do CEPAE/UFG deve destacar-se dos laboratórios e sala de aula, tanto na promoção da leitura, quanto no desenvolvimento de ações culturais.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

Por fim, a partir da análise das respostas referente ao gosto pela leitura, os (as) alunos (as) sentem a importância da biblioteca para o aprendizado e vislumbram este espaço como um lazer, diversificando da rotina de sala de aula.

5.5 CATEGORIA 5 – PAPEL DO (A) BIBLIOTECÁRIO (A)

Análise das respostas à questão: Qual o papel da bibliotecária e como ela ajudou vocês?

Tanto para alunos (as) em processo inicial de alfabetização quanto os (as) alfabetizados (as) entre o 1º e o 5º ano do ensino fundamental conseguiram titular e associar a profissional atuante na biblioteca como bibliotecária e houve consenso em afirmarem que esta tem importância para as ações e atividades da biblioteca.

Grande parte dos (as) alunos (as) participantes da pesquisa destacaram diversas funções que são desempenhadas cotidianamente pela bibliotecária. Algumas destas funções mais comuns foram que a bibliotecária realiza empréstimos, devolução, renovação, organiza o acervo, realiza impressão de multas e auxilia na busca pelo livro no acervo.

Portanto, esse estudo permitiu compreender que os (as) alunos (as) do ensino fundamental do CEPAE/UFG possuem um conhecimento básico da importância e do papel da bibliotecária na instituição, associando as atividades ao desempenho de suas funções, respeitando e solicitando a profissional ao se tratar de atividades que envolvam livro, leitura e biblioteca.

A partir da aplicação e análise da pesquisa circunscrita nas categorias elencadas anteriormente, é possível afirmar que a biblioteca do CEPAE/UFG contribui para a formação destes leitores infantis e que os mesmos compreendem o espaço como expansão do conhecimento, associam as atividades relacionadas a bibliotecária e se interessam pela leitura, tudo isto agrega-se positivamente e torna-se um diferencial ao comparar com outros alunos de escolas públicas em que não são ofertados este espaço e profissional adequado.

Em uma visão geral, destaca-se que a biblioteca escolar do CEPAE/UFG é modelo de boa estrutura e torna-se um ideal às outras bibliotecas de escola pública e privada do estado em que os alunos desfrutam de conhecimentos e cultura.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da revisão de literatura apresentando a importância da leitura, da biblioteca escolar e o papel do (a) bibliotecário (a) neste ambiente, compreendeu-se que a leitura é de extrema importância para a sociedade, e que está diretamente ligada a comunicação humana, e assim a criança deve ser incentivada à leitura pelos espaços que lhe rodeiam, sendo a escola e a família os principais meios que lidam com a comunicação no processo de alfabetização. Portanto o ambiente escolar que tem como finalidade o ensino didático e o processo de alfabetização e formação do (a) aluno (a), quando oferece uma biblioteca estruturada e meios de incentivo à participação deste espaço e incentivo à leitura, agrega ao (a) aluno (a) uma expansão de conhecimento e raciocínio que dá suporte para a formação escolar e individual, facilitando a leitura cotidiana e tornando-o (a) leitor (a) assíduo.

Percebeu-se com a obtenção de dados da pesquisa, que os (as) alunos (as) participantes, conhecem tanto o que seja uma biblioteca, quanto a bibliotecária e suas principais funções. Os (as) alunos (as) percebem a bibliotecária como uma educadora dentro do espaço da biblioteca e que visa orientá-los (as) nas ações de pesquisa e de atividades que promovem a leitura. Além disso, notou-se que a escola e a biblioteca promovem e colaboram com a formação do (a) leitor (a), inovando nas ações de contação de história como também nas atividades que exercitam a imaginação e raciocínio.

Devido à importância de incentivo à leitura vista por diversos (as) autores (as) ao decorrer desta pesquisa, é viável que as atividades existentes de promoção à leitura prevaleçam na instituição, especificamente na biblioteca com a contação de histórias, sendo uma atividade agradável e de grande valia para o público infantil, exercitando a imaginação e o raciocínio assim como também incentivando a tornarem-se leitores (as) assíduos (as) e a degustarem ainda mais de livros, histórias e conhecimento.

Por fim, esta pesquisa foi direcionada a primeira fase do ensino fundamental do CEPAE/UFG, não tendo o intuito de esgotar a discussão sobre a importância da

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

biblioteca para a formação de leitores (as) infantis, impulsionando ainda para a análise de participação ou contribuição da biblioteca CEPAE/UFG para com os públicos da 2ª fase do ensino fundamental e o ensino médio, que no momento, não possuem no plano pedagógico da escola a obrigatoriedade semanal de participação na biblioteca.

REFERÊNCIAS

A BIBLIOTECA. Peppa Pig. Produção de Phil Davies. Direção de Neville Astley e Mark Baker. Reino Unido: [s.n], 2004. Temporada 3. Episódio 04. 04 minutos 30 segundos. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=oOXvMtsXhIQ> >. Acesso em: 05 set. 2016.

BALMANT, Ocimara. 72,5% das escolas não há biblioteca, lei prevê obrigatoriedade. **Jornal Estado de São Paulo**, São Paulo: [s.n.], 2013. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,em-72-5-das-escolas-nao-ha-biblioteca-lei-preve-obrigatoriedade-ate-2020-imp-,987556>>. Acesso em: 12 maio 2016.

BRASIL. Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010: **Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país**. Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm>. Acesso em: 12 maio 2016.

BORBA, Maria do Socorro de Azevedo. A importância da biblioteca escolar. **Revista do Centro Sócio-Econômico**, Belém, v. 2, n. 1. p. 1-12, mar. 1995.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática. Petrópolis, RJ: Editora vozes, 2005.

CORTÊ, Adelaide Ramos; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca escolar**. Brasília: Brinquet de Lemos, 2011.

CHLOÉ, Legeay. **Para que serve um livro?**. Tradução Márcia Leite. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Brinquet de Lemos, 2008, 451 p.

IORE, Ottaviano de. A formação do leitor, uma tarefa. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Orgs). **A formação do leitor**: pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 117-127.

HILLESHEIM, Araci Isaltina Andrade; FACHIN, Gleisy Regina Bories. Biblioteca

escolar e a leitura. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 9, p. 35-45, 2004. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/404>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

IFLA/UNESCO. **Directrizes da IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares**. Tradução de Maria José Vitorino. IFLA: Vila Franca de Xira, POR, 2000. Disponível em: <<http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

LAJOLO, Marisa. **Usos e abusos da literatura na escola**. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

MILANESE, Luis. **O que é uma biblioteca**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PAULINO, Graça et. al. **Tipos de texto**: modos de leitura. Belo Horizonte: Formato, 2001.

PERROTI, Edmir. **Confinamento cultural, infância e leitura**. São Paulo: Summus, 1990.

PIMENTEL, Graça; BERNARDES, Liliane; SANTANA, Marcelo. **Biblioteca escolar**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

PINHO, Karina Lúcia de. **Biblioteca escolar**: um ambiente para ações de incentivo a leitura. 2009. 65 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

PRADO, Iara Glória Areias. Para formar leitores na escola. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Orgs). **A formação do leitor**: pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 81-84.

QUERINO, Késia de Souza. **O bibliotecário de biblioteca escolar como agente mediador e disseminador da leitura**. 2013. 62 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. Leitor, leitura, escola: uma trama plural. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Orgs). **A formação do leitor**: pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 109-115.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola pesquisas X propostas**. São Paulo: Ática, 2005.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

SILVA, Rovilson José da. **Biblioteca escolar**: organização e funcionamento. In: SOUZA, Renata Junqueira de. (Orgs). **Biblioteca escolar e práticas educativas**: o mediador em formação. Campinas: Mercado das Letras, 2009. p. 115-135.

STAVIS, J. C.; KOCH, M. M. G.; DRABIK, V. R. **Biblioteca escolar ao alcance das mãos**. Revista PEC, Curitiba, v.1. n.1. p. 35-38, jul 2000-2001. Disponível em:<http://www.bomjesus.br/publicacoes/pdf/revista_PEC/biblioteca_escolar_ao_alcance.pdf>. Acesso em 04 dez. 2015.

VASCONCELOS, Maria Luíza Batista Bretas (Org.). **Biblioteca escolar**: uma ponte para o conhecimento. Goiânia: SEDUC, 2009. 107 p.

ZILBERMAN, Regina. A formação do leitor infantil. In: YUNES, Eliana (Coord.). **A leitura e a formação do leitor**: questões culturais e pedagógicas. Rio de Janeiro: Antares, 1984. p. 10-19.

BIBLIOTECA ESCOLAR INCLUSIVA: OLHAR ESPECIAL ÀS PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN¹

Keyla Rosa de Faria²

Andréa Pereira dos Santos³

1 INTRODUÇÃO

Durante séculos as pessoas com deficiência foram excluídas e consequentemente invisíveis aos olhos da sociedade. Mas, desde a década de 1940 as políticas voltadas à valorização humana têm contribuído na elaboração de políticas públicas que beneficiem o exercício da cidadania por pessoas com deficiência.

Essas mudanças começaram a se efetivar de fato com a promulgação da Constituição (1988) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996). Tanto uma, como outra, tem no seu contexto a garantia de direitos à educação, lazer, cultura, moradia e saúde, ou seja, direitos sociais constituídos a nação brasileira, independentemente de cor, raça, credo, situação socioeconômica, ou deficiência.

Desta forma, com a garantia de direitos, as instituições escolares tiveram que se adequar para receber esses sujeitos que antes eram invisíveis, e que a partir de então tiveram o direito a visibilidade, de serem tratados como pessoas, como seres humanos.

A Biblioteca Escolar, por ser um espaço social e democrático, tem grande relevância neste processo de inclusão, de resgatar essas pessoas à sociedade. Sendo assim, esta pesquisa buscou por meio do levantamento bibliográfico, compreender a Síndrome de Down (SD), bem como suas limitações e potencialidades. Além de expor as características da Biblioteca Escolar Inclusiva, elucidando as ações que podem ser implementadas pelos profissionais – bibliotecárias e professoras – que se veem envolvidas

¹ Este artigo é parte da pesquisa desenvolvida no Trabalho de Conclusão de Curso em Biblioteconomia.

² Mestranda do Curso de Comunicação, Mídia e Cultura, da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG), e-mail: keylarosa6@gmail.com, Goiânia, GO.

³ Professora Doutora da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG), e-mail: andreabiblio@gmail.com, Goiânia, GO.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

no processo de ensino e aprendizagem das pessoas com deficiência, e no caso desta pesquisa, a Síndrome de Down.

Objetiva, portanto, esclarecer o significado da leitura no desenvolvimento cognitivo do SD. A leitura é fator importantíssimo no aprimoramento do vocabulário, e na elaboração de conceitos por parte desses indivíduos. Por terem restrições no aparelho fonador, as pessoas com SD, necessitam de estímulos logo após o nascimento e, a leitura torna-se grande aliada neste processo.

Mesmo porque, a leitura promove a imaginação e isto de certa forma é complexo às pessoas com deficiência intelectual, pois elas conseguem produzir tal fato a partir das suas vivências e, se essa criança, ou jovem foi tolhido a convivência com as artes, e a cultura, encontrará consequentemente dificuldades de criar cenários advindos da literatura na sua imaginação. Daí a o valor da Biblioteca Escolar Inclusiva, uma vez que esta tem por função desenvolver atividades culturais, e a inserção de crianças e jovens com deficiência no âmbito escolar. Tal prática exige da Bibliotecária formação continuada, para que ao desenvolver ações culturais, o seu olhar esteja sensível às limitações e necessidades das pessoas com SD.

O artigo está dividido em duas temáticas a primeira retrata sobre a Aprendizagem da pessoa Síndrome de Down. Explicando como ocorre a aprendizagem por parte dessas pessoas, assim como desenvolver as suas habilidades. No segundo momento é abordado o papel da Biblioteca Inclusiva, bem como o papel da Bibliotecária e da Professora no processo de inclusão das pessoas com deficiência.

2 APRENDIZAGEM DO SÍNDROME DE DOWN NA BIBLIOTECA ESCOLAR

Este tópico abordará os conceitos básicos de aprendizagem, e de que maneira as pessoas com SD conseguem apreender os ensinamentos estabelecidos no currículo escolar. Não há interesse da autora em fazer estudo aprofundado com relação à temática aprendizagem, mesmo porque, definir aprendizagem é complexo e amplo. Lômanaco (1984, p. 1) diz que “à primeira vista, o termo aprendizagem não parece ser difícil de ser definido. [...] Algumas pessoas poderão utilizar os termos aprendizagem e conhecimento como sinônimos”. O autor ressalta que o primeiro é processo, e o outro produto.

Percebe-se a diferença do processo para o produto, uma vez que esses processos serão os materiais elaborados e fornecidos para os estudantes com deficiência, portanto, as pessoas com SD, inseridas no âmbito escolar, necessitam de propostas de ensino-aprendizagem adequadas ao seu desenvolvimento cognitivo. A equipe multiprofissional deverá ter conhecimento da real capacidade de cada indivíduo, lembrando que, essas pessoas têm um tempo diferente para a aquisição da aprendizagem.

E, o momento de elaborar material adequado é desafiador, pois exige currículos adaptados às diversidades inseridas no contexto diário. O que demanda clareza e esforços por parte de toda a equipe pedagógica escolar - incluindo o bibliotecário.

Ruiz (2008) defende a inserção do currículo adaptado à capacidade e habilidade de cada sujeito.

A la hora de determinar los objetivos educativos que son más adecuados para los alumnos con síndrome de Down se ha de tener en cuenta que adquieren las capacidades con mayor lentitud que otros alumnos y que se dispone de un tiempo limitado para impartir ilimitados conocimientos. Es imprescindible, por tanto, seleccionar lo que se les va a enseñar, estableciendo prioridades. Se ha de tener claro cuál es el objetivo educativo fundamental y preparar muchos y variados recursos para alcanzarlo (RUIZ, 2008, n/p.).⁴

O desenvolvimento dessas habilidades requer tempo, e o processo de estimulação deverá ocorrer logo após o nascimento. Desta forma, ao chegar à convivência com a sociedade escolar as suas habilidades estarão pré-desenvolvidas facilitando o seu progresso escolar.

Witter (1984, p. 24) diz que a aprendizagem é a principal responsável pela grande maioria do comportamento que interessa ao educador, seja ele professor, pai, bibliotecário, assistente social. Salienta ainda sobre a produção de materiais para a estimulação precoce, tanto em crianças com deficiência, com nas sem deficiência. A autora pontua a relevância das respostas dos alunos, na produção desse material.

⁴ Ao determinar metas educacionais que são mais adequados para os alunos com síndrome de Down deve levar em conta a aquisição de habilidades mais lentamente do que outros alunos e que você tem um tempo limitado para fornecer conhecimento ilimitado. É essencial, portanto, para selecionar o que vai ensinar, estabelecendo prioridades. Tem que ser claro sobre o objetivo da educação fundamental e preparar muitos e variados recursos para alcançá-lo (RUIZ-RODRÍGUEZ, 2008, tradução nossa).

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

Compreende que a interação com os estudantes na elaboração desses materiais é de suma importância, para o real conhecimento do cognitivo de cada indivíduo. Para Maruny Curto (2000) o processo de adaptação deve ocorrer com foco no aluno com necessidades educativas especiais, analisando a sua leitura de mundo, o que o aluno traz na sua bagagem de vida.

Não é só uma questão de experiência vivida. Existem diferenças nas capacidades e na maturidade das crianças; diferenças na linguagem oral; diferenças de valores culturais em relação à cultura escrita e à cultura escolar; distintas atitudes para com os adultos e para com a aprendizagem das normas; diferenças na motivação, nos estilos de aprendizagem, na adaptação emocional e social, etc. (MARUNY CURTO et al., 2000, p. 74).

O foco do educador, seja ele professor ou bibliotecário, deverá ser as potencialidades dessas crianças e não o déficit. Vygotsky (1997, p. 48) afirma a importância de o professor considerar as potencialidades dos alunos e não as suas dificuldades ou deficiências, “ao criar uma formação peculiar de personalidade, reanima novas fontes, muda as direções normais do funcionamento e, de uma forma criativa e orgânica, refaz e forma o psiquismo da pessoa”, ou seja, essas pessoas fluem da alma ânimo para enfrentar as dificuldades impostas diante da deficiência.

O próprio organismo propõe novas formas de sobreviver e adaptar, a partir do momento que detecta a ausência das funções normativas do corpo. O autor ainda diz que as deficiências não são “somente um defeito, uma debilidade, são também, em certo sentido, uma fonte de manifestação das capacidades, uma força” (VYGOTSKY, 1997, p. 48).

É sabido que a deficiência intelectual é “um estado de desenvolvimento interrompido ou incompleto, o que significa que a pessoa pode ter dificuldades em entender, aprender, e recordar coisas novas, e em aplicar essa aprendizagem a novas situações” (OMS, 2011, p. 313). Dessa forma, é importante que essas limitações sejam consideradas pelos envolvidos no processo de ensino, para que busquem recursos pedagógicos adequados as necessidades de aprendizagem, tão peculiares desses estudantes.

Nos seus estudos sobre a alfabetização da criança com síndrome de down; Jatobá (1995, p. 27) cita o trabalho do pesquisador Cuillert (1985) relatando sobre a forma de raciocínio dessas pessoas.

Ele declara que “as pessoas com síndrome de Down não raciocinam da mesma forma que as ditas normais, nós buscamos a lógica e a ordenação linear dos fatos, elas operam com o raciocínio de maneira distinta da nossa: a criança raciocina seja por evocação, seja por analogia” (CUIILLERT, 1985 apud JATOBÁ, 1995, p. 27).

Quando Cuillert afirma que o down raciocina por evocação ou analogia, relata o fato que essas pessoas terem dificuldades com a memória, mas que isso pode ocorrer de forma voluntária pela memória, mesmo que seja na relação das semelhanças entre as coisas ou fatos, não ocorrendo em uma sincronia de pensamentos. Às vezes a expressão dos seus pensamentos é desconexa e apenas a convivência com os estudantes desenvolverá nos educadores, incluindo os bibliotecários, a sensibilidade para perceber o meio mais apropriado de comunicação, podendo assim, aplicar o melhor método de ensino e alcançar o objetivo final que é a aprendizagem.

Mustachi (2009, p. 24) declara que os indivíduos devidamente estimulados ganharão mais potencial de aprendizagem por capacitação. Afirma que “todos aprendem, apenas é preciso saber como ensinar; para ensinar algo a alguém que devemos pensar primeiro”. O aprender a aprender implica em aprender a ensinar, o qual vincula habilidades do profissional educador ou de qualquer pessoa envolvida com o saber ensinar, podendo ser a família, os professores ou os bibliotecários.

Buckley e Bird (1999, n/p.) acreditam que: “uma boa prática nos planos de aula, é que sejam oferecidos aos assistentes antes das lições, para permitir que os assistentes sejam mais confiantes e tenham mais autoridade dentro da lição”, os assistentes indicados pelos autores correspondem aos professores de apoio, que devem ser comunicados com antecedência sobre as atividades que serão oferecidas para os estudantes. O professor regente tem que assumir esse indivíduo como seu, e desmistificar o paradigma de que o estudante com deficiência pertence ao professor de apoio.

As complicações clínicas tais como: as alterações cardíacas, hipotonia, complicações respiratórias e alterações sensoriais, principalmente a visão e a audição do SD devem ser consideradas, uma vez que interferem no desenvolvimento da aprendizagem. Diante desse quadro Bissoto (2005, p. 85) aponta o “uso intenso de

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

recursos educacionais visuais a apoiar a aprendizagem do portador de Síndrome de Down”.

A interação e a convivência com o meio social é de suma importância na construção da aprendizagem dessas crianças. Constituindo assim, a escola e a biblioteca escolar local apropriado para a interação e inclusão dos estudantes com deficiência. Buckley (1993 apud BISSOTO, 2005, p. 85-86) ressalta que “alguns cuidados cotidianos na interação com o portador de Síndrome de Down podem impulsionar em muito o seu processo de aprendizagem”.

Para Chapman e Hesketh (2001, n/p.) a idade é fator crucial para a análise do desenvolvimento padrão da linguagem e do cognitivo dessas crianças. Os autores acreditam que o desenvolvimento da aprendizagem no SD ocorre com atraso e de modo inibitório; a aquisição do vocabulário falado é tardia, e isso interfere na construção de conceitos; outro aspecto de suma relevância na aprendizagem é a memória auditiva em curto prazo, a qual é deficitária e intervém na compreensão do SD. Fica evidente que os pontos fortes nos comportamentos dessas pessoas é a comunicação não verbal, a memória visual, e as relações interpessoais, ou o “cara a cara” como cita os autores.

A *Down Syndrome Education Internacional* (DSE) desenvolve estudos investigatórios sobre a leitura e aprendizagem das pessoas com SD no Reino Unido há 30 anos. Os dados dessas pesquisas apontam as dificuldades de aprendizagem do Síndrome de Down, mas o DSE apresenta propostas para que os profissionais ligados à educação elaborem recursos segundo às necessidades de aprendizagem das pessoas com SD. Buckley e Bird compõem parte da equipe de pesquisadores, e por meio dos resultados das pesquisas traçaram algumas características no desenvolvimento linguístico e cognitivo das crianças com SD até os cinco anos, que são:

O atraso no desenvolvimento da linguagem, o menor reconhecimento das regras gramaticais e sintáticas da língua, bem como as dificuldades na produção da fala apresentados por essas crianças resultam em que **apresentem um vocabulário mais reduzido**, o que, freqüentemente, faz com que essas crianças **não consigam se expressar** na mesma medida em que compreendem o que é falado, levando-as a serem **subestimadas em termos de desenvolvimento cognitivo**.

Essas mesmas **alterações lingüísticas** também poderão **afetar** o desenvolvimento de outras **habilidades cognitivas**, pois há maior dificuldade ao usar os recursos da linguagem para pensar, raciocinar e relembrar informações.

Vários estudos têm atestado que crianças portadoras de Síndrome de Down apresentam uma capacidade de **memória auditiva de curto-prazo mais breve**, o que dificulta o acompanhamento de instruções faladas, especialmente se elas envolvem múltiplas informações ou ordens/orientações consecutivas. Essa dificuldade pode, entretanto, ser minimizada se essas instruções forem acompanhadas por gestos ou figuras que se refiram às instruções dadas.

No mesmo sentido, por apresentarem habilidades de processamento e de **memória visual mais desenvolvidas** do que aquelas referentes às capacidades de processamento e memória auditivas, as crianças portadoras de Síndrome de Down se beneficiarão de recursos de ensino que **utilizem suporte visual para trabalhar as informações**.

É imprescindível que às crianças portadoras de Síndrome de Down seja dada toda a **oportunidade de mostrar que compreendem o que lhes foi dito/ensinado**, mesmo que isso seja feito através de respostas motoras como apontar e gesticular, se ela não for capaz de fazê-lo exclusivamente de forma oralizada (BUCKLEY; BIRD 1994 apud BISSOTO, 2005, p. 82, grifo nosso).

Apesar dos resultados descritos acima ser com crianças de até cinco anos, muitas dessas características prevalecem no SD durante toda a infância e adolescência. A fluência no vocabulário é de suma importância na construção de conceitos e se essas crianças não se desenvolvem nesse quesito terão dificuldades de serem compreendidos em suas falas, e conseqüentemente subjugados em sua capacidade de aprendizagem. Buckley e Bird (1999.) sugerem que seja mais estimulado a memória visual, do que a memória auditiva, uma vez que o SD aprende e memoriza por meio de figuras e gestos.

A aprendizagem deve ser significativa, ou seja, dar significado a aprendizagem desses indivíduos para que desenvolvam suas habilidades, proporcionando a vivência dessas no intelecto e na vida social. Coll (1994, p. 149) relata que “em termos piagetianos, poderíamos dizer que construímos significados integrando ou assimilando o novo material de aprendizagem aos esquemas que já possuímos de compreensão da realidade”.

E nos estudantes com SD a aplicação do conceito de aprendizagem significativa é a mesma, pois o contexto sócio histórico desse influencia diretamente na aquisição da aprendizagem.

Portanto,

o desenvolvimento do indivíduo portador de Síndrome de Down é, tanto quanto o de qualquer não portador, resultante de influências sociais, culturais e genéticas; incluindo-se aí as expectativas havidas em relação às suas potencialidades e capacidades e os aspectos afetivo-

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

emocionais da aprendizagem. Deve-se então observar que, muito embora os portadores de Síndrome de Down apresentem características peculiares de desenvolvimento, isso não se constitui numa uniformidade a predizer comportamentos e potencialidades (BISSOTO, 2005, p. 86).

Os estudos realizados no Reino Unido por Buckley, Beadan e Bird (2001, n/p.) comprovam que “as habilidades de leitura e escrita são importantes para a vida cotidiana e para o acesso ao mundo da literatura. [...] poderosas para ensinar discurso e linguagem a crianças com síndrome de Down”. Afirmam também que “Ler e escrever pode apoiar a comunicação, permitir que as crianças consigam uma maior independência e enriquecer a educação e as realizações acadêmicas em todo o currículo”.

Esse tópico buscou apresentar alguns conceitos que demonstram a capacidade de aprendizagem pelos estudantes com SD, uma vez que esta pesquisa visa verificar as ações e os recursos utilizados na Biblioteca escolar que estimulam o hábito da leitura como meio de aquisição dessa aprendizagem. Daí a importância de elucidar os conceitos sobre o desenvolvimento cognitivo do SD, para que seja erradicada a forma estereotipada de limitar esses estudantes.

O tópico a seguir discorrerá sobre a história da biblioteca escolar inclusiva.

2.1 BIBLIOTECA ESCOLAR INCLUSIVA

No tópico anterior discorreremos sobre a aprendizagem dos estudantes com Síndrome de Down. Agora abordaremos sobre o papel da Biblioteca Escolar na inclusão dos estudantes com SD, assim como, no estímulo desde a tenra idade ao hábito da leitura.

Segundo a IFLA (2015, p. 36) “o papel educativo da biblioteca escolar deve refletir-se nas condições de seu espaço físico, mobiliário e nos equipamentos”, e a biblioteca escolar inclusiva exige atenção para algumas especificidades desse espaço quanto ao mobiliário e aos equipamentos, uma vez que atenderá estudantes com deficiências diversas, podendo ser de ordem física, sensorial, comportamental ou intelectual.

Portanto a desobstrução de barreiras é primordial na biblioteca inclusiva e o profissional bibliotecário deverá trabalhar para permitir acessibilidade a todos quantos dela necessitem. A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) 9050:2004 orienta

quanto às medidas corretas para o mobiliário e as distâncias adequadas que permitem o acesso livre desses estudantes. Apesar de ser importantíssimo o aspecto mobiliário, este trabalho analisará apenas os recursos humanos, o acervo e as ações promovidas para esse público.

Barros (2006, p. 147) diz que “a leitura quer em classe comum, quer em especial, pode ser considerada em duas situações: de tarefa e de entretenimento”. E a partir disso valorizar a história oral, promovendo leituras para entretenimento. Quando a autora cita classe especial e classe comum, refere-se há um tempo onde havia essa distinção, isto é, os alunos com deficiência estavam separados em escolas de ensino especial - unidades voltadas apenas às pessoas com deficiência, tipo APAE e Pestalozzi - mas hoje após as alterações nas políticas educacionais brasileiras, começando na Constituição (1988), a LDB (1996) a mais recente que é a Lei nº 13.146/2015, a qual estabelece a inclusão da pessoa com deficiência às salas regulares de ensino, essa distinção de classe comum e classe especial caem por terra (BRASIL, 2015).

Desta forma, tanto a Biblioteca Escolar como o Bibliotecário devem estar preparados, para atender esse usuário que faz parte do contexto escolar a partir a implementação dessas leis.

Barros salienta que esses alunos

precisam de oportunidades de leitura, desde que lhe sejam proporcionadas de forma adequada, com a responsabilidade consciente da seleção prévia pelo mediador, que deve resguardar a questão da individualidade, do interesse particular, do patamar intelectual e cognitivo, da faixa etária mental e cronológica de cada aluno, embora nenhum desses itens seja uma ‘camisa de força’ (BARROS, 2006, p.148).

O bibliotecário é peça fundamental na escolha dos recursos a serem disponibilizados para esse usuário em específico, pois ele deve proporcionar uma leitura prazerosa ao estudante; nada de buscar algo sem conhecimento prévio sem pensar as particularidades. Os estudantes SD apresentam idade mental diferente da idade cronológica, e o cognitivo se desenvolve lentamente.

Ao bibliotecário implica uma atuação mais dinâmica e criativa, buscando parcerias com os educadores, coordenadores e diretores, incentivando os alunos ao hábito da leitura, e ao uso contínuo da biblioteca como espaço de lazer.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

[...] ao bibliotecário escolar, visto como educador, cabe dedicar-se menos às atividades mecanizadas e muito mais a programas de incentivo à leitura, junto aos alunos, com o apoio dos outros educadores da escola, como os professores e os especialistas (SILVA, 1993, p. 79).

Deve haver uma predisposição para desenvolver atividades lúdicas e dinâmicas, além de preparar os ambientes - móveis, acervo, infraestrutura - adequada ao usuário infantil. As inovações tecnológicas e os novos meios de acesso à informação exigem do profissional bibliotecário a formação continuada, ou seja, a busca constante em aprimorar as habilidades e competências, independentemente do local de atuação desse profissional. E na biblioteca escolar não é diferente, mesmo porque as atividades pedagógicas e as particularidades dos estudantes requerem dessas profissionais habilidades para além da biblioteconomia.

Dias (2004) enfatiza que,

[...] as destrezas no uso das tecnologias de informação e comunicação devem ser aprendidas com o apoio de programas institucionais, bem como os processos de determinação das necessidades de informação, sua análise e sua reelaboração e disseminação à comunidade com a finalidade de produção de novo conhecimento – eis o grande desafio para a capacitação em serviço dos bibliotecários enquanto mediadores desse aprendizado nas bibliotecas brasileiras (DIAS, 2004, p. 2).

A exigência do profissional no Art. 3º permitirá que as determinações do parágrafo único se efetivem, uma vez que esse profissional foi preparado na sua formação acadêmica, a guardar, preservar e organizar os acervos, mas também para ir além do tecnicismo, pois estará em ambiente dinâmico, no qual lidará com a aplicação de ações voltadas à valorização humana, exigindo desse profissional perspicácia e domínio de outras áreas, tais como a Educação, Psicologia e a Antropologia.

Parágrafo único. Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares.

Art. 3º Os sistemas de ensino do País deverão desenvolver esforços progressivos para que a universalização das bibliotecas escolares, nos termos previstos nesta Lei, seja efetivada num prazo máximo de dez anos, respeitada a profissão de Bibliotecário, disciplinada pelas Leis nos

4.084, de 30 de junho de 1962, e 9.674, de 25 de junho de 1998 (BRASIL, 2010, grifo nosso).

Válio (1999, p. 22) define a biblioteca escolar como “uma faceta de toda atividade escolar e o bibliotecário é tanto um professor como os outros, como também um apoio e complemento para cada professor. O bibliotecário escolar é um professor, cuja disciplina é ensinar a aprender”. Justificando assim, mais uma vez a importância do trabalho em conjunto, e não apenas com os professores regentes, mas também com os professores de apoio – que tem por função atender os estudantes com deficiência.

Em tudo isso, percebe-se a relevância da biblioteca dentro do espaço escolar. Côrte e Bandeira (2011, p. 9) dizem que: “É a biblioteca escolar que cabe fazer nascer no aluno o interesse, germinar a curiosidade e fazê-lo voltar a outros livros. Essa é sua missão”. Pensa que responsabilidade! Para germinar o interesse, as ações, o acervo e o ambiente devem ter como centro as vontades, as curiosidades, e o fascínio que envolve cada estudante.

Santos ([2009], p. 5) afirma que os “licenciados devem ser preparados, e juntos com os alunos, cobrar bibliotecas mais dinâmicas com profissionais bibliotecários”, podendo assim, a biblioteca escolar integrar a aprendizagem dos estudantes, salienta a autora. O dia a dia na biblioteca escolar é algo desafiador, sendo necessária a busca de recursos por parte da escola, em disponibilizar capacitação aos profissionais que lidam direta ou indiretamente na educação desses estudantes com deficiência.

Barbosa (2008) diz que:

A biblioteca inclusiva é aquela que se dispõe a enfrentar, no seu cotidiano, o desafio de ajudar a minimizar as barreiras de pessoas que, por algum distúrbio orgânico se tornam especiais, requerendo recursos específicos para que possam aprender e exercer o seu direito de, como cidadãos, ter acesso à informação. A inclusão dos PNE's nas bibliotecas, tem se propagado rapidamente entre os bibliotecários. Entretanto, isto não quer dizer que o 'usuário especial' é uma realidade nas bibliotecas. A inclusão dos mesmos também é realizada através de políticas públicas, para que se construa um sistema de serviços especializados, inserindo-os na chamada sociedade da informação. (BARBOSA, 2008 apud MONTEIRO; CUNHA; LIMA, 2012, p. 7).

O profissional bibliotecário é um dos recursos indispensáveis na formação do

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

ambiente da biblioteca, e ele deve estar atento à sua influência na formação educacional dos usuários da biblioteca escolar.

A BE inclusiva “[...] Quebra-se barreiras com relação aos preconceitos da sociedade nessas atividades e também se nota, que apesar dos limites, cada indivíduo em especial é capaz de desenvolver suas potencialidades, bastando para isso ser estimulado” (DOMINGUES et al., 2006, p. 4). O ser humano é movido por estímulos, e por meio deles o comportamento pode ser alterado, transformado, e os estudantes com SD necessitam de estímulos desde a tenra infância para que possam desfrutar da vida em sociedade com mais autonomia.

Segundo Domingues et al. (2006, p. 4) as “atividades de leitura para portadores de necessidades especiais são importantes, pois contribuem para estimular as crianças, jovens e adultos, auxiliando em algumas dificuldades de aprendizagem”. O desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes SD se dá por meio das interações, as quais permitirão a elaboração e aquisição de conceitos.

Vygotsky (1998 apud MAFRA, 2008, p. 9) ressalta que “É enorme a influência do brinquedo no desenvolvimento de uma criança”. Os jogos pedagógicos constituem formas interativas de estimular a compreensão e a formulação de conceitos por parte das pessoas com SD. O autor coloca ainda a importância dos jogos nas transformações internas do desenvolvimento da criança.

Os jogos e brincadeiras são recursos pedagógicos influentes na aprendizagem do down. O quebra-cabeça, os jogos multimídia de associações, jogo da memória, brinquedos que incentivem a leitura, jogos de percepção espaço-forma. São inúmeros os recursos e muitos deles podem ser elaborados a partir de sucatas, exigindo pouco recurso financeiro, apenas a criatividade e o trabalho em conjunto entre bibliotecários e professores – regente e apoio.

Para que o profissional bibliotecário desenvolva com eficiência o seu papel, com relação ao SD, deverá buscar a formação continuada e em específico na educação especial inclusiva. As potencialidades desses usuários devem ser observadas e aperfeiçoadas, para que os estudantes descubram as suas habilidades e consigam memorizar conceitos, logo será seduzida pelo gosto a leitura.

3 CONCLUSÃO

O gosto pela leitura é algo que se desenvolve ao longo da vida. Esses estímulos deveriam ocorrer desde o ventre, com a leitura por parte dos pais à criança que está sendo gerada, possibilitando assim melhor desenvolvimento cognitivo e, isso não se restringe às crianças com deficiência, mas a todas que estão em fase de formação. Mas infelizmente, esse comportamento dos pais é pouco frequente na sociedade brasileira.

Ao proporcionar momentos de leitura para as crianças e jovens com deficiência, pais, bibliotecários, professores e todos que estiver envolvido nesse processo, precisam observar as limitações cognitivas e, proporcionar leituras que sejam significativas, ou ao menos se aproximam, da compreensão que possuem de mundo, a partir das suas vivências. Observamos que alguns teóricos, citados na discussão sobre a aprendizagem, orientam sobre a importância do material adaptado às pessoas com deficiência.

Verifica-se que há um fator indispensável para a Bibliotecária que trabalha na Biblioteca Inclusiva, que é a sensibilidade à necessidade do outro. O ambiente da Biblioteca tem que estimular a humanização, para que os usuários sintam-se parte desse espaço, o qual é de suma importância ao exercício da democracia e do respeito. Outro fator relevante apontado na pesquisa é o trabalho multidisciplinar, no qual envolve os profissionais da educação e a bibliotecária, por meio dos quais as ações culturais podem ser elaboradas e implementadas, visando sempre suprir às necessidades de aprendizagem desses sujeitos.

Os recursos visuais foram apontados como instrumento facilitador no ensino e na aprendizagem do SD. Desta forma, a Bibliotecária poderá criar de oficinas de fotografia, produção de vídeo, além de reproduzir vídeos da literatura infantil. Muitos são os meios de incluir esses estudantes no universo da Biblioteca, e fazer com que sejam agentes da sua própria aprendizagem.

Conclui-se que, a Biblioteca na perspectiva inclusiva tem muito a oferecer para os estudantes - tanto os com deficiência, como para os sem deficiência - que terão a oportunidade de desenvolver atividades culturais juntamente com os seus colegas, promovendo assim, a prática dos valores humanos. Mas, para isso, é imprescindível a formação continuada dos profissionais envolvidos nesse processo educacional do estudante dom SD. São grandes as chances de se alfabetizar os estudantes com deficiência intelectual, mas para que tal feito ocorra de fato, os profissionais terão que focar nas

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

potencialidades dos indivíduos, ao invés de pontuar a deficiência como barreira para alfabetização e conseqüentemente, ao hábito da leitura.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050** - Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro: ABNT, 2004. Disponível em: < <http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/legislacao/pessoa-deficiencia/norma-abnt-NBR-9050>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

BARROS, Maria Helena T. C. de. **De leitura, classes especiais e bibliotecas escolares**. In: _____; BORTOLN, Sueli; SILVA, Rovilson José da. Leitura: mediação mediador. São Paulo: FA, 2006. p. 147-155.

BISSOTO, Maria Luísa. Desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem do portador de síndrome de Down: revendo concepções e perspectivas educacionais. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 4, p. 80-88. mar. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212005000100009>. Acesso em: 18 jul. 2017.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da Republica Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988. **Planalto online**, Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 20 ago. 2016.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Ministério da Educação**, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2016.

BRASIL. Decreto nº 12.244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. **Planalto**, Brasília, DF, 24 maio 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112244.htm>. Acesso em: 20 out. 2016.

BUCKLEY, Sue; BIRD Gillian. Atender as necessidades educacionais dos alunos com síndrome de Down nas escolas secundárias convencionais. Notícias sobre Síndrome de Down e Atualização, n. 4, v. 1, p. 159-174, 1999. In: _____. **Down Syndrome Education on line**, Reino Unido, 2017. Não paginado. Disponível em: <<https://www.down-syndrome.org/practice/148/>> Acesso em: 19 ago. 2017.

BUCKLEY, S.J, BEADMAN, J, BIRD, G. Leitura e escrita para crianças com síndrome de Down (5-11 anos). Problemas e informações sobre síndrome de Down . 2001. In: _____. **Down Syndrome Education on line**, Reino Unido, 2017. Não paginado. Disponível em: <<https://www.down-syndrome.org/information/reading/childhood/>>.

Acesso em: 19 ago. 2017.

CHAPMAN, R.S; HESKETH, L.J. Linguagem, cognição e memória de curto prazo em indivíduos com síndrome de Down. Pesquisa e Prática de Síndrome de Down, n. 7, v. 1, p. 1-7, 2001. In:_____. **Down Syndrome Education on line**, 2017. Não paginado. Disponível em: < <https://www.down-syndrome.org/reviews/108/>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

COLL, César. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1994. 159 p.

CORTE, A. R.; BANDEIRA, S. P. **Biblioteca escolar**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2011.

DIAS, Maria Matilde Kronka et al. Capacitação do bibliotecário como mediador do aprendizado no uso de fontes de informação. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, p. 1-16, dez. 2004. ISSN 1678-765X. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2070/2200>>. Acesso em: 12 out. 2016.

DOMINGUES, Fernanda et. al. Atividade de leitura na educação especial: uso da biblioteca escolar e brinquedoteca. **Rev. ABC**, v. 11, n. 1, p. 221-232, jan./jul. 2006. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/479/611>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

IFLA. **Diretrizes da IFLA para a biblioteca escolar**. 2. ed. rev. [s.l.], 2015. Disponível em: < <https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/ifla-school-library-guidelines-pt.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

JATOBÁ, Carla Mercês da Rocha. **Eles conseguem**: um estudo sobre alfabetização em crianças com síndrome de Down. Natal, RN, 1995. 124 p. Dissertação (Mestrado em Educação)- Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

LOMÔNACO, José Fernando Bittencourt. A natureza da aprendizagem. In: RAPPAPORT, Clara Regina (Coord.). **Psicologia da aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1984. cap. 1, p. 1-7.

MAFRA, Sônia Regina Corrêa. **O lúdico e o desenvolvimento da criança deficiente intelectual**. Paraná: SEED, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2444-6.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

MARUNY CURTO, Lluís et al. **Escrever e ler**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

MONTEIRO, Jorge L. S; CUNHA, Karla R; LIMA, Roseneli. **O papel do bibliotecário**

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

como mediador da informação: o lúdico como fonte de disseminação da informação para pessoas com necessidades educacionais especiais. EREBD, Cariri, 2012. Disponível em: <
<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/download/2170/1422>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

MUSTACCHI, Zan. **Guia do bebê com síndrome de down**. São Paulo: Companhia Editora Nacional : Associação Mais 1, 2009. 56 p. Disponível em: <
http://www.ribdown.org.br/guia_do_bebe.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2016.

OMS. **Relatório mundial sobre a deficiência**. São Paulo: SEDPcD, 2011. Disponível em:
<http://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/usr/share/documents/RELATORIO_MUNDIAL_COMPLETO.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2017.

RUIZ, Emílio Rodríguez. **Adaptaciones curriculares individuales para los alumnos con Síndrome de Down**. Cantabria, Espanha : La Fundación Down Cantabria, 2008. Disponível em: <<http://www.downcantabria.com/articuloE8.htm>>. Acesso em 13 out. 2016.

SANTOS, Andréa Pereira dos. **Biblioteca e formação de professores ou a biblioteca na formação de professores**. [S.l. : s.n.], [2009]. Disponível em: <
http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem20/COLE_2407.pdf> Acesso em: 20 jan. 2017.

SILVA, E. T. A dimensão pedagógica do trabalho do bibliotecário. In: _____. **Leitura na escola e na biblioteca**. 4. ed. Campinas: Papirus, 1993.

VÁLIO, E.B.M. Biblioteca escolar: uma visão histórica. **Trans-in-formação**, v. 2, n. 1, p. 15-24, jan./abr. 1990. Disponível em: <periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/download/1670/1641>. Acesso em: 05 jun. 2017.

VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas: fundamentos de defectología**. Tomo V. Madrid: Visor, 1997.

WITTER, Geraldina Porto. Modelos behavioristas. In: RAPPAPORT, Clara Regina (Coord.). **Psicologia da aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1984. cap. 2, p. 9-28.

INTERDISCIPLINARIDADE E LETRAMENTOS VERNACULARES COMO PROPULSORES DAS PRÁTICAS DE LETRAMENTOS ACADÊMICOS: UMA EXPERIÊNCIA NO CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS

Limerce Lopes¹

Soraya Duarte²

Maria Cristina Carvalho³

1 INTRODUÇÃO

O conceito de letramento(s) está ligado ao modo como a escrita se insere no contexto das diversas práticas sociais de um grupo (KLEIMAN, 1995). Dessa maneira, a apropriação da leitura e da escrita não se restringe apenas ao contexto escolar ou acadêmico, pois os sujeitos, por estarem inseridos em variadas práticas sociais fora desses ambientes, apropriam-se da escrita segundo suas experiências e trajetórias (BARTON, 1994).

Nesse sentido, ao tratarmos do letramento acadêmico (LEA; STREET, 1998, 2006), é preciso entender que ensinar a leitura e a escrita de gêneros acadêmicos no contexto universitário não implica apenas uma habilidade autônoma, mas também uma inserção nas relações de poder desse contexto em confronto com as identidades e a história dos sujeitos participantes do processo.

Diante desses pressupostos, este artigo apresenta alguns resultados⁴ da sequência didática (doravante SD) relativa ao gênero relatório de visita técnica, elaborada a partir da

¹ Mestre em Letras e Linguística, Professora do Instituto Federal de Goiás (IF Goiano) – Campus Goiânia, e-mail: limercelopes@yahoo.com.br, Goiânia, GO.

² Doutora em Ciências da Saúde, Professora do Instituto Federal de Goiás (IF Goiano) – Campus Goiânia, e-mail: sorayabianca@gmail.com, Goiânia, GO.

³ Doutoranda em Linguística Geral, Professora do Instituto Federal de Goiás (IF Goiano) – Campus Goiânia, e-mail: macri_carvalho@yahoo.com.br, Goiânia, GO.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

parceria entre duas disciplinas que compõem a grade curricular do 1º período do curso de Letras – Português de uma instituição de ensino superior. Trata-se das disciplinas de Prática como Componente Curricular 1 (PCC1) e Leitura e Produção Textual (LPT). A primeira visa à integração entre os referenciais teóricos do currículo e o universo da profissão em Letras, favorecendo a participação em projetos integrados. O planejamento da disciplina prevê a realização de parcerias entre dois professores (nem sempre atuando com linhas de pesquisa afins), justamente para possibilitar a ampliação de saberes e de experiências interdisciplinares, isto é, a “integração” de referenciais teóricos.

Como a disciplina de PCC1 prevê a realização de projetos integrados a outras disciplinas, no segundo semestre de 2016 ela foi planejada de modo a contemplarmos o(s) conceito(s) de letramento(s) e seus desdobramentos. Para tal, organizamos oficinas teórico-práticas que promoveram a discussão sobre os diferentes espaços de fomento às práticas de letramentos, proporcionando aos discentes subsídios para realizar (a partir tanto das discussões teóricas quanto das vivências nas oficinas) suas práticas de sala de aula de forma efetiva. Assim, planejamos uma sequência de palestras e oficinas que abordam o letramento em suas diversas facetas – na música, na literatura, no cinema, nas artes visuais etc. –, sequência essa a ser realizada ao longo do semestre letivo.

Em concomitância a isso, os estudantes da disciplina de LPT tiveram contato com a leitura e produção de gêneros textuais acadêmicos como resumos, resenhas e fichamentos, dentre outros. Nessa disciplina, vislumbramos a possibilidade de superar uma prática pedagógica pautada na visão de que a aprendizagem dos gêneros textuais acadêmicos não resulta de habilidades individuais do aluno, mas sim de um processo de apropriação de práticas que o leve a

[t]er consciência de que tais práticas envolvem não apenas um processo de socialização à escrita, como também a incorporação de certos modos culturais de fazer e de dizer que se distinguem da oralidade e conduzem a mudanças nos modos de usar a linguagem, de interagir, de construir conhecimentos e a própria identidade [...]. (MATENCIO, 2009, p. 8).

Assim, durante o semestre letivo, propusemos alguns eventos de letramento articulados às disciplinas de PCC1 e LPT, para que os alunos se inserissem nas práticas de

⁴ Várias SDs nos moldes de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) foram elaboradas durante o segundo semestre letivo de 2016.

letramento específicas do meio acadêmico. Partindo da hipótese de que os alunos se apropriaram das práticas de letramento acadêmico com base na integração das práticas de letramento acadêmicos e vernaculares (STREET, 1993), proporcionamos a eles atividades que envolvessem a compreensão dos gêneros textuais acadêmicos a partir de eventos de letramentos vernaculares, sobretudo na visita técnica, para que, conseqüentemente, se apropriassem das práticas do letramento acadêmico de forma gradual.

O foco deste artigo é, portanto, a influência do trabalho interdisciplinar na apropriação de letramentos acadêmicos via letramentos vernaculares (BARTON, 1994; BARTON; HAMILTON, 1998; LEA; STREET, 1998, 2006; STREET, 1984, 2014). Para isso, analisamos os relatórios de visita técnica dos estudantes do primeiro período do curso de Letras no segundo semestre de 2016, produzidos em decorrência da visita a Pirenópolis-GO. A escolha desse gênero justifica-se pelo fato de que na visita técnica surgem vários eventos de letramentos vernaculares, visto que essa atividade pedagógica não ocorre no espaço acadêmico tradicional e, por isso, a possibilidade de integração das práticas de letramento é bem mais recorrente.

Nosso artigo é dividido nas seguintes seções: fundamentação teórica com apresentação dos pressupostos da interdisciplinaridade (referência) e dos letramentos ideológico e acadêmico (BARTON, 1994; BARTON; HAMILTON, 1998; LEA; STREET, 1998, 2006; STREET, 1984, 2014), referencial metodológico, análise dos dados e considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO A PARTIR DA ÓTICA DA INTERDISCIPLINARIDADE

Antes de começar a discutir o cerne do nosso trabalho, faz-se necessário discorrer sobre o “fazer” interdisciplinar, haja vista que a proposta deste artigo nasce do pressuposto apresentado pelo projeto do curso de Letras – Português para Estrangeiros como sua espinha dorsal: a integração de saberes, de conhecimento, de disciplinas. Partiremos primeiramente do conceito de interdisciplinaridade, a fim de construir uma metodologia que contemple os aspectos relevantes à prática interdisciplinar. Barbosa

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

(2004), após revisitar vários autores que tratam desse tema, reitera que a prática interdisciplinar deve antes provocar uma mudança de perspectiva no modo como o “objeto” será ensinado, isto é, a interdisciplinaridade exige que o educador perceba a totalidade dinâmica da realidade como “histórica” (isto é, em movimento) para que o conhecimento seja compreendido como algo dialético. Portanto, para Barbosa (2004, p. 39), a interdisciplinaridade consiste em

juntar os dispersos especializados, numa percepção de totalidade, de síntese [...] e não de soma. Nesse sentido, é um processo de apreensão da realidade que tende à desalienação, uma vez que exige apropriar-se da complexidade, da contradição, das formas concretas da produção da vida material e cultural, tudo isso, na movimentação histórica.

Barthes (1987) já afirmava que o fazer interdisciplinar constitui a criação de um objeto novo que não pertence a ninguém. Esse objeto novo é o “texto”, que apreende na sua constituição outras realidades históricas e é, conseqüentemente, interdisciplinar. Daí a importância da leitura de textos para a realização de projetos interdisciplinares.

É assim que a interdisciplinaridade traz ao âmbito das discussões educacionais uma nova forma de pensar nossas atitudes pedagógicas, tendo em vista que se abre uma nova perspectiva metodológica capaz de favorecer “novas formas de aproximação da realidade social e novas leituras das dimensões socioculturais das comunidades humanas” (FAZENDA, 2002, p. 14). Isto é, o olhar interdisciplinar exige que o professor busque possibilidades de múltiplas leituras na realização de suas práticas, para assim construir uma ação pedagógica calcada em movimentos constantes de idas e vindas, permeando as diversas áreas do conhecimento.

Uma prática que busque tal direção favorece múltiplos enfoques perante o objeto de conhecimento, e tal atitude modifica o modo como geralmente realizamos nossas ações em sala de aula. Daí que a promoção de projetos interdisciplinares requer uma atitude investigativa, de busca constante, pois o objeto a conhecer não se esgota em si mesmo, mas se deixa conduzir por outras direções.

A promoção das práticas interdisciplinares dá lugar a uma dialogização constante de movimentos, construções e reflexões diárias. Por isso é necessário buscar o diálogo, a troca de ideias, pois assim poderemos contribuir para a superação da fragmentação do saber. Apesar de importante, a interdisciplinaridade ainda é, para os professores, um

campo a ser explorado e desvendado, na medida em que exige que se privilegie o encontro com o novo, e tal atitude requer a metamorfose de metodologias já consagradas e constituídas na história de vida de cada sujeito-professor. Assim, romper com essas práticas culturais e históricas adquiridas ao longo da nossa formação é um desafio que decidimos enfrentar, na esperança de que essa parceria interdisciplinar auxilie no processo de formação dos nossos discentes.

2.2 LETRAMENTO

A título de recorte deste trabalho, escolhemos a abordagem ideológica, pois seus fundamentos estão em sintonia com os objetivos propostos por nossa pesquisa. Em primeiro plano, para se falar de letramento ideológico, é necessário estabelecer sua contraposição ao modelo autônomo, conforme a proposta de Street (1984). No letramento autônomo (LEMOS, 1983 apud KLEIMAN, 1995; MATTOS, 2004; SOARES, 1986 apud KLEIMAN, 1995), a aprendizagem da escrita é uma habilidade individual, desvinculada de um contexto de produção, ou seja, não se considera a influência do processo de interação entre os falantes, tampouco as interferências contextuais. Por outro lado, a abordagem ideológica entende o letramento como uma construção social e resultante das relações de poder. Portanto, faz parte das condutas sociais. Nesse sentido, o ambiente social é fortemente levado em conta, e isso provoca uma mudança no papel da oralidade e da escola no processo de letramento.

Street (2014) afirma que, sob a perspectiva ideológica do letramento, a visão sobre sociedades antes consideradas “não letradas” muda, pois nossa visão etnocêntrica ocidental superestima a escrita como a única fonte do saber e do conhecimento. Ao entender o letramento como uma prática social, percebe-se que as sociedades orais também são altamente letradas. Nesse caso, a função da escola, que era a de ser a principal agência de letramento, também é redimensionada. Street e Street (2014, p. 127) refletem sobre a importância atribuída à escola como agência de letramento no Ocidente em detrimento de outras, bem como sobre o fracasso escolar:

O letramento, portanto, não precisa ser associado com escolarização ou com pedagogia [...] se quisermos entender os ricos plenos significados das práticas letradas na sociedade contemporânea, a pesquisa precisa, ao

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

contrário, começar de uma concepção mais comparativa, mais etnograficamente fundamentada de letramento como práticas sociais de leitura e escrita e evitar juízos de valor acerca da suposta superioridade do letramento escolarizado com relação a outros letramentos.

Como foi exposto pelos pesquisadores, isso não quer dizer que a escola e a escrita perdem seu papel na concepção ideológica de letramento; essa visão apenas amplia o escopo com a consideração de práticas sociais que podem ser orais ou escritas, escolares ou não. Para Rios (2010), a coexistência de outras agências de letramento além da escola só fortalece o seu papel e contribui para ampliar as práticas sociais das comunidades.

Vinculadas à perspectiva ideológica, as contribuições de Barton (1994) também reforçam nosso arcabouço teórico-metodológico. A visão de letramento desse autor consiste numa abordagem integrada que abrange os componentes social, psicológico e histórico. Isso quer dizer que os letramentos ocorrem a partir da interação de tais componentes. Barton (1994) apresenta o conceito de *práticas de letramento*, que é a visão cultural do letramento em si, e amplia a ideia de *evento de letramento* de Heath (1982, 1983 apud KLEIMAN, 1995), que consiste no modo de proceder mediante uma situação real de letramento. Para Barton, os eventos, norteados pelas práticas de letramento, ocorrem em diversas esferas sociais e não são estanques. Isto é, eventos de letramento predominantes em um domínio social, como a família, podem surgir em outros, como a escola.

Nesse sentido, os eventos de letramento estão inseridos em variados contextos institucionais, e estes, de acordo com Barton (1994), moldam as práticas e os significados associados à leitura e à escrita. Em outras palavras, não é apenas no ambiente escolar que os letramentos ocorrem, uma vez que o aprendizado da leitura e da escrita é também cotidiano ou vernacular, e as práticas vernaculares influenciam também o modo como as pessoas irão se apropriar das práticas do contexto escolar ou acadêmico.

Ainda no escopo da abordagem ideológica do letramento, apresentamos algumas reflexões em torno dos letramentos acadêmicos que subsidiaram a geração e análise dos dados deste estudo. O termo *letramento acadêmico*, cunhado por Lea e Street (1998), contrapõe-se aos modelos de *habilidades de estudo* e de *socialização acadêmica*. O primeiro, assim como o modelo autônomo, vê a escrita e o letramento como habilidades individuais e cognitivas. Em outros termos, o aprendizado da leitura e da escrita dos gêneros textuais

acadêmicos ocorreria pelo mero contato com esses gêneros, uma vez que o estudante do ensino superior tem competência na leitura e na escrita, adquiridas na educação básica. O “insucesso” nas atividades do ensino superior se dá pelo “déficit” do aluno.

O segundo modelo, o da socialização acadêmica, envolve a aculturação a partir dos gêneros textuais aprendidos na academia, ou seja, o letramento se dá pela socialização, no ambiente acadêmico, das condições de produção e recepção dos gêneros e das regras do discurso acadêmico.

Por fim, o modelo de letramentos acadêmicos valoriza “a produção de sentido, identidade, poder e autoridade; coloca em primeiro plano a natureza institucional daquilo que conta como conhecimento em qualquer contexto acadêmico específico” (LEA; STREET, 2006, p. 158, tradução nossa). Segundo os autores, no modelo dos letramentos acadêmicos, a aprendizagem e aquisição dos letramentos no contexto acadêmico ocorrem por meio de práticas dinâmicas e situadas, levando em consideração as relações de poder entre pessoas, instituições e identidades sociais.

Bezerra (2012) questiona como (re)dimensionar o ensino dos gêneros textuais à luz dos letramentos acadêmicos, pois a visão de que o mero contato com as condições de produção e recepção dos gêneros acadêmicos proporciona a apropriação do conhecimento do gênero, tal como prevê a perspectiva de socialização acadêmica, não é suficiente para a produção de sentido e conhecimento. O questionamento desse autor é muito válido para nossa pesquisa, pois, de fato, como abordar pedagogicamente o gênero textual sem tratar dos seus aspectos formais e comunicativos?

Nesse sentido, voltamos às reflexões de Street (2014) de que o modelo ideológico não é uma negação das habilidades técnicas e cognitivas do processo de letramento, mas abrange e amplia as concepções dos letramentos. Em síntese, a concepção ideológica do letramento permite que os gêneros textuais sejam aprendidos em termos de aspectos formais e comunicativos. Contudo, além dessas dimensões, devemos compreender que as configurações dos gêneros textuais estão “encapsuladas em todos culturais e em estruturas de poder” (STREET, 2014, p. 172).

Desse modo, a prática pedagógica no contexto dos letramentos acadêmicos pode ser sistematizada a partir de projetos como os propostos por Lillis (2003) e Lea (2004), ambos citados por Lea e Street (2006), que privilegiam todas as dimensões dos letramentos. Para contemplar pedagogicamente todas essas facetas teóricas, o

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

instrumental das SDs (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97) tornou-se uma alternativa viável para nossa pesquisa, pois elas configuram “um conjunto de atividades organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero oral ou escrito”. Na seção de procedimentos metodológicos, descreveremos as etapas adotadas.

Para concluir esta seção, associamos as teorias de letramento supracitadas ao processo de formação de professores, na medida em que, além de as SDs contemplarem práticas de letramento acadêmico via gêneros textuais orais e escritos, nossos alunos também entraram em contato com a teoria de letramentos. Assim, consideramos que, ao se apropriarem das práticas de letramento acadêmico, eles também estão construindo a sua identidade docente, uma vez que o sentido das práticas e do conteúdo aprendido

[e]nvolve um princípio de continuidade entre as ações do aprendiz e aquilo que aprende, o que significa que o sujeito realiza movimentos concomitantes, transversais e longitudinais nesse processo, como forma de reorganização e reconstrução de sua própria experiência – e, em larga medida, na experiência coletiva – incrementando sua capacidade e habilidade para projetar o curso das experiências subsequentes. (MATENCIO, 2009, p. 9).

Desse modo, é possível alinhar-se à afirmação de que os letramentos constituem a nossa identidade (BARTON, 1994), uma vez que o professor em processo de formação, ao agregar sentido às teorias via letramentos, irá multiplicar e produzir conhecimento em sua prática docente futura.

Relacionando esses pressupostos ao objetivo desta pesquisa, acreditamos, portanto, que eventos de letramentos podem integrar práticas de letramentos vernaculares e acadêmicos e que essa integração proporciona aos alunos o aprendizado das práticas acadêmicas mais institucionalizadas, como a produção escrita de determinados gêneros. Com o referencial teórico estabelecido, apresentamos a seguir os pressupostos metodológicos.

3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

O aparato principal da pesquisa qualitativa, segundo Godoy (1995), estabelece o desenvolvimento da pesquisa a partir do contato e da interação do pesquisador com o campo de pesquisa, bem como da percepção dos participantes do contexto pesquisado. A

autora aponta que essa metodologia de pesquisa não se restringe a uma única modalidade. Flick (2009), por sua vez, afirma que na pesquisa qualitativa o objeto de estudo é fator determinante para a escolha do método e que o objeto de pesquisa também pode necessitar de metodologias complementares.

Como o objeto de estudo desta pesquisa é a observação da relação entre eventos e práticas de letramentos no gênero relatório de visita técnica, produzido em ambiente escolar, a modalidade de pesquisa qualitativa escolhida é a etnografia escolar. Esse método busca apresentar e analisar os dados a partir de várias perspectivas, o que Erickson (2004) chama de triangulação, conceito ideal para os propósitos desta pesquisa. Além disso, a conceitualização do letramento ideológico prevê uma abordagem etnográfica do letramento (BARTON; HAMILTON, 1998) e, por isso, a escolha desse aparato metodológico alinha-se com nossa opção teórica. Além da etnografia escolar, a pesquisa-ação também faz parte do aparato metodológico deste estudo, pois esse método, de acordo com Tripp (2005, p. 445), “é uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores, de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado dos seus alunos”. A escolha desse aparato relaciona-se com a teoria dos letramentos acadêmicos, visto que agregar sentido às práticas de letramento promove o desenvolvimento da autonomia e a emancipação dos sujeitos participantes da pesquisa.

Nossos dados foram extraídos dos relatórios de visita técnica produzidos pelos estudantes do 1º período de Letras no segundo semestre de 2016. Os relatórios foram elaborados como parte da avaliação da visita técnica que fizeram nos dias 29, 30 e 31 de março de 2017⁵ à cidade de Pirenópolis-GO. A razão pela qual escolhemos esse gênero para a análise está ligada à importância da visita técnica, definida por Costa e Araújo (2012, p. 1) como

[f]erramenta complementar de grande relevância para formação acadêmica já que permite aos alunos aperfeiçoar o que aprendem em sala de aula e aprimorar a compreensão “in loco” dos termos técnicos e conceitos observados na prática. A visita cria uma expectativa

⁵ Em outubro de 2016 iniciou-se um movimento de ocupação na instituição por parte dos estudantes e, posteriormente, uma greve de docentes e servidores técnico-administrativos que durou até dezembro. Por isso, o segundo semestre letivo de 2016 foi interrompido e retomado em janeiro de 2017, o que levou a visita técnica a ocorrer em março desse ano.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

motivadora e que busca instigar no aluno a ânsia do conhecimento cognitivo pós-visita, colaborando com a formação profissional do estudante, conscientizando-o quanto ao papel profissional junto à sociedade, incentivando-o ao exercício ético e responsável da profissão e facilitando a aproximação com a dinâmica do exercício profissional.

Além da sua relevância no processo de formação do profissional, a visita técnica também proporciona, a nosso ver, o contato com eventos de letramento relacionados aos letramentos acadêmicos e vernaculares, pois estudantes e docentes trocam experiências em outro espaço que não seja o acadêmico, o que gera a integração de diferentes tipos de conhecimento. O relatório de visita técnica é um registro escrito dessas experiências e, por isso, tornou-se foco desta análise.

Apresentamos agora um breve relato do planejamento da SD relativa ao gênero relatório de visita técnica que gerou nossos dados. Cumpre dizer que as etapas propostas por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) não foram executadas em uma única disciplina, o que reforça o caráter interdisciplinar da nossa ação.

A primeira etapa consistiu na apresentação da situação, em que os estudantes têm contato com a situação de produção do gênero textual e com o conteúdo do texto a ser produzido. Na disciplina de LPT, os alunos tiveram aulas teóricas sobre o gênero relatório de visita técnica e puderam compreender as condições de produção e recepção desse gênero. Concomitante a isso, as professoras de PCC1 orientaram os alunos sobre o conteúdo do texto a ser produzido, preparando-os para a visita técnica e recomendando que observassem todos os fatos ocorridos na visita e os relacionassem àquilo que aprenderam durante o semestre.

A etapa subsequente foi a de produção inicial, em que foi solicitado aos estudantes que produzissem, a partir de seus conhecimentos preliminares, um relatório da primeira visita técnica aos pontos turísticos de Goiânia. A professora de LPT corrigiu os textos e discutiu em sala aspectos relativos ao gênero, como linguagem, seleção lexical e mecanismos de coesão e coerência. Outro ponto abordado foi a necessidade de os alunos adotarem, no texto escrito, as normas de apresentação de trabalhos acadêmicos da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Todas essas estratégias foram associadas às questões de poder e identidade no contexto acadêmico e ao processo de formação de professores de língua portuguesa.

Por fim, os alunos realizaram a visita técnica acompanhados pelas professoras das duas disciplinas envolvidas, e em seguida tiveram sete dias para entregar o relatório. Dos dezesseis alunos matriculados, doze participaram da visita técnica e onze entregaram o relatório. Para fins de análise, selecionamos uma amostra de dois relatórios de alunas que frequentaram e participaram de todas as atividades do semestre, pois assim é possível estabelecer com mais precisão o alcance dos letramentos vernaculares nas suas práticas de letramentos acadêmicos, bem como o nosso projeto de intervenção. Na seção a seguir, apresentamos os resultados da análise.

4 ANÁLISE DE DADOS

Uma vez selecionados os dados, orientamos a análise a partir dos eventos de letramento registrados nos textos dos alunos. Selecionamos alguns trechos em que a relação entre os letramentos acadêmicos e vernaculares estava mais evidente no corpo dos textos (seção Anexos), à luz do arcabouço teórico-metodológico estabelecido.

O primeiro texto a ser analisado é o da aluna D. Ela apresenta o registro de vários eventos de letramentos, acadêmicos e vernaculares, que ocorreram durante a viagem a Pirenópolis. No primeiro parágrafo, discorre sobre a origem do nome da cidade: “Pyrenópolis (ortografia arcaica), posteriormente Pirenópolis, significa ‘a Cidade dos Pireneus’. Seu nome provém da serra que circunda a cidade que é a Serra dos Pirineus [...]”.

Notamos que a estudante se apropria de conhecimentos etimológicos e geográficos para introduzir o seu texto, advindos de leituras e pesquisas que fez para executar a atividade proposta. Na sequência, contudo, ela menciona conhecimentos locais para explicar a origem do nome da cidade visitada: “Segundo a tradição local, a serra recebeu este nome por haver na região imigrantes espanhóis, provavelmente catalães [...]”. Na construção “Segundo a tradição local”, a estudante aponta para o leitor a fonte do conhecimento, que são os relatos ouvidos pela turma durante a visita técnica, marcando também o evento de letramento vernacular que foi preponderante para a construção do texto. Além disso, o uso de “provavelmente” mostra uma imprecisão da informação transmitida no evento de letramento, uma vez que esta não tem origem em uma fonte escrita, mas sim oral.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

Contudo, isso não denota uma desvalorização da fonte oral do conhecimento por parte da estudante, uma vez que, nas aulas de PCC1, a concepção de letramento trabalhada alinha-se com uma visão de que as práticas de leitura e de escrita são complexas e, por isso, ambas devem ser consideradas no processo de letramento (STREET, 2014). Ao mostrar, portanto, a fonte oral, relativa a um evento de letramento vernacular, subsidiando sua escrita, a estudante demonstra que apreendeu o conteúdo de sala de aula.

No desenvolvimento do texto de D., observamos a recorrência da palavra “letramento”:

[...] foi então que fomos contagiados pela incrível beleza histórica e arquitetônica daquela cidade, em todo canto o letramento histórico e cultural se fazia presente. Já era hora de degustarmos a culinária de Pirenópolis, foi um almoço delicioso, é o letramento culinário em estado de perfeição.

Em seguida percorremos uma trilha e nos deparamos com inúmeras flores, cogumelos, frutas, a chuva nos fez companhia, (letramento meteorológico realmente nos pegou de surpresa).

Após essa grande exposição de letramento histórico encaminhamos para o letramento literário e aqui nossa personagem é uma humilde e maravilhosa senhora, Dona M., que nos contou sua sofrida história de vida, onde foi vítima de preconceito.

A rua do Rosário, Ponte do Rio das Almas fizeram parte do nosso trajeto, terminamos a visita desse segundo dia na rua Aurora praça do coreto onde um dia foi a igreja dos pretos, letramento histórico mais uma vez agregando valores e solidificando o nosso conhecimento.

A repetição da palavra “letramento” (“letramento histórico e cultural”, “letramento culinário”, “letramento meteorológico”, “letramento literário”) demonstra uma preocupação da estudante em mostrar para os leitores do seu texto, no caso, nós, as professoras, o quanto ela compreendeu o conceito de letramento. Além disso, o modo como nomeia os eventos de letramento aproxima-se das recomendações de Barton (1994) de que não há uma lista bem definida de letramentos e que suas categorias devem ser estabelecidas a partir dos seus propósitos no contexto social.

É válido dizer que a alternância entre os eventos de letramentos vernaculares e acadêmicos no texto em análise mostra que a estudante compreendeu que os letramentos

vernaculares e acadêmicos possuem propósitos diferentes, que aqueles se originam no cotidiano e estes têm um caráter institucional (STREET, 1993). Entretanto, ela estabelece relações com conhecimentos referentes aos eventos de letramentos vernaculares aos quais dá o mesmo valor que aos eventos acadêmicos, como no trecho em que menciona Dona M., uma senhora poetisa que visitamos em Pirenópolis. A estudante afirma que a experiência na casa de Dona M. foi uma inserção no letramento literário, ou seja, que a sua compreensão de literatura vai além do cânone literário.

Nesse sentido, é válido afirmar que o texto da aluna revela letramentos dispostos em redes – segundo a concepção de Barton (1994) –, assim como o são as demais práticas sociais humanas. Em outras palavras, a aluna mostra que os letramentos não estão isolados e são (re)significados a partir do valor dado a eles no contexto das instituições humanas (BARTON, 1994). Ao valorizar os letramentos vernaculares no processo da sua formação profissional, D. redimensiona o valor dos eventos de letramentos que normalmente não são prestigiados no contexto acadêmico, mas que, na disciplina de PCC1, possuem grande relevância, visto que o perfil do profissional que o curso de Letras em questão pretende formar pauta-se em “valorizar o processo de escrita e de leitura de diferentes gêneros textuais como forma de possibilitar a seus alunos a autonomia reflexiva” (XXX..., 2014, p. 18).

Em relação à seleção lexical do texto, nota-se, portanto, que a repetição da palavra “letramento” não é fortuita, pois a atividade proposta era avaliativa (parte da nota semestral) e, por estar inserida no contexto acadêmico, “coloca em primeiro plano a natureza institucional daquilo que conta como conhecimento em qualquer contexto acadêmico” (LEA; STREET, 2006, p. 158, tradução nossa). Ou seja, a repetição foi uma estratégia encontrada pela aluna para mostrar para nós, professoras e leitoras do seu texto, que ela compreendeu um conceito teórico abordado em sala de aula.

Em outras palavras, podemos afirmar que a aluna compreendeu a especificidade do letramento acadêmico, pois o gênero relatório de visita técnica não é um simples relato de uma atividade prática. Trata-se, na realidade, de um relato em que os estudantes devem refletir sobre a importância, como a própria aluna afirmou, da “mediação entre teoria e prática”. Destacamos também a escolha da palavra “mediação”, reforçando a apropriação dos conceitos teóricos estudados.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

Além disso, há outros aspectos no texto que nos remetem à integração entre os letramentos. Isso ocorre, por exemplo, no trecho em que a estudante faz menção ao autor Marcos Bagno:

E em seu lugar de fala ao saber que estava frente a uma turma de letras expressou; “é preciso mais pessoas que saibam falar o português correto”, frente a esse comentário meu pensamento retornou ao livro que lemos em nossa disciplina Leitura e Produção Textual, *Preconceito linguístico* de Marcos Bagno, sentimos na pele como a norma padrão é realmente uma questão política, social e ideológica.

Essa parte do texto faz referência à visita ao Santuário Vaga Fogo, cujo proprietário, o senhor E., reproduz perante a turma o preconceito linguístico que Bagno expõe no livro supracitado. Este foi trabalhado na disciplina de LPT e a estudante reflete sobre os conteúdos estudados, mas, ao afirmar que “a norma padrão é realmente uma questão política, social e ideológica”, estabelece uma rede com os conhecimentos aprendidos nas disciplinas do curso de Letras, não apenas em LPT e PCC1⁶.

Por fim, concluímos que a produção da estudante ultrapassa a socialização de um gênero acadêmico, o qual se torna “um ‘artefato’ escrito [...] essencial para a interação, porque integra a própria natureza da interlocução e do processo de produção de sentido” (MATENCIO, 2009, p. 8). Por meio dos eventos de letramentos, vernaculares e acadêmicos, a estudante inseriu-se, de modo efetivo, em uma prática de letramento acadêmico, pois há em todo o seu texto uma busca por sentido na visita técnica e na produção do relatório, tanto que ela encerra sua exposição refletindo sobre como a atividade proposta influirá na sua futura prática docente, alcançando os objetivos de aprendizagem por nós elaborados.

No relatório da estudante K., por sua vez, ela deixa bem claro, já de início, o objetivo da atividade, dando sentido à prática de letramento materializada por meio da produção do gênero relatório:

1.0 Introdução

Visitamos a Cidade de Pirenópolis, com o objetivo de integrar a teoria e a prática, numa perspectiva de formação humana. Lidando com os

⁶A grade curricular do 1º período inclui, além de LPT e PCC1, as disciplinas Introdução aos Estudos Literários; Introdução aos Estudos da Linguagem; Língua, Cultura e Identidade no Contexto Lusófono; História da Educação; Literatura Infantil e Juvenil.

diversos tipos de letramento fora do ambiente acadêmico, ampliamos nossa formação crítica e os diversos olhares acerca do tema letramento.

Visitamos os espaços culturais da cidade, que são tombados pelo IPHAN, casas de autóctones que são abertas à visitação e locais de preservação e sustentabilidade da natureza.

Assim como D., a aluna K. também manifesta no texto a apropriação dos conceitos de letramento como prática social e a inter-relação entre os letramentos. Ela explicita que essa visão de letramento contribuirá para sua formação profissional e a da sua turma.

Destacamos o enunciado “Lidando com os diversos tipos de letramento fora do ambiente acadêmico, ampliamos nossa formação crítica e os diversos olhares acerca do tema letramento”, no qual o ato de interagir em diversos eventos de letramento vernacular é o que causa a formação crítica do futuro professor. O uso do gerúndio poderia também ser associado à circunstância de tempo, mas a circunstância de causa contribui para o aumento da força argumentativa do texto e, conseqüentemente, a apropriação do gênero relatório de visita técnica, visto que a tipologia argumentativa tem papel relevante na constituição desse gênero.

Na sequência do trecho analisado, a estudante especifica os locais de visitação, mostrando que estes não fazem parte do ambiente acadêmico e que uma pessoa leiga não os compreenderia como um ambiente de aprendizagem. A especificação também ocorre em virtude das propriedades do gênero em questão. Além disso, destacamos a opção da estudante pela palavra “autóctones”, usada pela professora da disciplina Língua, Cultura e Identidade no Contexto Lusófono. Esse uso mostra que a estudante compreendeu que o conhecimento não é compartimentado em disciplinas, mas sim complementar a cada uma delas.

Por fim, o relatório de K., do ponto de vista estrutural, tem uma configuração diferente do da aluna D., pois foi dividido em seções, aproximando-se mais das normas de apresentação de trabalhos acadêmicos propostas pela ABNT do que o primeiro texto. Isso não significa, porém, uma apropriação maior das regras do discurso acadêmico, visto que o letramento acadêmico, no modelo teórico por nós adotado, implica que o letramento não é apenas uma aquisição de habilidades, mas também uma constituição dos sentidos das práticas de letramentos. Nos relatórios em análise, observamos que as alunas

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

conseguiram (re)significar os eventos de letramentos vernaculares associando-os aos eventos de letramentos acadêmicos, consolidando as suas práticas de letramento no âmbito acadêmico.

Nas seções seguintes do seu texto, a estudante K. relata as atividades ocorridas durante a visita técnica:

2.0 Dia I

[...] Terminamos o dia com a dinâmica do “Meu personagem favorito” e trocamos poesias com nossos colegas [...]. Na troca de poesia ganhei um Haicai da professora Maria Cristina, ela se inspirou em Drummond. É um poema escrito em linguagem simples, sem rima, estruturado em três versos que somam dezessete sílabas poéticas; cinco sílabas no primeiro verso, sete no segundo e cinco no terceiro. Levei o poema “Aula de português” do Carlos Drummond de Andrade, e dei para o M.

[...] Já era 11:20 e paramos para tomar um café. Que diga-se de passagem foi coado na hora. De lá passamos em algumas lojas de artesanato, que ficam na rua do lazer e fomos almoçar.

2.1 Dia II

Sáímos para a Cachoeira Bom Sucesso, chegamos lá por volta das 15:00 horas, erramos ao seguir o mapa, e tivemos que voltar um pouco no caminho para encontrar as cachoeiras. Ao final do dia estávamos exaustos.

Retornamos para a casa da Cida, tivemos o jantar temático “Anos 70”, que acabou se tornando um desabafo coletivo. A professora Soraya propôs uma dinâmica, você dava um bis e fazia um elogio para pessoa da sua esquerda e outro para o da sua direita. Terminou em choro.

É interessante observar que, no relato da estudante, os eventos narrados não são apenas os que ela própria considera como parte dos objetivos da visita técnica, como os museus. Considerando-se que o gênero relatório de visita técnica tem por propósito “a apresentação de experiências e registros técnicos” (KÖCHE; BOFF; PAVANI, 2015, p. 137), essas experiências irão contribuir para a formação profissional, pois o estudante, a partir delas, integrará teoria e prática nesse processo (FERREIRA, 2011).

Nesse sentido, as experiências mais marcantes relatadas por K. ocorreram de modo mais espontâneo, como o almoço e as reações às dinâmicas propostas pelas professoras. Isso tudo confirma, portanto, que o aprendizado e o letramento podem

ocorrer em eventos cotidianos que têm pouca relação com práticas do âmbito escolar/acadêmico. As visitas aos museus, igrejas ou casas de populares da cidade foram eventos de letramento que extrapolaram o ambiente de ensino formal, embora tenham sido planejadas com fins pedagógicos.

Já situações como as conversas na beira da piscina e a preparação das refeições pelos próprios estudantes não foram tão monitoradas pelas professoras durante a visita, mas ganharam significado profundo a ponto de serem registradas nos relatórios. Um dos modos, segundo Barton (1994, p. 167, tradução nossa), de incentivar os estudantes a compreender a visão de letramento como prática social é “fazê-los refletir sobre suas práticas cotidianas”. Fazer o registro escrito dessas práticas é, portanto, um modo de assimilar a teoria aprendida, por isso podemos afirmar que nossas atividades contribuem para a formação de professores e a apreensão das práticas de letramentos acadêmicos.

Na conclusão, a estudante K. retoma os eventos de letramentos vernaculares programados pela visita e reflete sobre como eles terão influência sobre sua vida acadêmica:

3.0 Conclusão

O objetivo de integrar a teoria e a prática, numa perspectiva de formação humana, foi concluído com sucesso, na busca por harmonia o grupo se envolveu, dividiu tarefas, debateu opiniões, tudo com o máximo respeito. A busca por agregar sabedoria ao grupo era desejo de todos, assim foi consenso o mútuo apoio e respeito [...] foi visualizado na prática todos os letramentos aprendidos em sala. Dentre eles vale citar, o letramento musical, que esteve presente nas músicas regionais em louvor ao Divino Espírito Santo, o letramento literário foi muito bem representado pela poetisa M., o letramento digital que esteve presente todo o tempo em gravações de áudios, vídeos e fotografias, e o letramento acadêmico que foi cobrado em relatórios e diários. Todos eles de algum modo alavancaram nosso conhecimento.

Como aprendizado para a vida social e acadêmica, fica a experiência de interdisciplinaridade, que foi muito bem trabalhada pelas professoras no decorrer do semestre. A organização e comprometimento delas, inspirou nós alunos a buscar também o equilíbrio na diversidade, e o respeito na convivência de tantas pessoas diferentes.

Torna-se evidente que a aluna divide suas reflexões entre a influência dos letramentos vernaculares na sua vida cotidiana e na de seus colegas e o modo como esses letramentos irão afetar a sua vida acadêmica. Como contribuição da visita técnica, ela cita

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

o trabalho interdisciplinar e como este irá interferir em sua prática docente e sua vida. De fato, dá maior destaque para a sua ação cotidiana, mas fica implícito que o trabalho interdisciplinar influenciou positivamente no seu percurso formativo.

Além disso, no texto de conclusão, a estudante K., assim como D., usa a palavra “letramento”, remetendo tanto aos letramentos vernaculares quanto aos acadêmicos. Observamos, portanto, que ela também compreendeu a especificidade do gênero relatório de visita técnica no contexto de sentido, poder e identidade do meio acadêmico. Desse modo, percebemos que as atividades planejadas no contexto interdisciplinar, que valoriza as práticas de letramentos vernaculares aliadas às práticas de letramentos acadêmicos, faz com que os alunos se apropriem mais e melhor destas últimas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados mostra que os eventos de letramentos vernaculares influenciaram o processo de apropriação das práticas de letramentos acadêmicos das estudantes. Os dois textos apresentados atendem satisfatoriamente ao gênero acadêmico relatório de visita técnica, pois o domínio desse gênero por parte dos alunos caracteriza-se pela capacidade de reflexão e associação entre teoria e prática. Além disso, as estudantes conseguiram apreender características formais e comunicativas concernentes ao gênero em análise.

Contudo, seu aprendizado foi além da aquisição dessas propriedades, pois elas também compreenderam que o domínio desse gênero – e dos outros gêneros acadêmicos aprendidos na disciplina de LPT – está inserido em um contexto em que as relações de poder e identidades são constituídas a partir do domínio das práticas de letramento. Suas escolhas lexicais, como o uso repetido mas consciente da palavra “letramento”, mostram que estavam atentas às leitoras do texto – as professoras – e que realmente compreenderam os conteúdos vistos em sala de aula. É válido afirmar que os demais estudantes que entregaram os relatórios também obtiveram resultado semelhante.

Nesse sentido, concluímos que o sucesso da turma perante a apropriação das práticas de letramentos acadêmicos deveu-se à parceria interdisciplinar na qual adotamos o referencial teórico do letramento ideológico, que contribuiu para o avanço do letramento acadêmico dos estudantes, mas também causou impacto no seu processo de

formação docente. O referencial metodológico da pesquisa-ação associado à perspectiva teórica adotada garantiu que os estudantes se conscientizassem da imensidão de práticas de letramento, além da apreensão da teoria (BARTON, 1994). No contexto atual, formar professores com essa visão tem caráter de urgência.

Por fim, os resultados deste estudo apontam que nossa ação como docentes cumpre com um compromisso de formar professores que entendem que a docência é “uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a serenidade” (FREIRE, 1996, p. 13).

Contudo, ainda há muito a ser pesquisado e ser feito nesse contexto. Não foram abordados neste artigo, por exemplo, os resultados longitudinais das práticas de letramento acadêmico dos estudantes colaboradores da pesquisa. Outro ponto que pode motivar o desenvolvimento de futuras pesquisas é analisar os impactos dos letramentos vernaculares na apropriação das práticas de letramentos acadêmicos em outros gêneros acadêmicos e com turmas vindouras do curso de Letras. Em suma, o aprendizado que nós, docentes, tivemos a partir dessa parceria aprimorou bastante nossa prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, S. C. **Interdisciplinaridade na escola**: validade e exercício a partir de oficinas. 2004. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2004.

BARTHES, R. **O rumor da língua**. Lisboa: Edições 70, 1987.

BARTON, D. **Literacy**: an introduction to the ecology of written language. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

BARTON, D. Literacy practices. In: BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIČ, R. **Situated literacies**: reading and writing in context. London: Routledge, 2000. p. 7-15.

BARTON, D.; HAMILTON, M. Understanding literacy as social practice. In: _____ (Ed.). **Local literacies**: reading and writing in one community. London: Routledge, 1998. p. 3-22.

BEZERRA, B. G. Letramentos acadêmicos na perspectiva dos gêneros textuais. **Fórum**

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

Linguístico, Florianópolis, v. 9, n. 4, p. 247-258, out./dez. 2012.

COSTA, M. N. M. G.; ARAÚJO, R. P. A importância da visita técnica como recurso didático metodológico: um relato na prática do IFSertão Pernambucano. In: CONGRESSO NORTE NORDESTE DE PESQUISA E INOVAÇÃO, 7., 2012, Palmas. **Anais...** Palmas, 2012. Disponível em: <<http://propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/view/1335/2166>>. Acesso em: 8 jul. 2017.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

FAZENDA, I. C. A. **Dicionário em construção**: interdisciplinaridade. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FERREIRA, C. A. M. **Manual prático para elaboração de relatórios de visita técnica**. Curitiba: Centro Estadual de Educação Profissional, 2011.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

XXX. **Projeto Pedagógico – Licenciatura em Letras**: Língua Portuguesa. Goiânia, 2014.

KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KÖCHE, V. S.; BOFF, O. M. B.; PAVANI, C. F. **Prática textual**: atividades de leitura e escrita. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LEA, M.; STREET, B. Student writing in higher education: an academic literacies approach. **Studies in Higher Education**, v. 23, issue 2, p. 157-173, Jun. 1998. Disponível em: <<https://www.kent.ac.uk/teaching/documents/qualifications/studwritinginhe.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

LEA, M.; STREET, B. The “academic literacies” model: theory and applications. **Theory Into Practice**, v. 45, n. 4, p. 368-377, Fall 2006.

MATENCIO, M. L. M. Estudos do letramento e formação de professores: retomadas, deslocamentos e impactos. **Calidoscópio**, v. 7, n. 1, p. 5-10, jan./abr. 2009.

MATTOS, C. L. G. (Org.). **Etnografia na educação**: textos de Frederic Erickson. Tradução de Carmen Lúcia Guimarães de Mattos. Rio de Janeiro: NetEdu, 2004.

RIOS, G. V. Considerações sobre letramento, escolarização e avaliação educacional. In: RESENDE, V. M.; PEREIRA, F. H. (Org.). **Práticas socioculturais e discurso**: debates transdisciplinares. Covilhã: Livros LabCom, 2010. p. 77-107.

STREET, B. V. (Ed.). **Cross-cultural approaches to literacy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

STREET, B. V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

STREET, B. V. Oralidade e letramento como construtos ideológicos: alguns problemas em estudos transculturais. In: _____. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. p. 89-113.

STREET, B. V.; STREET, J. A escolarização do letramento. In: _____. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. p. 121-143.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, p. 443-466, 2005.

ANEXOS

TEXTO 1 – D. G. M.

Relatório de visita técnica-Pirenópolis

Pyrenópolis (ortografia arcaica), posteriormente Pirenópolis, significa "a Cidade dos Pireneus". Seu nome provém da serra que circunda a cidade que é a Serra dos Pirineus. Segundo a tradição local, a serra recebeu este nome por haver na região imigrantes Espanhóis, provavelmente catalães e esse é o destino escolhido para a nossa visita técnica. Partimos de Goiânia rumo a cidade Histórica ao raiar do sol e no caminho a paisagem nos causava surpresa a cada quilometro percorrido. Por volta das dez da manhã chegamos no portal de Pirenópolis, pausa para fotos oficial, em seguida descemos a ladeira e nos acomodamos na casa de dona Cida, (local que escolhido para hospedar toda a turma e professores). Um sentimento de apreensão nos sondava naquele momento, pois a dúvida sobre o dinheiro depositado que nos manteria na

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

viagem pairava sobre as cabeças de cada um, fomos ao banco e sacamos o crédito. Enfim nossa viagem começou!

Na saída do banco percorremos algumas das principais ruas de Pirenópolis e foi então que fomos contagiados pela incrível beleza histórica e arquitetônica daquela cidade, em todo canto o letramento histórico e cultural se fazia presente. Já era hora de degustarmos a culinária de Pirenópolis, foi um almoço delicioso, é o letramento culinário em estado de perfeição. Seguindo o nosso roteiro pegamos o ônibus e fomos para o Santuário Vaga fogo, Evandro nos recepcionou de maneira atenciosa, expondo em seu discurso o seu conhecimento a cerca da biodiversidade que nos rodeava, Evandro enfatizou a necessidade da sustentabilidade, da preservação do cerrado, da variedade frutífera e dos diferentes mamíferos que compõem aquele bioma. Evandro em seu lugar de fala ao saber que estava frente a uma turma de letras expressou; “é preciso mais pessoas que saibam falar o português correto”, frente a esse comentário meu pensamento retornou ao livro que lemos em nossa disciplina leitura e produção textual, Preconceito linguístico de Marcos Bagno, sentimos na pele” como a norma padrão é realmente uma questão política, social e ideológica.

Em seguida percorremos uma trilha e nos deparamos com inúmeras flores, cogumelos, frutas, a chuva nos fez companhia, (letramento meteorológico realmente nos pegou de surpresa). Nessa viagem foram vários momentos de confraternização onde nos emocionamos muito. No dia seguinte orientados pelo funcionário da prefeitura, Rodrigo fomos a Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário de Pirenópolis, onde ficamos a par da história daquele lugar, da religião católica predominante na cidade, do surgimento da cidade, seu estilo arquitetônico, até chegar no momento difícil que viveu toda a cidade de Pirenópolis que foi o incêndio que aconteceu em 2002, a qual a igreja teve que passar por um processo de restauração. Após essa grande exposição de letramento histórico encaminhamos para o letramento Literário e aqui nossa personagem é uma humilde e maravilhosa senhora, Dona Marieta que nos contou sua sofrida história de vida, onde foi vítima de preconceito. A partir do sofrimento de Dona Marieta, e do canto e a alegria de um sabiá que cantava em sua casa, houve o despertar para escrever seus lindos poemas, o que fez dela uma respeitada poetiza em Pirenópolis. A rua do Rosário, Ponte do Rio das Almas fizeram parte do nosso trajeto, terminamos a visita desse segundo dia na rua Aurora praça do coreto onde um dia foi a igreja dos pretos, letramento histórico mais uma vez agregando valores e solidificando o nosso conhecimento.

No terceiro e último dia fomos até a Igreja do Bonfim que não estava aberta para visitação, em seguida seguimos para o Museu das Cavalhadas, recebidos por dona Célia, filha de Maria Eunice Pereira e Pina, mergulhamos nas histórias e culturas daquele povo. Por fim adentramos a rua do lazer, almoçamos e seguimos viagem de volta para Goiânia no caminho uma pausa para contemplarmos a Salto de Corumbá. Nessa viagem cheguei a conclusão de como é importante para nós como futuros educadores exercer essa medição entre teoria e prática, a proposta de interdisciplinaridade exercitadas pelas professoras [...] foi de grande contribuição para o nosso aprendizado e também para exemplificar, como nos futuros professores podemos construir uma ponte sólida para o conhecimento mútuo entre alunos e professores.

TEXTO 2 – K. C. A.

2.0 Introdução

Visitamos a Cidade de Pirenópolis, com o objetivo de integrar a teoria e a prática, numa perspectiva de formação humana. Lidando com os diversos tipos de letramento fora do ambiente acadêmico, ampliamos nossa formação crítica e os diversos olhares acerca do tema letramento.

A visita a cidade teve duração de três dias, saímos de Goiânia 08:00 horas da manhã do dia 29 de março e retornamos dia 31 de março às 16:00 horas. Visitamos os espaços culturais da cidade, que são tombados pelo IPHAN, casas de autóctones que são abertas à visitação e locais de preservação e sustentabilidade das natureza.

Tivemos contato com outras culturas, principalmente de cunho religioso, arquiteturas centenárias, e por meio não formal exercitamos o que havíamos aprendido em sala de aula e contextualizamos nossos aprendizados por meio de relatórios.

2.0 Dia I

Saímos de Goiânia 08:00 Horas da manhã e chegamos em Pirenópolis às 10:00 Horas. A cidade fica 127 km de distância da capital do estado. Paramos no portal Receptivo de Pirenópolis – Teodorico Pereira “Seu Ico” que foi inaugurado em fevereiro de 2010. O local permanece aberto de segunda a sexta das 08:00 às 18:00 Horas e aos domingos das 08:00 às 15:00 Horas, com apenas dois funcionários.

Seguimos para a casa da Cida, que foi nosso local de hospedagem nos três dias que ficamos na cidade, ela fica fora do centro histórico, deixamos nossas malas e partimos para o Banco, para sacarmos o dinheiro do auxílio. Saímos do Banco cerca de 11:20 e seguimos a pé para o Centro de Atendimento ao turista, no caminho passamos pelo Centro histórico, a rua da Direita, o Cine Pirineus, a Igreja Nossa Senhora do Rosário, o teatro Pirenópolis (que está em reforma), e visitamos algumas lojas de artesanato.

Almoçamos por volta de 12:40 no restaurante SPETTUS. De lá voltamos para a casa da Cida, e seguimos para a Reserva Ecológica Vagafogo. A reserva fica a 6km de distância de Pirenópolis. É uma reserva particular de patrimônio natural, criada em 1990 para promover a educação ambiental, o ecoturismo e a produção sustentável de alimentos. O local conta com um quadro de 5 funcionários durante a semana, mais 5 no fim de semana, fora a família que também trabalha na reserva, e eles atendem cerca de 200 pessoas por fim de semana. Falam além do português, francês e inglês.

Eles oferece Brunch das 09:00 às 16:00 Horas, trilha pela mata com duração de cerca de uma hora, atividades de aventuras. Além de produzir de forma artesanal cerca de 70 produtos. Quem nós recebe é o Senhor Evandro o proprietário da reserva. Ele conta como foi começar uma reserva a 25 anos atrás, ele teve dificuldade em lidar com a terra. É necessário ter domínio da natureza, ter o país na mão é saber o nome de cada espécie nativa, de cada fruta que podemos colher no cerrado. Mesmo que não tenhamos contato direto com o Cerrado devemos ter orgulho da nossa diversidade ecológica.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

Por volta de 18:30 já estávamos de volta à casa da Cida, passamos no Supermercado e compramos os itens que faltavam para o jantar.

Terminamos o dia com a dinâmica do “Meu personagem favorito” e trocamos poesias com nossos colegas. Meu personagem favorito são as mulheres de Charles Bukowski, a professora [...] foi de Frida Kahlo, a [...] levou uma lupa para definir o personagem dela. Na troca de poesia ganhei um Haicai da professora [...], ela se inspirou em Drummond. É um poema escrito em linguagem simples, sem rima, estruturado em três versos que somam dezessete sílabas poéticas; Cinco sílabas no primeiro verso, sete no segundo e cinco no terceiro. Levei o poema “Aula de português” do Carlos Drummond de Andrade, e dei para o M..

2.1 Dia II

Acordamos 07:00 Horas da manhã e saímos por volta de 08:00 Horas para visitação do Centro Histórico. Agora guiada, pelo Luís e Rodrigo. Encontramos os guias na prefeitura e começamos pela Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário a igreja pegou fogo em setembro de 2002, e agora   mesclada com a igreja dos pretos que foi demolida em 1940. O interessante   que os negros não tinham permissão para comungar na matriz, após a aboli o da escravatura, os negros passaram a comungar na igreja do Bonfim que   a igreja do trabalhador. Como estamos na quaresma a Santa que fica na igreja está vestida com um manto roxo, pois está de luto, a escultura da Santa   assinada por Veiga Vale. A igreja cobra um valor de R\$2,00 na entrada, e   proibido tirar fotos com flashes para não danificar as obras. Na porta da igreja fica um Senhor que faz desenhos da cidade o Mirim Santos. Aqui quem nos acompanhou foi o Luís.

Seguimos de l  para a rua da Direita, daqui para frente quem nos acompanha   o Rodrigo e l  descobrimos que as pedras de Pirenópolis são datadas de 1970,   mito quando dizem que foram os escravos que as colocaram.   a IPHAN, Instituto do Patrim nio Histórico e Artístico Nacional, que mant m as casas com as mesmas fachadas, os proprietários podem apenas fazer pequenos reparos, como pintura.

Passamos pela casa da comissão exploradora do planalto central do Brasil, a missão Cruls instituída em 17 de maio de 1892, tinha como finalidade escolher e demarcar o local para a constru o de Brasília.

Seguimos para a ponte P nsil Dona Benta, construída com madeira ip . Foi inaugurada em 2005, a primeira ponte foi levada por uma enchente na década de 80. Ela liga o centro ao bairro do Carmo, e foi construída apenas para trânsito de pedestre.

Conhecemos a poetiza, escritora e contadora de causos Marieta de Souza, que sofreu muito com o preconceito racial, e depois de se separar do marido, começou a escrever suas frustra es amorosas. Ela nos contou histórias regionais e recitou dois poemas de sua autoria.

Na saída da casa de Marieta passamos pela meia ponte, ela fica sobre o Rio das Almas e tem esse nome devido a uma enchente que derrubou parte de sua estrutura. Subimos a rua em dire o a Praça do Coreto, onde deveria estar a igreja dos pretos, a popula o negra da cidade era proibida de frequentar as outras igrejas devido a segrega o racial. Foi construída em 1743 e demolida em 1944 por ordem da autoridade diocesana. Hoje a praça   um memorial.

Já era 11:20 e paramos para tomar um café. Que diga-se de passagem foi coado

na hora. De lá passamos em algumas lojas de artesanato, que ficam na rua do lazer e fomos almoçar.

Sáímos para a Cachoeira Bom Sucesso, chegamos lá por volta das 15:00 Horas, erramos ao seguir o mapa, e tivemos que voltar um pouco no caminho para encontrar as cachoeiras. Ao final do dia estávamos exaustos.

Retornamos para a casa da Cida, tivemos o jantar temático “Anos 70”, que acabou se tornando um desabafo coletivo. A professora [...] propôs uma dinâmica, você dava um bis e fazia um elogio para pessoa da sua esquerda e outro para o da sua direita. Terminou em choro. Trocamos lembranças, eu ganhei um copo de shot da [...] e dei um colar de Agatha para o T..

2.2 Dia III

Começamos esse dia também às 07:00 Horas, estávamos já desanimados e cansados de tanto andar.

O ônibus do Instituto Federal nos deixou na porta da igreja do Bonfim, que é a igreja do trabalhador. Construída entre 1750 e 1754 também é mesclada com parte da igreja dos pretos. Vimos pessoas na porta da igreja rezando, é costume local pedir a benção do Senhor do Bonfim antes de viagens, casamentos e de algumas manifestações folclóricas-religiosas. E ao retornar também. A igreja é aberta à visitação de quarta a segunda das 12:00 às 18:00 Horas, cobra uma taxa de R\$ 2,00 por pessoa. É um edifício particular, propriedade da Diocese de Anápolis. Ela estava fechada.

Então seguimos para o Museu Rodas do Tempo, inaugurado em 2010, recebe o público de sexta a domingo 10:00 às 20:00 Horas, cobra taxa de R\$5,00 por pessoa. Com cerca de 200 peças o museu reúne bicicletas, motocicletas e scooters, além de brinquedos e réplicas, faz uma retomada histórica pela evolução das motocicletas de 1920 a 1980. Todo o acervo está dividido em cinco salões, sendo hoje uma das maiores coleções particular de veículos antigos do Brasil.

Chegamos no Museu das Cavalcadas que fica na rua da Direita, por volta de 10:35. Quem nos recebeu foi a Senhora Celia, responsável pela manutenção do museu, desde que sua mãe Maria Eunice morreu, o museu fica em sua casa, foi fundado em 1992. Abre todos os dias das 08:00 às 20:00 Horas. Cheio de ornamentos, roupas coloridas, fotos, livros, selos e cartazes, o museu conta um pouco da história das Cavalcadas uma encenação entre a luta dos Mouros e Cristãos que acontece na tradicional festa do Divino Espírito Santo. Ela contou que os irmãos dela criavam o figurino, as máscaras de boi e onça são feitas de papel mache. A Cavalcada tem 12 dias de festa, ela também falou das bandas que saem pela cidade tocando, e os mascarados que saem causando alvoroço.

E por último visitamos a casa da câmera e cadeia, ela segue um modelo arquitetônico, onde no piso superior funcionava a câmera e no térreo a cadeia. Inaugurado em 2009 hoje lá funciona o museu do Divino, conta a história da festa do Divino Espírito Santo, possui em seu acervo peças de roupas, fotos e vídeos, com ênfase nas cavalcadas. Ele fica na avenida Beira Rio e é cobrado uma taxa de R\$2,00 para visitação.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

3.0 Conclusão

O objetivo de integrar a teoria e a prática, numa perspectiva de formação humana, foi concluído com sucesso, na busca por harmonia o grupo se envolveu, dividiu tarefas, debateu opiniões, tudo com o máximo respeito. A busca por agregar sabedoria ao grupo era desejo de todos, assim foi consenso o mutuo apoio e respeito.

As visitas foram concluídas em sua maioria, e foi visualizado na prática todos os letramentos aprendidos em sala. Dentre eles vale citar, o letramento musical, que esteve presente nas músicas regionais em louvor ao Divino Espírito Santo, o letramento literário foi muito bem representado pela poetiza Marieta, o letramento digital que esteve presente todo o tempo em gravações de áudios, vídeos e fotografias, e o letramento acadêmico que foi cobrado em relatórios e diários. Todos eles de algum modo alavancaram nosso conhecimento.

Como aprendizado para a vida social e acadêmica, fica a experiência de interdisciplinaridade, que foi muito bem trabalhada pelas professoras no decorrer do semestre. A organização e comprometimento delas, inspirou nós alunos a buscar também o equilíbrio na diversidade, e o respeito na convivência de tantas pessoas diferentes.

JOGOS LITERÁRIOS NA BIBLIOTECA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DA BIBLIOTECA DO IF GOIANO - CÂMPUS TRINDADE

Andreia Cristiane de M. Acáz¹

Hevellin Estrela²

Johnathan Pereira Alves Diniz³

1 INTRODUÇÃO

Estimular a leitura nos dias atuais não é algo fácil, pois devido às redes sociais e todas as tecnologias disponíveis, fazer com que os alunos se interessem pela leitura, independente do suporte é algo que está se tornando um grande desafio. O leitor atual é dotado de multiplicidades, que “navega nas arquiteturas líquidas e alineares da hipermídia no ciberespaço, espaço este constituído do conjunto de redes de computadores interligados por todo o planeta” (SANTAELLA, 2013, p. 28). O espaço não está mais fixo e os leitores também não. A leitura ganhou novos contornos, ficou dinâmica e possibilita formas de interação que nunca imaginaríamos que fosse existir algum dia.

Diante do limiar dos leitores atuais, sendo aqueles que interagem com diversas leituras a todo e qualquer lugar e tempo, a biblioteca do Instituto Federal Goiano - Câmpus Trindade iniciou em 2017 o projeto intitulado Jogos Literários, que tem o intuito de desenvolver, estimular e incentivar o gosto e o prazer pela leitura e pela escrita de forma lúdica e prazerosa por meio de metodologias diferenciadas e que proporcionem o crescimento intelectual do aluno. E seus objetivos específicos são: promover o incentivo à

¹ Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Goiás. Tem experiência em atendimento ao público e é idealizadora do projeto. É servidora do Instituto Federal Goiano (IF Goiano), e-mail: andrea.acaz@ifgoiano.edu.br.

² Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás. Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Goiás, e possui ampla experiência em bibliotecas universitárias. É servidora do Instituto Federal Goiano (IF Goiano), e-mail: hevellin.estrela@ifgoiano.edu.br.

³ Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Graduado em Biblioteconomia (UFG), possui experiência em gestão de bibliotecas. É servidor do Instituto Federal Goiano (IF Goiano), e-mail: bibliojohn@hotmail.com.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

leitura e a literatura; incentivar a formação de leitores; atrair os alunos a visitar a Biblioteca; valorizar a biblioteca e o acervo literário; estimular a produção de textos; utilizar diferentes linguagens como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias; ampliar o vocabulário, as experiências de leitura; oportunizar aos estudantes o acervo de inúmeras obras literárias de variados autores, buscando sempre, ampliar seus conhecimentos e suas capacidades criativas.

O projeto foi desenvolvido para os estudantes do Ensino Médio, pois no ano da realização (2017), o Câmpus Trindade ainda não contava com alunos de cursos superiores. Como a partir de 2018, a unidade contará com estudantes de graduação e devido ao sucesso do Projeto, o mesmo será executado abarcando tanto estudantes do Ensino Médio, quando dos Cursos Superiores.

Assim, “o leitor torna-se um dos atores de uma escritura a muitas mãos ou, ao menos, encontra-se na posição de constituir um texto novo a partir de fragmentos livremente recortados e reunidos”. Podendo intervir a qualquer momento nos textos, o leitor pode “modificá-los, reescrevê-los, torná-los seus” (CHARTIER, 2002, p. 42-43).

Atividades onde os leitores terão que realizar jogos, desafios, brincadeiras. Tudo relacionado ao mundo literário. A ideia é, por meio de jogos literários, criar o prazer da leitura de forma que o livro faça parte da vida do aluno não só durante as aulas. É através da leitura que o indivíduo “pega gosto” pela formação de textos, querendo que todos leem o que escrevem. O mundo é bom, mas com a leitura, ele torna-se melhor ainda.

2 SOBRE LEITURA E O LEITOR

A leitura surgiu da necessidade de comunicação e compreensão dos povos que tentavam desvendar os segredos das figuras, das escritas hieroglíficas, entre outras expressões populares. Na antiguidade, a aprendizagem da leitura era destinada apenas aos homens com fins de leitura própria dos documentos destinados a classe dominante. Assim, os responsáveis pela leitura e escrita eram os escribas reais que pertenciam à casta de técnicos (clérigos) que dependiam do poder para exercer suas funções.

Freire (2008) declara: “a leitura de mundo precede a leitura da palavra.” Para o autor, leitura está primeiramente relacionada ao mundo, a todas as experiências do indivíduo, desde as mais simples como brincar embaixo de árvores quando criança até as

mais complexas, como perceber como o mundo gira e funciona ou compreender o sistema em que estamos inseridos. Geralmente, primeiro aprende-se a ler, só depois se aprende a escrever, e a ausência do conhecimento do ato de escrever não impede o leitor de viajar pelas leituras que fazia até então e que continua a fazer nos dias atuais, assim age um amante da palavra escrita e de seu sentido no texto.

Muitos leitores habitam nos livros, as leituras são influenciadas por alguém. Manguel (2009) discorre sobre a visão, pois segundo o autor, a leitura começa pelos olhos, uma vez que quando vemos um texto lembramo-nos dele melhor do que quando o ouvimos. De acordo com Diniz (2017), podemos compreender leitura como processo de percepção e compreensão do mundo que cerca o sujeito. É o ato de interpretar e trazer sentido ao convívio do leitor. Ler é “experimental, vivenciar o mundo, se apropriando de conhecimentos internalizados no indivíduo para interagir nas diversas formas em que a leitura se apresenta” (DINIZ, 2017, p. 16).

Até meados da Idade Média, apenas uma minoria da população sabia ler, por isso as leituras públicas eram comuns. As leituras eram controladas para evitar que as pessoas obtivessem um conhecimento por meio da escrita e se tornassem autônomos, livres e atuantes numa sociedade na qual somente os poderosos davam ordem, controlavam a vida de toda a sociedade. Desde cedo, os “letrados” notavam que o ato de ler transmitia uma visão ampla do mundo aos leitores, domínio de argumentação, poder, influenciando diretamente e indiretamente na sua ação e atitude, independente do período da história vivenciado por seres humanos que ansiavam a liberdade e o livre arbítrio. Ler em voz alta não era um ato individual, mas coletivo. A escolha do texto a ser lido tinha de ser aceito pelo leitor e seu respectivo público, agradável aos ouvidos de todos.

Burke (2003) afirma que com a invenção da imprensa, a informação e o conhecimento passaram a ser disponibilizados para um maior número de pessoas. As informações estavam registradas em livros e disponibilizadas nas bibliotecas, que se tornaram centros do saber humano. O autor afirma ainda, que a história da leitura teve grande importância nessa época devido ao que ele denomina de “leitura extensiva”, que “em outras palavras, folhear, passar os olhos e consultar” (BURKE, 2003, p. 161).

Martins (1994) discorre sobre sentidos ao tratar do nível de leitura denominado sensorial: “A visão, o tato, a audição, o olfato e o gosto podem ser apontados como os referenciais mais elementares do ato de ler” (MARTINS, 1994, p. 40). A autora aborda os

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

sentidos numa perspectiva mais concreta, das primeiras escolhas de leitura, o início da relação com os livros, em que se toca, cheira, olha, ou até mesmo o ato de escutar o barulho das folhas quando se viram as páginas.

Ler é um ato de compreensão da vida, um instrumento que propicia o contato à distância com outras pessoas, grupos e povos e o conhecimento acerca do homem e do mundo, reforçando a necessidade da aplicação da leitura, de forma significativa, proporcionando um contato gratificante entre o leitor e o mundo real. “Ler é conseguir explorar, pelo menos em parte, esse emaranhado de informações presentes na atualidade” (SANTOS, 2014, p. 21).

Afinal ler não é apenas decodificar palavras, ou seja, ler somente a superfície do texto. Ler é reconstruir intimamente o que um autor quis dizer na sua mensagem, ou ainda, buscar respostas para questionamentos dentro da leitura. É, pois, a construção feita pelo leitor a partir de experiências individuais, as interpretações e os sentidos criados dentro das regras da linguagem, de nossa capacidade de decifrar e usar a linguagem em sua complexidade. A leitura não está relacionada apenas ao texto escrito, relacionam-se também com a linguagem visual, as imagens.

Nesse sentido, Yunes (2003, p.37) afirma que ler significa “uma descoberta, mudar de horizontes, interagir com o real, interpretá-lo, compreendê-lo e decidir sobre ele. Ler é, pois interrogar as palavras, duvidar delas; ampliá-las”. E a partir dessa ação da leitura é nasce o interesse pela leitura, a vontade de imaginar e poder inventar estórias. Através dessa descoberta defendida pelo autor supracitado podemos expandir nossas mentes e visão de mundo. Experimentar, mesmo que no imaginário, sensações, reações, dores, amores e conhecimento antes desconhecidos.

Lemos em muitos ambientes: na sala, no quarto, na cozinha, no banheiro, na varanda, no quintal, trem, no ônibus, no carro, na faculdade, no hospital, na escola, no jardim, deitado na cama, sentado no sofá ou cadeira, de pé na rua, enquanto caminhamos, ou à beira da piscina, enfim, numa infinidade de lugares. Afinal, se lê em todos os lugares... Portanto, onde se ler o que se lê nesses ambientes contribui para a interpretação e interação do leitor com o texto, podendo afastá-lo ou aproximá-lo mais ainda do objeto em questão. Logo, a leitura pode se dá em qualquer lugar, todavia sua recepção dependerá de onde e como esta é realizada.

Como afirma Santos (2014, p. 21) “a leitura é a ponte entre a informação e o conhecimento. Entretanto, ler não é somente o que está escrito em formato de texto. Ler abarca o visual, os símbolos, formas e vídeos”. Para Chartier (2001), a leitura deve ser analisada numa perspectiva relacional para que não se incorra no erro de considerar que existe apenas uma forma de leitura. Não é o texto que determina soberanamente o tipo de compreensão que se tem da mensagem. As condições concretas de leitura determinam formas também distintas de sua realização. Diferentes “comunidades de leitores” e “tradições de leitura” ensejam distintas relações com a mensagem impressa no livro, bem como com os diferentes significados que tanto o livro como a leitura têm para leitores diversos.

Freire (2008, p. 11) já postulava que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”. O autor mostra que antes mesmo do contato com o livro o indivíduo já tem um contato com a leitura do mundo, com sua experiência de vida, pois cada ser tem uma maneira de interpretar e ver as coisas que o rodeia, por isso a leitura do mundo é sempre fundamental para a importância do ato de ler, de escrever ou reescrever e transformar através de uma prática consciente.

Isso equivale dizer que a realidade cotidiana do aprendiz está diretamente refletida no processo de conhecimento e interpretação das palavras e frases escritas. Com isso a leitura é uma forma de atribuição contínua de significado, os quais precisam ser desvelados pela compreensão do ser humano, pela sua subjetividade. Nesse contexto se insere os Jogos Literários da biblioteca do IF Goiano - Câmpus Trindade, que busca a participação dos estudantes para que eles possam compreender o mundo à sua volta, por meio da leitura, estimulando assim o aprendizado e a interação com os colegas.

3 METODOLOGIA ADOTADA

Para a construção deste artigo, a metodologia utilizada trata-se inicialmente de uma pesquisa qualitativa que Matias-Pereira (2012, p. 84) defende como uma “pesquisa descritiva e que ocorre uma análise de forma indutiva dos dados obtidos”. O mesmo autor ainda defende que levantamento bibliográfico, usado como a coleta de dados para a construção desse artigo, “é uma abordagem utilizada para conhecer as contribuições

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

científicas sobre determinado assunto e que ocorre uma análise e interpretação das contribuições já existentes sobre um determinado assunto” (MATIAS-PEREIRA, 2012, p. 86).

Já a metodologia para a execução dos jogos variava de acordo com os jogos relacionados a temas literários específicos. Cada tipo de jogo tinha uma metodologia e uma pontuação conforme descrito na Tabela 1:

Tabela 1 – Metodologia dos jogos

JOGO	PONTUAÇÃO	METODOLOGIA
Quiz	13 pontos– 1 ponto por questão respondida corretamente	O Jogo tratou-se de questionários sobre o primeiro volume da série Harry Potter e a pedra filosofal, no qual os alunos tinham que responder corretamente às questões que lhes foram colocadas. Foram 13 perguntas. As respostas deveriam estar devidamente numeradas; e deveriam ser respondidas dentro do tempo estabelecido.
Conhecendo autores	10 pontos	O jogo tratou-se de uma pesquisa sobre um determinado autor (a). A pesquisa deveria conter detalhes sobre a vida do autor (a), como idade, de onde ele é, seus livros, curiosidades, etc.
Caça-palavras	7 pontos	O jogo tratou-se em treinar a habilidade de percepção dos alunos, pois nele deveriam encontrar palavras que estavam escondidas no meio de várias letras nas disposições horizontal, vertical e diagonal.
Quem me criou?	7 pontos	O jogo tratou-se de vários personagens de livros diversificados da literatura estrangeira e nacional. Os participantes deveriam dizer de qual livro ele é, e quem é o autor da obra.
Complete com livros	7 pontos	O jogo tratou-se em completar uma frase com o nome de um livro. Colocando a frase inteira e não só o título do livro. Não foi aceito mudanças nos nomes dos livros. Foi permitido usar somente: O, OS, A, ou AS para ligar a frase ao livro. Foi verificada a veracidade dos títulos dos livros. Não aceitando títulos pela metade e/ou faltando alguma palavra.
Código Secreto	3 pontos	O jogo tratou-se em decifrar os emojis que se baseiam em nomes de personagens, autores ou livros. Os alunos tiveram uma lista de emojis e suas respectivas letras ao lado.
Verdadeiro ou falso	13 pontos – 1 ponto por questão respondida corretamente	O jogo tratou-se em responder treze questões de verdadeiro ou falso para a questão dada sobre determinada obra ou autor.

(continuação)

JOGO	PONTUAÇÃO	METODOLOGIA
<i>Selfie</i> literária	20 pontos	O jogo tratou-se em tirar dez fotos com os livros que possuam as características pedidas. Os alunos deveriam aparecer na foto e entregar por meio eletrônico (e-mail ou <i>WhatsApp</i>) a Biblioteca. Não foram aceitas fotos após o término do tempo.
Encontro literário	20 pontos	O jogo tratou-se em narrar um encontro em vilões diversos e imaginando como seria o encontro deles.
Recriando capas	50 pontos	O jogo tratou-se em recriar uma capa de livros. Os alunos poderiam usar efeitos e edições. O ideal do jogo era que substituísse os desenhos das capas por foto dos próprios participantes. Deveria incluir a capa original juntamente com a feita pelo aluno. As fotos foram entregues por meio eletrônico (e-mail ou <i>WhatsApp</i>) a biblioteca.
Cosplay Literário	50 pontos	O jogo tratou-se em recriar um cosplay de algum personagem literário. Não foram aceitas fotos após o término do tempo. As fotos foram entregues por meio eletrônico (e-mail ou <i>WhatsApp</i>) a biblioteca.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os jogos tiveram duração semanal ou quinzenal, dependendo do tipo de jogo realizado. E os alunos tiveram entre quinze (15) dias ou trinta (30) dias para finalizar os jogos. A entrega dos jogos aconteceu na biblioteca e/ou por meio eletrônico no caso de fotos e imagens. O projeto Jogos Literários na Biblioteca teve uma excelente aceitação por parte dos alunos. Os discentes demonstraram interesse, empolgação e disposição para completar os jogos. Tivemos quatro sorteios e a premiação final.

O primeiro sorteio foi com os seguintes prêmios: três minidicionários (minidicionário espanhol, português e inglês); um saco de goma sortidas (jujuba), um mini estojo com cinco canetinhas e um papelzinho com uma frase motivadora sobre leitura.

O segundo sorteio realizado na presença de duas servidoras da Biblioteca, três alunas e uma professora, com os seguintes prêmios: um saco de gomas sortidas (jujuba), um dvd do filme “Até que a sorte nos separe”, um livro “As vantagens de ser invisível” do autor Stephen Chbosky, um livro infanto-juvenil “Histórias da África” da autora Geina Mhlophe, um marcador de páginas personalizado e um papelzinho com uma frase motivadora sobre leitura.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

O terceiro sorteio com os seguintes brindes: um saco de goma sortidas (jujuba), um minidicionário espanhol, um livro “coisas que as garotas devem saber da Turma da Mônica”, um HQ “Star Wars – Episódio I – A ameaça fantasma” e um marcador de páginas personalizado.

O quarto sorteio com os seguintes prêmios: um saco de goma sortidas (jujuba), dois livros do autor Rick Riordan: “O herói perdido” e “O filho de Netuno” e um marcador de páginas personalizado. No dia 26 de Outubro houve a premiação final dos jogos. Entrega das lembrancinhas para todos os participantes pela participação na atividade de ensino (um saquinho com várias guloseimas (bis, chicletes, balinhas, pirulito e jujubas) com uma frase motivadora sobre leitura, um saquinho com algumas jujubas e um marcador de páginas personalizado).

Houve também uma premiação final dos cinco alunos com maior pontuação. Para o primeiro colocado teve: um box da “A revolta de Atlas” (3 volumes) da autora e filósofa Ayn Rand; um quadro e um marcador de páginas personalizados e uma caixa de bombom. Pontuação: 221 pontos. No segundo lugar foi: Dois livros: “*A cabana*”, do autor canadense William P. Young, “*Moby Dick*” do autor estadunidense Herman Melville, um quadro e um marcador de páginas personalizadas, um saco de jujuba. Pontuação: 216 pontos. O terceiro lugar ganhou: um livro “*A estrela da manhã*” do autor espanhol Jordi Sierra i Fabra; um minidicionário inglês- português português-inglês; um dvd do filme “*Eu e meu guarda-chuva*”; um marcador de páginas personalizado e um saco de jujuba. Pontuação: 197 pontos. No quarto lugar: um minidicionário inglês-português português-inglês; um minidicionário espanhol-português, português-espanhol; um marcador de páginas personalizado e um saco de jujuba. Pontuação: 187 pontos. E no quinto lugar: um minidicionário inglês- português português-inglês; um minidicionário espanhol-português, português-espanhol; um marcador de páginas personalizado e uma caixinha com três bombons. Pontuação: 172 pontos.

Tabela 2 – Cronograma de execução

ATIVIDADE	PERÍODO PROPOSTO NO PROJETO	PERÍODO EXECUTADO
Quiz	08/05/2017 a 12/05/2017	08/05/2017 a 12/05/2017
Conhecendo autores	15/05/2017 a 19/05/2017	15/05/2017 a 19/05/2017
Sorteio	25/05/2017	25/05/2017
<i>Selfie</i> Literária	05/06/2017 a 09/06/2017	05/06/2017 a 09/06/2017
Código secreto	12/06/2017 a 16/06/2017	12/06/2017 a 19/06/2017*
Sorteio	20/06/2017	20/06/2017
Encontro literário	07/08/2017 a 11/08/2017	07/08/2017 a 18/08/2017*
Complete com livros	14/08/2017 a 18/08/2017	14/08/2017 a 18/08/2017
Caça-palavras	21/08/2017 a 25/08/2017	21/08/2017 a 25/08/2017
Sorteio	30/08/2017	30/08/2017
Recriando capas	04/09/2017 a 15/09/2017	28/08/2017 a 15/09/2017
Quiz (jogo extra)	_____	12/09/2017 a 22/09/2017**
Verdadeiro ou falso	18/09/2017 a 22/09/2017	18/09/2017 a 22/09/2017
Sorteio	27/09/2017	27/09/2017
Quem me criou?	02/10/2017 a 06/10/2017	02/10/2017 a 06/10/2017
Cosplay literário	09/10/2017 a 20/10/2017	09/10/2017 a 20/10/2017
Premiação	24/10/2017	26/10/2017

Fonte: os autores, 2018.

*Alguns jogos tiveram a necessidade de aumentar o prazo para os alunos poderem realizar com mais tempo devido a períodos de trabalhos e provas no Instituto.

** Foi feito um jogo extra a pedido dos Estudantes.

4 DISCUSSÃO

O que mais se esperou com esses jogos foi uma maior utilização do espaço da Biblioteca junto aos estudantes, além de um entretenimento voltado a leitura, incentivando os ao convívio dos livros e do mundo da literatura. Além de uma competição saudável entre os participantes e a possibilidade de aumentar o vocabulário

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

dos alunos, auxiliando-os na produção de textos e até no incentivo de novos autores. Tivemos uma excelente receptividade e muita empolgação por parte dos alunos ao projeto.

Pelo desconhecimento do que seria os jogos teve certa dificuldade na aceitação do projeto por parte do corpo docente da instituição, uma vez que eles deveriam aprovar o projeto de ensino no qual foi submetido.

Após o início da execução do projeto, que teve boa aceitação pelos alunos, e como forma de um incentivo mais atrativo conversamos com alguns docentes que aceitaram dá uma pontuação nas notas aos alunos que participaram dos jogos. Alguns professores falaram que se os jogos tivessem sido executados no primeiro semestre poderiam contribuir com a pontuação das notas iniciais, pois as mesmas têm menos peso que as notas finais, que foi quando o projeto foi executado.

Foi feito um registro mais rígido durante esse período para o maior controle daqueles que realmente participaram e puderam contar com esse estímulo a mais. A execução dos jogos foi tão exitosa que alguns docentes passaram a atividade a todos seus alunos semelhantes a alguns jogos, como por exemplo, a *selfie* literária. O ponto positivo da ação elaborada pelos professores foi pelo fato dos estudantes que não tinham o costume de frequentar a biblioteca vieram executar a atividade proposta pelos professores de tirar uma foto com o livro que abordasse o realismo mágico, tema não abordado pelos jogos literários.

A maior dificuldade desse projeto foi no quesito dos brindes para os sorteios. Foram feitos vários pedidos de doações, alguns em editoras e livrarias e a grande maioria com o pedido negado ou sem retorno. Para o prêmio final foi solicitado junto à Direção-Geral do Câmpus Trindade apoio. O Diretor-Geral contribuiu financeiramente para a premiação final, o que fez uma total diferença nos prêmios.

Ao fim da realização dos Jogos na edição de 2017, surgiu a necessidade de aumentar do número de jogos e, também, estender por um prazo maior para cada jogo. Foi realizada uma pesquisa com os alunos participantes dos jogos e nesse questionário eles deram sua opinião sobre a realização dos jogos e também deram sugestões de livros para o próximo ano. Quando perguntado aos estudantes o que eles acharam da execução do projeto, os participantes da pesquisa (num total de 49 alunos) afirmaram ter achado a execução ótima dos Jogos (Gráfico 1).

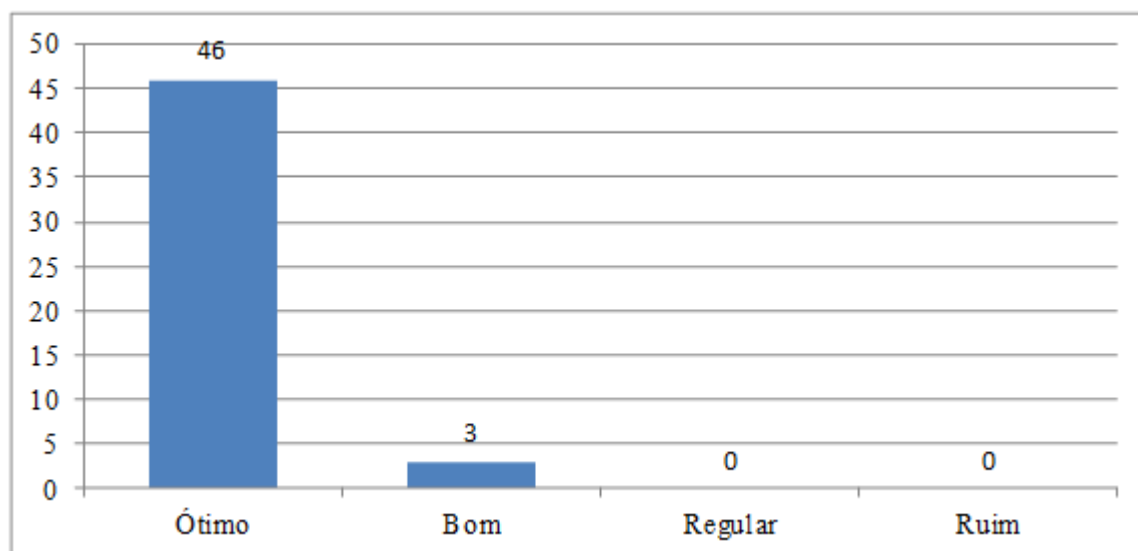


Gráfico 1 – Execução dos Jogos Literários

Fonte: Elaborado pelos autores.

Percebe-se que o sucesso dos jogos entre os estudantes foi grande. Foi uma ação bastante elogiada também pelo corpo docente, discente e gestor do Câmpus, pois aproximou os estudantes ao mundo da leitura, de uma forma que estimulasse o despertar para livros, que os jovens gostam de ler e alguns cânones escolares ainda condenam. O intuito dos Jogos Literários sempre foi de estimular a leitura, trazendo livros e autores que fazem parte do cotidiano dos jovens.

O Gráfico 2 mostra que houve grande aceitação do público e ótima receptividades relativo às dinâmicas dos Jogos. Todas as atividades tiveram votos, se destacando três jogos: caça palavras, Cosplay literário e Selfie literária. Os resultados apresentados no gráfico mostram como foi acertada a execução dos jogos, mesmo diante das dificuldades financeiras apresentadas, no quesito das premiações.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

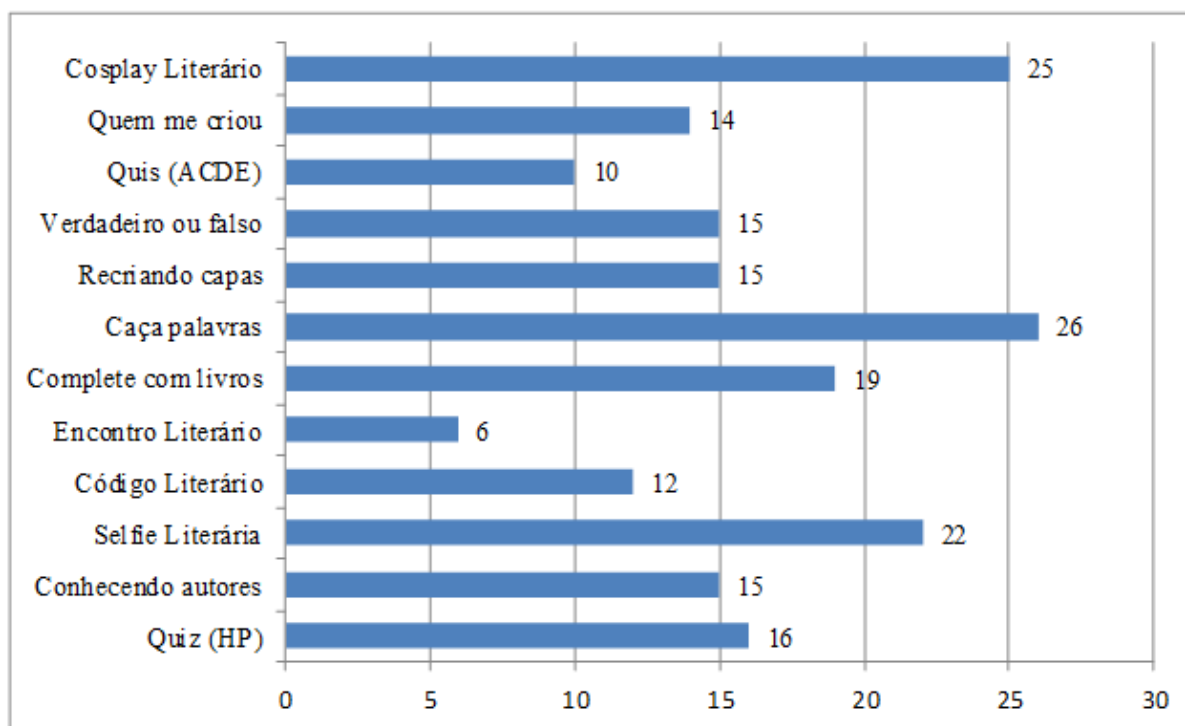


Gráfico 2 – Preferências dos estudantes nas dinâmicas dos Jogos Literários

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os estudantes, ainda sugeriram os livros que podem ser contemplados na edição dos Jogos para o ano de 2018. Neste próximo ano, com a chegada dos discentes dos Cursos Superiores, a intenção é divulgar para a comunidade escolar e acadêmica, ainda no primeiro semestre, a realização da segunda edição dos Jogos, estimulando assim ampla participação, contando com o apoio dos docentes e demais servidores da instituição. O *feedback* proporcionado pelos estudantes, permitiu à equipe da biblioteca aprimorar os jogos e as dinâmicas realizadas. Quanto aos brindes, acredita-se que a partir de 2018, a instituição consiga parcerias com outras instituições de ensino, livrarias e demais estabelecimentos que possam agregar à realização dos Jogos Literários.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer os jovens tomarem gosto pela leitura é preocupação constante das bibliotecas do IF Goiano. É fundamental que a instituição forme leitores críticos, capazes de ler nas entrelinhas e assumir uma posição própria frente à mantida, explícita ou implicitamente, pelos autores dos textos com os quais interagem.

A leitura não pode estar relacionada a algo desgastante para o estudante, uma forma interessante de incentivar a leitura, é destinar momentos para os jovens escolherem livros que querem ler de acordo com os seus gostos também ajuda a ampliar o interesse pela leitura, mas para os estudantes que têm maior resistência a leitura, a liberdade de escolha é ainda mais importante.

Foi sob essa perspectiva que foram criados os Jogos Literários, como forma de estimular a leitura de forma a interagir com o leitor atual, que é efêmero que além de ler, pode contribuir e construir novas leituras. Para a próxima edição do projeto, a intenção será ampliar os Jogos aos futuros discentes dos Cursos Superiores que iniciarão suas atividades em 2018.

Além dos jogos a biblioteca do Câmpus Trindade também desenvolve outras atividades de incentivo à leitura, por meio da Semana do Livro e da Biblioteca do IF Goiano, evento que ocorre todo mês de outubro. O importante é mostrar aos estudantes que a leitura pode sim ser prazerosa. Vale ler gibi, jornal de esporte, revistas “*teen*” ou escolher um livro com poucas páginas. Quando o próprio aluno menos esperar, ele estará lendo com prazer e esse ato se tornará um hábito na sua rotina escolar e pessoal.

Muitos temem que os avanços tecnológicos possam influenciar negativamente na formação dos estudantes, principalmente no desenvolvimento da escrita e da leitura, mas vivemos na “Era Digital” em vez de combater esta realidade, por que não usar o que a tecnologia nos oferece para estimular o gosto pela leitura? A Instituição, como um todo, e as bibliotecas estão sempre prospectando formas de interagir e ampliar os horizontes da leitura. Os Jogos Literários provaram que isso é possível e o retorno dos discentes torna-se gratificante e é um trabalho que pode ser sim replicado as outras instituições de ensino do Brasil.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **História social do conhecimento:** de Gutemberg a Diderot. Tradução [de] Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 241 p.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história:** conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: Artmed, 2001.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

_____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

DINIZ, Johnathan Pereira Alves. **Práticas de leitura nas mídias sociais**: evidências de leitura dos graduandos do IF Goiano - Campus Urutaí. 2017. 194 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Acadêmico em Comunicação, Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8070>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: três artigos que se completam. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução de Pedro Maia Soares- São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 94 p. (Coleção Primeiros Passos; 74).

MATIAS-PEREIRA, José. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. O leitor ubíquo. In:_____. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013. p. 265-284.

SANTOS, Andréa Pereira dos. **Juventude da UFG**: trajetórias socioespaciais e práticas de leitura. Tese (doutorado em Geografia). Goiânia: Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, 2014. 194 p.

YUNES, E. Políticas de leitura: registro de memórias e apontamentos críticos. In: **Revista Observatório Itaú Cultural**, n. 17. São Paulo: Itaú Cultural, ago/dez. 2014.

POESIA, FILOSOFIA E VISÃO DE MUNDO: AUGUSTO DOS ANJOS E A POESIA COMO VONTADE E REPRESENTAÇÃO

Paola Nunes de Souza¹

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, procuramos observar alguns aspectos da poesia lírica de Augusto dos Anjos e sua manifestação compreensiva do mundo, a qual se dá por meio do diálogo com a filosofia de Arthur Schopenhauer. A partir de uma interlocução interdisciplinar, o vate paraibano criou uma lírica que extravasa a estrutura formal do poema e alcança o âmbito de uma representação de mundo que tem no cientificismo e na filosofia de seu tempo, em especial na interlocução com o pensamento do filósofo de Dantzig, um ponto fundamental de apoio. Assim, parte-se das observações acerca do fazer poético de Augusto, passa-se para a observação de algumas características da filosofia de Schopenhauer e, por fim, chega-se à análise de algumas poesias de Augusto dos Anjos e à sua representação lírico-filosófica.

2 DESENVOLVIMENTO

Animada de uma virulência pessimista sem igual em nossas letras (BOSI, p. 44, s.d.), a lírica de Augusto dos Anjos apresenta, como nenhuma outra o fez no Brasil, uma forma singular de reflexo e reflexão dos ecos tanto do pensamento filosófico alemão do século XIX, em particular da filosofia pessimista de Arthur Schopenhauer, e do cientificismo novecentista, quanto da dúvida e da incerteza acerca da racionalidade dos

¹ Formada em Letras (Bacharelado em Língua Portuguesa e Literatura) pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestra em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Redatora no Instituto Federal de Goiás (IF Goiano), e-mail: paolansouza@hotmail.com, Goiânia, GO.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

seus contemporâneos dos fins do século XIX e do início do século XX². Imbuído de um contexto histórico-filosófico bastante agudo, Augusto dos Anjos conseguiu fazer da sua literatura um painel no qual se delineava de uma forma muito singular uma compreensão do mundo bastante particular.

No livro *Cosmo-agonia de Augusto dos Anjos* (1977), Lucia Helena, grande especialista na obra do autor do Eu, afirma que o poeta, nascido em abril de 1884, sempre escreveu, ao longo de toda a sua obra, um único poema, o qual teria relação com o poético interrogar da destinação e da trajetória do homem. Ainda na perspectiva da docente, este mesmo homem que questiona a sua existência teria encontrado na arte a expressão máxima de sua existência.

Nas letras brasileiras, o vate paraibano promoveu esse encontro do questionamento e da reflexão com a lírica quando construiu seu interrogar lírico-filosófico sob a égide do diálogo com a filosofia de Arthur Schopenhauer e com o cientificismo positivista reinante nos fins do século XIX e início do século XX. É curioso observar que se trata de duas tendências aparentemente opostas, uma vez que uma exalta a irracionalidade e a arte como saída para as mazelas do mundo, enquanto que a outra se apegava à ciência, aos dogmas, aos métodos, à segurança desses mesmos métodos e refuta o romantismo e o transcendentalismo idealista alemão (do qual Schopenhauer de algum modo é filho).

Ignorar a subjetividade em prol da objetividade do rigor científico seria uma postura *aparentemente* dita coerente para um positivista ou simpatizante do cientificismo. Exaltar a arte e refutar a razão em detrimento do cientificismo e mesmo da sua linguagem no século XIX, *teoricamente*, seria outra proposta coerente para um indivíduo afinado a propostas filosóficas que exaltam o irracional e o artístico, condenando, assim, o que fosse racional e pragmático por excelência. Contudo, não foi isso que ocorreu com Augusto dos Anjos. Na verdade, fazendo uso dessas duas posturas que, em muitos pontos, são antagônicas e que faziam parte do *Zeitgeist* do momento no qual ele escreve, o

² Para Alain Touraine (1994), “o campo cultural e social no qual vivemos desde o final do século XIX não possui unidade: não constitui uma nova etapa da modernidade, mas sua decomposição.” O interessante a ser notado é que a modernidade, de forma ambígua, acaba, a partir de todas essas antinomias que se movem em seu interior, trazendo em cada fragmento seu a marca indelével da própria modernidade em si e também de sua crise. E muito dessa crise está presente também na poesia de Augusto dos Anjos.

poeta busca, na síntese dessas posturas antagônicas, criar sua obra poética: por um lado lastreada na linguagem da ciência e em uma espécie de culto aos feitos que ela podia suscitar; por outro, ancorada em uma visão subjetiva e pessimista do mundo fenomênico, lastreada no questionamento, na crítica e na dúvida quanto às certezas fomentadas pela racionalidade e apoiada na exaltação da arte e de todas as suas potencialidades.

Ligado à visão epistemológica dessa época, Augusto dos Anjos trouxe à sua arte muito do que era discutido na ciência e na filosofia do seu tempo. Afinado com as vertentes do cientificismo que veiculavam ideias de figuras como Spencer³ e Darwin e com a filosofia positivista de Auguste Comte, que postulava a supremacia das ciências em detrimento de qualquer outra postura “científica” especulativa, Augusto dos Anjos acaba travando contato também com a filosofia alemã de Arthur Schopenhauer que, em meados de 1850, ganhava a atenção da Europa, a partir da publicação da obra *Parerga e Paralipomena* (1974), que continha pequenos escritos filosóficos.

Segundo Lucia Helena (1977), o diálogo que a poesia de Augusto dos Anjos mantém com algumas das propostas filosóficas de Schopenhauer é bastante esclarecedor para que possamos apreender a poética do vate paraibano. A ideia da arte sentida e concebida como única paragem impenetrável à dor e ao sofrimento presente na concepção artística de Augusto dos Anjos, bem como a questão do mundo sofrível passível, se assim formos capazes de fazê-lo, de fruição estética são todos posicionamentos filosóficos que estão presentes na obra do filósofo alemão. Essa presença é tão forte na poesia de Augusto que, segundo Anatol Rosenfeld (1969), só seria possível entender algumas poesias augustianas considerando a filosofia de Arthur Schopenhauer. Nesse sentido, para melhorar essa compreensão, as próximas linhas deste artigo tentam dar um pequeno panorama de algumas ideias do filósofo alemão.

2.1 ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE A FILOSOFIA SCHOPENHAUERIANA

A obra principal de Schopenhauer inicia-se com a seguinte afirmação: “o mundo é

³ Herbert Spencer (1820-1903) foi o principal representante do evolucionismo nas ciências humanas. O cientista foi responsável por intuir a existência de regras evolucionistas na natureza antes do naturalista Charles Darwin (1809-1882) formular a revolucionária teoria da evolução das espécies. É ele o autor da expressão “sobrevivência do mais apto”, muitas vezes atribuída a Darwin.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

minha representação”. Diz o filósofo que nada é mais certo do que isso, pois ninguém poderá sair de si próprio para se identificar imediatamente com as coisas que são diferentes de si, pois tudo aquilo de que temos conhecimento seguro se encontra dentro de nossa consciência. Nessa perspectiva, partindo de uma reflexão kantiana e trazendo ao seu cerne algumas mudanças, Schopenhauer vai dizer que a representação, que nos permite conhecer as coisas, possui dois aspectos que são inseparáveis: por um lado, existe o sujeito da representação que é o que conhece, mas não é conhecido por ninguém e, por outro, existe o objeto da representação, condicionado pelas formas *a priori* do espaço e do tempo. Nesse sentido, o espaço, tempo e causalidade tornam-se as formas básicas da representação, isto é, condições que devem existir para que exista a representação. Entretanto, uma vez que a realidade não se reduz totalmente à representação, que é fenômeno, existe para o homem outra possibilidade de conhecer as coisas que está ligada à essência numênica do mundo e de si próprio. Assim, como o mundo não se reduz apenas à representação, temos, então, o mundo como vontade.

A vontade é, na filosofia de Schopenhauer, a coisa em si, ou seja, esta é o ser íntimo, o núcleo de tudo o que é singular. Nos graus ínfimos, a vontade surge, segundo o filósofo, como um impulso cego, uma surda agitação. Nos animais, torna-se representação intuitiva e deixa de atuar como princípio cego. Nos homens, torna-se razão que age em virtude dos motivos. No entanto, a razão está sujeita ao erro e frequentemente acaba falhando no seu objetivo. Sujeita à vontade e até mesmo sua escrava, a razão que não raro comete suas falhas, só poderá libertar-se de forma plena, ainda que por pouco tempo, através da arte e através da ascese.

De fato, para que se entenda a filosofia de Arthur Schopenhauer é necessário ter em mente o fato de que o pensador alemão tem como ponto de partida uma singular e importante distinção, a saber, a distinção kantiana entre fenômeno e númeno. Entretanto, tal distinção é entendida pelo pensador alemão num sentido bem diferente do genuinamente kantiano. Com o filósofo de Königsberg, temos a ideia de que o fenômeno é a realidade, a única realidade acessível ao conhecimento humano; e o númeno é o limite intrínseco desse conhecimento. Para Schopenhauer, no entanto, temos que o fenômeno é mera aparência, ilusão, sonho, aquilo que na filosofia indiana é designado como “Véu de Maia”; e o númeno, nesse sentido, é a realidade que se esconde por detrás do sonho e da ilusão. Dessa forma, desde o início de sua filosofia, Schopenhauer imputa ao conceito de

fenômeno um significado que, extraído das filosofias indiana e budista, se mostrava bastante novo.

De acordo com as ideias de Schopenhauer, o meio de acesso ao númeno é a vontade; não uma vontade finita, individual e consciente, mas, sim, uma vontade infinita e, por isso, uma e invisível, independente de toda individuação. Tal vontade, aliás, que vive no homem como em qualquer outro ser da natureza, é, portanto, um princípio infinito, de franca inspiração romântica.

Para entender a filosofia de Schopenhauer, é preciso levar em consideração a necessidade de saber que a vontade infinita está inteiramente dividida e que essa é discordante e devedora de si própria: ela é – e esse é um ponto capital na filosofia schopenhaueriana – essencialmente infelicidade e dor. Terry Eagleton, ao tecer uma importante e pertinente reflexão sobre o pessimismo presente em Schopenhauer, na obra *A ideologia da estética*, afirma que não há nenhum grande telos nesse *campo de batalhas de seres atormentados em agonia*, só a gratificação momentânea, o prazer fugidio condicionado pela necessidade. A raça toda é, nesse sentido, como um mendigo doente que nos pede ajuda para prolongar sua existência miserável, mesmo quando, numa perspectiva objetiva, sua morte é o mais desejável.

Outro posicionamento filosófico de Schopenhauer que se mostra importantíssimo de aqui ser mostrado está ligado tenuemente à sua estética, que produziu um profundo impacto na concepção de arte do século XIX. Segundo o pensador, a primeira e imediata objetivação da vontade é a Ideia, isto é, a essência universal das coisas. Tal Ideia existe, segundo ele, fora do espaço e do tempo, ou seja, fora do princípio de causalidade. Dessa forma, ela, a partir dessa concepção, é exterior ao conhecimento científico que está ligado ao tempo e ao espaço, enfim, à causalidade.

No livro *Metafísica do Belo* (2005), Arthur Schopenhauer nos diz que as Ideias são representações independentes do princípio de razão e são passíveis de serem apreendidas somente através somente da arte. Nesse sentido, a arte se torna o único meio de conhecer as coisas de forma verdadeira. Dessa forma, é no contexto existencial do sofrimento que surge a função do belo como negação do querer, fazendo da arte, do belo, a forma privilegiada de conhecimento das Ideias, levando aquele que a frui à neutralização do sofrer. Mais do que isso, por meio do estado estético, no qual o indivíduo frui a arte, o homem consegue atingir um conhecimento “cristalino” dos graus de objetivação da

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

vontade. Dessa forma, considerando o belo como um conhecimento todo especial em nós, dando à arte um status epistemológico, mostrando que essa conduz, sim, a um conhecimento de fato, o filósofo salienta que o teor desse conhecimento é *exclusivo e puro*, pois não possui vínculos com a causalidade. Diz ele ainda que tal conhecimento é o mais profundo e verdadeiro, uma vez que exprime propriamente a essência do mundo.

Um dos pontos interessantes dessa doutrina estética se refere ao indivíduo que conhece, o qual, *pairando sobre os mundanos tetos*, consegue alcançar a Ideia das coisas e cessa, nesse momento de fruição, de ser indivíduo. O fato é que este cessa de ser um mero sujeito deixando de conhecer as coisas através de meras relações em conformidade com o princípio de razão, para tornar-se, na terminação filosófica schopenhaueriana, um *puro sujeito do conhecimento destituído de Vontade*. Através daquilo que Schopenhauer chama de intuição estética, o indivíduo se transforma no puro sujeito do conhecer. Dessa forma, para o filósofo, “o indivíduo enquanto tal conhece apenas coisas isoladas; o puro sujeito do conhecer conhece somente Ideias” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 47). Assim, apenas pela pura contemplação a dissolver-se completamente no objeto que as ideias são apreendidas. Nesse sentido, toda contemplação estética exige pura disposição objetiva, ou seja, um esquecimento completo da própria pessoa e das relações causais. É a partir desse posicionamento que Schopenhauer introduz em sua filosofia o seu conceito de gênio que tanto influenciou nas rodas literárias do século XIX.

Para o autor de *O mundo como vontade e representação*, a genialidade é a objetividade mais perfeita: em outras palavras, uma orientação objetiva do espírito. Dessa forma, temos que a genialidade reside na capacidade de proceder de maneira puramente intuitiva, de perder-se na intuição e de afastar por inteiro dos olhos o conhecimento que existe originariamente para a vontade. Na esteira desse posicionamento, o gênio é considerado por Schopenhauer como um espelho límpido da essência do mundo, alguém que possui uma faculdade de conhecimento que ultrapassa aquela exigida para o serviço de uma vontade individual. A essência do gênio é, então, a capacidade de apreender nas coisas efetivas a sua Ideia, e, visto que isso só pode ocorrer numa contemplação puramente objetiva, na qual todas as relações desaparecem, o gênio também pode ser definido como a objetividade mais perfeita do espírito. Nessa perspectiva é que se entende a afirmação de Schopenhauer de que, “para o homem comum, a faculdade de conhecimento é a lanterna

que ilumina o seu caminho; já para o homem genial, é o sol que revela o mundo” (2005, p. 67).

Nicola Abbagnano (1967), ao tecer comentários sobre a libertação por meio da arte presente na filosofia de Schopenhauer, diz que a contemplação estética subtrai o homem à cadeia infinita das necessidades e dos desejos que fazem parte de nosso mundo como vontade e representação. De fato, na perspectiva do filósofo, por meio da contemplação estética a cadeia das necessidades é rompida, pois o indivíduo acaba sendo de certa forma anulado. Nisso consiste a analogia da arte com a anulação da vontade através do ascetismo (ABBAGNANO, 1967). Todas as artes, nesse sentido, seriam para Schopenhauer libertadoras, muito embora este estabeleça uma categorização que vai desde a arquitetura, passando pela escultura, pela pintura, pela poesia, até atingir a tragédia, que é, segundo o filósofo, a arte mais elevada, pois revela a dissensão íntima e a luta da vontade consigo própria. A música, nesse sentido, merece um lugar especial entre as artes, pois ela não corresponde à Ideia, como as outras artes o fazem, mas, tal como as próprias Ideias, ela é a imediata revelação da vontade. Assim, na filosofia de Schopenhauer, a música é a arte mais universal e profunda, por exprimir a própria vontade em si.

As ideias de Arthur Schopenhauer esboçadas aqui muito brevemente, a partir de 1851, ganharam grande difusão na Europa, tornando o filósofo muito conhecido e respeitado na Europa. O posicionamento pessimista e crítico em grande medida em relação ao mundo em que vivemos e o caráter redentor da arte, que poderia, ainda que por um curto espaço de tempo, abstrair o homem de sua cruel realidade, de seu inferno particular, foram cruciais para conferir notoriedade ao filósofo alemão. Numa época em que a ciência fulgurava, “teoricamente”, como a única capaz de dar respostas concretas e verdadeiras ao homem, em que o positivismo declarava a falência de tudo que não era cientificamente comprovado, surge em Schopenhauer uma reflexão cruel, negativa, pessimista e em diversos pontos realista, como salienta Terry Eagleton (1998).

Depois da exaltação da razão por parte dos Iluministas, entre os séculos XVII e XVIII, surgiu com muitos pensadores uma reflexão que se pautava, dessa vez, numa crítica à razão, à razão esclarecida. Com Schopenhauer, entre outras coisas, surgiu uma reflexão crítica acerca da razão e suas motivações, com o vislumbre de uma saída que via na arte um meio epistêmico válido para se atingir uma compreensão mais “objetiva” do

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

mundo. E esse papel conferido pelo pensador à arte, a qual teria o poder de, por instantes, nos resgatar do sofrimento e nos fornecer uma compreensão mais cristalina do mundo, foi recebido e assimilado com entusiasmo por vários artistas. Essa recepção, é importante mencionar, passou por grandes escritores. Thomas Mann, na Alemanha, é um exemplo. No Brasil, podemos pensar em um dos nossos maiores escritores, Machado de Assis e, claro, Augusto dos Anjos, cuja poética iremos observar com mais detalhes nas próximas páginas.

2.2 ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE A POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS

Alexei Bueno, no texto “Augusto dos Anjos: Origens de uma poética” (ANJOS, 2004), afirma que, embora tenha sido mais conhecido como o poeta da morte, o vate paraibano se mostra como o poeta do fracasso do enfrentamento do mistério, da impotência perante aquilo que não podemos conhecer. Tal sentimento de onipotência perante o fenômeno seria, nesse sentido, o elemento que deu origem à contradição trágica que, segundo Alexei Bueno, é a base de toda poética de Augusto dos Anjos.

Em grande parte da poética augustiana, percebe-se um eu lírico que “em vez de achar a luz que os Céus inflama”, somente achou “moléculas de lama/ e a mosca alegre da putrefação!”⁴. Entretanto essa visão racional das coisas não faz parte de sua vivência integral, visto que surge não raro nessa lírica a angústia entre a racionalidade e a sensibilidade existentes, por isso a constante indagação, o incessante questionamento, a perene reflexão sobre o homem e sua realidade se fazem tão presentes na obra de Augusto dos Anjos. Nesse sentido, não raro vemos o espanto do eu lírico ao perceber a falta de unidade do mundo fenomênico. É *na noite funérea*, na noite sombria que o eu lírico descobre, com a força da visão de um lince, um mamífero dotado de uma visão aguda, a falta de unidade na matéria, a ausência de elementos que poderiam dar mais certeza a esse eu, que acaba por se angustiar com suas descobertas, tecendo suas cismas, como nesta estrofe:

Foi no horror desta noite tão funérea
Que eu descobri, maior talvez que Vinci,

⁴ Poema “Idealização da humanidade futura”.

Com a força visualística do lince,
A falta de unidade na matéria! (ANJOS, 2004, p. 211).

Além da vivência paradoxal que muito se faz presente na obra de Augusto dos Anjos que nos deixa ver o homem racional em conflito com o homem sensível, há também algo de missionário na postura do eu lírico que se mostra como conhecedor das desgraças e misérias humanas:

Ah! Somente eu compreendo, satisfeito,
A incógnita psique das massas mortas
Que dormem, como as ervas, sobre as hortas,
Na esteira igualitária do teu leito! (ANJOS, 2004, p. 236).

A partir do seu conhecimento de mundo, esse sujeito da enunciação lírica trata de maneira direta o espetáculo do sofrimento humano, fazendo para tal um uso singular, ainda que ortodoxamente parnasiano, das potencialidades do vocábulo e do verso. Dessa forma, encontra a forma certa para plasmar sua representação fenomênica em quartetos de decassílabos fortemente cadenciados, rimas ricas dotadas de muitas palavras raras, utilizadas de forma consciente e justificada.

Ao elaborar uma obra preme de novas perspectivas e possibilidades estéticas, Augusto dos Anjos conseguiu trazer inúmeras contribuições para a poética brasileira, visto que ela se desliga de certos valores para instaurar novos paradigmas estéticos. Ao desvincular a palavra poética de seu compromisso com o tradicional conceito de belo, por exemplo, Augusto dos Anjos, dessacralizando a palavra, imputa nesta significados que vão além da mera convenção paradigmática, dilatando, assim, a percepção que temos de certos conceitos estratificados, estabelecendo singulares modos de percepção e compreensão da realidade através da representação poética do eu lírico.

É possível perceber, nessa representação, imagens recorrentes que estão em sintonia com a estética do grotesco e atreladas a uma tendência bastante forte e presente na poesia moderna. Pensando nessas características e em toda a dificuldade que é situar a poesia augustiana dentro dos paradigmas de seu tempo, pensamos ser necessário até reavaliar o lugar de Augusto dos Anjos na poesia brasileira. Seria ele um mero poeta parnasiano ou um vate simbolista? Na verdade, mais do que se encaixar nesses rótulos que não sustentam a rica e multifacetada poesia augustiana, é preciso dilatar um pouco

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

mais percepção e observar que Augusto, na verdade, pode bem ser um dos primeiros poetas verdadeiramente “modernos” da poesia brasileira.

Em sua obra *Estrutura da lírica moderna*, Hugo Friedrich afirma que a lírica moderna não se apresenta de forma fácil e não é algo apreensível num primeiro momento; ela é, sobretudo, obscura e acaba, não raro, por desconcertar o leitor. Friedrich fala em dissonâncias, que seriam constituídas pela junção da incompreensibilidade e de uma certa fascinação, e diz que a tensão dissonante é um objetivo das artes modernas em geral. Nascida sob a égide dos paradoxos, das dissonâncias, de antinomias que refletem o homem, sua realidade e sua multiplicidade, a poesia moderna reflete o grotesco e o disforme, que ela irá problematizar de uma forma prenhe de originalidade. A poesia de Augusto dos Anjos, por sua vez, afinada com esses novos valores estéticos, traz à tona imagens imbuídas de uma “ânsia de horroroso”; e é a partir desse desejo estético que se forma a sua representação imagética que descortina outra fonte de compreensão do mundo, por meio do eu lírico que apreende, reflete, questiona e representa através da lírica o fenômeno.

Com imagens fortes, dotadas de paragens dantescas e de uma força plástica profunda, trazendo em seu âmago a cisão e as dúvidas de seu tempo, a poesia de Augusto procura extravasar a angústia que não raro está presente no interior do eu lírico. A imagética utilizada representa, de modo bastante intenso, o que há de mais pessoal do eu lírico, e é assim que temos a chance de ter acesso a outra fonte de compreensão do mundo, por meio de um conhecimento representacional de outro eu. Temos a chance, a partir dessa representação, de conhecer o mundo conforme o eu lírico das poesias o concebe. Na verdade, imbuídos de nossa própria maneira de ver o mundo, temos a oportunidade de contemplar outra representação, uma representação imagética que se transforma em um agente que constrói uma visão de mundo a partir da arte e do diálogo com a filosofia e a ciência.

Um dos aspectos que mais chama a atenção daqueles que porventura entram em contato com a lírica do poeta de “Eterna Mágoa” é o léxico utilizado em sua poesia. Muito já foi dito acerca da linguagem utilizada por Augusto dos Anjos, e o que fica de toda essa gama de reflexões é o fato de esse uso ter sido feito não de forma banal ou de forma a demonstrar uma pretensa cultura que só possui aparência. Na verdade, o vocabulário científico e filosófico que está presente no *Eu* não é simples artifício, pois,

impreterivelmente, funciona como um elemento construtor de uma realidade; é um meio de representação que consegue perscrutar as engrenagens da linguagem que, não raro, mostra-se insuficiente para representar o mundo particular do sujeito lírico.

Como nos diz Alexei Bueno (2004), formalmente, a essência da poesia de Augusto dos Anjos foi vazada numa sonoridade rígida e tensa com recursos extremos na busca da expressividade sonora. Uma poesia que está contida, aprisionada, para falarmos propriamente com Alexei Bueno, em uma métrica parnasiana. Com uma grande capacidade de versejar, Augusto dos Anjos conseguia no exíguo espaço do verso agregar espantosas imagens de forma até claustrofóbica, reforçando uma ideia de angústia e de aprisionamento que se manifesta no próprio fazer poético:

Mordia-me a obsessão má de que havia,
Sob os meus pés, na terra onde eu pisava,
Um fígado doente que sangrava
E uma garganta de órfã que gemia! (ANJOS, 2004, p. 236).

Como poeta que caminhou criando uma poesia de inspiração mística, cuja temática se erigia na intersecção de um materialismo científico com a aspiração idealista, Augusto dos Anjos, fazendo uso de versos ásperos, conseguiu construir efeitos dissonantemente surpreendentes, através de combinações fonéticas *sui generis*, que causam, com as representações imagéticas criadas, até mesmo com a forma como a pontuação é manifestada no poema, um impacto que, como a lírica moderna por excelência, desconcerta os leitores.

Não raro é salientado pelo eu lírico de muitas poesias do *Eu*, único livro escrito por Augusto dos Anjos, a dificuldade de transpor o pensamento, aquilo que se deseja exprimir para o papel. Não raro percebemos a presença da “Ideia”; há a vontade de manifestá-la, há a vontade de deixar a “coisa em si” vir à luz, entretanto, “de repente, e quase morta, esbarra no molambo da língua paralítica”.

De onde ela vem?! De que matéria bruta
Vem essa luz que sobre as nebulosas
Cai de incógnitas criptas misteriosas
Como as estalactites numa gruta?!

Vem da psicogenética e alta luta
Do feixe de moléculas nervosas,

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

Que, em desintegrações maravilhosas,
Delibera, e depois, quer e executa!

Vem do encéfalo absconso que a constribe,
Chega em seguida às cordas do laringe,
Tísica, tênue, mínima, raquítica ...

Quebra a força centrípeta que a amarra,
Mas, de repente, e quase morta, esbarra
No molambo da língua paralítica! (ANJOS, 2004, p. 204).

A questão é que a palavra não consegue traduzir a ideia; assim sendo, ela acaba por provocar um dano muitas vezes irreparável no que se deseja dizer, quase aniquilando, se assim podemos dizer, a ideia que se deseja exprimir. A garganta órfã, que não raro geme, no entanto, é capaz com sua lírica, como podemos perceber no todo da obra de Augusto dos Anjos, através de uma versificação singular, converter versos e ritmos em uma representação que se vale de uma imagética plural, que transita entre a ciência, a filosofia e o mundo fenomênico, por meio de indagações e angústias que o homem possui, para estruturar a obra poética.

Como nos diz Raul Machado (2004), Augusto dos Anjos esforçava-se pela consecução da frase vernácula aliada ao emprego justo dos adjetivos, tudo feito com propriedade, revelando, dessa forma, uma disciplina ortográfica e conhecimentos prosódicos que davam aos versos maior sonoridade e onomatopaicos efeitos. Assim, com uma rara habilidade para manejar, para construir o verso utilizando diversos tipos de elementos, ainda que tenha que “falar somente uma linguagem rouca, um português cansado e incompreensível, vomitar o pulmão na noite horrível em que se deita sangue pela boca”, como deixa claro o eu lírico do poema “Os doentes”, Augusto dos Anjos conseguiu no pequeno espaço de seu verso plasmar imagens que conseguem representar de forma aguda o mundo em que vivemos com uma percepção e reflexão singular. E é um pouco dessa representação com suas temáticas características que tentaremos ver a seguir.

2.3 POESIA DA DOR

A temática da dor, como algo inerente ao homem, é uma tônica que se repete na poesia de Augusto dos Anjos. Há, se assim podemos dizer, uma espécie de circularidade na poética do poeta paraibano, um movimento de retorno a certos temas que poderíamos pensar como schopenhauerianos, temas que são, para sermos mais diretos, caros ao pessimismo de Arthur Schopenhauer. Como nos diz Alexei Bueno (ANJOS, p. 26, 2004), tomando nas próprias costas a missão de ser a consciência e a voz da dor universal, desde as formas inorgânicas até ao homem e mesmo ao cosmos, a poesia de Augusto dos Anjos torna-se de certa forma a possuidora do tesouro das misérias que a realidade fenomênica plasma no mundo, pois como atesta o eu lírico na poesia “Monólogo de uma Sombra”: “[...] eu sinto a dor de todas essas vidas/ Em minha vida anônima de larva!” (ANJOS, 2004, p. 195).

Portando-se, não raro, de forma contemplativa diante do fenômeno, “pairando acima dos mundanos tetos”, o eu lírico augustiano várias vezes se mostra como um observador do caos, um observador do *samsara*, ou seja, do mundo dos fenômenos no seu eterno devir de ciclos que engloba o momento do nascimento até o momento da morte. É interessante salientar que essa noção de *samsara* retomada na filosofia de Schopenhauer em muitos momentos, para a doutrina budista, está relacionada de forma tênue à ignorância, pois o mundo a que ele se remete é um mundo aparente destituído de valores *verdadeiros*. Assim, aquele que paira sobre os mundanos tetos é um observador que percebe de forma bastante sensível, pensando aqui na sensibilidade enquanto capacidade de apreensão do mundo fenomênico, a dor e todos os seus dolorosos matizes. Vendo todo esse caos, a partir de um prisma distanciado, mas não menos excludente, pois esse eu participa desse mesmo mundo e compartilha das dores que este traz em si, o sujeito da enunciação lírica de Augusto dos Anjos percebe e manifesta seu conhecimento do mundo por meio de sua representação poética com uma acuidade deveras particular.

Munido do conhecimento das ideias filosóficas de Arthur Schopenhauer, a partir, na verdade, daquilo que ele chama de *manumissão schopenhaueriana*, ou libertação a partir da filosofia de Schopenhauer, o eu lírico augustiano discorre poeticamente sobre o fado do homem no mundo.

Se a dor *é* e não *está* somente presente em todos os momentos, pois esta é uma condição do mundo como vontade e representação, nenhum ser, nenhum ente inserido no fenômeno consegue subtrair-se a essa regra. O fato é que o homem, através da

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

perpetuação da espécie, existe e vive sob a égide do sofrimento (*Leiden*), existe sob a égide da *praga da tristeza do Mundo*, para falarmos com o próprio eu lírico de Augusto dos Anjos.

As aflições que consomem o homem, a dor que se manifesta no mundo sensível e que atinge os seres não é algo passível de definição objetiva. Aludindo à *Metafísica do Belo* de Schopenhauer, poderíamos, nos atendo às considerações do eu lírico da poesia “Queixas Noturnas”, pensar que nem mesmo o artista ou, para falarmos com Schopenhauer de forma mais precisa, o gênio, que possui a capacidade de apreender nas coisas fenomênicas a sua essência, a sua Ideia, consegue apreender e, de certa forma definir ou representar, a dor e a aflição que se manifesta no mundo sensível. De fato, não existe nem mesmo um pintor, evocando aqui as artes plásticas, que consegue pintar ou reproduzir o sofrimento do homem de forma objetiva, pois, conforme atesta o eu lírico de Augusto dos Anjos, seria “preciso a tinta feita de todos os tormentos do homem!”. O homem, então, fadado a sofrer “no alheamento da obscura forma humana”, vive sua existência lutando contra as intempéries, sentindo na pele o sofrimento e a dor, sem ter a consciência de que na luta, que configura sua existência, será sempre o perdedor, já que “por todos os séculos vindouros/ há de travar-se essa batalha vã”. Nada mais natural que diante desse destino, diante dessa eterna dor, dessa “Eterna Mágoa”, motor que engendra a vida nesse mundo de sofrimento, que o homem tombe diante da luta “contra a natureza”.

Assim, nessa luta improfícua, nem mesmo Hércules, o lendário herói da mitologia grega, consegue vencer, pois esse mesmo “Hércules treme e vai tombar no caos/ de onde seu corpo nunca mais se levanta!”. É natural, diante dessa “universal grandeza” com a qual estamos em permanente discórdia, com a qual nos encontramos em permanente rebelião “da criatura contra a natureza”, que o ser, “rolando dos últimos degraus”, pereça; é natural que nessa vida, que não é mais do que uma luta pela existência com a certeza de sermos vencidos (SCHOPENHAUER, s.d., p. 75.). Nas palavras do eu lírico, é natural

[...] que esse Hércules se estorce,
E tombe para sempre nessas lutas,
Estrangulado pelas rodas brutas
Do mecanismo que tiver mais força. (ANJOS, 2004, p.154)

Alexei Bueno (2004), no texto “Augusto dos Anjos: Origem de uma poética”,

afirma que o caráter pessimista da poesia de Augusto dos Anjos quanto ao pretensão poder da ciência contra o mistério do universo, essa falta de crença na eficácia de todo o esforço humano, é umas das características que mais o aproxima de nós, exilados há muito do ingênuo ufanismo cientificista do século passado. Mais do que poeta da morte, como é usualmente conhecido, Alexei aponta para o fato de Augusto ser o poeta do fracasso do enfrentamento do mistério, da impotência perante o incognoscível. É a nossa condição de impotentes perante o mistério da existência, a nossa condição de sofrendores peregrinos nesse mundo que é representada, muitas vezes, na poética de Augusto dos Anjos, e é um pouco dessa questão que, como já salientamos, está bem presente no pessimismo metafísico de Schopenhauer, algo que tentaremos ver como se manifesta em outro poema emblemático do vate paraibano chamado “O meu nirvana”.

No budismo e em outras religiões de origem indiana, o *nibbana* – palavra em sânscrito que significa nirvana – é a mais alta felicidade possível. Psicologicamente, é um estado de grande liberdade e espontaneidade interiores, em que a mente goza de tranquilidade suprema, de pureza e estabilidade; é, ainda, o ápice da busca budista pela libertação, o ápice, ou seja, o ponto mais alto de meditação, no qual se diz que o espírito se liberta do corpo temporariamente.

Em *O mundo como vontade e representação*, Schopenhauer salienta que o mundo como vontade, nomeado pelo filósofo por diversas vezes como *samsara*, só nos traz sofrimento e a única forma de escapar desse atavismo é através da arte; nesse sentido a manumissão poderia ser percebida como uma libertação do jugo da vontade através do poder salutar da arte. Anatol Rosenfeld, no texto “A costela de prata de Augusto dos Anjos”, presente no livro *Texto e contexto* (1999), nos fala sobre o que seria, na visão dele, a manumissão schopenhaueriana. Segundo o crítico, a manumissão schopenhaueriana seria a libertação pela inteligência, pela “contemplação desinteressada” (isenta da tortura dos desejos e da vontade) das ideias platônicas, para arrancado das prisões carnavais “Viver na luz dos astros imortais/ Abraçado com todas as estrelas”. É, de fato, perceptível que os conceitos de manumissão e nirvana estão tenuemente ligados, pois ambos nos colocam em face da questão da liberdade, da libertação.

Observemos o soneto de Augusto dos Anjos intitulado “O meu nirvana”:

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

No alheamento da obscura forma humana,
De que, pensando, me desencarcerero,
Foi que eu, num grito de emoção, sincero
Encontrei, afinal, o meu Nirvana!

Nessa manumissão schopenhauereana,
Onde a Vida do humano aspecto fero
Se desarraiga, eu, feito força, impero
Na imanência da Idéia Soberana!

Destruída a sensação que oriunda fora
Do tato - ínfima antena aferidora
Destas tegumentárias mãos plebéias -

Gozo o prazer, que os anos não carcomem,
De haver trocado a minha forma de homem
Pela imortalidade das Idéias! (ANJOS, 2004, p. 310).

Além de ser uma poesia que mostra a experiência de um eu lírico “desencarcerado da forma humana” que consegue encontrar o seu nirvana, isto é, o ponto mais alto de sua existência sensível, o soneto em questão nos mostra como se dá essa libertação, que está estreitamente ligada a uma liberdade de certa forma epifânica que é mais bem compreendida a partir do momento em que temos ciência do que Schopenhauer pensa acerca da arte e de seu caráter fundamental. A questão é que o ato de desarraigar-se da vida para, como nos diz o eu lírico, imperar “na imanência da Ideia Soberana” está vinculado de forma estreita àquilo que Schopenhauer dizia acerca da arte.

Quando nos detemos nas considerações acerca da arte e de um suposto conhecimento que esta poderia nos dar, percebemos que, muito embora o assunto seja de vital importância para a arte e sua compreensão, tal questão se mostra ainda muito pouco abordada. A questão do conhecimento estético, que acreditamos ser capital para se compreender melhor o objeto e o fazer artístico, é algo que ainda não foi devidamente explorado pela crítica e pela teoria; e quando há uma exploração nesse sentido a mesma se dá de forma ainda muito tímida e vacilante.

Tentando pensar um pouco nessas questões, podemos dizer que, em termos de discussões epistemológicas sobre a arte, temos na filosofia estética de Schopenhauer uma questão que pode nos ajudar a compreender, através de um entre vários vieses possíveis,

o poema de Augusto dos Anjos. Ora, nos perguntamos, é a arte capaz de nos oferecer algum conhecimento de fato?

Schopenhauer, em seu livro *Metafísica do belo*, nos diz que é possível uma transição do conhecimento comum, que concebe as coisas isoladas, para o conhecimento da Ideia. Nesse sentido, para que tal transição ocorra devidamente é necessário que o conhecimento se liberte da servidão da vontade; é nesse momento, aliás, que o sujeito cessa de ser um indivíduo, deixando de conhecer somente meras relações em conformidade com o princípio de razão e de conhecer nas coisas só os motivos de sua vontade, para tornar-se, como já dissemos anteriormente, puro sujeito do conhecimento destituído de Vontade.

De acordo com a filosofia schopenhaueriana, é por meio da arte que realmente podemos conhecer as coisas, isso porque é através da mesma que conseguimos captar a Ideia essencial que está presente nos entes que compõem o fenômeno. A consciência, nesse processo, é preenchida pelo objeto através da contemplação na qual nos perdemos por completo, ou seja, perdemos de vista justamente a nossa própria individualidade, a própria vontade, para que a disposição, então, se torne *puramente objetiva*, para que nós, observadores, nos tornemos *puros sujeitos do conhecer*.

No poema “O meu nirvana”, percebemos que o eu lírico consegue atingir um estágio superior ao desencarcerar-se da forma humana para alcançar o nirvana. Podemos ver nesse desencarceramento o movimento de perda da individualidade rumo a um conhecimento maior, que permite que o eu atinja um estado mais significativo. A partir dessa libertação, dessa manumissão predicada como schopenhaueriana, a partir de um ganho epistêmico singular, o eu lírico consegue imperar na imanência da Ideia Soberana. É a partir do movimento de sair de um estado em que se é condicionado pela obscura forma humana em busca da *libertação*, através da supressão do princípio de razão, que o eu lírico consegue atingir a imortalidade das Ideias. Nesse sentido, poderíamos dizer que é através da supressão do mundo como vontade que se consegue, mediante o contato com a arte, ainda que esta não seja colocada no poema nominalmente, gozar o prazer verdadeiro “que os anos não carcomem”, pois como nos diz o eu lírico do poema Monólogo de Uma Sombra:

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

Somente a Arte, esculpindo a humana mágoa,
Abranda as rochas rígidas, torna água
Todo fogo telúrico profundo
E reduz, sem que, entanto, a desintegre,
À condição de uma planície alegre
A aspereza orográfica do mundo! (ANJOS, 2004, p. 195).

Nesse alcance do nirvana, podemos ver ainda uma espécie de movimento interior que o eu lírico faz, ao desencarcerar-se da obscura forma humana, movimento esse que propicia ao eu lírico alcançar uma condição mais significativa a partir de uma mudança interior. Tal transformação, como podemos ver, provoca no eu lírico um grito de emoção, grito esse sincero, pois eleva esse eu lírico, fazendo com que este impere naquilo que ele chama de “*imanência da Ideia Soberana*”. A partir da manumissão schopenhaueriana, a partir da libertação do jugo opressor do princípio de razão e da vontade irracional que a tudo rege, o eu lírico sai do ponto em que estava e consegue perceber as coisas através de um prisma muito mais amplo e significativo.

Como podemos observar com a leitura do soneto, fica claro o caráter redentor dessa manumissão, caráter mesmo epifânico, visto que faz com que esse eu perceba matizes que até então não eram notados por ele. É a partir do momento em que é *destruída a sensação que oriunda fora do tato*, isto é, oriunda de nossa percepção sensível, que está essencialmente ligada à nossa capacidade de perceber os entes no mundo dos fenômenos, percepção essa que nada mais é do que uma *ínfima antena aferidora destas tegumentárias mãos plebeias*, que o eu lírico pode gozar de forma plena o prazer de ter trocado a forma de homem, a forma material de ser humano, pela *Imortalidade das Ideias*; algo que, como deixa claro o eu lírico, não será carcomido pelo tempo; algo que, em suma, não será destruído, como são as outras coisas nesse mundo de aparências.

Percebe-se que, para o eu lírico, o conhecimento e a sabedoria para lidar com a existência têm um valor fundamental; é esse conhecimento que parece possui valor de verdade, pois é ele que propicia uma vida mais significativa nesse mundo em que *a praga da tristeza* não raro cai sobre os indivíduos. Observa-se aqui que a arte tem o poder de proteger os indivíduos das dores que o mundo nos traz, é ela que possui o caráter balsâmico para trazer um maior significado para a nossa existência; ela funciona, em última instância, como um escudo contra as intempéries. Vê-se que, diante dessas ideias, é

a partir da redenção estética a ser conduzida pela arte, a partir da fruição que está presente no ideário schopenhaueriano, bem como na poética de Augusto dos Anjos, que é possível a libertação da sujeição da *Vontade* que nos oprime, para alcançar o nirvana epistêmico e, assim, viver de forma mais significativa no *mundo como vontade e representação*.

3 CONCLUSÃO

A poesia de Augusto dos Anjos, como se pode perceber, estrutura-se num diálogo bastante intenso e fecundo com a filosofia e o cientificismo. No caso, procuramos mostrar neste trabalho como se dá essa conversa com a filosofia de Arthur Schopenhauer. Percebe-se que se trata aqui de uma poesia que traz uma representação fundada no pensamento sistemático de um tempo e que, por mais localizada que seja, consegue chegar até os leitores contemporâneos sendo ainda significativa e fomentadora de indagações e reflexões. Isso porque se trata de uma poética que por mais singular que seja, por mais particular que nos pareça, consegue ser altamente universal.

Como bem salienta o crítico Elbio Spencer (ANJOS, 2004), a poesia de Augusto dos Anjos mostra-se profundamente como um repositório de conhecimentos, como uma fonte singular de sabedoria. A indagação, a reflexão acerca do mundo e de seus mais singulares fenômenos faz com que essa poesia mostre um caráter epistêmico sem igual, pois ao tecer reflexões sobre a problemática existencial humana em todos os seus matizes, na maioria das vezes dotada de um tom sombrio e não menos realista, a poesia de Augusto dos Anjos nos traz um valioso meio para compreender a realidade que nos cerca, a partir do momento em que o particular é alçado à categoria de universal.

Por sua vez, a visão epistêmica de Schopenhauer nos coloca em face de um possível conhecimento a partir da arte, e o que percebemos ao longo do nosso trabalho é que a arte em geral e, em nosso caso de forma mais específica, a lírica de Augusto dos Anjos, pode nos dar elementos para que olhemos para o mundo com outros olhos, deixando assim surgirem interessantes e pertinentes reflexões acerca do *ethos* dos homens em todas as épocas. Porque mais interessante do que pensar que a poética de Augusto dos Anjos está afinada com sua época, com seu ideário, com a filosofia e outros aspectos culturais, é notar que essa mesma lírica não só é uma resposta e reflexão para a problemática do tempo dele, mas também o é para a nossa época. Claro que tal caráter

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

não é meramente de posse exclusiva da lírica de Augusto de Anjos, mas é interessante salientar aqui essa atemporalidade que está presente na arte, que, mesmo sendo concebida em um dado momento, consegue de forma singular e significativa estabelecer elos com o passado, com o presente e, de certa forma, passível de estabelecer importantes elos com o futuro.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 2004.

ABBAGNANO, Nicola. **História da filosofia**. Trad. Gabinete de Tradução da Faculdade de Letras do Porto. Lisboa: Editorial Presença, 1967.

_____. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

_____. **A literatura brasileira**: volume V O Pré-Modernismo. 2ª edição, São Paulo: Editora Cultrix, s.d.

_____. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

BUENO, Alexei. Origens de uma poética. In: ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 2004.

COHEN, Jean. **A estrutura da linguagem poética**. Trad. De Álvaro Lorencini e Anne Arnichaud. São Paulo: Cultrix, 1974.

EAGLETON, Terry. **Ideologia da estética**. Trad. Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

ESTEBAN, Claude. **Crítica da razão poética**. Trad. Paulo Azevedo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna**. Trad. M.M. Curioni. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1978.

HAUSER, Arnold. **História social da literatura e da arte**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

HELENA, LUCIA. **A cosmo-agonia de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.

HINNELLS, John R. **Dicionário das religiões**. Trad. Otávio Mendes Cajado. São Paulo: Editora Cultrix, 1984.

HOBSBAWM, Eric J. **A era do capital**. 1848-1875. Trad. Port. 5ª edição, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1997.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento**. Trad. Guido Antonio de Almeida. São Paulo: Jorge Zahar Editora, 1987.

LEFRANC, Jean. **Compreender Schopenhauer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. São Paulo: Editora Vozes, 2005.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Trad. de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

MACHADO, Raul. Augusto dos Anjos. In: ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 2004.

PAES, José Paulo. Uma microscopia do monstruoso In: **Transleituras – Ensaio de interpretação literária**. Editora Ática, s.d.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. Trad. Maria Helena N. Garcez. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

ROSENFELD, Anatol. **Texto e contexto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____. **A arte de escrever**. Trad. Pedro Sússekind. São Paulo: Editora L&PM, 2005.

_____. **A vontade de amar**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Clássicos de Bolso, Ediouro, s.d.

_____. **Da morte/metafísica do amor/ do sofrimento do mundo**. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

_____. **Metafísica do belo**. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____. **Parerga und Paralipomena: Short Philosophical Essays II**. Trad. E. F. J. Payne. Oxford: Clarendon Press, 1974.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

_____. **Schopenhauer - Pensadores**. Trad. Wolfgang Leo. Maar e Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

SPENCER, Elbio. Augusto dos Anjos num estudo incolor. In: ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 2004.

TARNAS, Richard. **A epopeia do pensamento ocidental**. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. Trad. de E. F. Edel. São Paulo: Editora Vozes, 1994.

POLÍTICAS PÚBLICAS DE LETRAMENTO NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: PROGRAMA DE ACESSIBILIDADE PARA ALUNOS INDÍGENAS

Michelle Pereira Soares¹

Renísia Garcia Filice²

1 INTRODUÇÃO

Pertencer a um grupo social requer compreender quais são as idiossincrasias destes indivíduos e como ocorre seu relacionamento com o mundo e suas nuances. É comum observarmos que o letramento se insere neste contexto, algumas vezes por falta de entendimento do que realmente significa esta palavra, a interpretarmos somente como algo ligado à alfabetização. A ideia de letramento é muito maior do que apenas a abordagem de saber ler e escrever e nos faz adentrar em um mundo de vasto conhecimento que pode englobar outros “olhares” pela vida. Assim, percebemos que o entendimento seco da palavra letramento, pode ter deixado periféricamente, pessoas que possuem outros saberes ou que conseguem se manifestar adequadamente pelas questões cotidianas da vida. Entender o letramento é perceber que “O indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser de certa forma letrado” (SOARES, 2005, p. 24).

Mas para tecer algumas considerações devemos compreender as vertentes e os conceitos de letramento. Para Soares (2005, p. 74), o Letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Também é

¹ Secretária Executiva, Especialista em Gestão Universitária pela Universidade de Brasília (UnB) e Assessoria Executiva pelo Centro Universitário Internacional. Atuante na secretaria administrativa de Biblioteca Universitária da UnB. Docente nas disciplinas de Práticas Secretariais, Gestão de Eventos, Atendimento e Introdução à Arquivologia, colunista da Revista Executiva News e Coordenadora do curso de Secretariado Executivo Bilíngue do UniProjeção.

² Professora Adjunta da Faculdade de Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-doutora em Sociologia pelo Centro de Investigação em Ciências Sociais (CICS) da Universidade do Minho (UMinho) (Braga/Portugal). Doutora em Educação (UnB), Historiadora pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Especialista em Filosofia (UFU) e Mestre em História Social (PUC-SP).

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

necessário compreender que cada sociedade tece suas teias linguísticas, baseadas em contextos sociais.

Neste ensaio pretende-se analisar as políticas públicas de letramento voltadas aos alunos indígenas da Universidade de Brasília.

As políticas públicas em educação devem ser públicas e não apenas com o caráter coletivo, reconhecendo também os sujeitos das minorias. Das Graças Rua (1997, p. 3) discute que “a política compreende um conjunto de procedimentos destinados à resolução pacífica de conflitos em torno da alocação de bens e recursos públicos”. A autora enfatiza que “o acompanhamento e controle das políticas deve incluir, também: o tipo de política e de arena política; o contexto inter e intra-organizacional dentro do qual ocorre a implementação; e o mundo externo sobre o qual a política deverá exercer o seu impacto”.

Assim, a *Policy Analysis* busca compreender as políticas públicas, sendo importantes para o processo de pesquisa, como estudos de caso e para o sistema político-administrativo em si. As três dimensões levantadas por Frey (2000), são: *polity*, referente às instituições políticas; as *politics*, referentes ao processo político, muitas vezes condicionados pelos conflitos e as *policy*, vinculadas ao conteúdo da política, referentes ao conteúdo material.

As policy networks são interações de diferentes instituições e grupos (executivo, legislativo e sociedade) na gênese e implementação de uma *policy*. Como enunciado anteriormente é importante e relevante questionar os demandantes da política. A *policy arena* fornece análise sobre os custos e ganhos esperados com determinada proposta, sempre balanceando conflito e consenso na política, como por exemplo as políticas distributivas, que possuem baixo conflito e consenso, em contraposição às políticas redistributivas com o seu alto conflito e polarização.

O olhar crítico e analítico sobre a teoria dos processos de constituição de uma política pública, que está dentro de uma política governamental é imprescindível. Inclusive, para entender a insistência em refletir o olhar cientificista do colonizador. Quijano (2005) faz uma analogia à essa busca insistente, a qual seria como olhar para um espelho turvo, revisitando-o repetidamente, em busca de um modelo que não parte das bases construtoras do verdadeiro ideal social. Por isso, que a prática do processo de elaboração de políticas públicas não segue o padrão fechado e acabado, como vislumbram

os pesquisadores de ciência política, ele mais está para o fomento de constantes embates e tensionamentos das relações sociais e de poder político.

O estudo da Ciência Política abrange as instituições que compõem o sistema político, o processo de negociação política e os resultados materiais da política. Quando se investiga o cenário político, as pesquisas costumam estar pautadas em abordagens que surgiram nos países desenvolvidos, que vivenciam outra realidade: regimes democráticos estáveis e consolidados. Os principais autores que pensam o Estado Moderno e o desenho das políticas públicas os fazem pautados na lógica capitalista e nas relações de poder imbricadas nesse processo.

Quijano (2005) vai falar sobre a colonialidade do poder, afirmando que esse processo histórico implicará na formação de um padrão de poder que também irá impor um padrão cognitivo e por consequência o rebaixamento de culturas não-europeias. Assim, ao analisar a formação das relações de poder político no fluxo de construção das políticas públicas, deve-se partir do padrão de poder perseguido pelos colonizadores da América para entender a intrínseca relação com as demandas priorizadas nas diferentes fases do processo, principalmente nas seguintes: agenda e elaboração. As quais se destaca, a escolha de um determinado problema social e os embates, para que a problemática social emergja para o patamar de problema público, portanto, “merecedor” de medidas solucionáveis.

Assim, é necessário compreender e reconhecer o sujeito para o qual a política pública está sendo criada, a fim de realmente atender uma demanda da sociedade e não apenas fazer a “cama” para inglês ver.

2 LETRAMENTO E RECONHECIMENTO DO SUJEITO ÍNDIO

As interações sociais permitem o entrelaçamento linguístico como forma de estabelecer relações. Jung (2003) nos relata que de acordo Sociolinguística Interacional, os indivíduos produzem e negociam comunicativamente identidades sociais, identidade étnico-linguística e identidade de classe social.

É nesta construção interacional, de face a face, que pode ser afetada pelas relações de poder construídas dentro daquele grupo, já que tais relações podem ser canceladas por seus participantes mesmo que subjetivamente. O que importa é a criação de

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

significado social dessas interações, que ao se relacionar com o letramento, pode induzir que os membros compreendam aquele indivíduo como mais ou menos letrado, incluindo-o no grupo ou expulsando-o, definindo até mesmo o papel social deste membro.

Vivemos uma era da superdiversidade, que permeia nossa realidade linguística, social e demanda aspectos culturais importantes. Para Moita-Lopes (2013, p. 30) a “superdiversidade é identificada nos processos de migração contínua que afetam várias nações do mundo nos quais as fronteiras passaram a ser porosas, afetando a vida local, assim com nos cruzamentos de fronteiras cibernéticas”. As fronteiras porosas criam espaços para que as inter-relações se estabeleçam.

O Brasil, por sua extensão territorial, possui diferentes falantes. Cada região possui a sua cultura e suas idiossincrasias. A diversidade existente faz do Brasil um país multicultural, com identidades diversas e multilíngues. Porém, ainda vivenciamos um preconceito social, ligado a fatores da língua, onde há a ideia de que lugares desenvolvidos possuem pessoas com linguagem e cultura superior.

Para Bagno (2007) não aprendemos português adequadamente, pois a nossa língua, estruturalmente baseada na gramática de Portugal, muitas vezes, não estabelece conexão com a língua originalmente falada e escrita, ou seja, as regras não têm significância para seus falantes, tornando-os distantes da compreensão linguística.

Os processos de letramento de um indivíduo têm intrínseca relação com a significância dada a um determinado contexto, segundo Jung (2003, p.66), “qualquer evento de letramento envolve aprendizagem”, assim a autora estabelece que

os elementos característicos que diferenciam o uso da linguagem falada do uso que acontece nos contextos escritos são: co-presença, visibilidade, audibilidade e instantaneidade, que refletem o imediatismo da conversa face a face; evanescência, ausência de registro e simultaneidade, que refletem o meio; e improvisação, autodeterminação e auto expressão, que refletem o controle dos participantes na conversa face a face (JUNG, 2003, p. 66).

A língua e suas nuances, assim como “fenômenos culturais e religiosos não são imunes à história, são construções” (MBEMBE, 2013, p. 65).

Na Plataforma do Letramento, o Professor Carlos Alberto Faraco, explica que “há a necessidade de se acostumar o ouvido com a diversidade da língua em seus diversos espaços sociais e geográficos”, o que permite inferir que temos que realizar escutas ativas,

que contemplem o cidadão e o faça sentir pertencente. E para isto é necessário que nossa compreensão perpassa “a história social, cultural e experiências de vida de cada grupo social e como essa trajetória se reflete na língua falada”. Ou seja, o desenvolvimento linguístico está intimamente ligado ao processo de formação do indivíduo. Em um segundo momento, o professor relata que “algumas das variedades linguísticas recebem estigmas sociais, sendo avaliadas negativamente. Sendo essa avaliação negativa incorreta e inadequada, pois se deve respeitar a história que há atrás de cada uma das variedades”. É relevante compreender porque essa variedade recebeu o estigma, e trabalhar as questões relacionadas a este processo que pode ser mitigadora do desenvolvimento pessoal do indivíduo dentro do processo educativo.

Apesar de vivermos em uma democracia, tem sido bastante complexo para nossa sociedade livrar-se do pensamento ditatorial da língua e compreender nossa identidade nacional como plural e desse pressuposto analisar o seu uso. O brasileiro anda arraigado no conceito de uma língua única e pura, e foge, no entanto, de sua própria cultura plural, de sua formação heterogênea, criando um contexto contraditório, além de preconceituoso, de sua realidade que é o de existir uma única forma do uso da língua que é a correta e que está pautada pelo uso da gramática normativa (FRANCO, 2013, p. 3).

Assim, Almeida (2015, p.151), salienta que “Sociolinguística, Interação e Educação são palavras que lideram discursos e intercambiam novos e velhos paradigmas, estabelecendo conexão com outras áreas do conhecimento, corroborando seu teor Inter e transdisciplinar”. Trabalhar de modo inter e transdisciplinar é agregar significância aos sujeitos participantes do processo de ensino- aprendizagem. Dessa maneira, vale salientar que “uma língua só existe, porque têm pessoas que as falam, efetivando uma comunicação” (ALMEIDA, 2015, p.156).

A interculturalidade e o bilinguismo, por vezes, são necessários em comunidades que almejem os estudos superiores. Neste sentido, minimizando a perda cultural que essas comunidades possam vir a sofrer. O respeito e a tolerância à diversidade linguística ainda são temas de discussões entre teóricos do letramento.

Em sua pesquisa, Almeida levanta que “existem atualmente no mundo aproximadamente cinco mil povos indígenas, somando mais de 370 milhões de pessoas” com base no *International Work Group for Indigenous Affairs* (IWGIA, 2015 apud ALMEIDA,

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

2015, p. 65). Logo as universidades têm que pensar acerca de como incluir estes indígenas em projetos de educação, já que o Brasil é um país multilíngue e multiétnico.

Almeida (2015, p.78) também nos traz que “na perspectiva do Censo Demográfico de 2010, as 305 etnias indígenas brasileiras, tanto as que vivem em terras indígenas quanto fora delas, falam 274 línguas”. Para a autora a diversidade cultural do Brasil é tão complexa quanto sua diversidade linguística.

Compreender como uma comunidade indígena encara o bilinguismo que de certa forma é imposto e retirado. Não se conhece em cursos de graduação, aulas dadas ou traduzidas para a língua materna no sujeito. Ou seja, a língua materna cede lugar a Língua Portuguesa de Padrão Culto. Muitas vezes, em contexto de bilinguismo, considera-se ensinamento bilíngue, aquele que é dado em língua inglesa e a pátria. O que não se configura em construção identitária.

A valorização da língua também implica na valorização do sujeito. Para se começar a repensar, temos que cuidar do currículo dos cursos de graduação em que indígenas estão inscritos. Tendo como pré-requisito aulas que agreguem valores e significados para aquela parcela de estudantes, caminhando para o “cuidado” educacional.

Para Almeida (2015, p.80)

o papel da educação é irrestrito, pois ao atribuir à língua indígena (minoritária-subordinada), os mesmos valores da Língua Portuguesa (majoritária-hegemônica), estará contribuindo para o fortalecimento linguístico da comunidade, uma vez que os indígenas passam a ver sua língua materna, historicamente dependente e estigmatizada, como uma língua com os mesmos atributos da língua nacional, aspecto fundamental para que todos se interessem em usá-la não somente nas conversações com outros indígenas, mas também na leitura e escrita, atividades desenvolvidas na escola.

O que retira o papel da dominação, como sempre foi presente na educação indígena no Brasil. Portanto, considerar a língua não somente como um objeto de comunicação, mas como a apropriação do conhecimento que se é apresentado.

3 DECOLONIZANDO O PROCESSO DE LETRAMENTO

Acreditar que “índio só é índio” (KONDO e FRAGA, 2013, p. 1) se sua prática oral for de linguagem indígena, é algo extremamente cruel, pois se dá ênfase a um processo excludente.

A globalização trouxe um novo discurso/padrão de relações de poder, tendo como classificação social a Raça, ou seja, o termo Raça é “uma categoria mental da modernidade” (QUIJANO, 2005, p. 117), considerado um conceito ambíguo e contraditório. A reflexão permite reconstruir e redefinir o termo, não o compreendendo como situação natural de inferioridade, assim como são feitos com os termos referentes à sexualidade ou gênero.

Porém, estas interações são benéficas para criar o aspecto da cultura organizacional. Normalmente, a interação face a face nos faz reconhecer aspectos da linguagem e compreender de maneira sistêmica o outro. Atualmente, também vivemos a fluidez das relações e as redes de internet, programas, muitas vezes, tomam conta de criar simbologias que nos afastam da verdadeira compreensão do próximo.

Muitos não-índios ficam perplexos ao encontrarem indígenas nas universidades por acreditarem, em seu imaginário que índio que é índio deve utilizar cocar e tanga e que os únicos capazes de se aculturarem são os homens brancos, por serem considerados superiores (KONDO e FRAGA, 2013). O que se traduz, ainda, numa prática contínua e excludente destes povos.

Muitas línguas são colocadas em situações de desprestígio atualmente. Assim, o “português-índio”, aquele que os nativos falam ao sair de uma tribo, distante do português culto causa estranhamento em seus ouvintes. Também estabelece o distanciamento daquilo que será escrito, pois a aptidão escrita não é tão desenvolvida. E é esta aptidão escrita que muitas vezes é cobrada nos bancos das universidades.

Kondo e Fraga (2013, p. 20) afirmam que “as novas identidades dos povos indígenas, devem circular entre duas culturas, falar duas línguas para poder, no sentido mais amplo da palavra, negociar, ou melhor, exigir seus direitos políticos, econômicos, sociais e educacionais”. Sendo dentro das universidades, no momento do vestibular, transitar entre as duas línguas, a fim de defender seu direito de acesso. Para os autores, o distanciamento da língua materna ocorre, muitas vezes, pelo interesse que os indígenas assumem ter quando em processos de negociações.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

Há também que considerar os aspectos da globalização e do surgimento da internet que modificou a prática de escrita tanto de indígenas quanto de não indígenas. A escrita permite que a memória, muitas vezes, perdida durante a oralidade possa ser resgatada e guardada. E é por meio da escrita que processos de reconhecimento da própria identidade também pode ser identificado.

É atual e relevante a constante necessidade de amadurecimento no campo educacional no sentido de evolução das práticas educacionais. O letramento dentro dessas perspectivas nos leva a refletir acerca dos processos de ensinagens. Qual é o tipo de educação que aproxima e considera os falantes em sua essência e na percepção de suas identidades.

Dessa forma, o letramento pode influenciar nessa capacidade de mensurar a qualidade. Aliado a prática da fala, alguns sujeitos são desconsiderados por não estarem no padrão linguístico chancelado. Segnini (2000) reforça que a “educação e a formação profissional aparecem hoje com questões centrais, com funções essencialmente instrumentais, capazes de possibilitar a competitividade e a concorrência, minimizando os efeitos do desemprego”. Como detalha (FUJITA, [s.d]) “é fundamental a prática dos fazeres humanos para a formação histórica de uma sociedade, seja para prosperar ou para prejudicar, pois ambas as situações são decorrentes da práxis humana como caminho que define marcas culturais, sociais e econômicas, políticas, morais, dentre outras”.

3.1 A FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA E A TENTATIVA DE INCLUSÃO INDÍGENA NO ASPECTO DO LETRAMENTO

A Fundação Universidade de Brasília firmou convênio com a Fundação Nacional do Índio em 2004. Porém, ainda hoje, os alunos índios enfrentam problemas dentro da Universidade com questões relacionadas ao letramento. Esse tipo de política pública surge da necessidade de resgatar uma dívida social com estes povos. Euzébio e Rebouças (2017, p. 3) elencam que “os problemas enfrentados pelos estudantes indígenas, ao ingressarem no meio acadêmico, envolvem dificuldades, entre outras, de leitura e produção de textos, autocrítica negativa em relação às suas capacidades de compreender a língua portuguesa, discriminação, exclusão e preconceitos étnicos no ambiente da universidade”.

Isso ocorre porque o sistema não contempla a cultura do estudante, não permitindo que aspectos ligados à trajetória do estudante sejam inseridos no contexto escolar. Muitos indígenas que procuram a educação superior o fazem como perspectiva de melhora da qualidade de vida em sua própria aldeia.

Assim, as universidades devem ser vanguardas em uma educação emancipatória e integradora. O que foi visto na Universidade de Brasília ao implantar uma oficina de Leitura e Produção de Texto exclusivamente voltada para os indígenas (EUZÉBIO e REBOUÇAS, 2017, p.519). Como dito anteriormente, para o indígena é importante o conhecimento da grafia em língua portuguesa para negociações com os não-índios, assim como subsídios para a guarda da memória, para que as histórias não se percam na oralidade cotidiana.

Os autores Euzébio e Rebouças (2017) conseguiram elencar os seguintes problemas, relatados pelos indígenas em pesquisa realizada em 2015, dentro da Universidade de Brasília – UnB:

1. Problemas adaptativos;
2. Distância dos familiares;
3. Falta de inclusão na universidade;
4. Problemas financeiros e de moradia;
5. Estigmatização;
6. Falta de domínio da linguagem acadêmica;
7. Baixo rendimento;
8. Supervalorização, por parte da Universidade, do aspecto quantitativo para o rendimento escolar.

As oficinas foram realizadas em encontros de duas horas semanais, durante dois semestres. As reflexões iniciais foram sobre questões do próprio povo, a partir do qual foi ensinado a “como” se trabalhar com o texto. Tendo como base o estudo dos gêneros textuais, sendo sugerido como primeira produção um texto narrativo-dissertativo sobre pertencimento. A segunda atividade foi a escolha de um texto de sua área para realização de uma resenha. Após outras atividades com textos foi realizado um *feedback* mediado. A estratégia das oficinas foi a tentativa de recuperar o indivíduo como cerne do processo de aprendizagem.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

Atualmente, alguns dos problemas elencados pelos autores em 2015 ainda permanecem. O item relacionado ao financeiro e moradia contribui diretamente para a evasão de alunos do processo universitário, pois distantes da família e com dificuldade para se manter, muitos preferem desistir. A pesquisa dos autores foi importante ao elencar itens que podem sim de alguma forma serem trabalhados e ultrapassados.

Percebe-se a preocupação da Universidade em agregar os alunos que possuam alguma limitação em seus estudos, contribuindo de maneira ampla a sua formação e minimizando os fatores que possam contribuir para a evasão. Podemos citar como exemplo o Projeto Raízes que na conjunção do Decanato de Graduação (DEG), a Diretoria de Acompanhamento e Integração Acadêmica (DAIA), A Assessoria de Assuntos Internacionais (INT) e a Coordenação da questão indígena do Decanato de Assuntos Comunitários (COQUEI), visam “acolher estudantes estrangeiros, sejam refugiados ou ingressos por meio do convênio, bem como alunos oriundos de comunidades indígenas, através da disponibilização de tutores devidamente orientados”.

Por meio do projeto os alunos têm ajuda de tutores que auxiliam no processo de enfrentamento de dificuldade de choque cultural, problemas com o idioma português e outros relacionados à atividade acadêmica, como conhecer a estrutura do campus. Por meio de edital, alunos candidatam-se como tutores e passam a acompanhar seus tutorados, em contrapartida recebem bolsa da universidade pelo semestre.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O reconhecimento dos sujeitos como pertencentes do processo de ensino-aprendizagem é o primeiro passo para uma educação mais emancipadora. Com o letramento não seria diferente, já que esta é uma característica que imprime uma singularidade ao processo, percebendo como letrados não somente os indivíduos que conhecem a forma padrão culta, mas também considerando as vivências e percepções de mundo destes cidadãos.

Este ensaio teve o objetivo embasado no letramento, de refletir acerca das políticas públicas universitárias para ingresso e manutenção do povo indígena nas universidades, em particular na Universidade de Brasília. Como um reconhecimento destes sujeitos que compõe minorias dentro do processo linguístico de letramento.

Corroborando com as características de criação de políticas públicas que tenha em foco o sujeito demandante no surgimento da *policy*. Este olhar crítico permite que as políticas não sejam apenas pró-formas dos sistemas de governo, em anos eleitorais, mas que realmente atinjam o público ao qual pretende desenvolvendo resultados.

Saindo do eurocentrismo que aproxima de maneira indiscriminada todas as culturas, de forma a produzir uma que seja dominante, desconhecendo aquilo que realmente deveria ser das culturas de minorias. Por meio deste aspecto, muitos sujeitos não se reconhecem e passam a valorizar a cultura do outro.

E as relações face a face passam a se desfazer neste processo, contribuindo para isto a globalização com todas as suas facetas de distanciamento, onde a significância do sujeito passa a ser questionada. Tudo isso, também acontece com os aspectos da fala, considerando o Brasil e sua vasta extensão territorial.

O eurocentrismo nos evoca uma gramática baseada em Portugal, com pouca significância aos falantes nativos. O que para nosso povo causa distanciamento deste padrão culto de língua. E esta é uma construção, já que a comunicação ocorre por meio da interação entre falantes de uma mesma língua. A escuta ativa também é um fator preponderante para reconhecimento do sujeito como pertencente aquele grupo.

Somos uma sociedade plural e temos obrigações de compreender nossa língua além da grafia, percebendo também as intencionalidades no ato da fala. O aprendizado das normas deve, antes de tudo, ser inter e transdisciplinar. Aliados a interculturalidade, que envolvam comunidades que busquem sua formação superior.

Especificamente sobre o acesso dos indígenas nas universidades, há que se refletir acerca dos processos de não-exclusão, este é um desafio constante. E uma das reflexões possíveis é acerca das línguas maternas dos demandantes indígenas. Já que a língua padrão culta, em ambientes acadêmicos acaba sendo imposta, desvalorizando o sujeito e causando um acultramento, muitas vezes reverenciado por não-índios. Sendo importante considerar o sujeito como participante e pertencente ao processo de ensino e aprendizagem.

Se considerarmos, de maneira ampla o termo ensinar-aprender, percebemos que o ato de ensinar e aprender ocorrem concomitantemente, ou seja, o mesmo sujeito que ensina, aprende e aquele que aprende também ensina, ou seja os papéis são intercalados permitindo que as vozes sejam alternadas.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

É relevante salientar que o indígena, dentro do contexto universitário, tem obrigações como qualquer outro estudante, sendo demandado dele tarefas nem sempre fáceis de se cumprirem pelo distanciamento linguístico nos primeiros semestres. Não sendo necessário, muito menos eficaz, colocar a língua materna indígena em desprestígio, como forma de fazê-lo aprender a língua portuguesa. Ambas as línguas possuem suas importâncias.

Assim, vale frisar que a mudança nas práticas educacionais é uma cobrança deste século. Não sendo mais eficaz um ensino que não englobe outras realidades. Para as Universidades que possuem alunos indígenas o repensar o alicerce pedagógico se faz necessário como forma de inclusão e manutenção deste sujeito. Fazendo com que a educação seja emancipadora e transformadora da realidade de quem a busca.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Severina Alves de. **Etnossociolinguística e letramentos**: contribuições para um currículo bilíngue e intercultural indígena apinajé. 2016.
- DAS GRAÇAS RUA, Maria. **Análise de políticas públicas**: conceitos básicos. Manuscrito, elaborado para el Programa de Apoyo a la Gerencia Social en Brasil. Banco Interamericano de Desarrollo: INDES, 1997.
- EUZEBIO, Umberto; REBOUÇAS, Eduardo Melo. Inserção de estudantes indígenas na universidade pública brasileira a partir da produção textual. **Raído**, v. 11, n. 27, p. 507-528, 2017.
- EDITAL DE TUTORIA ESPECIAL. DEG/DAC/INT 05/2017. Disponível em http://www.deg.unb.br/images/editais/deg/2017/edital_deg_dac_int_05_2017.pdf Acesso em 25 de junho de 2018.
- FUJITA, E. T. Trabalho, educação e formação docente na sociedade capitalista. p. 1–12, [s.d.]
- FREY, Klaus. Políticas públicas: um debate conceitual e reflexões referentes à prática da análise de políticas públicas no Brasil. **Planejamento e políticas públicas**, Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), n. 21, jun 2000.
- JUNG, Neiva. Letramento em um contexto multilíngue no Brasil: a articulação da escrita em português com as identidades de gênero social e etnicidade. **EntreVer-Revista das Licenciaturas**, v. 3, n. 5, p. 103-115, 2014.
- KONDO, Rosana Hass; FRAGA, Letícia. Índio só é índio se fala língua indígena:

representações de identidade indígena. **Revista Língua&Literatura**, v. 15, n. 25, p. 213-239, 2013.

MBEMBE, Achille. **África Insubmissa**: cristianismo, poder e Estado na sociedade pós-colonial. Edições Pedago, 2013.

QUIJANO, Anibal, Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A Colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. Educação e trabalho: uma relação tão necessária quanto insuficiente. **São Paulo em perspectiva**, v. 14, n. 2, p. 72-81, 2000.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS NA BIBLIOTECA: POTENCIALIDADES NO COMPARTILHAMENTO E DIFUSÃO DA INFORMAÇÃO

Maria Aparecida Rodrigues de Souza¹

Lais Pereira de Oliveira²

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade da informação, com a inserção das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), além de saber ler com criticidade é preciso ter competência para conseguir acessar, usar, reutilizar e compartilhar as fontes informacionais disponíveis na rede mundial de computadores. Como observa Barreto (2005, p. 115) “a reorganização da cultura em torno de novos processos comunicacionais aponta para novas configurações sociais [...] de uma cultura analógica à digital”.

Roger Chartier, em entrevista à revista Nova Escola (ZAHAR, 2007, não paginado) afirma que: “Hoje temos no mundo digital um novo suporte, a tela do computador, e uma nova prática de leitura, muito mais rápida e fragmentada. Ela [a tela do computador] abre um mundo de possibilidades, mas também muitos desafios para quem gosta de ler [...]”. Para o historiador francês, “[...] a leitura atualmente se dá de forma, fragmentada, num mundo em que cada texto é pensado como uma unidade separada de informação” (ZAHAR, 2007, não paginado). Essa forma de leitura se reflete na relação com o objeto de estudo, no caso de texto digital, que não dá ao/à leitor/a a “percepção de totalidade, coerência e identidade” (*Loc. cit.*).

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade de Santiago de Compostela (USC), bibliotecária-documentalista do Instituto Federal de Goiás (IF Goiano) e pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Leituras e do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares, e-mail: mcidarsouza@gmail.com. Goiânia, GO.

² Doutoranda em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) e docente da graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás (UFG), e-mail: laispereira2@yahoo.com.br, Goiânia, GO.

Para Chartier (*Loc. cit.*), a fragmentação do conteúdo na internet prejudica a compreensão da totalidade uma vez que o leitor e a leitora se veem livres para navegar de uma informação para outra. No entanto, cabe ao/à docente e, também, às bibliotecas, a formação dessas pessoas para uso eficiente dos recursos digitais. Zahar (2007, não paginado), conclui da entrevista com o especialista em história da leitura que, “[...] a Internet pode se transformar em aliada dos textos por permitir sua divulgação em grande escala”.

Nesse sentido, o presente artigo discute os Recursos Educacionais Abertos (REA) disponíveis na Internet como recurso tecnológico que dinamiza o compartilhamento e difusão da informação, modificando as formas de leitura e a autoria. Segundo observa Vieira (2016, p. 23):

Os REA surgem diante deste contexto tecnológico como uma alternativa valiosa para o contexto de autoria, pois por meio deles é possível averiguar as licenças de uso, expedidas pelo autor, partindo da premissa que a utilização daquele material ocorrerá de acordo com as limitações estipuladas pelo mesmo.

Os recursos educacionais abertos representam materiais voltados ao processo de ensino e aprendizagem, dispostos de forma livre e aberta, que “têm como princípio a possibilidade de reuso e adaptação” (AMIEL; OREY; WEST, 2011, p. 121). São, como ressalta Santos (2013, p. 21, grifo da autora), “frequentemente chamados de *objetos de aprendizagem* ou *conteúdo aberto*”.

Tendo em vista que os estudos sobre REA são ainda incipientes, especialmente os que se voltam para sua aplicação no âmbito das bibliotecas escolares (SOUZA; OLIVEIRA, 2016), busca-se com o presente ampliar as discussões em torno da temática. Previamente discutido em trabalho de conclusão de curso de especialização, o assunto é agora revisitado de modo a explicitar as potencialidades dos REA no compartilhamento e difusão da informação.

2 RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS

De maneira geral, REA é uma fonte de informação de apoio ao ensino e à aprendizagem, disponibilizada livremente na internet a partir de licenças previamente

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

estabelecidas que permitem ao usuário editar e modificar o recurso, ou simplesmente usufruir do mesmo sem que precise desembolsar algum valor. Aplicamos nesse estudo o conceito de REA utilizado por Vieira (2016) e por Zanin (2017), de abordagem mais geral. Para Vieira (2016, p. 23) “é todo tipo de material informacional que possui alguma licença de uso, permitindo ao usuário efetuar o download, editar e disseminar tal conteúdo para outros, sem barreiras de acesso”. De modo similar, Zanin (2017, não paginado) caracteriza REA como sendo “todos os materiais de ensino, aprendizagem ou pesquisa em domínio público ou publicados sob uma licença aberta que permite o seu uso de forma legal”.

Desse modo, instituições de ensino público, seja da educação básica ou superior, em qualquer parte do mundo, podem utilizar desses recursos para possibilitar aos/às estudantes mais do que o acesso à informação. Percebe-se que:

o uso de tecnologias de informação e comunicação vem sendo aliado a situações de ensino e aprendizagem, favorecendo o acesso à educação. Dentre essas tecnologias, o uso de Recursos Educacionais Abertos (REA) no formato on-line para a utilização na educação se apresenta como uma possibilidade de resposta nesse cenário, tendo em vista que a interação e a colaboração por meio da internet já é uma realidade de milhões de pessoas que formam uma admirável rede de informações, conhecimento e aprendizagem (PIAZZETTA; KOWALSKI, 2015, p. 684).

Desde o surgimento do termo em 2002, “esforços têm sido realizados para produzir e manter material educacional de alta qualidade, para professores e alunos das mais diversas áreas do conhecimento” (MARQUES; MESSAGE; TERÇARIOL, 2016, p. 465). Além do que:

Levando em conta os critérios para considerar-se um material REA, existe uma discussão sobre requisitos básicos, como a presença de licenças, interoperabilidade, interação, cooperação, flexibilidade, a fácil adaptação, softwares livres, plataformas com fácil manuseio, entre outras características (VIEIRA, 2016, p. 25).

O REA, por se constituir em uma ferramenta de compartilhamento e reuso de informação, proporciona ao usuário e à usuária do recurso digital, a possibilidade de autoria. Desde que este conheça e aplique os direitos autorais. Entretanto, “não são apenas os alunos que estão participando da produção de conteúdo. A troca de ideias,

experiências e informações ultrapassa os muros da escola, evidenciando a tendência mundial da educação aberta” (COORDENAÇÃO CENTRAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2017, não paginado).

Os REA “têm como objetivo permitir e facilitar acesso a uma variedade de recursos a qualquer pessoa ao redor do mundo” (AMIEL; OREY; WEST, 2011, p. 113). Logo, a adoção de REA está atrelada ao princípio da educação aberta. Segundo observam Cruz-Riascos, Rodrigues e Cordeiro (2014, p. 143-144):

Ao compreender o conceito de educação aberta como o ato de disponibilizar o livre acesso ao aprendizado por meio de tecnologias de informação e comunicação de forma gratuita, a facilitação ao acesso dos conteúdos, e a interação entre docentes, discentes, bibliotecários, e outros interessados do ambiente acadêmico e da comunidade aos temas ofertados, justifica-se a divulgação do uso de recursos educacionais abertos.

A este respeito Marques, Message e Terçariol (2016, p. 464) explicam que:

Atualmente, a Educação Aberta é vinculada aos chamados Recursos Educacionais Abertos, trazendo novas práticas de ensino-aprendizagem com utilização das tecnologias educacionais, porém, não é exclusiva, a utilização dos Recursos Educacionais Abertos é mais uma forma de se fazer Educação Aberta.

Uma das potencialidades do REA está justamente no compartilhamento e difusão da informação, enquanto recurso disponibilizado democraticamente no espaço em rede. Nesse espaço aberto, segundo Chartier (ZAHAR, 2007), as leituras podem ocorrer de maneira fragmentada. No entanto, se a disponibilização do REA for atrelada a uma mediação pedagógica para uso e reuso da informação digital, a leitura pode levar a uma escrita direcionada e à compreensão aprofundada do objeto. Ainda, nesse processo, há possibilidade de contribuir com outras pessoas ao compartilhar o conhecimento adquirido.

Daí a importância de envidar discussões sobre recursos educacionais abertos na Biblioteconomia, sobretudo na perspectiva de seu compartilhamento e difusão por bibliotecas. Cenário este que pode conduzir a novas investigações tendo por base o atendimento às necessidades de informação e o fomento do processo de letramento informacional.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

No caso dos REA o compartilhamento da informação adquire papel de suma importância uma vez que o recurso exige estratégias, habilidades, competências e atitudes diferentes das fontes convencionais. A utilização dos REA implica tanto na aquisição de habilidades e competências comunicativas por parte dos docentes, bibliotecários/as e discentes, quanto em uma preocupação com a criação de momentos de interação e de possibilidades concretas para a execução de trabalhos colaborativos, com os quais a aprendizagem ocorre de modo participativo.

Logo, “é preciso desenvolver políticas públicas que tenham por objetivo a correta utilização da tecnologia” (ZAHAR, 2007, não paginado) no espaço da escola. Até porque “a tecnologia está tão intimamente ligada ao nosso cotidiano que se torna quase impossível apontar um só campo de ação em que ela não esteja presente, influenciando comportamentos, modificando atitudes, definindo novos rumos [...]” (FERREIRA, 2003, p. 5).

Vale ressaltar também a importância da participação e empenho do bibliotecário e da bibliotecária nessa direção. Conforme Vieira (2016, p. 34) o profissional da informação “deve estar atento aos diversos tipos de recursos educacionais existentes, pois assim, terá como incentivar, recuperar, compartilhar e selecionar o material que melhor atenda às necessidades do seu usuário”. Logo, mais do que se pautar pela difusão de fontes tradicionais, é premente que o bibliotecário seja proativo no fornecimento e divulgação de recursos abertos, que podem contribuir grandemente com a formação e as pesquisas dos alunos/as na biblioteca escolar.

O estudo realizado por Santos (2013, p. 13) acerca do estado da arte do REA no Brasil, “mostra uma carência evidente de uma avaliação da experiência acumulada até o momento no uso de conteúdos digitais abertos e recursos educacionais abertos. Sem essa análise, como é possível determinar o que ainda precisa ser feito?”. Visando responder a essa pergunta, o presente artigo versa sobre o contexto das bibliotecas dos institutos federais que trabalham com ensino médio, educação de jovens e adultos e ensino superior, atuando na disponibilização, disseminação e incentivo ao uso das informações científicas que circulam pela rede mundial de computadores de maneira aberta, com fins na produção de trabalhos escolares.

As experiências de REA, no Brasil, apresentadas por Santos (2013, p. 69, grifos da autora) “[...] são construídas a partir dos conceitos de *objetos de aprendizagem, conteúdo digital e*

objetos educacionais, com o objetivo adicional de disponibilizar recursos gratuitamente para uso público de modo a melhorar o ensino e a aprendizagem”. As bibliotecas virtuais criadas com a filosofia REA com conteúdos acessíveis a estudantes do ensino médio são: Portal Domínio Público, Banco Internacional de Objetos Educacionais, Projeto Folhas e Projeto Condigital. “Essa filosofia prega o compartilhamento, reuso, adaptação, readaptação, tradução e localização de recursos educacionais” (SANTOS, 2013, p. 69). Mas para tal precisam ser compartilhadas e difundidas, no que a biblioteca assume papel essencial.

Nesse sentido, o compartilhamento de REA, com fins educacionais, é um processo semelhante ao letramento informacional que envolve “[...] desenvolvimento de competências e habilidades específicas, para buscar e usar a informação” (GASQUE, 2012, p. 39) de maneira sistêmica, visando experienciar a educação para a informação. Assim, focaremos no presente artigo em REA utilizados por bibliotecas dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs). A discussão se dará a partir dos dados empíricos da amostragem referente às bibliotecas pertencentes aos IFs da Região Centro-Oeste.

3 METODOLOGIA

O estudo enquadra-se como exploratório-descritivo com abordagem qualitativa. Utilizou-se o método do estudo de caso. Triviños (2013) define esta categoria de pesquisa como uma forma de aprofundar uma unidade individual. Dessa maneira, adotamos essa metodologia por proporcionar condições para compreender as formas de compartilhamento e difusão de informação por meio de REA no âmbito dos IFs na era digital.

Na era da sociedade digital, conforme Barreto (2005), há mudança de relações dos sujeitos com a informação/conhecimento provocada pelas tecnologias digitais de informação e de comunicação (TDIC). É nada mais pertinente do que pautar a pesquisa por um contexto educacional envolto à ciência e a tecnologia como é o caso dos institutos federais. Buscando assim compreender em que medida o exposto por Barreto (2005) vem sendo trabalhado nesse universo.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

A importância no estudo de caso consiste identificar na complexidade do objeto a sua especificidade. Esta metodologia possibilita o aprofundamento do assunto à medida que se aproxima do objeto (TRIVIÑOS, 2013). Esse método se aplica nessa pesquisa por considerarmos o fenômeno estudado complexo e que não pode ser estudado fora do contexto em que ocorre naturalmente.

Neste artigo, aprofundaremos na questão referente ao compartilhamento e difusão de informação via REA, a partir da amostra selecionada. A amostra é constituída por bibliotecas de quatro Institutos da Região Centro-Oeste, de uma população de cinco, a saber: Instituto Federal Goiano (IF Goiano), Instituto Federal de Goiás (IFG), Instituto Federal do Mato Grosso do Sul (IFMS), Instituto Federal do Mato Grosso (IFMT) e Instituto Federal de Brasília (IFB). A partir da Questão 6 do questionário³ (SOUZA; OLIVEIRA, 2016) constatou-se que, ao todo, oito bibliotecas, dessa população, disponibilizam REA a estudantes do ensino médio. Justificando-se, assim, nossa escolha por analisar mais profundamente a forma de compartilhamento e difusão de informação possibilitada pelos REA nas unidades selecionadas.

A pesquisa inicial foi desenvolvida com dados de onze questionários respondidos por bibliotecários/as. Esse quantitativo passou a ser oito, devido ao foco de interesse de aprofundamento nesse artigo.

No percurso da investigação foram realizadas pesquisas do tipo bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica, de acordo com Gil (2010), tem como finalidade coletar informações e conhecer de forma geral a temática escolhida, a partir da literatura. Esse tipo de pesquisa nos permitiu a construção e o delineamento do objeto REA de modo ampliado, bem como proporcionou o aprofundamento do tema para fundamentar a análise e compreender a realidade.

Para além da ampliação dos enlaces teóricos, retomamos a análise dos dados colhidos na ocasião de desenvolvimento do trabalho de conclusão da especialização em Letramento Informacional, a procura de “[...] aprofundamento das questões propostas [...]” (GIL, 2010, p. 53) para este artigo que foi: expandir a interpretação a partir dos

³ Questão 6. A biblioteca de seu Câmpus disponibiliza recursos educacionais abertos - "materiais de ensino, aprendizagem e pesquisa veiculadas em qualquer suporte ou mídia, que estejam sob domínio público ou licenciados de maneira aberta por licenças de direito autoral livres [...] permitindo que sejam utilizados ou adaptados por terceiros" (REZENDE, 2015, p. 2) - aos usuários?

gráficos e falas da seção 6.3 do estudo de Souza e Oliveira (2016). Assim, centralmente discutem-se as potencialidades do REA no compartilhamento e difusão da informação, em conformidade com o eixo Bibliotecas Escolares do IX Café com Leitura.

Nesse ponto, torna-se possível levantar discussões sobre a complexidade de informações que ora se estabelecem, mediadas pelo contexto tecnológico. Ao mesmo tempo, isso nos possibilita ampliar revisão de literatura no tema REA e as interpretações sobre bloco de dados levantados no assunto, que no trabalho realizado por Souza e Oliveira (2016) ficou reduzido, pelo quantitativo de páginas exigido.

Com a releitura dos dados foi possível aprofundar melhor as discussões acerca da realidade das bibliotecas escolares estudadas e sinalizar para as práticas de compartilhamento e disponibilização de REA para leitura de informação e produção de novo conhecimento. Do questionário aplicado, selecionamos para este artigo três questões para aprofundamento. São elas:

- a) Como a biblioteca do Câmpus promove a difusão da informação, com uso de REA, junto aos discentes de ensino médio?
- b) Onde são disponibilizados os materiais e conteúdos didáticos produzidos pela biblioteca?
- c) Na opinião do/da bibliotecário/a, os ambientes onde estão disponíveis os conteúdos produzidos pela biblioteca favorecem a livre aprendizagem?

O movimento da pesquisa após a coleta de dados foi analisar as respostas em conformidade com o conteúdo disponível nas páginas das bibliotecas em estudo. As análises foram organizadas em categorias, pois, de acordo com Triviños (2013), elas existem objetivamente, ou seja, não são expressões subjetivas, a princípio sendo formadas no decorrer do desenvolvimento histórico. Conforme o autor, as categorias são consideradas essenciais nos estudos que se pautam no materialismo dialético. Assim, as categorias que recortamos da pesquisa, para este artigo, foram organizadas da seguinte maneira:

- a) caracterização do objeto de pesquisa (Tabela 1);
- b) compartilhamento e difusão de REA pelas bibliotecas escolares (Gráfico 1);
- c) produção de conhecimento.

Acerca da primeira categoria, de caracterização do objeto de pesquisa, tem-se:

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

Tabela 1 – Caracterização do objeto de pesquisa

Institutos	IFGoiano	IFG	IFMS	IFB
Bibliotecas analisadas	2	4	1	1

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Nas observações sobre a caracterização do objeto de pesquisa destacamos a existência de bibliotecas conectadas a rede mundial de computadores e com bibliotecários(as) na gestão destas. Constatou-se, na ocasião da pesquisa, que o acesso à TDIC não acontece na mesma medida em todas as bibliotecas, por falta de Internet e estrutura física e tecnológica.

Como se verifica na Tabela 1, na pesquisa há representação de bibliotecas da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica em dois Estados (Goiás e Mato Grosso do Sul) e no Distrito Federal (Brasília). Não havendo participação somente da região de Mato Grosso, por ausência de resposta ao chamado da pesquisa. As quatro instituições representadas oferecem curso de nível médio e superior. A característica similar dessas instituições de abrigarem biblioteca escolar em seu ambiente educacional é que iluminará as análises das próximas categorias, facilitando a sua compreensão.

4 COMPARTILHAMENTO E DIFUSÃO DE INFORMAÇÃO EM BIBLIOTECAS ESCOLARES

Partindo para a análise da segunda categoria, o constatado foi que as bibliotecas dos IFs da Região Centro-Oeste oferecem alguns REA (Gráfico 1) para os/as estudantes de ensino médio, na tentativa de promover o uso de informação na unidade. O que é extremamente válido, por demonstrar o cuidado das instituições em fomentar pesquisas não apenas em fontes tradicionais (material informacional impresso).

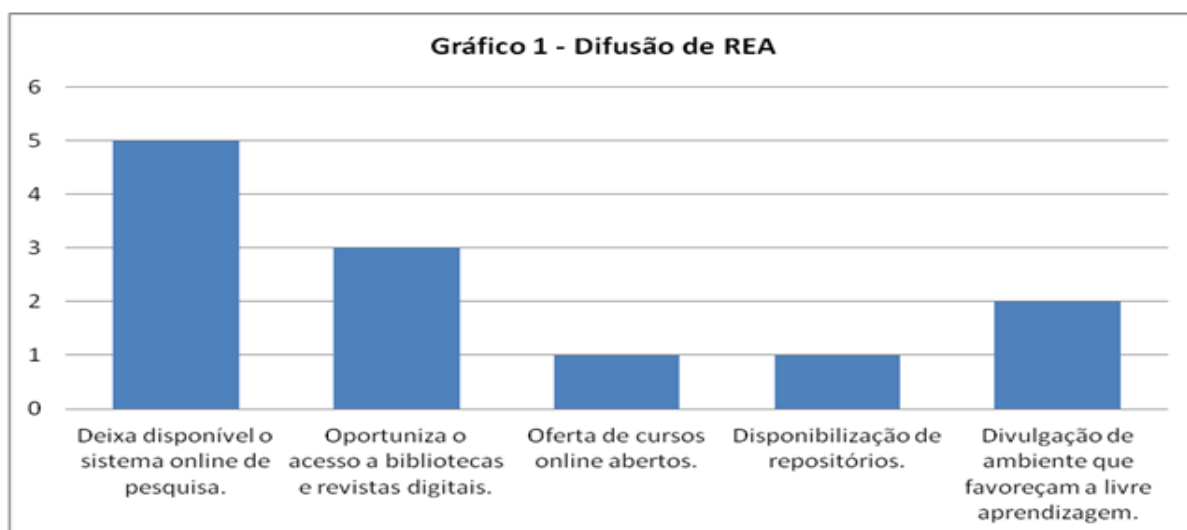


Gráfico 1 – Difusão de REA por bibliotecas do IFs Região Centro-Oeste

Fonte: Adaptado de Souza e Oliveira (2016) a partir da Questão 8: Como a biblioteca do seu Câmpus promove o uso de REA junto aos discentes de ensino médio?

Mais do que isso, nota-se a intenção de compartilhar e difundir fontes especialmente construídas para fomentar o ensino e a aprendizagem, de modo aberto e livre de barreiras. A proposta é que a biblioteca deve ser o canal de disseminação de todos os tipos, suportes e formatos de materiais.

Como se observa acima e também no Gráfico 2, as bibliotecas investigadas têm como prática mais comum de disponibilização de REA o terminal de busca, seguido pelas revistas de acesso digital. O percentual correspondente a essas duas mais significativas difusões são 91,7% e 50%, respectivamente. É, portanto, um meio de acesso a materiais adquiridos e que compõem o acervo físico e também às bases de periódicos e repositórios.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

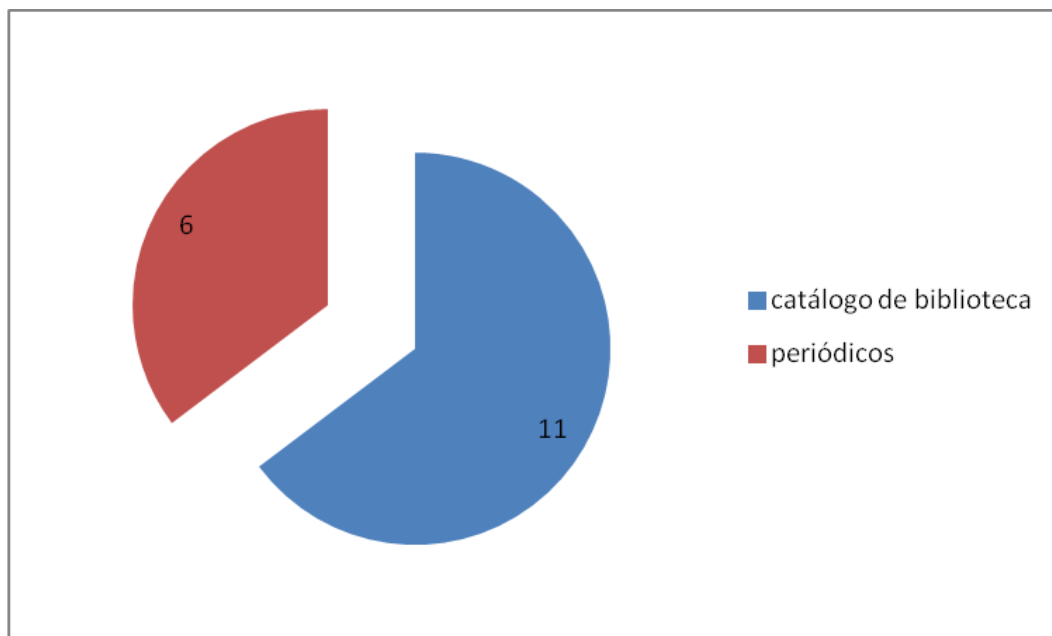


Gráfico 2 – Tipo de REA mais difundido pelas bibliotecas
Fonte: Adaptado de Souza e Oliveira (2016).

Importante salientar, ainda, o significativo número de bibliotecas que sinalizaram nessa questão a divulgação de ambientes que favoreçam a livre aprendizagem. Isso é um ponto fundamental para ampliar as possibilidades de compartilhamento da informação, extrapolando o acervo físico e os recursos tradicionais dispostos na biblioteca. Além do que, demonstra a preocupação da unidade em fomentar a aprendizagem e o conhecimento de distintos formatos para difusão e acesso dos conteúdos informacionais.

A difusão de REA contidos nos catálogos de uma biblioteca provém o reuso, adaptação e readaptação da informação que pode levar a um novo conhecimento. Os REA que estão organizados nos catálogos têm uma ordem e concepção que atenderá determinada área do saber, saindo do conceito da fragmentação e passando ao compartilhamento.

Constatou-se ainda a oferta de cursos *online* abertos. Em termos de compartilhamento e difusão da informação, o local de disponibilização dos conteúdos e materiais didáticos produzidos pelas bibliotecas é o site da instituição, seguido pelo *Facebook*, como demonstra o Gráfico 3:

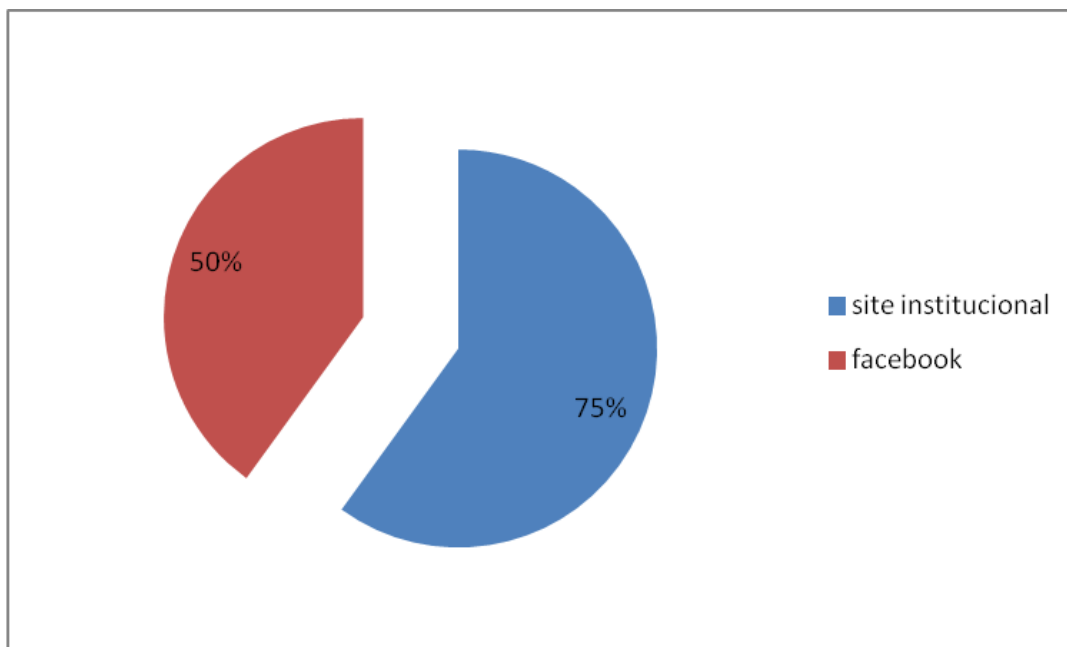


Gráfico 3 – Difusão do conteúdo e dos materiais didáticos

Fonte: Adaptado de Souza e Oliveira (2016).

A difusão em tais canais favorece o acesso pela via *online*, o que também incentiva o uso. Assim, as bibliotecas produzem seus recursos e cuidam para que haja divulgação dos mesmos. Por via indireta, acabam trazendo à tona o propósito dos recursos educacionais abertos, pautados na educação aberta e na divulgação livre de barreiras ao conhecimento produzido.

Das bibliotecas representadas, 50% (n=4) disseram produzir materiais e conteúdos didáticos digitais para capacitar estudantes de ensino médio utilizando REA. Entretanto, no momento da análise do site institucional, não encontramos os materiais mencionados. O que estava em evidência no link das Bibliotecas eram registros de atividades já desenvolvidas por meio de fotos e anúncio de cursos de treinamento de usuários, conforme resposta à questão 3:

Os materiais e conteúdos que resultam das atividades culturais promovidas pela biblioteca, como: treinamento de usuários, circuito de leitura [...] se constituem em materiais didáticos (Q3).

Partindo para a compreensão da terceira e última categoria, observou-se que a metade dos/das bibliotecários/as entrevistados/as não tem opinião formada se o material produzido pela biblioteca está favorecendo aprendizagem no local onde está disponibilizado e, portanto, fomentando a produção de novos conhecimentos. No

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

discurso de alguns o conteúdo produzido pela biblioteca incentiva a produção de conhecimento, em outros não, como expresso na fala: “A biblioteca apenas disponibiliza conteúdos educacionais abertos produzidos por outras instituições ou órgãos públicos (Q1⁴)”.

Conclui-se, a partir da análise das falas dos/das bibliotecários/as, que a biblioteca funciona como um repositório de REA produzido por outrem, oportunizando o uso de REA. Não necessariamente fundamenta a produção de conhecimento a partir disso. Percebe-se que o que precisa ser melhor trabalhado, sobretudo por se tratarem de unidades inseridas no contexto escolar, é o uso e reuso desses recursos.

Em outras falas há críticas em relação ao conteúdo disponibilizado e às dificuldades e impedimentos para produzir conteúdos educacionais abertos para os usuários. Os profissionais destacaram que:

Não tenho um conhecimento muito aprofundado sobre o tema, mas o letramento informacional é indispensável no processo ensino-aprendizagem, portanto devemos buscar colocar em prática todos os recursos disponíveis (Q1).

A biblioteca não conta com site ou sistema digital de gestão em bibliotecas. O que enfraquece seu potencial como ambiente de aprendizagem (Q2);

Infelizmente a nossa biblioteca ainda não possui essa produção, devido a rotatividade grande de bibliotecários e a falta de capacitação de sua equipe para atuar nesta produção (Q5);

Em minha opinião poderia haver outros sites interativos (Q11).

Em bases gerais, percebe-se que as bibliotecas da Rede IF's na Região Centro-Oeste têm compartilhado repositórios e bases de dados de outras instituições mais voltados ao ensino superior. O REA disponibilizado nas páginas das bibliotecas analisadas não tem como fim atingir o público do ensino médio. Isso poderia ser potencializado e trabalhado por igual em todas as bibliotecas dos IFs, sobretudo por se tratar de uma rede.

A importância da autoria de materiais de aprendizagem por bibliotecas, contudo, é reconhecida pelos profissionais. No entanto, na opinião dos/das bibliotecários/as a

⁴ Q corresponde a “Questionário” visando preservar a identidade dos participantes da pesquisa. Os questionários foram enumerados pela ordem de respostas recebidas.

difusão do REA pela unidade ocorre mais no papel de repositório e não como autora dos recursos. O que se constata de algumas falas é que falta capacitação aos profissionais bibliotecários para reconhecer e ter condições de produzir REA. Esse é um termo novo e caro à Biblioteconomia, na medida em que provoca os/as bibliotecários/as para saírem da condição exclusiva de disseminadores para serem também agentes ativos na produção e, autores/as de conteúdos.

Na opinião dos/das bibliotecários/as⁵:

Penso que a biblioteca precisa promover mais ações que promovam o uso dos REA, com vistas a cumprir seu papel de disseminar, de democratizar a informação, e de incluir o maior número possível de sujeitos no mundo da informação, do conhecimento (Q6).

O uso dos REA seria uma forma de democratizar o conhecimento. Para tanto precisamos como profissionais nos capacitar para tornar acessível esses recursos aos usuários das bibliotecas (Q7).

Das opiniões apresentadas pelos/as bibliotecários/as que destacamos nesse artigo, fica evidente que somente ter acesso às tecnologias de informação e comunicação na biblioteca não é suficiente, mas conforme Piazzetta e Kowalski (2015), é importante que as pessoas tenham condições de utilizá-las para que a informação seja difundida e compartilhada.

6 CONCLUSÃO

Concluimos pelas análises que, dentre as bibliotecas dos IFs da Região Centro-Oeste, quatro delas (IFB, IFG, IFGoiano e IFMS) buscam de algum modo compartilhar e difundir REA junto aos discentes de ensino médio, especialmente por meio dos serviços *online* (catálogo eletrônico, link de acesso ao Portal de Periódicos Capes, etc). Em relação aos materiais e conteúdos didáticos produzidos pela própria unidade, estes aparecem de maneira fragmentada no site da instituição e por meio de divulgação no *Facebook*.

Na opinião dos investigados, a difusão dos REA em ambientes de biblioteca promove o desenvolvimento do conhecimento. De modo geral, a percepção dos/as bibliotecários/as é que a biblioteca pode contribuir com a criação e difusão de REA a seu

⁵ Espaço para comentários sobre o uso dos REA por bibliotecas.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

público. Mais do que isso, os profissionais percebem o potencial dos REA para compartilhar e difundir informações, bem como a relevância disso no contexto escolar.

Ainda assim, recursos educacionais abertos precisam ser melhor trabalhados na biblioteca escolar. O papel de tal unidade no contexto do ensino e da aprendizagem demanda ação participativa no compartilhamento e difusão de novos recursos informacionais como o são os REA. Para além disso, as bibliotecas necessitam desempenhar o papel de produtoras de conteúdo REA, assumindo a postura de centros ativos que fomentam a educação e a produção de novos conhecimentos.

REFERÊNCIAS

AMIEL, Tel; OREY, Michael; WEST, Richard. Recursos Educacionais Abertos (REA): modelos para localização e adaptação. **ETD – Educ. Tem. Dig.**, Campinas, v. 12, n. esp., p. 112-125, mar. 2011.

BARRETO, Angela Maria. Informação e conhecimento na era digital. **Transinformação** [online], Campinas, v. 17, n. 2, p. 111-122, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v17n2/02.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

COORDENAÇÃO CENTRAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. Recursos educacionais abertos (REAs): tendência positiva. **Asas EAD**, Rio de Janeiro, ano 7, n. 10, dez. 2017. Disponível em: <<http://www.asasead.net/asasEAD/?p=333>>. Acesso em: 23 fev. 2018.

CRUZ-RIASCOS, Sonia; RODRIGUES, Laura Vilela; CORDEIRO, Werônica Yamacyra. Recursos Educacionais Abertos em bibliotecas universitárias brasileiras: explorando ações e tendências. **Cadernos BAD**, n. 2, p. 143-147, jul./dez. 2014.

FERREIRA, Daniela Assis Alves. Tecnologia: fator determinante no advento da sociedade da informação? **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 4-11, jan./jun. 2003.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Letramento informacional**: pesquisa, reflexão e aprendizagem. Brasília: Editora FCI/UNB, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13025/1/LIVRO_Letramento_Informacional.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARQUES, Ana Paula Ambrósio Zanelato; MESSAGE, Carla Plantier; TERÇARIOL, Adriana Aparecida de Lima. Recursos educacionais abertos: seus conceitos e suas licenças

creative commons. **Colloquium Humanarum**, v. 13, n. esp., p. 463-469, jul./dez. 2016.

PIAZZETTA, Karolyna Dawidziak; KOWALSKI, Raquel Pasternak Glitz. Criação de interface digital para recurso educacional aberto. **Caderno PAIC**, v. 16, n. 1, 2015.

Disponível em: <<https://cadernopaic.fae.edu/cadernopaic/article/view/121/120>>.

Acesso em: 23 fev. 2018.

REZENDE, Laura Vilela Rodrigues. **Ambientes virtuais colaborativos na produção e comunicação do conhecimento**. Goiânia: UFG/CIAR, 2015.

SANTOS, Andreia Inamorato dos. **Recursos educacionais abertos no Brasil: o estado da arte, desafios e perspectivas para o desenvolvimento e inovação**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013. Disponível em:

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002279/227970por.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

SOUZA, Maria Aparecida Rodrigues de; OLIVEIRA, Lais Pereira de. Letramento informacional com uso de recursos educacionais abertos: estudo em bibliotecas de instituições de educação profissional, científica e tecnológica da Região Centro-Oeste. In: SANTOS, Andréa Pereira dos et. al. (Orgs.). **Letramento informacional: educação para informação**. Goiânia: Gráfica UFG, 2016. p. 261-280. Disponível em:

<[https://cafecomleitura.fic.ufg.br/up/366/o/E-book_CELI_\(Corrigido\).pdf](https://cafecomleitura.fic.ufg.br/up/366/o/E-book_CELI_(Corrigido).pdf)>. Acesso em: 02 fev. 2018.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2013.

VIEIRA, Ana Paula da Fonseca. **Fontes de informação como recursos educacionais abertos: um estudo com a comunidade bibliotecária goiana**. 2016. 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

ZAHAR, Cristina. Os livros resistirão às tecnologias digitais. **Nova Escola** [online], v. 204, ago. 2007. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/938/roger-chartier-os-livros-resistirao-as-tecnologias-digitais>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

ZANIN, Alice Aquino. Recursos educacionais abertos e direitos autorais: análise de sítios educacionais brasileiros. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 71, dez. 2017.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

UMA REFLEXÃO SOBRE OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS QUE ESTÃO SENDO UTILIZADOS NOS ESTUDOS DE BIBLIOTERAPIA NO BRASIL

Letícia Batista do Nascimento¹

Erinaldo Dias Valério²

1 INTRODUÇÃO

A biblioterapia é uma prática terapêutica realizada a partir da leitura de livros, e tem o propósito de auxiliar os (as) leitores (as) ou pacientes a passarem por suas respectivas dificuldades, sejam elas físicas ou emocionais. Ela é uma forma utilizada pelos (as) profissionais da saúde e da Biblioteconomia para tentar amenizar ou até curar os problemas das pessoas por meio da leitura. Ela é conhecida como um tratamento que pode ser aplicado em hospitais, asilos, presídios e em outros ambientes.

Segundo Ouaknin (1996) a biblioterapia é praticada desde a época do mundo anglo-saxão, com pessoas acometidas por diversos tipos de doenças. O nome só ficou conhecido mesmo no começo do século XX, como leitura compartilhada entre pacientes de diferentes hospitais.

A escolha por este tema se justifica por querer identificar como tem sido a produção em biblioterapia na área de Biblioteconomia no país. Além disso, a intenção é apresentar aos docentes, discentes e profissionais da área como está a produção bibliográfica sobre a temática, se essa produção vem sendo atualizada constantemente e quais são os fundamentos metodológicos utilizados.

¹ Bacharela em Biblioteconomia, Universidade Federal de Goiás (UFG), e-mail: leticiabn365@gmail.com, Goiânia, GO.

² Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás (UFG), e-mail: erinaldodiasufc@yahoo.com.br, Goiânia, GO.

Vale ressaltar que uma pesquisa desse porte pode favorecer o campo da Biblioteconomia e ajudar aos (as) profissionais a identificar métodos para aplicação da biblioterapia em seu ambiente de atuação. Uma das limitações deste trabalho está relacionada ao fato de não se encontrar muitas bibliografias que abordam o tema, diante disso, a questão da pesquisa foi identificar quais os métodos que estão sendo usados no estudo da biblioterapia no Brasil.

Este estudo tem por objetivo geral: identificar os procedimentos metodológicos que estão sendo usados no estudo da biblioterapia no Brasil, a partir dos artigos indexados na Base de Dados de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI). Por meio dos objetivos específicos: mapear as produções científicas sobre biblioterapia no Brasil na área de Biblioteconomia; elencar as principais metodologias utilizadas nas pesquisas em biblioterapia e identificar os (as) principais autores (as) que produzem sobre tema no país.

Na próxima seção, estão os apontamentos teóricos e conceituais sobre biblioterapia, áreas de aplicação e a atuação do (a) bibliotecário (a) na prática biblioterapeuta.

2 BIBLIOTERAPIA: ABORDAGEM TEÓRICA

A biblioterapia é estudada desde 1943 no Brasil, mas são poucos os (as) bibliotecários (as) que atuam como biblioterapeuta. Um dos conceitos mais conhecidos é o do Marc-Alain Ouaknin (1996), o qual afirma que a biblioterapia é o uso de materiais de leitura selecionados como auxiliares terapêuticos em medicina e psiquiatria, é o auxílio na solução de problemas por meio da leitura dirigida.

Biblioterapia é uma forma de tratamento terapêutico com pacientes, é um assunto que vem sendo discutido desde a antiguidade. O termo biblioterapia origina-se do grego *Biblion* que indica ser um material bibliográfico e a palavra *Therapein* que significa tratamento, assim, com a junção dessas duas palavras indicam terapia por meio de livros (PAIVA, 2008).

Segundo Orsini (1982), o conceito de biblioterapia é considerado velho, porque o valor terapêutico da leitura foi reconhecido desde tempos remotos. A biblioterapia é chamada de cura da alma por que desde a época de Jesus já era utilizada como tratamento

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

para as pessoas, feita através de leitura. Sendo assim, deve sempre levar a biblioterapia para o lado não só do tratamento, mas também uma forma do paciente ficar em paz com seu interior. A leitura é primeiramente um acontecimento solitário, um encontro privado com o outro mundo, sozinho com o livro, sozinho consigo mesmo (OUAKNIN, 1996).

De acordo com Caldin (2005), a leitura é um ato que cuida da essência de cada leitor (a), assim, a autora estabelece que os livros mechem com o pensamento e a realidade do (a) leitor (a), e a biblioterapia ajuda o (a) paciente a manter-se firme para superar alguns de seus problemas. Segundo Ouaknin (1996), a leitura não pode ser considerada como uma conversa com um (a) amigo (a), pois, o que se diferencia é que a leitura leva o (a) paciente para outro nível, o (a) ajuda a manter concentrado (a) nos seus pensamentos de acordo com a leitura feita, assim a forma como o (a) leitor (a) interpreta é considerada uma terapia.

A biblioterapia é uma área bem variada quando se refere as suas definições, há vários componentes que auxilia na aplicação, e de acordo com Caldin (2001), alguns dos componentes terapêuticos são: catarse - purificação pessoal; humor - transforma a dor em certo prazer; identificação - assimilação que ocasiona a transformação do leitor; introjeção - passar para dentro de si, qualidades do outro ou da leitura; projeção - sentimentos, transferência de ideias, de acordo com cada pessoa e introspecção - reflexão, um olhar para o próprio interior. Estes componentes têm ajudado de alguma forma os (as) pacientes a lidarem com a leitura, e como se expressarem através das conversas, expondo assim seus pensamentos, sentimentos e dor.

A biblioterapia pode ser compreendida de duas formas, a clássica e a clínica. A biblioterapia clássica é uma forma de terapia por meios de livros e da leitura que propõe para seus (suas) pacientes uma interação com o livro ou texto lido de acordo com cada necessidade dos (as) pacientes, um dos objetivos da biblioterapia é manter a saúde mental dos (as) leitores (as). Para tanto os gêneros utilizados para a realização das seções são romances, poesias, religião, arte, filosofia, peças teatrais, ética, história e livros científicos. E de acordo com cada leitor (a) a leitura está relacionada ou seu problema ou condição no momento. A biblioterapia clássica admite terapia com livros e textos e geralmente é aplicada em rodas de leituras, contação de histórias por meio dos (as) bibliotecários (as), profissionais da área de letras, pedagogia, entre outros.

Já a biblioterapia clínica representa a teoria da biblioterapia clássica, podendo ser praticada com filmes, livros, leituras em grupo, entre outros. Os (as) profissionais que trabalham com a biblioterapia clínica são da área da saúde como Psicologia, Enfermagem, Medicina, etc., em parceria com outras áreas, como Serviço Social, Educação, Arte e Biblioteconomia. No caso do (a) bibliotecário (a), ele (ela) ajuda na decisão do material que será utilizado com o (a) paciente e também na hora de trabalhar a leitura do conteúdo. A análise clínica só pode ser realizada quando houver um centro de informação no hospital ou demais lugares que tratam da saúde dos (as) pacientes.

2.1 ALGUMAS DAS ÁREAS DE APLICAÇÃO DA BIBLIOTERAPIA

Existem várias práticas que envolvem a biblioterapia, como por exemplo, com crianças doentes, idosos (as), detentos (as), entre outras. Com crianças doentes é uma das mais utilizadas por biblioterapeuta³, neste campo, a biblioterapia trabalha com textos literários que estimulam as emoções, a finalidade dessas histórias para as crianças é para que se sintam melhores, assim, os (as) contadores (as) de histórias tentam fazer com que essas crianças esqueçam um pouco dos seus problemas de saúde (CALDIN, 2004).

Uma história é um presente de amor. Crianças doentes e sadias necessitam igualmente de amor. Nessa perspectiva, a biblioterapia pode ajudá-las em suas angústias com relação à suas doenças e/ou seus problemas. Conforme Caldin (2004), a prática de leitura para crianças é uma aprendizagem dinâmica, o texto ou livro lido para elas ajuda no crescimento emocional e psicológico. A biblioterapia é muito aplicada para crianças em hospitais por elas estarem longe de seu ambiente familiar, assim, o tratamento com a leitura ajuda na recuperação.

O livro é a forma mais rica de obter conhecimento e também uma maneira de cativar as crianças (FARIA FILHO, 1998, p. 54). Se a história contada não chama a atenção da criança o tratamento não flui, por que tem que haver um interesse da mesma pela história contada. De acordo com Cashdan (2000, p. 291), tem que haver uma atenção redobrada na escolha de alguns contos, visto que alguns podem estimular a criança para a vaidade, gula, inveja, mentira, luxúria, avareza, preguiça, entre outros. Para adquirir a

³ Biblioterapeuta é o termo utilizado para os profissionais que trabalham a biblioterapia.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

atenção das crianças é sempre bom fazer a escolha do livro de acordo com o gosto das crianças ou a situação que elas estão vivendo no momento.

Para os idosos (as), a biblioterapia é trabalhada como forma de socialização, fazendo com que eles (as) possam ter algum tipo de entretenimento e possam se adaptar às suas novas realidades. Assim, a biblioterapia pode ser aplicada em diferentes situações, principalmente no ambiente em que eles (as) moram, pois passam a ficar muito tempo sozinhos (as) e alguns (mas) acabam entrando em depressão ou acumulando outras doenças, nessa hora entra o (a) biblioterapeuta para ajudar com a leitura para eles (as).

A biblioterapia ajuda os idosos (as) a amenizarem ou até esquecerem seus problemas naquele momento da leitura, para eles (as) a biblioterapia é como um refúgio dos seus momentos tristes e sozinhos (as), para muitos (as), é um momento de descanso e de esquecer os problemas relacionados à vida. No século XX, o (a) médico (a) passou a receitar mais leituras para o tratamento dos (as) pacientes. A leitura no caso dos (as) idosos (as) ajuda a lidarem com a velhice, sendo que de acordo com Rossi, Rossi e Souza (2007, p. 326), “[...] grande parte dos idosos (as) sofre com as alterações de valores culturais e com a quebra do tradicionalismo, ocasionando conflitos com a geração mais jovem”.

A biblioterapia com detentos (as) nos sistemas prisionais é realizada pelos (as) funcionários (as) que cuidam da biblioteca. A leitura no ambiente prisional ocupa o tempo e a mente dos (as) detentos (as), a leitura nesses ambientes pode reduzir a pena, além de ajudar no tratamento de algumas doenças. A biblioterapia é importante nas três esferas, presídio, asilos e hospitais. Nos três ambientes, o (a) biblioterapeuta desenvolve um trabalho para que eles (as) possam se sentir melhor com as leituras realizadas.

2.2 A ATUAÇÃO DO (A) BIBLIOTECÁRIO (A) NA PRÁTICA BIBLIOTERAPÊUTICA

De acordo com Dora (2011), o (a) biblioterapeuta é um dos perfis do (a) bibliotecário (a). Ele (ela) trabalha diretamente ligado (a) com o (a) paciente ajudando a lidar com alguns de seus problemas. Esse (a) profissional sempre trabalha com materiais que promovem a leitura. A biblioterapia tem sido praticada há milhares de anos por diversos (as) profissionais. Assim, para os (as) que querem trabalhar nesta área é

necessário fazer um treinamento para lidar com os (as) pacientes da melhor forma. Geralmente os (as) bibliotecários (as) trabalham ao lado dos (as) psicólogos (as), terapeutas, enfermeiros (as), médicos (as), etc.

Segundo Pinto (2008, p. 41), “o ato da leitura demanda necessariamente do leitor [...],” por esse motivo o (a) profissional depende dele para aplicar a leitura de acordo com cada paciente, a sugestão de livros conta com o apoio dos (as) profissionais da saúde, e com essa parceria o trabalho do (a) biblioterapeuta se torna eficaz.

Seguindo nesse pensamento, é importante lembrar as cinco leis fundamentais instituídas para a Biblioteconomia, criada pelo bibliotecário indiano Shiyali Ramamrita Ranganathan, que são: os livros são para usar; a cada leitor o seu livro; a cada livro seu leitor; poupe o tempo do leitor e a biblioteca é um organismo em crescimento. Assim, de acordo com a segunda lei, a cada leitor o seu livro, igualmente ocorre com a biblioterapia, quando os materiais são direcionados para as necessidades específicas de cada pessoa.

A biblioterapia tem a função de ajudar aos pacientes aliviando dores, traumas, solidão, mostrando as possíveis soluções para alguns destes problemas. Nesse momento entra a parceria do (a) biblioterapeuta com o (a) profissional da saúde, que irá falar a condição do (a) paciente e se baseando nesse diagnóstico para fazer a seleção de livros que serão utilizados no tratamento.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Metodologia de pesquisa trata da aplicação de técnicas e procedimentos que são utilizados para a construção do conhecimento com a finalidade de autenticar sua validade e utilidade nos vários campos da sociedade (PRODANOV; FREITAS, 2013). Portanto, a “metodologia examina, descreve e avalia métodos e técnicas de pesquisa que possibilitam a coleta e o processamento de informações” (PRADANOV; FREITAS, 2013, p. 14), direcionando para a solução de problemas em diversos tipos de investigações científicas. A pesquisa descritiva é feita através de uma análise aprimorada dos dados descritos sem a interferência do pesquisador. De acordo com Gil (2008), as pesquisas descritivas se baseiam na descrição das características de uma experiência, ou seja, uma análise minuciosa dos acontecimentos.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

Dessa forma se trata de uma pesquisa com levantamento de dados, como a realizada na base de dados BRAPCI. Conforme Triviños (1987), a pesquisa descritiva deve ser bem detalhada com várias informações sobre o assunto e descrever fatos e ações, pois a pesquisa às vezes não exige do pesquisador uma visão crítica dos dados, os dados já estão prontos e coletados, cabe ao pesquisador descrevê-los.

Quanto aos meios, a pesquisa é de cunho bibliográfico. Para Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica é realizada através de um levantamento de referências teóricas, que já foram analisadas e publicadas em meios eletrônicos ou não, como livros, artigos científicos e páginas de web sites. No entanto, para Gil (2008), a pesquisa bibliográfica tem mais característica de um tipo de pesquisa sobre investigações e ideologias ou as que propõem uma análise das diversas posições acerca de um problema.

Este trabalho possui a uma abordagem de pesquisa qualitativa e quantitativa. Na pesquisa qualitativa, os autores buscam explicar o porquê dos resultados alcançados na pesquisa, sendo que um dos objetivos qualitativos, é a coleta de informações, sejam elas curtas ou grandes, para uma minuciosa investigação científica. Descreve também como quantitativa, por ser considerada uma pesquisa que aborda as opiniões dos (as) autores (as) de um determinado estudo, tentando sempre provar a precisão dos resultados analisados a partir de dados estatísticos.

Neste trabalho, o método de pesquisa utilizado foi a cientometria, que é uma análise quantitativa de dados de diversas fontes secundárias. A cientometria está voltada para os estudos que envolvem os campos científicos, disciplinas, artigos, assuntos, patentes, entre outros (SANTOS, 2003). Por conta deste entendimento, este método é utilizado para esta pesquisa. Assim, de acordo com Price (1969), a cientometria é o estudo quantitativo da atividade científica.

O próximo capítulo apresenta as informações relativas à coleta e análise de dados, a partir dos artigos indexados na BRAPCI, traz os (as) autores (as), o ano de publicação dos artigos e o resultado da pesquisa realizada.

4 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A primeira etapa foi a escolha de uma base nacional especializada em publicações de estudos na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação (CI). Neste sentido, foi

escolhida a Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI)⁴ que compõe um acervo de publicações brasileiras em CI. Ela foi criada pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). A base de dados conta com 57 revistas científicas, com mais de 17 mil artigos de revistas científicas e trabalhos de eventos indexados. Além disso, a base disponibiliza todos os artigos na íntegra, permitindo a leitura de todos os documentos.

A BRAPCI apresenta uma busca de fácil acesso. Seu mecanismo de busca é prático e bastante claro, permitindo ao usuário fazer consultas simples, por autor, título, trecho do resumo, palavras-chave ou todos. Também possui a opção de selecionar o período cronológico para filtrar a busca, e até mesmo utilizar as tags disponíveis na página principal como um guia de assuntos mais buscados.

No caso das buscas realizadas para esta pesquisa foi utilizado somente o termo biblioterapia, assim, a pesquisa compreendeu todos os artigos indexados até dia 30 de novembro de 2017, totalizando 39 trabalhos.

O primeiro trabalho inaugural sobre o tema, surgiu nos anos de 1975, significa dizer que a temática vem sendo discutida na produção científica brasileira há mais de quatro décadas. É preocupante essa informação, visto que, foram encontrados apenas 39 artigos indexados na BRAPCI. Tendo por base os resultados da pesquisa, percebe-se que os interesses pela temática tem crescido em ordem cronológica de publicação a partir de 2001.

A revista ACB: Biblioteconomia de Santa Catarina possui oito artigos publicados sobre a temática, tem o conceito B2 pelo Qualis Capes em 2012 e sua origem data de 1996, lidera o *ranking* dos periódicos que mais se publicam artigos sobre o tema.

A revista Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina, ocupa a segunda posição com seis artigos publicados. A Encontros Bibli, possui o conceito B1 pelo Qualis Capes, com publicação iniciada em 2001.

A revista Biblionline da Universidade Federal da Paraíba, ocupa a terceira posição com quatro artigos publicados. A Biblioline está no Qualis B1 com publicação 2015. A revista ETD: revista Educação Temática Digital Estadual de Campinas, também ocupa a terceira posição com quatro artigos. Ela possui a qualificação B4 na Qualis. Revista Digital

⁴ Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

de Biblioteconomia & Ciência da Informação da Universidade Estadual de Campinas, ocupa a terceira posição com quatro artigos publicados, possui a qualificação Qualis com B1, com publicações em 2006.

As revistas a seguir, tiveram apenas duas publicações e a qualificação foi organizada por ordem alfabética: A revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal de São Paulo, Informação & Informação da Universidade Estadual de Londrina Perspectivas em Ciência da Informação, da Universidade Federal de Minas Gerais, possuem qualificações na Qualis B1, estão ocupando a quarta posição com dois artigos publicados em cada uma.

A revista BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação da Universidade Federal do Rio Grande com qualificação Qualis B3, a revista Brazilian Journal of Information Science da Universidade Estadual Paulista, sua qualificação Qualis é B1, logo após temos a revista DataGramaZero sua qualificação Qualis é B1, a revista Informação & Sociedade: Estudos, da Universidade Federal da Paraíba possui a qualificação Qualis A1, em seguida a revista Múltiplos Olhares em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, sua qualificação na Qualis é B5.

A Revista Conhecimento em Ação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro com qualificação na Qualis e B1, a Revista da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas, sua qualificação Qualis é A1; Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde; e por fim a revista Transinformação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sua qualificação Qualis é A1. Essas revistas possuem a quinta posição com uma publicação sobre o tema. Essas revistas são bem conceituadas na área, mas não apresentam número considerável de artigos na temática. Ou seja, apresentam apenas um artigo em cada.

Além dessas informações, a tabela 1 permite observar a partir dos títulos, resumos e palavras-chave dos trabalhos analisados na BRAPCI, as temáticas dos artigos durante estes anos.

A partir da leitura dos artigos, foi feita uma análise e identificou-se a presença significativa de alguns temas, como crianças, terapia e idosos. Constata-se que durante todo o intervalo entre os anos de 1975 a 2017, a temática contendo o termo crianças, teve o maior número de manifestação em 25 publicações, seguido por terapias, com 24 aparições e idosos com 18, lembrando que a leitura foi realizada com todos os 39 artigos,

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

Pode-se observar que as palavras-chave mais utilizadas nos artigos foram: Biblioterapia, Leitura, Saúde, Idosos, terapêutica. É possível inferir que o termo Leitura é o mais utilizado entre os pesquisadores, o que demonstra que os autores fazem uma ligação importante ao conceito de biblioterapia como uma área que apresenta forte ligação com os estudos de compreensão da teoria e prática da leitura como instrumento para o tratamento de doenças. O tema da leitura não aparece na tabela 1, por esse mesmo motivo.

4.1 ABORDAGEM DOS ARTIGOS

Nesta seção estão os resultados coletados nos artigos, a partir do tipo de abordagem de pesquisa, sendo qualitativo, quantitativo ou quantitativa-qualitativa. Essas abordagens possuem diferenças, mas muitas das vezes se complementam. Sendo 12 (52%) artigos com a abordagem qualitativa, seis (26%) com quantitativo e logo após quantitativo com cinco (22%) abordagens.

Sobre o tipo de pesquisa quanto aos seus objetivos, foram constatados que a pesquisa exploratória é a mais utilizada nos artigos, totalizando 12 (52%), logo após a descritiva com seis (22%) artigos, em seguida, traz a exploratória-descritiva com 22%.

4.2 AUTORES QUE MAIS PRODUZIRAM

Na intenção de atender aos objetivos deste trabalho, que foi identificar os (as) principais autores (as) que produziram sobre o tema, a busca resultou em 36 autores (as) somados (as) com coautorias, a seleção foi organizada por ordem alfabética a partir do segundo e terceiro lugar, pois vários (as) autores (as) tiveram duas publicações.

A autora **Clarice Fortkamp Caldin**⁵ está no topo da seleção com doze artigos publicados em seu nome, sendo que três são em coautoria. Associada da Universidade Federal de Santa Catarina formada em Biblioteconomia na Universidade Federal de Santa

⁵ Autora Clarice Fortkamp Caldin. Acesso em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4772128T7>>. Disponível em: 21 nov. 2017.

Catarina em 1992. Em seguida a autora, **Eva Maria Seitz**⁶, está em segundo lugar com três artigos Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina, Doutorado em Engenharia de Produção & Sistemas - PPGEPS/UFSC.

Posteriormente a autora **Virginia Bentes Pinto**⁷ em terceiro lugar está com três artigos publicados nas bases de dados. Bacharela em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Após, tem-se o autor **André Anderson Cavalcante Felipe**, ele está em quarto lugar com dois artigos publicados. É Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba.

Em seguida temos a autora **Anny Carolyn Leite Calixto**⁸ está em quinto lugar com dois publicados na base possui graduação em Psicologia pela Faculdade Leão Sampaio (2011). Em seguida a autora **Edna Gomes Pinheiro**⁹, está em sexto lugar com dois artigos na base Doutora em Ciência da Informação. Tem experiência nas áreas de: Produção, Organização e Uso da Informação. Posteriormente tem a autora, **Patrícia V. Pinheiro Silva**, está em sétimo lugar também publicou dois (artigos) na base de dados, para esta autora, não foi possível obter informações sobre sua trajetória acadêmica.

Em seguida temos **Jesiel Ferreira Gomes**¹⁰, está na oitava posição dois artigos publicados na base BRAPCI graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB (2000) mestre em Ciência da Informação, posteriormente o autor **Marcus César de Borba Belmino**¹¹. Está na décima posição com dois artigos publicados. Ele é doutor em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da

⁶ Autora Eva Maria Seitz. Acesso em:

< <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4282702P8>>. Disponível em: 21 nov. 2017.

⁷ Autora Virginia Bentes Pinto. Acesso em:

<<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4780251P8>>. Disponível em: 21 nov. 2017.

⁸ Autora Anny Carolyn Leite Calixto. Acesso em:

<<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4461200P5>> Disponível em: 21 nov. 2017.

⁹ Autora Edna Gomes Pinheiro.

<<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4779027U1>> Disponível em: Disponível em: 21 nov. 2017.

¹⁰ Autor Jesiel Ferreira Gomes. Acesso em:

<<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4422619Y8>> Disponível em: 21 nov. 2017>.

¹¹ Autor Marcus César de Borba Belmino.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutoranda em Estudo da Criança pela Universidade do Minho (Portugal), na especialidade Literatura para a Infância.

Tendo como base os resultados, a autora que mais produz nessa temática é a Clarice Fortkamp Caldin da UFSC com doze publicações, em seguida a instituição com maior número de publicação é UFC, para chegar na maior instituição foi analisado cada artigo da BRAPCI, para saber onde estava o autor no período da sua publicação.

É possível relacionar esse resultado com o que foi verificado na tabela 1, a revista ACB possui oito artigos e a revista Encontros Bibli, com seis publicações. Como a professora Caldin é do Estado de Santa Catarina, ficou bem evidente a sua participação nessas revistas que são do mesmo estado. A professora tem sido referência por inserir essa discussão no campo da biblioteconomia e CI. Na próxima seção são apresentadas as considerações finais do trabalho, e as sugestões para pesquisas futuras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A biblioterapia é uma prática interdisciplinar, pode ser desenvolvida juntamente com a Biblioteconomia, Psicologia, Psiquiatria, Educação, etc. Por meio da produção científica as informações sobre biblioterapia podem revelar o avanço do debate sobre o tema.

Com base nos resultados da pesquisa pode-se considerar como um método coadjuvante da cura, ou seja, pelo diálogo e diferentes tipos de atividades e materiais que possam auxiliar no tratamento, tanto mental como físico do (a) paciente. A biblioterapia, de uma forma geral, propõe ajudar os (as) pacientes no tratamento de uma forma sutil, por meio das leituras, rodas de conversas, os (as) pacientes vão se dando conta de que estão conseguindo superar ou lidar com seus problemas.

Com base no referencial teórico, percebe-se que alguns (umas) profissionais acreditam que o (a) bibliotecário (a) não está apto a lidar com o (a) paciente, por não possuir formação na área de saúde, porém, ele (ela) tem toda uma preparação/treinamento, caso queira atuar nesta área. Contudo, é importante ressaltar que esse treinamento é uma escolha do (a) próprio (a) bibliotecário (a).

O estudo realizado sobre a biblioterapia teve como base verificar os procedimentos metodológicos que estão sendo utilizados no estudo de biblioterapia no

Brasil, constatou-se que a maioria dos (as) autores (as) realizou suas pesquisas em hospitais e asilos, sendo um estudo qualitativo e exploratório. Esta pesquisa teve o foco de analisar os artigos publicados na base de dados BRAPCI, dessa base foram recuperados 39 artigos, utilizando na busca somente biblioterapia.

A análise feita na base trouxe como resultado os artigos publicados, para que possa ajudar os (as) leitores (as) a identificar os artigos e os (as) autores (as) que mais descrevem sobre o tema. Com a concepção dos resultados da análise de dados percebe-se também que o (a) bibliotecário (a) pode trabalhar nesse campo e por se tratar de pessoas doentes ou com algum tipo de trauma físico ou mental, é necessário que ele (ela) passe por um preparo mais específico na sua formação. Espera-se que para estudos futuros, o tema da biblioterapia possa aparecer de forma mais efetiva nas produções científicas das áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação. E que estes estudos possam ir além dos ambientes de aplicação vistos até aqui.

REFERÊNCIAS

BASE de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação – BRAPCI. [Curitiba]: UFPR, 2017. Disponível em:
<<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/index.php>>. Acesso em: 30 set. 2017.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v.6, n. 12, p. 32-44, 2001.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia: um Cuidado com o Ser**. São Paulo: Porto de Ideias, 2004. 200 p.

CALDIN, Clarice Fortkamp - **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto de Ideias, 2005.

CASHADAN, S. Como utilizar os contos de fada. In: _____. **Os sete pecados capitais nos contos de fadas: como os contos de fadas influenciam nossas vidas**. Tradução de Maurette Brandt. Rio de Janeiro: Campus, 2000. p. 291-306.

DORA. **Os tipos de bibliotecários**. 2011. Disponível em:
<[file:///C:/Users/Leticia/Downloads/4585-15982-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Leticia/Downloads/4585-15982-1-PB%20(1).pdf)> Acesso em: 20 nov. 2017.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

FARIA FILHO, Conhecimento e cultura na escola: um olhar histórico. In: FERREIRA, D. T. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v.4, n.2, p.35-47, jun. 2003. Disponível em <<https://repositorio.bc.ufg.br/xmlui/bitstream/handle/ri/4290/TCCG-BIBLIOTECONOMIA-DEISA%20MACHADO.pdf?sequence=2&isAllowed=y>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ORSINI, Maria Stella. O uso da literatura para fins terapêuticos: biblioterapia. **Comunicações e Artes**, n. 11, p. 139-149, 1982.

OUAKNIN, Marc Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996. 344 p.

PAIVA, Lucélia Elizabeth. **Biblioterapia**. 2008. Disponível em: <http://books.google.com.br> Acesso em: 05 nov. 2017

PERI: Base de Dados. 1987. Disponível em: <<http://bases.eci.ufmg.br/peri.htm>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

PINTO, Virginia Bentes. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas-SP, v. 17, n. 1, p. 31-43, jan./abr. 2005. Disponível em: Acesso em: 6 mar. 2013.

PRICE, D. J. de Solla. The structures of publication in science and technology. In: GRUBER, H.; MARQUIS, D. G. (Org.). **Factors in the transfer of technology**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1969. p. 91-104.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Rio Grande do Sul: Feevale, 2013. 275 p.

ROSSI, Tatiana; ROSSI, Luciene; SOUZA, Maria Raquel. **Aplicação da biblioterapia em idosos da Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna (SEOVE)**. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 322-340, jul./dez., 2007. Disponível em: <<http://revista.acb.org.br/index.php/racb/article/view/505/650>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

SANTOS, R. N. M.; KOBASHI, N. Y. **Bibliometria, cientometria, infometria: conceitos e aplicações**. Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, v. 2, n. 1, p. 155-172, 2003. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/a/7766>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

SILVERBERG, Lawrence I. **Bibliotherapy**: The therapeutic use of didactic and literary texts in treatment, diagnosis, prevention, and training. Journal of the American Osteopathic Association: Special Communication, v. 103, n. 3, march 2003.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 12 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

VIOLÊNCIA ESCOLAR E *BULLYING*: POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DA BIBLIOTECÁRIA ESCOLAR COM UM OLHAR ANTI- HOMOFÓBICO

Sarah Gomides¹

Elisângela Gomes²

1 INTRODUÇÃO

A partir do momento em que a gestão escolar percebe a escola como um espaço de democratização das relações sociais, ela cumpre o seu papel de promover a cidadania e educar para o bem estar social. É necessário permitir mudanças e correções no sistema de ensino que carrega ideologias autoritárias e segregacionistas que envolvam estudantes, professoras, professores e demais profissionais da educação.

A promoção do diálogo e a abertura para novas formas de aprendizagem permitem a inclusão da discussão sobre diversidade e combate a violência, sendo a biblioteca um dos eixos do núcleo escolar para a promoção do diálogo.

Ao buscar abordar a necessidade de discutir o papel social da bibliotecária escolar e apresentar como a biblioteca deve ser um espaço de socialização e extensão dentro da escola, este trabalho se justifica, sobretudo, pela ausência da bibliotecária quando discutidas políticas públicas. Trata-se da importância da produção científica na biblioteconomia para o combate e prevenção à homofobia e de disciplinas nos cursos de biblioteconomia no Brasil com enfoque social para a construção da cidadania.

Esta discussão envolve inúmeros fatores: sociais, históricos, culturais, e econômicos. Assim, o recorte dessa pesquisa para um olhar anti-homofóbico se baseia na

¹ Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Goiás (UFG), e-mail: sarahgomides@outlook.com, Goiânia, GO.

² Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pós-Graduada em Teoria e Prática da Formação do Leitor pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), mestranda em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás (UFG), e-mail: zanzamaio@gmail.com, Goiânia, GO.

pesquisa feita pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), onde práticas discriminatórias no ambiente escolar têm como principais vítimas estudantes, especialmente negros, pobres e homossexuais, com médias de 19%, 18% e 17% respectivamente.

Desta forma, buscou-se por meio da problemática responder ao seguinte questionamento: como a bibliotecária pode ser um agente socializador da temática violência escolar e *bullying*, com enfoque anti-homofóbico, dentro da realidade socioestrutural brasileira?

A bibliotecária diante dessa complexa estrutura social, dentro do ambiente escolar rompe com inúmeras barreiras de padronização social quando se propõe a discutir na biblioteca mecanismos de rompimento da normatividade social e inclusão de grupos historicamente oprimidos.

Pontuamos ainda que, o tema abordado trata sobre violência escolar. Nas suas diversas manifestações, a violência simbólica é uma das formas de violentar ou sofrer violência. Nesse sentido, a escrita tem violentado, historicamente, grupos subalternizados por construir narrativas de silenciamento e exclusão desses sujeitos.

Na busca por uma escrita representativa que reflete o cotidiano de sujeitos que pensam o saber científico a partir de suas experiências, não há outra forma de produzir se não pela existência total e não fragmentada. Os corpos que se pronunciam nessa escrita estão marcados pelas diferenças de gênero, raça e classe, portanto é desse lugar que existimos e pensamos nossa atuação profissional.

A escolha em usar a flexão de gênero no feminino para referir-se a profissional é uma forma de embate ao sexismo, o uso do masculino sobrepondo o feminino é predominante na linguagem como forma de oprimir e silenciar mulheres em suas atuações profissionais, ora, se o uso de “O bibliotecário” não causa estranhamento e questionamentos da mesma forma que o uso de “A bibliotecária” assim como em todas as citações ao longo desse texto autoras e autores optaram pelo uso somente de “O bibliotecário”, justifica-se então a flexão de gênero. O caráter negativo do sexo feminino e a supervalorização do masculino são nítidos, portanto optar pelo feminino não significa silenciar o masculino, o masculino já tem voz.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

2 VIOLÊNCIA ESCOLAR, *BULLYING*: RETRATOS DA HOMOFOBIA E O PAPEL SOCIAL DA BIBLIOTECÁRIA

Não há consenso na definição de violência, por esse motivo a adoção do termo para se referir aos inúmeros e diferentes conflitos em um sistema institucional remete a sua heterogeneidade de significados. Ao adotar a terminologia “violência escolar” está subentendido a pluralidade de tempo e espaço de um fenômeno que invariavelmente se expressa em diferentes grupos, de diferentes formas, não há uma fórmula genérica para delimitar as causas da violência.

Charlot e Émin (apud ABRAMOVAY; RUA, 2002, p. 21) associa a dificuldade da definição de violência escolar à sua desestruturação das representações sociais que têm valor fundador: aquela da infância (inocência), a da escola (refúgio e paz) e da própria sociedade (pacificada no regime democrático).

É necessário avançar na análise compreensiva das relações sociais para compreender as causas e consequências dos fenômenos que estimulam a violência nas escolas. É a partir de modelos socialmente sancionados e a impossibilidade de encaixar padrões em uma sociedade de múltiplas diversidades que se constrói o preconceito gerando a manifestação da violência.

Sendo o ambiente escolar um espaço onde a diversidade se manifesta, pois está inserida no contexto da formação dos sujeitos, a escola ultrapassa os limites pedagógicos, por ser um espaço onde a socialização acontece através do contato que transpõe o meio familiar, apresentando a percepção de algo novo para a criança.

As manifestações da violência na escola, conforme Kappel (2012) dividem-se em três diferenciações: aquela que se produz dentro do espaço escolar sem estar ligada à natureza e as atividades da instituição; a violência à escola, ligada à natureza e às atividades da instituição escolar; e a violência da escola, que é uma violência simbólica que os jovens sofrem através da forma como a instituição e seus representantes os tratam.

A violência na escola é citada na literatura com o termo *bullying*. Há autores que fazem referência à função do *bullying* para aquele que o pratica. Segundo Lopes Neto (2005, p. 165), se caracteriza pela “afirmação de poder interpessoal por meio da agressão”. Para Jorge (2009), o *bullying* escolar envolve todas as atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que acontecem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes

contra outro (s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder, tornando possível a intimidação da vítima.

Ao definir a violência na escola como *bullying*, seus conceitos não caracterizam a origem da discriminação sejam eles de caráter socioeconômicos, de cunho sexual, de gênero, racial ou estético entre outras inúmeras diversidades não convencionadas em um padrão eurocentrado e normativo. Portanto, mesmo não sendo evidenciada, a motivação se dá pela não aceitação da diversidade.

As manifestações de violência e *bullying* de cunho sexual na escola são visíveis no projeto de Estudo sobre Ações Discriminatórias no Âmbito Escolar, do Ministério da Educação (MEC) realizado em 2009. O projeto objetiva mapear o perfil das principais vítimas de *bullying* em 500 escolas brasileiras. Notam-se manifestações de homofobia em percentuais alarmantes. De acordo com a pesquisa, “40% dos diretores já presenciaram ou souberam de situações de alunos serem humilhados por serem homossexuais. Um percentual considerável de alunos e professores também tem conhecimento de tais situações” (MEC, 2009, p. 86).

Para discutir a atuação da bibliotecária escolar dentro desse cenário socialmente estruturado é primordial a reflexão apresentada por Biesta (2012, p. 818) ao afirmar que: “a educação nunca é neutra, mas sempre representa algo e o faz de uma forma específica”. Quer dizer, combater e prevenir a violência escolar significa “nadar contra a maré” de uma onda reacionária que propaga o discurso de ódio e se posiciona sempre que emergem tais discursos.

Dessa forma, eliminar o discurso de ódio dentro das escolas e alcançar a compreensão de diversidade exprime o ato político de desconstruir a hierarquia de poder entre diferentes corpos pelo fato de serem diferentes de um padrão normativo. Caldin (2005) contribui com essa premissa ao afirmar que:

O bibliotecário tem uma responsabilidade enorme, pois dependerá dele (de seus próprios valores e crenças), o resultado das ações efetuadas dentro da biblioteca. Se ele considerar a educação em um sentido amplo, não limitado somente ao ensino, mas, principalmente, voltada à formação de hábitos e atitudes do aluno, ele não se restringirá a ser um mero técnico administrativo a serviço da escola. Ele irá lutar pela conquista da igualdade de oportunidades sociais que possibilitem a todos os estudantes o acesso ao conhecimento registrado (CALDIN, 2005, p. 164).

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

Com essa afirmativa, podemos inferir que a atuação da bibliotecária requer a compreensão da construção da cidadania, e da função política da educação. Educar representa um ato político, pois a emancipação do conhecimento desfaz discursos de ódio.

O exercício da profissão precisa ser discutido levando em consideração o contexto social ao qual está inserido, isso implica no desenvolvimento de “novas competências e atitudes e isto é indissociável da questão da formação profissional, pois os traços almejados para compor o perfil fornecem as diretrizes para o estabelecimento das necessidades básicas de aprendizagem” (MUELLER, 1989, p. 63).

Portanto, é imprescindível levar em consideração o contexto identitário de quem utiliza a biblioteca, garantindo seu acolhimento e, sobretudo cumprindo com o papel social da biblioteca escolar que consiste na manutenção de uma formação direcionada para a democracia e para a equidade.

Cabe também a reflexão sobre a formação acadêmica na biblioteconomia. Insistentemente arraigada no tecnicismo, pouco tem se dedicado ao aprofundamento crítico sobre as questões sociais que permeiam a profissão. É indiscutível que a universidade está passando por transformações quando pensamos na inclusão de estudantes indígenas, quilombolas e LGBTQI. Novas narrativas estão sendo construídas e medidas de acolhimento estão sendo exigidas de forma legítima.

Sendo assim não podemos nos furtar de discutir o papel social da bibliotecária na construção de uma linguagem anti-sexista. É necessário refletir sobre as ideológicas dominantes que impedem a manifestação da linguagem contrária à estrutura patriarcal, como, por exemplo, a escolha de enfatizar uma profissão no feminino.

As resistências a feminizar uma profissão ou cargo nunca se baseia em argumentações estritamente lingüísticas, porque as resistências não vêm da língua, as línguas costumam ser amplas e generosas, dúcteis e maleáveis, hábeis e em perpétuo trânsito; as travas são ideológicas. (FRANCO; CERVERA, 2002, n.p.)

O uso da linguagem anti-sexista, portanto é um exercício de escuta as reivindicações de mulheres dentro e fora do ambiente acadêmico. Fala e escrita precisam ser representativas dos sujeitos que estão de sua posse.

Considerar a existência da diversidade parte do respeito à subjetividade e individualidade dos sujeitos. É uma forma de acolher e despertar o sentimento de pertencimento. Sendo assim, a bibliotecária precisa realizar o processo reflexivo e crítico acerca da sua formação acadêmica e profissional, buscando medidas de combate ao preconceito.

3 PROJETO ESCOLA SEM HOMOFOBIA: PROPOSTAS DE AÇÕES ANTI-HOMOFÓBICAS

O Projeto “Escola Sem Homofobia” foi proposto pelo Programa Brasil Sem Homofobia, lançado em 2004, em parceria com o Ministério da Educação (MEC) e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECAD) e implementado por organizações da sociedade civil (ABGLT – Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais, Pathfinder do Brasil, ECOS – Comunicação em Sexualidade e Reprolatina – Soluções Inovadoras em Saúde Sexual e Reprodutiva).

Tal proposta busca novos olhares sobre a homofobia no ambiente escolar, sendo a primeira tentativa do governo federal em promover a implementação e a efetivação de ações que promovam ambientes políticos e sociais favoráveis à garantia dos direitos humanos e da respeitabilidade das orientações sexuais e identidade de gênero no âmbito escolar brasileiro.

O projeto elaborou um kit educativo na intenção de situar dados e contextualizar as discussões necessárias para trabalhar ações educativas anti-homofóbicas na escola entendendo a necessidade de preparar professoras e professores; o conjunto de profissionais que trabalham na escola; estudantes nas salas de aula; familiares e a comunidade do entorno da escola. Os materiais que compõe o kit são: o caderno de instruções para o educador, uma série de seis boletins (Boleshs), três audiovisuais com seus respectivos guias, um cartaz e uma carta de apresentação.

Durante a análise do caderno do projeto Escola sem homofobia foram selecionadas três (03) propostas de atividades (propostas/dinâmicas) e um guia de instruções para o trabalho com materiais audiovisuais para propor a participação e atuação da bibliotecária, figura ausente nas propostas. O caderno apresenta o “educador” como atuante principal que representa “papel fundamental diante da exigência de ensinar

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

valores sociais que possam contribuir para que as/os estudantes reflitam e discutam sobre a diversidade de pensamentos, posturas e condutas” (ECOS, 2010, p. 57).

Para a análise realizada foi possível considerar a bibliotecária como uma educadora, levando em consideração a abrangência do termo e também a possibilidade de atuação como agente educadora no ambiente escolar.

3.1 ALFABETIZAÇÃO INFORMACIONAL

Na análise da dinâmica a seguir, percebe-se a possibilidade de esta ser conduzida pela bibliotecária, principalmente pelo teor informacional da atividade, fato que induziu a escolha dessa dinâmica para a proposta de ações. Interessa aqui as definições e conceitos de educação em alfabetização midiática e alfabetização informacional, que segundo Wilson et al. (2013, p. 18) “apontam para competências que enfatizam o desenvolvimento de habilidades a partir de investigações e a capacidade de engajamento significativo junto às mídias e aos canais de informação independentemente das tecnologias usadas”.

A primeira dinâmica chamada “As pesquisas e os sentimentos” propõe atividades para trabalhar os com os Boletins Escola sem Homofobia (boleshs). Sugere abordar a sensibilização do olhar para os preconceitos através de dados estatísticos, da pesquisa da Fundação Perseu Abramo (FPA) já inserida na proposta da atividade.

Os procedimentos da dinâmica são: Dividir as pessoas envolvidas em três (03) grupos, após isto dividir um quadro em duas partes “Parede das informações existentes” e, no alto da outra: “Parede dos sentimentos” e posteriormente subdividir esta última parte em três colunas, para Grupo 1, Grupo 2, Grupo 3.

Na parte “Parede das informações existentes” será fixada os dados da FPA sugeridos. A condutora da dinâmica explicará a origem dos dados e entregar 4 fichas em branco e 1 pincel atômico para cada grupo, e explicar que fará 4 perguntas, cada uma das quais deverá ser respondida em uma das fichas, com não mais que 4 palavras e em 5 minutos. Cada ficha deverá indicar a letra da pergunta: a, b, c e d. A lista de perguntas aborda questões sobre “o que eu mais admiro”, “do que eu menos gosto”, “como identifico” e “como gostaria que fossem” as pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, respectivamente.

Ao terminar, solicitar aos grupos que afixem suas respostas no local onde está o título “Parede dos sentimentos”, na coluna correspondente a cada grupo e pela ordem das perguntas, de maneira a comparar suas respostas com os dados da pesquisa. O fechamento sugere realizar uma breve análise do trabalho, evidenciando, nas respostas dadas, os preconceitos e temores que existem em relação às pessoas LGBT e como isso pode influenciar a maneira como nos relacionamos com elas.

Essa dinâmica pelos seus procedimentos, materiais utilizados e tempo estipulado (45 min) pode ser realizada na biblioteca e conduzida por uma bibliotecária, especialmente por lidar com a pesquisa e dados informativos. A sugestão de entrega de dados prontos e de uma fonte aos participantes pode poupar tempo, no entanto se houver formas e recursos para a realização da pesquisa, porque não ser feita pelos próprios participantes?

Essa proposta estimula a curiosidade e pode ser uma oportunidade de letramento digital para fontes de informação, ausente na educação básica. Para Wilson et al. (2013), temos a importância da chamada Alfabetização Midiática e Informacional:

empodera as pessoas de todos os estilos de vida a procurar, avaliar, usar e criar a informação de forma efetiva para atingirem suas metas pessoais, sociais, ocupacionais e educacionais. Trata-se de um direito humano básico em um mundo digital que promove a inclusão social em todas as nações (WILSON et al., 2013, p. 16).

Ainda para a autora uma das ações imbricadas necessárias, relacionadas à função e à importância das mídias e da informação é promover o uso de todos os tipos de fontes de informação nas bibliotecas e educar os usuários de bibliotecas. Sobre a bibliotecária, a autora menciona em um cenário universitário, uma das instruções para que o usuário tenha a alfabetização informacional:

visite o bibliotecário da sua faculdade/escola e discuta as habilidades informacionais que seus professores precisam desenvolver para usar a biblioteca. Defina tarefas que requerem dos estudantes o uso de todo o escopo de fontes da biblioteca; faça com que eles comparem as informações que obtiveram na biblioteca com outras fontes (por exemplo, a internet) e avaliem sua utilidade em termos de especificações da tarefa (WILSON et al., 2013, p. 142).

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

Seja em qualquer tipo de biblioteca, a informação será o elemento emancipador. A alfabetização informacional é papel da bibliotecária e suas competências podem mudar os contextos de opressão.

3.2 AÇÃO CULTURAL

Para Almeida (1987), a ação cultural busca a expressão e a criatividade dos indivíduos no grupo e na comunidade. A expressão "ação cultural" ou mesmo, "ação sócio-cultural" é carregada de poder transformador e difere do entendimento de "animação cultural", que, conforme Almeida (1987, p. 33) “muitas vezes se refere até à animação institucionalizada, voltada para o consumo, utilitária e alienante”.

A segunda dinâmica do capítulo 1 do caderno intitulada “Colocando-se no lugar da/o outra/o”, tem por objetivo incentivar participantes a perceberem situações que explicitam o preconceito e a discriminação em relação à sexualidade não heterossexual.

Os procedimentos para a dinâmica, após a distribuição de uma cópia do texto “No país de *Blowminsk*”, consistem em realizar a leitura do texto em voz alta e em círculo. Ao final da leitura incentivá-las (os) a mencionar os pontos da narrativa que mais chamaram a atenção e que gostariam de destacar.

A proposta sugere enfatizar que a identidade de gênero e a orientação sexual não são determinantes biológicos, mas sim um processo de construção da própria personalidade em contato (e em confronto) com o meio social. Além de discutir o papel que a escola pode assumir para lidar com casos narrados no texto.

São sugestões de perguntas: “O que Marina e Ivan podem fazer para viver melhor no país onde moram?”, “para viver melhor com seus pais e amigos”, “O que você poderia fazer para ajudá-los”.

O fechamento da dinâmica é uma proposta de discussão e busca de empatia ao ler e problematizar o texto, que inverte a realidade de conflitos entre a esfera homossexual e heterossexual.

Esta dinâmica foi escolhida pela sua estrutura genérica e por apresentar possibilidades de adaptação. O texto sugerido pode ser substituído por crônicas, contos, jornais, livros, revistas, enfim, qualquer material disponível na biblioteca que promova a discussão de um debate transversal.

A biblioteca como espaço de debate contribui para a resignificação do lugar e também da imagem da bibliotecária, pois se aproxima do cotidiano escolar, além de despertar, nos estudantes, o sentimento de pertencimento: a biblioteca como um lugar que pode ser usado sem o medo e o estigma do silêncio, evitando cair no esquecimento.

Nesse sentido, Furtado (2004) sugere que a biblioteca escolar amplie seu raio de atuação, extrapolando os limites do seu espaço físico, indo ao encontro de seu usuário potencial, tornando-se presente na comunidade.

Para que esses debates transversais ocorram na biblioteca, guiados pela bibliotecária, é necessário que haja capacitações, como explica Almeida (1987, p. 37) “o bibliotecário, para atuar em projetos interdisciplinares, precisa estar aberto para o trabalho em equipe e ter um conhecimento mínimo do conteúdo e das demais áreas”. A partir da citação da autora percebemos a importância, por exemplo, de um material didático explicativo como o Caderno Escola Sem Homofobia, que propõe diretrizes para uma atuação direcionada.

Essa necessidade de capacitação é um adentro para o apontamento da formação continuada, fundamental para o preparo profissional da bibliotecária diante de inúmeras transformações sociais. A proposta de ação cultural permite resignificar a imagem da bibliotecária, pois propõe uma figura ativa e participativa que se envolve com todo o corpo funcional escolar. Além disso, a aproximação com seu público é inevitável, como explica Almeida em sua citação a seguir, a bibliotecária deve conhecer seu usuário em potencial, e isso significa respeitar suas individualidades e diversidades.

A informação, em si, não provoca nada de novo. É preciso colocá-la em circulação de tal forma que ela passe a adquirir significado para as pessoas, que ela, de fato, interfira na vida das pessoas. Para isso o bibliotecário deve conhecer muito mais do que a forma de seu objeto; deve dominar seu conteúdo. É também indispensável que ele conheça seu usuário real e potencial, saiba de suas relações com a informação, com a biblioteca e com as outras pessoas. E isso não se aprende no Curso de Biblioteconomia e Documentação (ALMEIDA, 1987, p. 36).

As propostas de ação cultural na biblioteca são inúmeras: debate em roda como sugerido pela dinâmica, saraus, contação ou mediação de histórias, divulgação de eventos, trocas e doações de livros, recital e concursos de poesias, estórias cantadas, exibição de

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

audiovisuais. A execução da ação, no entanto, dependerá da disponibilidade de recursos oferecidos pela biblioteca, o que sugere investimentos públicos na instituição.

3.3 AUDIOVISUAIS

Aqui será apresentada a análise de possibilidades de ação cultural através do manuseio de audiovisuais de forma mais detalhada, tendo como guia o anexo II do Caderno Escola Sem Homofobia.

Intitulado “Como trabalhar materiais audiovisuais”, está dividido em três partes: antes de uma sessão de exibição e de atividades, após a exibição/audição e sugestões de perguntas para desenvolver as discussões.

Antes da sessão de exibição é necessário que a agente cultural conheça o material a ser exibido e o mais importante, conheça o público a quem será exibido. Após a exibição a agente cultural pode propor um debate, onde todas (os) tenham a oportunidade de fala e sintetizem suas percepções sobre o audiovisual exibido. Como sugestão o caderno pensa em um painel ou murais que expressem as opiniões oriundas da discussão.

O audiovisual na biblioteca pode ser considerado uma ação cultural exatamente pela proposta do caderno, permite debate, interação e resultados a cerca de um tema escolhido. Nesse sentido, Neves (2009, p. 254) contribui com a afirmação de que as atividades de produção de audiovisuais “levam os alunos a uma visão mais crítica dos meios de comunicação social, ao vivenciarem os papéis de diretor, roteirista, repórter e ao compararem os formatos de informação da televisão e dos materiais bibliográficos”. Além disso, a criação de um espaço de discussão sobre a mídia também ajuda a desenvolver a capacidade de avaliação e seleção de programas e leituras.

Outro ponto de abertura para o uso de audiovisuais são as associações apontadas por Neves (2009) na citação acima, o uso de audiovisuais permite o desenvolvimento do lúdico e uma abertura maior para a introdução à leitura, através do despertar da curiosidade da criança.

3.4 DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES

O desenvolvimento de coleções é uma atribuição específica a profissional bibliotecária, e consiste em “sistematizar e criar procedimentos para seleção, aquisição, avaliação e desbastamento do acervo” (MIRANDA, 2004, p. 44).

No entanto, na formação acadêmica proposta pelos cursos de biblioteconomia, salvo exceções, não discute as linguagens e discursos presentes no acervo e como essas linguagens podem ser uma forma de violentar determinados corpos. Propomos então nessa análise um olhar crítico sobre a linguagem no desenvolvimento de coleções e também no cotidiano do atendimento.

“De olho na linguagem” é a terceira dinâmica do capítulo 2 do caderno e objetiva debater o sexismo na linguagem. O procedimento consiste em reunir os grupos e distribuir materiais (revistas, jornais, livros), a fim de propor que identifiquem no texto linguagem sexista, como a predominância do masculino sobrepondo o feminino. Após identificarem, sugerir para que comentem, debatam e reescrevam esses materiais a partir de uma escrita orientada sem a presença da linguagem sexista.

O fechamento da atividade traz inúmeras constatações de como a linguagem pode ser um mecanismo de coerção e violência, principalmente refletido em mulheres e menciona o livro didático como uma abertura para a violência pela linguagem:

neles, circulam imagens e textos em que se apresenta e se ensina um modelo conceitual de diversos conteúdos na instituição escolar. É preciso notar que muitas vezes eles contribuem para a formação e manutenção de concepções intuitivas e de senso comum que inferiorizam raças/ etnias, culturas, a mulher e as pessoas de orientação sexual diversa da “norma”, e abrem espaço para a perpetuação do preconceito e da discriminação (ECOS, 2010, p. 65).

Ainda que o livro didático esteja restrito ao ambiente da sala de aula, não sendo parte do universo da biblioteca, a bibliotecária deve se atentar a essa linguagem também presente no restante do acervo. A linguagem, em forma de discurso corrobora para a manutenção de uma estrutura machista, heteronormativa e eurocentrada.

Um acervo que não inclui uma diversidade étnico-racial, com a presença de escritoras negras e escritores negros, indígenas, bem como não inclui temáticas de identidade de gênero e sexualidades, está colaborando diretamente para a manutenção de uma linguagem que violenta. Para Vergueiro (1989), o processo de desenvolvimento de

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

coleções é ininterrupto, uma atividade regular e permanente, respeitando a especificidade de cada tipo de unidade de informação em função dos seus objetivos e públicos, sem que uma etapa chegue a se distinguir das outras.

Um ponto importante que não pode ser ignorado quando debatemos desenvolvimento de coleções em bibliotecas escolares, são as diretrizes pedagógicas da escola, pois esta serve de guia para a aquisição do acervo. Ou seja, desenvolver um acervo que tenha representatividade e inclusão requer das bibliotecárias ações extra-biblioteca, é fundamental a sua participação na elaboração do Plano Político Pedagógico (PPP) da unidade.

4 CONCLUSÃO

Podemos concluir que, embora haja ausência da figura da bibliotecária nos objetos de estudo podemos pontuar possibilidades de atuação da bibliotecária como agente socializadora da temática *bullying* e violência escolar com enfoque de gênero e sexualidades em um plano de sugestões.

A sugestão da presença da bibliotecária como agente educadora se baseia exatamente na premissa da ação educativa, seja através de recursos informacionais ou de práticas culturais.

O apontamento das principais práticas de violência escolar e *bullying* através da pesquisa do MEC mostram que as principais vítimas de ataques e agressões são pessoas homossexuais, negras e pobres. Fator que caracteriza quais corpos são marginalizados no ambiente escolar sendo a sexualidade uma questão pública a ser discutida em todos os ambientes escolares, inclusive a biblioteca.

Na análise do projeto “Escola sem Homofobia” a ausência do espaço da biblioteca e da atuação da bibliotecária foi mais uma constatação da invisibilidade da bibliotecária no ambiente escolar. Atividades que envolvem o incentivo à leitura e pesquisa, por exemplo, não são reconhecidas como um campo de atuação dessas profissionais.

As atividades parecem ser vistas de forma limitada, apenas em sala de aula ou como um momento recreativo extraclasse, o uso do termo genérico “educador” no projeto Escola sem Homofobia é um exemplo. Entretanto, são inúmeras formas de ação que podem ser realizadas dentro do espaço da biblioteca orientadas pela bibliotecária,

conforme citadas ao longo do texto. Para que isso se concretize, é necessário que a bibliotecária tenha pró-atividade envolvendo-se no auxílio e criação de atividades, eventos e principalmente na elaboração do PPP, pois é através das diretrizes da escola que suas possibilidades de ações estarão guiadas.

O caderno ao sugerir dinâmicas que guiarão a estrutura de um PPP, promove a equidade sugerindo essa ação conjunta, mesmo que não indique a participação da bibliotecária de modo particular e específico são dinâmicas extremamente bem elaboradas para pensar na aproximação entre corpo pedagógico e administrativo e estudantes a fim de identificar as causas da violência escolar.

Mesmo diante de uma formação tecnicista as possibilidades de atuação da bibliotecária a fim de reverter um cenário escolar de violência de gênero, raça e sexualidades não se anulam. Diante dessa questão a formação pode e deve ser um caracterizador desse perfil profissional, no entanto não podemos pensar em uma agente de ações emancipadoras se a própria não se encontra emancipada, fatores externos a formação não podem ser ignorados.

O veto do programa Escola sem Homofobia, o que reflete como a laicidade do estado brasileiro é uma falácia, a manutenção do poder envolve todas as estruturas possíveis e o discurso sistematiza e incorpora a violência. O kit nomeado kit anti-homofobia passou a ser hostilizado e chamado de “*kit-gay*”, o que desmoralizou em âmbito nacional o projeto e contribuiu para o seu fracasso.

O trabalho analisou o projeto Escola sem Homofobia em específico, permitindo a abertura de discussões e propostas de atuações da bibliotecária apresentando novas medidas de analisar e estudar as formas e agravantes da violência escolar. A biblioteconomia necessita de novos estudos e pesquisas que envolvam discussões relacionadas às questões raciais, de sexualidades e gênero, bem como disciplinas específicas de cunho obrigatório sobre a temática, mas também a discussão de forma transversal nas disciplinas técnicas para que haja o aprimoramento das práticas e relações que envolvem bibliotecárias e usuários.

Às profissionais já atuantes no mercado de trabalho, indica-se a formação continuada para que o olhar sobre os produtos e serviços seja voltado para a construção de uma instituição plural, ressignificando o espaço das bibliotecas e dos estereótipos das bibliotecárias.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133967por.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2018. p. 21

ALMEIDA, M. C. B. A ação cultural do bibliotecário: grandeza de um papel e limitações da prática. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 20, n. 1/4, p. 31-38, 1987. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/2137>>. Acesso em: 20 Abr. 2018.

BIESTA, Gert. Boa educação na era da mensuração. **Cadernos de Pesquisa**, v. 42 n.147, p.808-825, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v42n147/09.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 163-168, 2005. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/431>> . Acesso em: 03 nov. 2017.

ECOS. **Caderno: escola sem homofobia - kit escola sem homofobia**. [S. l], 2010. Disponível em: <<http://www.ecos.org.br/index2.asp>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

FRANCO, Paki Venegas; CERVERA, Julia Peres. Manual para o uso não sexista da linguagem. UNIFEM (ONU), 2006. Disponível em: <<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/publicacoes/outros-artigos-e-publicacoes/manual-para-o-uso-nao-sexista-da-linguagem>>. Acesso em: 29 mai. 2018.

FURTADO, Cássia. A biblioteca escolar brasileira no sistema educacional da sociedade da informação. Belo Horizonte: **EB/UFMG**, [2004]. 12 p.

JORGE, Samia Dayana Cardoso **O bullying sob o olhar dos educadores: um estudo em escola da rede privada de Natal/RN**. 124 f. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal: UFRN, 2009.

KAPPEL, Verônica B. **O significado da violência escolar na perspectiva de diferentes atores de uma comunidade escolar do município de Uberaba-MG**. 135 f. 2012. Dissertação (Mestrado em Atenção à Saúde)-Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2012.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. 5, p. 164-172.

MIRANDA, A. C. C. A política de desenvolvimento de coleções no âmbito da informação jurídica. In: PASSOS, Edilenice (Org.). **Informação jurídica: teoria e prática**. Brasília: Thesaurus, 2004.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Perfil do bibliotecário, serviços e responsabilidades na área de informação e formação profissional. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 17, n. 1, p. 63-70, 1989. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/2584>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

NEVES, Nathalie Vieira. Como usar a biblioteca na escola um programa de atividades para a Pré-Escola e o Ensino Fundamental. **Conjectura**, v. 14, n. 2, maio/ago. 2009. Resenha. Disponível em: <<http://ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/26/25>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

VERGUEIRO, W. C. S. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo: Polis, 1989.

WILSON, Carolyn et al. **Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores**. Brasília: UNESCO : UFTM, 2013. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002204/220418por.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

WEB SCRAPING APLICADO À CONSTRUÇÃO DE BASES DE DADOS TEXTUAIS A PARTIR DE BIBLIOTECAS DIGITAIS: UM ESTUDO DE CASO NA BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES

Renata Moreira Limiro¹

Kátia Kelvis Cassiano²

Douglas Farias Cordeiro³

1 INTRODUÇÃO

O conceito de ciência aberta resulta do entendimento de que o livre acesso às publicações e seus respectivos dados é essencial para atribuir valor à prática científica, uma vez que garante a socialização do conhecimento e disseminação de suas aplicações, possibilitando não somente a reprodução, mas também adaptação e desenvolvimento de experimentos científicos (MACHADO, 2015).

A ciência aberta culminou na explosão de dados no âmbito científico, disponibilizados em larga escala e *on-line* – e-Science (COSTA *et al.*, 2017). O termo e-Science deriva do conceito de *big data* e refere-se à infraestrutura tecnológica necessária

¹ Graduada em Gestão da Informação pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Auxiliar administrativa na Secretaria de Tecnologia da Informação (SeTI-UFG), e-mail: renatamlimiro@ufg.br, Goiânia, GO.

² Doutora em Engenharia de Sistemas e Computação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Engenharia Biomédica (UFRJ). Bacharel em Ciência da Computação (Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUCGO). Professora Adjunta da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG), e-mail: katiakelvis@ufg.br, Goiânia, GO.

³ Doutor em Ciência da Computação e Matemática Computacional pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bacharel em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor Adjunto da Faculdade de Informação e Comunicação (UFG), e-mail: cordeiro@ufg.br, Goiânia, GO.

para apoiar a ciência aberta e suportar o grande volume de dados não estruturados e com fluxo constante, característica dos dados científicos.

No cenário brasileiro, o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) lidera o movimento de acesso aberto à informação científica. A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), lançada em 2002, integra sistemas de informação de teses e dissertações de instituições de ensino e pesquisa brasileiros. No que tange à ciência aberta, o Instituto ainda apoia a criação de repositórios institucionais abertos, estimulando o registro e publicação de teses e dissertações em meio eletrônico, dando maior visibilidade à produção científica nacional.

O modelo de ciência aberta enriquece a cadeia da informação, por meio da difusão e ampliação do uso e reuso da informação. No entanto, algumas questões devem ser tratadas para a devida utilização de dados abertos no âmbito científico: apesar de estarem disponíveis, nem sempre os dados são publicados de forma inteligível, apresentando privilégios de acesso e impossibilitando processos participativos de tomadas de decisão.

Embora alguns formatos abertos sejam bem definidos para textos, materiais multimídia, linguagens de programação, armazenamento de dados e bancos de dados, permitindo o compartilhamento de boa parte do conteúdo de interesse científico, os repositórios digitais de trabalhos científicos disponibilizam os dados em formato PDF (*Portable Document Format*), um formato de arquivo independente de plataforma. É importante destacar que o formato PDF não permite processamento computacional para a realização de análises textuais.

Com objetivo de preencher esta lacuna, o presente artigo apresenta uma solução computacional para a extração de dados de documentos armazenados em repositórios digitais por meio da técnica *web scraping*. A partir dessa solução, é possível processar o corpus textual de produções científicas originalmente disponibilizadas em formato PDF e, assim, viabilizar análises de conteúdo.

2 DESENVOLVIMENTO

Para o desenvolvimento do trabalho foi realizada uma pesquisa sobre a abertura de dados no âmbito dos repositórios de ciência e tecnologia, bem como as técnicas para

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

coleta de dados em páginas *web*, o que pode ser descrito como o ecossistema digital da produção científica.

Utilizando linguagem de programação Python, foi desenvolvida uma solução computacional baseada na técnica *web scraping*. A solução permite a coleta de documentos textuais, originalmente disponibilizados em formato PDF, assim como a extração do corpus textual dos mesmos. Como estudo de caso, a solução foi aplicada na extração de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

2.1 DADOS ABERTOS

De maneira geral, dado pode ser descrito como qualquer elemento que represente algo, sendo originalmente apresentado em um formato “bruto”, o qual pode não ter valor aparente, mas que, através de intervenções, pode ser convertido em informação, e por sua vez, gerar conhecimento e valor, sendo, inclusive, um ativo a ser utilizado na tomada de decisão.

No âmbito organizacional, existe uma infinidade de tipos específicos de dados, os quais demandam mecanismos de segurança relacionados à divulgação e acesso não autorizado. Porém, por outro lado, também existem conjuntos de dados que são passíveis de publicação e reutilização, para distintas finalidades, os quais são conhecidos como dados abertos.

O termo dados abertos, conforme definido pela *Open Knowledge Foundation* (2010), refere-se à facilidade de acesso, uso, modificação e compartilhamento para qualquer propósito, e tem motivado positivamente várias iniciativas de provisionamento de dados em diferentes estágios: armazenamento, distribuição, reuso, consultas específicas e direcionadas.

De acordo com o W3C, a discussão sobre dados abertos deve estar focada, de forma geral, nos seguintes pontos:

- **Disponibilidade de acesso:** o dado deve estar disponível de forma integral, sob um custo razoável ou, preferencialmente, sem custo, estando disponível

para download por meio da Internet, e disponibilizado em formato manipulável;

- **Reutilização e redistribuição:** garantia de reutilização e redistribuição;
- **Participação universal:** o direito de uso, reuso e redistribuição é livre a qualquer interessado, sendo vedado qualquer tipo de discriminação.

Além disso, para que os dados sejam classificados como dados abertos, é necessário que os mesmos atendam a oito princípios básicos, os quais, de acordo com a *Open Data Government Working Group* (2007), são:

- **Acessíveis:** disponíveis para o maior número de usuários;
- **Atuais:** os dados devem preservar o seu valor, devendo ser publicados com o menor intervalo possível após a sua criação;
- **Amparados por licenças livres:** os dados não devem estar sujeitos a direitos autorais, patentes, marcas registradas ou regulações de segredo industrial;
- **Completo:** o dado deve ser disponibilizado de forma total;
- **Compreensíveis por máquina:** os dados devem estar em formato que permita a manipulação computacional. Um dado em PDF, por exemplo, é passível de compreensão por seres humanos, porém apresenta complexidade no processamento por máquina. Por outro lado, um dado em formato JSON (*JavaScript Object Notation*) ou CSV (*Comma-Separated Values*) pode ser facilmente processado por máquina;
- **Não discriminatórios:** qualquer interessado pode ter acesso aos dados, sem necessidade de cadastro ou de procedimentos que dificultem o acesso;
- **Não proprietários:** os dados não podem ser controlados por uma entidade ou organização;
- **Primários:** os dados devem ser disponibilizados exatamente da forma com que foram gerados, sem agregação ou modificação.

Como consequência do processo de abertura dos dados, diferentes organizações e sistemas podem trabalhar de forma colaborativa, ampliando a comunicação, o

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

desenvolvimento de sistemas complexos e a disponibilização de informação. Neste contexto, de acordo com Machado (2015), existe um cruzamento entre os conceitos que permeiam dados abertos e ciência aberta. Frente aos avanços tecnológicos, os quais permitem interoperabilidade, cruzamento e reuso de informações, de forma consideravelmente simples, a aplicação de uma cultura de dados abertos na ciência torna-se algo de grande relevância e importância. Entretanto, ainda existem uma série de fatores e obstáculos que necessitam ser explorados para que isso se torne uma realidade.

Apesar disso, existem iniciativas no âmbito da ciência que buscam socializar o conhecimento científico gerado, como é o caso da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). A BDTD é um dos sistemas que fazem parte do Programa Brasileiro de Acesso Aberto à Informação Científica, coordenado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). A BDTD foi o primeiro sistema a utilizar os conceitos de Arquivos Abertos, sendo assim, modelo para o desenvolvimento de outros produtos / serviços. De acordo com o seu portal, a BDTD “integra e dissemina, em um só portal de busca, os textos completos das teses e dissertações defendidas nas instituições brasileiras de ensino e pesquisa”.

2.2 MINERAÇÃO DE TEXTOS

De acordo com Berry e Linoff (2004), a mineração de dados pode ser compreendida como um processo automático de exploração e análise de dados para a busca de padrões e regras significativas. Por outro lado, Lemos, Steiner e Nievola (2005) descreve a mineração de dados como uma metodologia voltada ao aumento de eficiência e qualidade na tomada de decisão, a partir de análise sobre dados históricos. Por fim, Cabena et al. (1998) descreve mineração de dados como “um campo interdisciplinar que junta técnicas de máquinas de conhecimentos, reconhecimento de padrões, estatísticas, banco de dados e visualização, para conseguir extrair informações de grandes bases de dados”.

A mineração de dados é comumente definida como uma etapa do processo de extração de conhecimento em bases de dados (KDD - *Knowledge Discovery in Databases*). A Figura 1 apresenta em detalhes a estrutura do KDD. Neste sentido, a primeira etapa se refere à extração e seleção dos dados, ou seja, a construção da amostra a ser utilizada para

geração de conhecimento. A segunda etapa trata do pré-processamento dos dados, onde é realizado um tratamento sobre os dados, removendo dados redundantes, incorretos, discrepantes, entre outros. Na terceira etapa é feita a padronização dos dados, de modo a manter um formato único, adequado à aplicação dos métodos e algoritmos da quarta etapa, a qual se refere à mineração de dados propriamente dita. Finalmente, a última etapa trata da avaliação e interpretação dos resultados obtidos. É importante destacar que, embora a ideia da mineração de dados se encontre diretamente ligada à automatização de tarefas, é importante o acompanhamento por parte de um especialista de dados, a fim de auxiliar na determinação do conjunto de dados a ser utilizado na amostra, na escolha dos métodos de mineração, na interpretação dos resultados, entre outros.

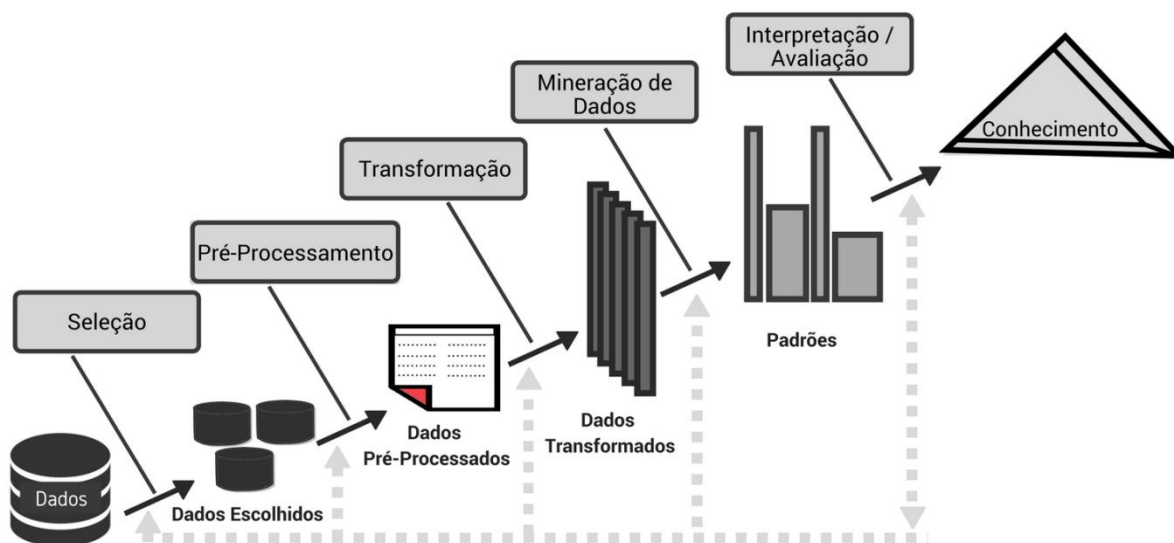


Figura 1 – Representação do KDD

Fonte: adaptado de Fayyad, Piatetsky-Shapiro e Smyth (1996).

Neste contexto, quando o conceito de mineração de dados é aplicado a dados não estruturados, tem-se o processo de Mineração de Textos, o qual envolve atividades de recuperação de informação e análises diversas, extração de informação e identificação de padrões de coleções de textos dos mais variados tipos e formatos.

Dentre os resultados da aplicação dessa técnica, destacam-se a possibilidade de melhor compreensão e geração de conhecimento, a partir da análise qualitativa e quantitativa de grandes volumes de textos, a identificação de tendências, a correlação de áreas temáticas e a geração de redes de conhecimento.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

2.3 WEB SCRAPING

O processo de descoberta do conhecimento tem como etapa inicial a seleção e coleta dos dados. Para acesso a dados disponibilizados em páginas web, tais como os repositórios digitais do cenário de ciência aberta, é necessário se utilizar de mecanismos auxiliares, que permitam a extração automática de tais dados em páginas web.

Por trás das interfaces que os usuários interagem, os sites são construídos através de uma linguagem de marcação de texto, denominada HTML (do inglês, *HyperText Markup Language*), a qual, através da utilização de *tags* permite a definição e configuração de links, cores, espaçamento, textos e todos os demais elementos que compõe uma página na web. Dentro das interfaces dos websites é comum a disponibilização de dados em diferentes formatos para variados propósitos, os quais, em determinadas situações, podem ser utilizados para fins de análise e tomada de decisão. Entretanto, é importante destacar que é também comum que tais dados não estejam disponibilizados em um formato que seja diretamente passível de manipulação computacional, o que acaba demandando a necessidade de soluções alternativas, que explorem as estruturas HTML para determinar padrões para extração de dados. Com esta finalidade, utiliza-se o método conhecido como *web scraping*, ou em português, raspagem de dados.

Segundo Malik e Rizvi (2011), *web scraping* se refere a uma técnica de extração automática de dados provenientes da web, permitindo a extração de dados a partir de um código HTML através da análise da estrutura das páginas. Esta técnica tem maior foco em transformar o conteúdo não estruturado da web em dados estruturados, os quais possam ser armazenados e analisados.

Ainda neste contexto, de acordo com Glez-Peña et al. (2013), *web scraping* pode ser definido como o processo de extração e combinação de conteúdos de interesse a partir da web de uma maneira sistemática. Ainda de acordo com os autores, nesse processo um agente de software imita a interação entre o servidor web e um usuário. A partir disso, através de uma sequência de passos, o agente acessa quantas páginas forem necessárias, examinando seus conteúdos para encontrar, extrair e estruturar dados de interesse.

3 SOLUÇÃO COMPUTACIONAL E RESULTADOS

A Figura 2 apresenta, de forma geral, a solução desenvolvida. Com o propósito de explicar a presente proposta de aplicação de *web scraping* como solução para extração de dados em bibliotecas digitais, foi utilizada como repositório de dados a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertação (BDTD).

De acordo com dados do IBICT, a BDTD atualmente possui em seu acervo uma coleção com aproximadamente quatrocentos e cinquenta mil documentos, 66.7% do acervo em dissertações, e 33.3% em teses⁴. Através da BDTD, usuários podem ter acesso aos dados dos trabalhos disponibilizados, assim como ao próprio trabalho, o qual pode ser acessado no formato PDF. O formato PDF é um padrão aberto utilizado para representação de documentos (textos, gráficos e imagens). Apesar das vantagens que este formato apresenta, o mesmo possui a desvantagem de não ser manipulável, o que acaba gerando obstáculo no que se refere à aplicação de mecanismos computacionais para análise textual.

⁴ Dados obtidos no Portal BDTD (acessado em 28 de março de 2018).

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

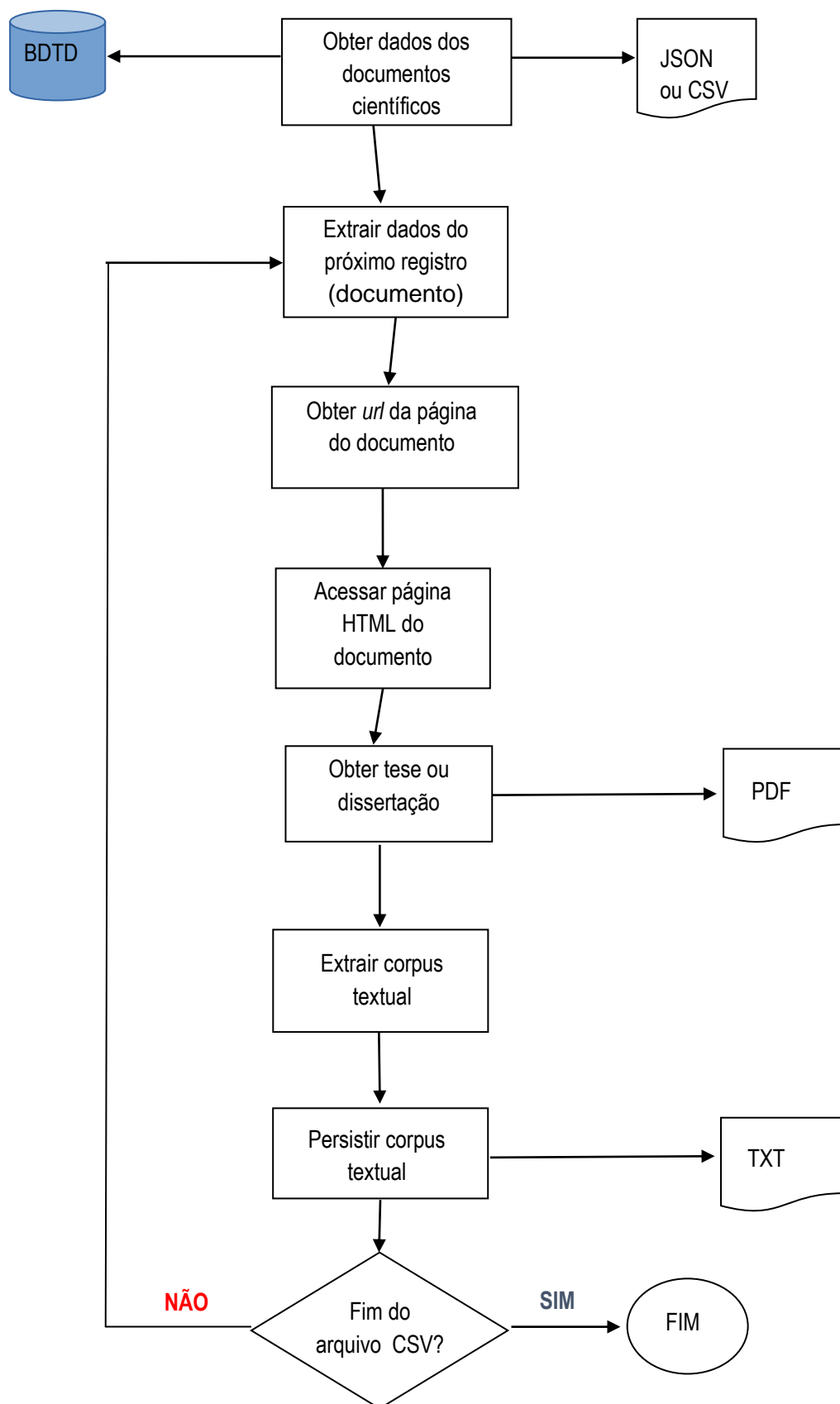


Figura 2 – Fluxograma da solução proposta.
Fonte: Elaborado pelos autores.

A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) permite a extração de toda a base de documentos em um arquivo único em formato JSON ou CSV. Para cada produção científica (tese ou dissertação), são apresentadas as informações constantes na Tabela 1. Além disso, é importante destacar que através da BDTD é possível também aplicar filtros no momento da geração dos metadados, tais como: instituição, repositório, ano de defesa, área de concentração, entre outros.

Tabela 1 – Metadados (BDTD)

Campo	Descrição do Campo
id	Identificador
title	Título
abstract_por	Resumo em português
abstract_eng	Resumo em inglês
authors	Autores
contributors	Colaboradores
subjectsCNPQ	Áreas CNPQ
subjectsPOR	Palavras-chave
subjectsENG	Keywords
institutions	Instituições
publishers	Editoras
departaments	Departamento ao qual pertence o programa
programs	Programa de Pós Graduação ou de Iniciação Científica
types	Tipo do documento (Tese ou Dissertação)
accesslevel	Nível de acesso ao documento
publicationDates	Ano de Publicação
urls	Endereço do repositório digital do documento em questão
formats	Formato da publicação
languages	Linguagem da publicação

Fonte: Elaborado pelos autores.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

A partir do arquivo gerado, o qual contém os dados de URL para todos os elementos da amostra retornada, é aplicado um laço de repetição, o qual, para cada URL, recupera o conteúdo HTML da mesma. É importante destacar que as URLs não apontam para os arquivos PDFs, e sim para as páginas HTML que contém as informações da tese ou dissertação em questão, sendo que, nesta mesma página, existe um link de acesso ao arquivo PDF.

O arquivo HTML contém uma sequência de código que é passível de interpretação através dos navegadores Web. Este código é estruturado através da utilização de conjuntos de *tags*, que determinam uma estrutura sintática da linguagem. A partir disso, é necessário se realizar um processamento sobre tais arquivos, de forma a se retornar a URL que apontará para o documento de interesse.

Neste contexto, é parte fundamental do trabalho a realização de uma análise estrutural do documento HTML, de modo a se encontrar padrões que determinem as marcações que permitirão que a ferramenta desenvolvida encontre a URL desejada. No caso das páginas referentes aos documentos disponibilizados pela BDTD, as URLs para os arquivos PDFs estão localizadas em uma *tag* com o rótulo *meta*, e com atributo de identificação "*name: citation_pdf_url*". Essa informação é utilizada durante o processo de *parsing* do documento HTML. Parsing se refere ao processo de análise sintática de uma amostra de entrada com o propósito de determinação de sua estrutura gramatical, segundo um conjunto de regras formais pré-definido (SARKAR, 2016). Na solução desenvolvida, para realização do *parsing* foi utilizado o módulo BeautifulSoup da linguagem Python, conforme Código 1.

```
# -*- coding:utf8 -*-

import csv
import requests
from bs4 import BeautifulSoup

def buscarLinkPDF(url, title):
    r = requests.get(url)
    if r.status_code == 200:
        b = BeautifulSoup(r.content, 'html.parser')
        m = str(b.find('meta', attrs={'name':'citation_pdf_url'}))

        url_pdf = m.split('"')[1]
        print('>> Baixando ' + m.split('"')[1])

        r = requests.get(url_pdf)
        with open('arquivos/' + title + '.pdf', "wb") as code:
            code.write(r.content)

arquivo = open('teses_ufg.csv', 'r', encoding='utf-8')

dados = csv.DictReader(arquivo, delimiter=';')

print(dados.fieldnames)
```

Código 1 – Extração dos dados através de *Web Scraping*

Fonte: Elaborado pelos autores.

Através da execução deste código, é gerado, de forma automática, uma base de dados com todos os arquivos de teses e dissertações, de acordo com a amostra considerada. A partir disso, é necessário aplicar uma segunda etapa do processo, a qual se refere à conversão de tais arquivos para um formato que permita a manipulação e processamento através de ferramentas computacionais. Na solução proposta, os arquivos PDF são convertidos para o formato TXT, utilizando codificação *utf-8*.

Para a conversão dos elementos da base de dados textual para o formato TXT foi utilizado o módulo Python PyPDF2. De forma geral, a solução desenvolvida faz a leitura do conteúdo dos arquivos PDF e refaz a escrita em formato TXT, adequado para as análises através de mineração de textos. É importante destacar que a utilização destes arquivos para propósitos de análise pode demandar ainda um pré-processamento, no sentido de realização de remoção de informações que não sejam de interesse para os propósitos de uma determinada análise.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

Desta maneira, em resumo, por meio da implementação da técnica *web scraping*, a solução extrai o corpus textual de todos os documentos da base de dados. Por fim, o corpus textual é persistido em um arquivo de texto plano (formato TXT), viabilizando a manipulação do mesmo para análises diversas. Dessa forma, a solução garante a socialização dos documentos originalmente disponibilizados em formato fechado.

4 CONCLUSÃO

A solução implementada corrobora com o conceito de ciência aberta, proporcionando maior visibilidade e análise dos dados científicos disponibilizados pelos repositórios digitais. A partir dos corpora textuais extraídos, podem ser realizadas análises sobre os conteúdos das teses e dissertações e, assim, a ferramenta provê maior acesso à literatura da ciência e tecnologia, sem custos ou restrições, tanto para a comunidade científica quanto para usuários de modo geral.

Ressalta-se ainda a democratização e transparência do conhecimento gerado, por meio do acesso às características intrínsecas dos documentos. Juntamente com as demais ferramentas disponibilizadas no âmbito da política de acesso livre à informação científica (Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Diadorim⁵), a solução apresentada constitui um novo paradigma de acesso à informação, no qual a validade e a importância dos dados afloram quando são analisados. Trata-se do poder estratégico da informação e a solução, portanto, constitui o instrumental tecnológico que potencializa os resultados e lança perspectivas a partir das análises dos dados.

Uma abordagem potencial é a criação de coleções de dados científicos, com base no levantamento dos termos relevantes dos corpora textuais dos documentos, e assim tem-se não apenas um estoque de dados, mas sim uma organização analítica de dados focada na extração de características e geração de conhecimento. É possível, por exemplo, a partir dos corpora textuais realizar inferências de tópicos para classificação das teses e dissertações por áreas temáticas e ainda, correlacionar áreas científicas.

⁵ Diadorim é o serviço de informações da política editorial das revistas científicas brasileiras, cuja função é auxiliar autores, editores e gestores de repositórios institucionais sobre permissões para armazenamento de artigos em repositórios institucionais de acesso aberto.

Nesse sentido, a solução consolida-se como uma iniciativa de estabelecer laços entre a produção científica e o uso do conhecimento, proporcionando obter relações entre áreas e favorecendo não só o acesso público, mas também novas formas de tratamento da informação. Por fim, a solução abre um leque de oportunidades de análise de dados no âmbito da mineração de textos científicos.

REFERÊNCIAS

BERRY, M. J. A.; LINOFF, F. S. **Data Mining Techniques**: 2. ed., Indianapolis, US: Wiley, 2004.

CABENA, P.; HADJINIAN, P.; STADLER, R.; VERHEES, J.; ZANASI, A. **Discovery Data Mining: From Concept to Implementation**. Upper Saddle River, NJ, USA: Prentice-Hall, 1998.

COSTA, M. M.; CUNHA, M. B.; BOERES, S. A. Dados de pesquisa: o que são, impactos do grande volume produzido, como organizá-los e quais preservar. In: ARELLANO, M. A. M.; ARAÚJO, L. M. S. **Tendências para a gestão e preservação da informação digital**. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Brasília: Ibict, 2017, p. 100-140.

FAYYAD, U.; PIATETSKY-SHAPIO, G.; SMITH, P. From data mining to knowledge discovery in databases. **AI Magazine**, v. 17, n. p. 37-54, 1996.

GLEZ-PEÑA, D.; LOURENÇO, A.; LÓPEZ-FERNÁNDEZ, H.; REBOIRO-JATO, M.; FDEZ-RIVEROLA, F. Web scraping technologies in an API world. **Briefings in Bioinformatics**, v. 15, n. 5, 788-797, 2013.

LEMOES, E. P.; STEINER, M. T. A.; NIEVOLA, J. C. Análise de crédito bancário por meio de redes neurais e árvore de decisão: uma aplicação simples de data mining. **Revista de Administração**, v. 40, n. 3, p. 225-234, 2005.

MACHADO, J. Dados Abertos e Ciência Aberta. In: ALBAGLI, S.; MACIEL, M. L.; ABDO, A. H. **Ciência aberta, questões abertas**. Brasília: Ibict, 2015, p.201-228

MALIK, S. K.; RIZVI, S. H. M. Information Extraction Using Web Usage Mining, Web Scrapping and Semantic Annotation. In: International Conference on Computational Intelligence and Communication Networks, 3, 2011, Gwalior. **Anais...** Gwalior: IEEE, 2011, p. 465-469.

OPEN KNOWLEDGE FOUNDATION. **Open Data Handbook**. 2010. Disponível em <http://opendatahandbook.org/guide/en/>. Acessado em 19 de janeiro de 2018.

Biblioteca e suas interfaces: espaço e leitura

SANKAR, D. **Text Analytics with Python A Practical Real-World Approach to Gaining Actionable Insights from your Data**. Berkeley, CA: Appres, 2016.

W3C. **Manual dos dados abertos: governo**. [S.l.], 2011.